

ALGERNON BLACKWOOD



BLACKWOOD

CONTOS DO OCULTO, DO HORROR E DO SOBRENATURAL

TRADUÇÃO: F. T. ROSSI

BLACKWOOD

Algernon Blackwood

Contos do oculto, do horror e do sobrenatural

Tradução F. T. Rossi

São Paulo

2022



CARTOLA
EDITORA

1ª edição

Equipe técnica:

Editor-chefe:

Rodrigo Barros

Curadoria e tradução:

F. T. Rossi

Revisão:

Simone Souza

Capa, diagramação e projeto gráfico:

Rodrigo Barros

Ficha técnica:

B632b

Blackwood, Algernon, 1869 - 1951

Blackwood: contos do oculto, do horror e do sobrenatural / Algernon Blackwood;
tradução F. T. Rossi - São Paulo: Cartola Editora, 2022.

482kb. ; ePub

ISBN: 978-65-89837-74-9

1. Literatura inglesa. 2. Terror I. Título

CDD: 820

CDU: 821.111-3

Todos os direitos desta edição reservados à Cartola Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*“Ele é o único mestre absoluto e inquestionável da
atmosfera estranha”*

H. P. Lovecraft

SUMÁRIO

[Introdução](#)

[Sobre o autor](#)

[A casa vazia](#)

[Para cumprir sua promessa](#)

[Smith: um incidente em uma pensão](#)

[O ouvinte](#)

[Os salgueiros](#)

[O Wendigo](#)

[A estranha morte de Morton](#)

[Cúmplice antes do fato](#)

[O encanto da neve](#)

[Luzes primitivas](#)

[A Outra Ala](#)

[Financiamento coletivo](#)

INTRODUÇÃO

Não é suficiente dizer apenas que Algernon Blackwood foi um dos mais importantes nomes do terror fantástico do século XX, pois seu trabalho foi muito além do mero terror. Aclamado por H. P. Lovecraft como o “absoluto e inquestionável mestre da atmosfera estranha¹”, seu primeiro livro foi comparado a *Drácula* de Bram Stoker, seus contos mais bem conhecidos *Os salgueiros* e *O Wendigo* seguram o título de indiscutíveis obras-primas; seu trabalho foi admirado pelo escritor C. S. Lewis, pelo poeta alemão Rainer Maria Rilke, analisado por Carl G. Jung. Frequentou os mesmos círculos sociais dos grandes nomes da literatura de sua época, como Hilaire Belloc, W.B. Yeats, Arthur Machen, H.G. Wells; foi uma celebridade do rádio, participou do primeiro programa de televisão da história, escreveu livros infantis e romances fantásticos, seus contos foram adaptados para o teatro e televisão, além de ter estudado ocultismo em sociedades secretas, ter viajado o mundo, trabalhado como um agente secreto durante a Primeira Guerra Mundial, e ter sido premiado pela coroa britânica.

Farei das palavras de Mike Ashley na introdução de sua maravilhosa biografia, *Starlight Man – The Extraordinary Life of Algernon Blackwood*, as minhas e dizer que “Algernon Blackwood não era um escritor comum. Ele não era uma pessoa comum²”. Um místico desde bem jovem, Blackwood se rebelou contra a estrita visão religiosa de seus pais e estudou filosofia budista e fenômenos inexplicáveis na Sociedade Teosófica e mais tarde, magia e cabala na Ordem Hermética da Aurora Dourada. Entretanto, sua mais profunda filosofia e religião era a Natureza. Nenhum outro autor conseguiu captar a beleza do mundo selvagem em ambientações de tirar o fôlego como Blackwood, ele passava longas temporadas em meio às árvores, e esta paixão inspirou muito de seu trabalho. Seus contos são altamente autobiográficos e para conhecê-lo, é necessário analisar suas obras, pois ali estão não apenas detalhes de sua vida, mas de sua alma.

A intenção desta pequena seleção é justamente essa, que o leitor possa conhecer diferentes aspectos das obras de Algernon Blackwood, levando em conta seu trabalho mais bem conhecido e aclamado. O leitor encontrará onze histórias, que abrangem mistérios da natureza, seres vindo de outros planos

de vida, fantasmas e até um vampiro. A coletânea vai do ano 1906 ao ano de 1915 e começa pelo conto-título do seu primeiro livro *A casa vazia*, passa pelo ápice de sua criação com contos como *O ouvinte*, *Os salgueiros* e *O Wendigo*, até, aos poucos, direcionar o leitor para outro o tipo de fantasia que viria a ser seu foco nos anos seguintes. Para os que se interessarem em conhecer um pouco mais de Algernon Blackwood, encontrarão aqui também uma breve biografia onde reuni os principais fatos de sua vida e também algumas curiosidades. Sobre as inspirações de contos específicos e a história por trás delas, as notas no texto servirão de apoio.

Apesar de contar com algumas de suas obras mais bem conhecidas, este livro é apenas uma amostra, um vislumbre, um grão de areia no legado de Algernon Blackwood, e peço ao leitor que não se limite a ele. Blackwood deixou uma infinidade de narrativas, e nenhuma jamais deixa de surpreender. Seu trabalho é inigualável, e posso apenas esperar que a seleção feita por mim toque o terror, o sobrenatural, o estranho e o belo naqueles que decidam embarcar neste universo extraordinário.

F. T. Rossi

¹ *Supernatural Horror in Literature*, H. P. Lovecraft.

² *Starlight Man, The Extraordinary Life of Algernon Blackwood* (Stark House Press, 2019), p. 9.

SOBRE O AUTOR

Um homem que passava noites em casas mal-assombradas, um contador de histórias cercado por olhares atentos diante do fogo, um adorador da natureza, um pesquisador curioso de fenômenos inexplicáveis, um frequentador de sociedades secretas, um homem solitário em seu íntimo, mas possuidor de devotas amizades, um homem que viveu em uma ilha deserta, que viajou o mundo, que teve a companhia de princesas e poetas, que morou na rua. O último dos verdadeiros cavalheiros ingleses, um homem que preferia a vista das estrelas – este foi Algernon Blackwood¹.

Nascido em 14 março de 1869, em uma família abastada de Shooter's Hill (próximo aos subúrbios de Londres), Algernon Henry Blackwood era um entre os cinco filhos de Sir Arthur Blackwood e Harriet Blackwood. Com relações próximas da nobreza e valores vitorianos muito rígidos, sua família teve grande influência – mesmo que contrária – em sua busca pelo sobrenatural. Sir Arthur, que tinha um alto cargo administrativo nos correios, realizava estudos bíblicos em sua casa e teve um importante papel na comunidade religiosa.

Deus, um Deus vingativo e severo, fez parte da vida de Algernon enquanto crescia e o medo de que as crenças de seus pais fossem verdadeiras o fez se interessar por outros credos. Quando ainda um garoto, encontrou uma cópia do livro *Yoga Aphorisms* de Bhagwan Shree Patanjali (esquecido em sua casa por um dos amigos de seu pai que escrevia um artigo com a intenção de avisar a nação sobre tais imoralidades orientais), e ele o achou fascinante. Apesar de não entender muito bem o budismo, Blackwood leu o livro diversas vezes.

Em sua infância e adolescência, foi educado em colégios internos na Inglaterra, Suíça e Alemanha. Uma delas, a escola de padres *The School of Moravian Brotherhood*, na Floresta Negra, mais tarde, viria a inspirar sua obra. Com influência de seus mestres, Blackwood começou a ler poesia (P. B. Shelley tornou-se um de seus preferidos) e grandes obras de filosofia. O trabalho do filósofo Gustav Fechner, particularmente, mudou sua visão de mundo. Sua concepção de que tudo, inclusive a Terra, tinha uma alma, viria a construir a estrutura na qual Blackwood embasaria seu pensamento.

Seus pais, mesmo com uma estreita visão religiosa, não eram intolerantes. Sir Arthur era um homem de caráter e bom coração, Algernon dividia com ele a paixão pela natureza. Isso não quer dizer que o pai aprovasse as inclinações do filho, apenas esperava que amadurecesse e eventualmente as deixasse de lado – o que nunca aconteceu.

Antes de ingressar na faculdade, Sir Arthur (adepto a tudo que poderia desmascarar o espiritismo como charlatanismo), colocou Algernon em contato com a Sociedade de Pesquisa Psíquica (*Society of Psychical Research*, ou SPR). Como o próprio nome diz, o SPR era uma sociedade séria que pesquisava eventos paranormais. Blackwood não se tornou um membro do SPR, mas, ao que tudo indica, realizou algumas de suas investigações, entrevistando pessoas e passando noites à procura de fantasmas em casas mal-assombradas. Em uma delas, depois de examinar cada quarto vazio junto de sua acompanhante, entraram em um quatinho para esperar o acontecimento de algum fenômeno estranho e foi onde Blackwood vivenciou um dos episódios mais assustadores de sua vida. Por um momento, o rosto da mulher ao seu lado pareceu se transformar em uma máscara, tornando-se o rosto de uma garotinha. Ele usou alguns detalhes dessas investigações anos mais tarde, em um de seus contos mais memoráveis: *A casa vazia*.

Seu amor pela natureza faria Algernon decidir por uma carreira em agricultura. Ele ingressou na Universidade de Edimburgo com intenções de obter um diploma de Agricultura e Economia Rural e mudar-se para o Canadá, onde se tornaria um fazendeiro. Ele seguiu com os planos de se mudar para o Canadá, mas nunca teria sucesso em tal carreira. Na faculdade, pouco se interessava pelos temas das aulas e muitas vezes, assistia palestras de patologia, observava autópsias, fraternizava com os estudantes e professores de medicina (alguns dos quais viriam a ser membros da Sociedade Teosófica² e da Ordem Hermética da Aurora Dourada³), além de aprender hipnose, participar de séances⁴ e escrever histórias de fantasmas. Durante este período, publicou seu primeiro conto “*A Mysterious House*” (1889) na revista *Belgravia*.

No Canadá, Algernon se estabeleceu em Toronto. Até conseguir conexões na indústria agropecuária (Sir Arthur já havia aberto caminho com alguns conhecidos), dava aulas particulares de francês, trabalhava como secretário e

escrevia para revistas, além de contar com uma modesta mesada de seu pai. Quando finalmente entrou em sociedade com um produtor de laticínios, o negócio faliu em seis meses e ele perdeu grande parte do dinheiro que havia investido. Blackwood rapidamente chegou a linha da pobreza, mas contou com a boa vontade de alguns amigos. Um tempo depois, investiu o pouco do capital que ainda tinha em um hotel, em mais um negócio que viria a falir. Apesar de aparentemente bem-sucedido, o hotel apenas acumulava dívidas, até que Blackwood e seu sócio em uma manhã de maio, sem avisar seus credores, foram para uma ilha deserta que pertencia a um de seus amigos. Ali, eles passaram meses vivendo na mata, com apenas uma pequena cabana para se proteger do tempo. Antes que o inverno chegasse, entretanto, Blackwood decidiu deixar o Canadá e em 1892, mudou-se para Nova Iorque.

Nos Estados Unidos, passou por mais um longo período de pobreza e relações conturbadas. Ele dividiu quartos baratos com amigos que eventualmente lhe roubaram e para se sustentar, dava aulas de violino, de línguas e escrevia artigos em jornais. Como repórter no *The Sun*, Blackwood cobria casos policiais e também entrevistava prisioneiros condenados à cadeira elétrica, uma função que, por anos, o assombraria com a visão de olhares suplicantes por trás das grades. Foi nesta época também que teve algumas experiências com drogas. Um de seus colegas, um médico prusso viciado em morfina, aplicou algumas doses em Blackwood enquanto ele esteve doente. Como coloca em sua autobiografia *Episodes Before Thirty*, as doses o deixavam em um “estado de absoluta euforia⁵”. A administração da morfina continuou por algumas semanas, mas eventualmente, Blackwood, sentindo-se melhor, as deixou de lado. Ele também experimentou haxixe com a intenção de escrever um artigo sobre a experiência. No artigo publicado pelo *The Sun* em junho de 1893, um jovem médico toma pílulas de haxixe, e achando que não fizeram efeito, vai até uma barbearia. De repente, tudo parece exagerado, o barbeiro se torna um gigante e sua navalha um machado. Na rua, os postes vão até o teto, os prédios são enormes. Ele tenta correr para casa, mas fica exausto. Atrás de si, vê um brilho e vira-se para encontrar um vulcão em erupção. Mike Ashley, seu biógrafo, acredita que a experiência descrita no artigo foi realmente vivida por Blackwood, e posteriormente é explorada no conto *Uma invasão psíquica*, no livro *John Silence* (1908). Apesar dessas experiências, Blackwood não considerava a droga uma

maneira viável de atingir uma consciência superior. É um estado mental que deveria vir de dentro, através de meditação, exercícios especiais e preferencialmente, em conexão com a natureza.

Mesmo com os artigos jornalísticos, a situação de Blackwood em Nova Iorque era precária, e na primavera de 1895, durante algumas semanas, ele não teve onde morar. Foi obrigado a dormir em bancos de parques e tomar banho na casa de amigos. Entretanto, logo conseguiu uma vaga como repórter no *New York Times*, onde trabalhou por pouco mais de um ano e suas finanças melhoraram significativamente. Mais tarde, Blackwood deixou o trabalho em jornais para atuar como secretário particular de um banqueiro. Ele também publicou algumas de suas histórias em revistas e periódicos, mas com nada próximo ao sucesso que viria a ter nos anos seguintes.

Pouco depois de sua mudança para Toronto, em 1890, Algernon havia se tornado um membro da Sociedade Teosófica e seus estudos continuaram em Nova Iorque. Ele assistia as palestras, reunia-se com membros e escrevia artigos para a revista interna, *Lúcifer*. A Sociedade tinha uma visão voltada para filosofia e religião oriental, muito baseada no budismo, e possuía uma Seção Esotérica da qual muito interessava Blackwood, mas pouco se sabe sobre suas experiências nela. No último parágrafo de *Episodes Before Thrity*, ele diz: “sobre experiências místicas, psíquicas, ou as chamadas ‘ocultas’, eu as propositalmente deixei de fora...⁶”.

Em 1899, aos trinta anos, e quase uma década após sua ida para a América, Blackwood voltou para a Inglaterra. Seu pai havia falecido durante seus anos em Nova Iorque, sua mãe não teria mais muito tempo de vida, e ele decidiu permanecer na Europa. Naquele ano e no seguinte, enquanto se estabelecia em seus antigos arredores, começou a escrever com mais frequência e grande parte de suas primeiras histórias reconhecidas vem desse período.

Em Londres, ocupou-se com trabalhos administrativos que lhe davam tempo necessário para escrever, viajar e continuar os estudos de teosofia. Blackwood se filiou à sede de Londres da Sociedade Teosófica, mas logo também se associaria à Ordem Hermética da Aurora Dourada.

A Aurora Dourada essencialmente estudava ocultismo, em especial magia hebraica e cabala. O ritual de iniciação Mike Ashley descreve em detalhe em *Starlight Man*:

“A cerimônia era maçônica em estrutura. Blackwood estaria com os olhos vendados, vestido em um robe preto até os tornozelos que amarrava na cintura com uma corda preta trançada em três e sandálias vermelhas nos pés. Depois de meditar sozinho em um quarto escuro por cerca de quinze minutos, ele seria levado por uma corda amarrada em seu pulso direito por seu guia. (...) Ao ser levado ao templo, água seria jogada em suas mãos e robe, como purificação, e incenso esfumado em volta dele. Ele seria levado ao altar, onde faria seu juramento de segredo e fraternidade.” ASHLEY, 2019, p. 152.

Blackwood logo avançou nos estudos, um de seus assuntos favoritos era vibrações e palavras de poder, explorado em seu conto *Smith: um incidente em uma pensão* e na novela “*The Human Chord*”. Um outro famoso autor do sobrenatural que também foi um membro da Aurora Dourada era Arthur Machen, ele e Blackwood foram aceitos na sociedade durante o mesmo período. Após um escândalo envolvendo os fundadores, ambos se distanciaram da ordem, e anos mais tarde, Blackwood concordaria com o que Arthur diz em sua biografia sobre a Aurora Dourada, descrevendo a sociedade como “pura bobagem interessada em abracadabras impotentes e imbecis⁷”.

Em 1906, um encontro ao acaso mudaria a vida de Algernon para sempre. Caminhando na Picadilly em Londres, ele foi chamado por um velho amigo que não via desde os tempos do *The Sun*, Angus Hamilton. Hamilton havia se tornado um proeminente repórter, ele acompanhou Blackwood até seu apartamento e perguntou se ainda escrevia contos de terror. Blackwood mostrou a ele dúzias de manuscritos e Hamilton os levou consigo para ler. Algernon não pensou nada sobre o assunto até receber uma carta de Eveleigh Nash, com um convite para publicar seus contos em um livro. Este seria “*A casa vazia e outras histórias de fantasmas*”. Hamilton havia enviado os contos para Nash, que tinha uma pequena editora. Nash os mandou para sua leitora crítica, Maude Ffoulkes, que ao ler *A casa vazia* disse a Nash no dia seguinte que eles deveriam publicar o livro imediatamente “porque vai demorar muito até encontrarmos um outro Algernon Blackwood⁸”.

Maude Ffoulkes viria a ter uma longa relação editorial e também de amizade com o autor. O sucesso de *A casa vazia* foi imediato, aclamado pela crítica como “um dos melhores livros de ‘horrores’ desde a aparição de Drácula, do sr. Bram Stoker⁹”. No ano seguinte, veio seu segundo livro, “O ouvinte e

outras histórias”, também com ótima resposta. Em 1908, “John Silence: casos psíquicos do Doutor Extraordinário” foi publicado com diversos cartazes por Londres.

Nos anos seguintes, sua fama apenas cresceu, e eventualmente, ele se tornou uma espécie de celebridade. Algernon ficou conhecido pelo terror fantástico de seus contos, mas também escreveu histórias que evocam beleza e beiram o divino e transcendental. Foi autor de livros infantis e também algumas peças de teatro. Em 1934, recebeu um convite da BBC para narrar suas histórias de fantasmas no rádio. Até então, ele tinha uma carreira respeitável, mas viria a ser por suas narrativas no rádio e posteriormente, em programas de televisão que seria mais bem conhecido e lembrado. Blackwood foi um ilustre convidado na primeira transmissão de televisão da BBC em novembro de 1936, e a partir daí, suas performances nunca pararam. Em 1948, aos setenta e nove anos, foi premiado com o CBE (*Commander of the British Empire*) por ajudar a levantar a moral da nação com suas performances durante a Segunda Guerra Mundial, e também por sua participação na Primeira Guerra. No ano seguinte, em 1949, recebeu o *Television Society Medal*, o Oscar da televisão britânica.

Sobre seu papel na Primeira Guerra Mundial, Blackwood foi recrutado como agente secreto. Ele foi enviado para a Suíça no final de 1916. Seu trabalho era selecionar agentes, dar-lhes os meios de se comunicar com ele, fazer pagamentos e passar as informações aos seus superiores. Apesar de ter conseguido uma boa rede de contatos, depois de alguns meses, renunciou; “Eu detestava fingir que era outra pessoa, dizer ‘me encontre na segunda-feira ao meio-dia’ o que queria dizer ‘na terça, às seis’, mudar de bonde a cada estação, para ter certeza de que não estava sendo seguido e diversos outros truques de garotos de escola¹⁰”. Mike Ashley discute que o fato dele ser responsável por outros agentes e possivelmente mandá-los para a morte em uma ou outra pista errada, talvez tenha tido um papel importante em sua renúncia. Posteriormente, ele trabalhou na Cruz Vermelha.

É bem conhecido pelos os admiradores do trabalho de Blackwood que uma de suas grandes paixões era viajar. Ele passava longas temporadas em meio a natureza e grande parte de suas histórias são inspiradas nesses momentos de solidão cercada de selva. Duas viagens ao Danúbio inspiraram um de seus mais famosos contos, *Os salgueiros*. A inspiração de *O Wendigo* veio após

uma viagem de caça ao alce no Canadá e *O encanto da neve* relata muito bem suas próprias experiências na Suíça, onde morou por um período, e onde passava religiosamente seus invernos até o final de sua vida. Suas viagens ao Egito também basearam diversos de seus contos. Seu trabalho é muito autobiográfico, e para conhecermos Algernon Blackwood, devemos analisar suas histórias. A paixão pela natureza aparece na maioria delas, era em meio às árvores que ele se sentia mais confortável. Com o passar dos anos, o autor se distanciou de seus estudos da Sociedade Teosófica e também da Aurora Dourada, mas sua relação com a natureza era quase uma religião. Em meio às árvores, ele podia se conectar com seu eu interior e vinha dali todo o estímulo que precisava para viver uma vida satisfeita e saudável. Um exemplo desta forte influência da natureza é uma lembrança de Lady Sarita Barclay, uma velha amiga que, ao ser entrevistada por Mike Ashley, mencionou que sua primeira recordação de Blackwood foi no baile da embaixada em Budapeste, por volta de 1926, e de como ele estava mais interessado no céu estrelado e na vista do balcão do que no evento em si.

Apesar de seu sucesso e vida confortável como escritor, Blackwood nunca se tornou um homem rico, mas tinha boas relações em meio a aristocracia e sempre pode contar com amizades. Sua companhia era tão agradável que durante muitos anos na Inglaterra não tinha um lugar específico para viver e passava longas temporadas na casa de amigos. Ele até mesmo chegou a se auto intitular um “hóspede profissional”. Apesar de ser considerado o tipo solitário, estava sempre cercado de pessoas e era um querido contador de histórias. De sua família, também permaneceu próximo, e para seus sobrinhos e sobrinhas, sempre foi o peculiar e maravilhoso tio que dava asas à sua imaginação. Ele desenvolveu uma relação especial com sua cunhada Kate, viúva de seu irmão mais velho Stevenson, e o filho deles, seu sobrinho Patrick. Blackwood e Patrick chegaram a dividir um apartamento em Londres e foi para ele e Kate que deixou seus bens e sua renda no final de sua vida.

Algernon Blackwood nunca se casou, suas relações parecem ter sido sempre intelectuais com pessoas que admirava e cuja troca com suas próprias ideias era enriquecedora. Era um homem de livros, natureza e pensamento. Sua relação com Maya Knoop talvez possa ser definida como o mais próximo de uma “relação amorosa” que chegou. Eles se conheceram por volta de 1910 e tiveram uma forte amizade durante muitos anos. Maya era casada com um

barão extremamente controlador e ciumento, entretanto, o Barão Knoop não pensava duas vezes em deixar Maya sozinha na companhia do autor, até faziam longas viagens juntos. Foi em uma dessas viagens, em março de 1912, que Blackwood conheceu o poeta alemão Rainer Maria Rilke. Blackwood e Maya voltavam do Egito quando ela decidiu apresentá-los e os três tiveram um encontro em Veneza. Rilke escreveu sobre o evento para a Princesa de Habsburgo, Marie Von Thurn und Taxis-Hohenlohe, sua amiga íntima e grande admiradora do trabalho de Blackwood: “...no pouco tempo que tivemos, (Blackwood e eu) nos demos muito bem, quero dizer, ambos olhávamos um para o outro com profunda admiração¹¹”.

Maya se tornou sua maior inspiração, durante alguns anos, eles eram inseparáveis, e seus amigos diziam ser um caso de amor sem a manifestação física. Quando o barão faleceu, Maya se casou novamente e teve uma vida feliz com o novo marido, cujos diversos eventos sociais eram frequentados pelo autor.

Sempre cercado de pessoas influentes que admiravam seu trabalho e sua companhia, Blackwood jamais parou de desfrutar a vida, jamais perdeu o interesse no mundo e na humanidade, jamais deixou de aprender e de ter novas ideias. Em uma carta a um amigo, ele escreveu: “Eu acho, sinceramente, que meu maior interesse na vida é encontrar qualquer conhecimento, em livros ou na prática, que possam ampliar os campos de consciência e despertar poderes que, eu estou convencido, existem adormecidos em nosso eu superior – o chamado subconsciente¹²”. Algernon Blackwood morreu em Kent, no dia 10 de dezembro de 1951, aos 82 anos, após uma série de derrames, deixando os elementos desta busca em cada uma de suas histórias, e conhecer seu trabalho é se aproximar um pouco da natureza fantástica presente dentro de cada um de nós.

F. T. Rossi

¹ As informações reunidas neste texto, incluindo citações, nomes, datas e eventos têm como fonte a brilhante e minuciosa biografia de Algernon Blackwood, feita por Mike Ashley no livro *Starlight Man – The Extraordinary Life of Algernon Blackwood* (Stark House Press, 2019).

² A Sociedade Teosófica foi fundada em 1875, em Nova Iorque, pela russa Helena Blavatsky (1831-1891). A irmandade se dedicava a comparações sistemáticas entre

religiões e investigava fenômenos inexplicáveis. Pode ser brevemente descrita como um conjunto entre religião, filosofia e ciência.

3 Estabelecida em 1888 quase que como um contraponto da Sociedade Teosófica, a Ordem Hermética da Aurora Dourada era uma sociedade secreta que concentrava seus estudos em hermetismo ocidental.

4 Sessão espírita.

5 *Episodes before Thirty*, Algernon Blackwood, (Cassel and Company, 1923) p. 161.

6 *Episodes before Thirty*, Algernon Blackwood, (Cassel and Company, 1923) p. 304.

7 *Things Near and Far*, Arthur Machen, 1923, apud *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 158.

8 *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 170.

9 *The Academy*, 15 de dezembro de 1906, apud *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 171

10 *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 285.

11 Carta de Rilke à Princesa Marie, 29 de Março de 1912, em *The Letters of Rainer Maria Rilke and Princess Marie von Thurn und Taxis*, (Londres, The Hogarth Press), p. 39, apud *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 239.

12 Carta de Blackwood a Wrong, 12 de Novembro de 1923 (Biblioteca da Universidade de Toronto), apud *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 331.

A CASA VAZIA

Título original: “The Empty House”.

Publicado em 1906 no livro “The Empty House and Other Ghost Stories”.

Certas casas, bem como certas pessoas, conseguem de alguma forma proclamar imediatamente seu caráter para o mal. No caso do último, não é necessária a denúncia de nenhuma característica específica; podem ostentar um semblante franco e um sorriso ingênuo; e, ainda assim, um pouco de sua companhia deixa a convicção inalterável de que algo está radicalmente errado em seu ser: eles são maus. Querendo ou não, parecem comunicar uma atmosfera de pensamentos secretos e perversos, fazendo aqueles à sua volta se encolher, como se estivessem diante de uma doença.

E, talvez, com as casas, empregue-se o mesmo princípio, e é o aroma das más ações cometidas sob um determinado teto, muito depois dos verdadeiros praticantes morrerem, que faz a pele arrepiar e os cabelos levantarem. Algo da paixão original do malfeitor e do horror sentido por sua vítima penetra no coração do observador inocente e em instantes, ele se dá conta de seus nervos formigando, de sua pele eriçada e sangue gelado. Está aterrorizado sem causa aparente.

O aspecto externo desta casa não manifestava nada em particular para comprovar as histórias do horror que se dizia reinar lá dentro. Não era isolada nem descuidada. Erguia-se amontoada em um canto da praça e tinha o mesmo aspecto das casas de cada lado dela. Possuía o mesmo número de janelas que suas vizinhas; a mesma varanda com vista para os jardins; os mesmos degraus brancos conduzindo à pesada porta preta da frente; e, na parte de trás, tinha a mesma faixa estreita de vegetação, com canteiros simples, indo até o muro que a separava dos fundos das outras casas. Aparentemente, também, o número de chaminés no telhado era o mesmo; a largura e o ângulo dos beirais; e até a altura das grades manchadas era a mesma.

E, no entanto, esta casa na praça, idêntica a suas cinquenta vizinhas feias, era, na verdade, completamente diferente – terrivelmente diferente.

Onde se escondia essa diferença marcada e invisível, é impossível dizer. Não pode ser atribuída apenas à imaginação, pois indivíduos que passaram algum tempo na casa, sem saber nada dos fatos, declararam que certos quartos eram tão desagradáveis, que preferiam morrer a entrar outra vez, e a atmosfera da casa toda produzia sintomas de verdadeiro pavor; enquanto a série de inquilinos insuspeitos que tentaram habitá-la e foram forçados a fugir no mais curto espaço de tempo possível, tornou-se quase um escândalo na cidade.

Quando Shorthouse chegou à casinha à beira-mar de sua tia Julia, no outro extremo da cidade, para fazer uma visita no final de semana, ele a encontrou cheia de um misterioso entusiasmo. Havia recebido seu telegrama naquela manhã e veio antecipando tédio; mas quando tocou sua mão e beijou a bochecha enrugada, captou a primeira onda de sua condição elétrica. A impressão ficou mais intensa quando soube que não haveria outros visitantes, e fora chamado com um objetivo muito especial.

Algo pairava no ar, e esse “algo” sem dúvida daria frutos; pois esta tia idosa e solteirona, com uma mania por pesquisas sobrenaturais, tinha inteligência e força de vontade e, por bem ou por mal, geralmente conseguia realizar seus objetivos. A revelação foi feita logo após o chá, quando ela se aproximou dele enquanto caminhavam lentamente ao longo da orla marítima, no final da tarde.

— Eu tenho as chaves — anunciou ela, entusiasmada, mas com um leve espanto em sua voz. — Ficam comigo até segunda-feira!

— As chaves da máquina de banho¹, ou...? — ele perguntou, ingênuo, olhando do mar para a cidade. Nada a levava tão rápido ao ponto quanto se fingir de bobo.

— Nenhum — sussurrou ela. — Estou com as chaves da casa mal-assombrada da praça... e vou lá esta noite.

Shorthouse percebeu o menor tremor possível descendo por sua espinha. Ele deixou o tom de provocação. Algo na sua voz e em seu jeito o eletrizou. Ela estava decidida.

— Mas a senhora não pode ir sozinha — começou ele.

— É por isso que lhe chamei — respondeu, decidida.

Ele se virou para observá-la. Seu rosto feio, marcado por linhas, e enigmático estava eufórico. Havia um brilho de entusiasmo genuíno em volta de suas feições, como um halo. Seus olhos cintilavam. Ele captou outra onda de excitação vinda dela e um segundo tremor, mais acentuado que o primeiro, acompanhou.

— Obrigado, tia Julia — disse ele com educação. — Agradeço imensamente.

— Eu não me atreveria a ir sozinha — continuou ela levantando a voz —, mas, com você, tenho certeza de que vou gostar muitíssimo. Você não tem medo de nada, eu sei.

— Muito obrigado *mesmo* — disse ele novamente. — Hum... é provável que aconteça alguma coisa?

— Muita coisa *já* aconteceu — sussurrou —, embora tenha sido estrategicamente abafada. Três inquilinos entraram e saíram nos últimos meses, e dizem que a casa está permanentemente vazia agora.

Apesar de certa resistência, Shorthouse ficou interessado. Sua tia estava realmente decidida.

— A casa é muito velha — continuou ela — e a história – desagradável – data de muito tempo atrás. Tem a ver com um assassinato cometido por um cavaliço ciumento que teve um caso com uma criada da casa. Uma noite, ele conseguiu se esconder no porão e, enquanto todos dormiam, subiu as escadas até os quartos dos empregados, perseguiu a garota escada abaixo, até o próximo andar e, antes que alguém pudesse resgatá-la, jogou-a sobre o corrimão até o saguão no térreo.

— E o cavaliço...?

— Foi preso, creio eu, e enforcado por homicídio. Mas tudo aconteceu há um século e não consegui obter mais detalhes da história.

Shorthouse agora sentia seu interesse totalmente desperto, mas, embora não estivesse particularmente nervoso por si... hesitou um pouco por sua tia.

— Com uma condição — disse ele por fim.

— Nada vai me impedir de ir — respondeu ela com firmeza —, mas também posso ouvir sua condição.

— Se algo realmente terrível acontecer, você deverá se controlar. Quero dizer... se tem certeza que não vai ficar assustada demais.

— Jim — disse com descaso —, eu não sou jovem, eu sei, nem são meus nervos. Mas, *com você*, eu não teria medo de nada no mundo!

Isso, é claro, resolveu tudo, pois Shorthouse sabia que não era nada mais do que um jovem muito comum, e apelar para sua vaidade era irresistível. Ele concordou em ir.

Instintivamente, por meio de uma espécie de preparação subconsciente, ele manteve a si mesmo e suas forças em equilíbrio durante todo o início da noite, impulsionando uma reserva cumulativa de controle por aquele processo interior sem nome, de gradualmente colocar todas as emoções de lado e girar a chave sobre elas; um processo de difícil descrição, mas maravilhosamente eficaz, como todos os homens que passaram por severas provações do eu interior bem entendem. Mais tarde, isso o colocou em uma boa posição.

Mas foi só às dez e meia, quando estavam de pé no corredor, bem sob o brilho amigável de lâmpadas, e ainda cercados por reconfortantes influências humanas, que foi necessário chamar pela primeira vez este estoque de forças reunidas. Pois, no momento em que a porta se fechou atrás dele e Shorthouse viu a rua deserta e silenciosa estendendo-se alva sob o luar diante de si, percebeu claramente como o verdadeiro teste naquela noite seria lidar com *dois medos* e não apenas um. Seria necessário carregar o peso de sua tia e também o seu. E, quando olhou para o semblante de esfinge ao seu lado e deu-se conta de que ela não poderia assumir nenhum aspecto agradável em uma onda de terror verdadeiro, sentiu-se satisfeito com apenas uma coisa em toda a aventura – tinha confiança em sua própria capacidade e discernimento para resistir a qualquer choque futuro.

Lentamente, eles caminharam pelas ruas vazias da cidade. Uma lua brilhante de outono prateava os telhados, lançando sombras profundas. Não havia brisa e as árvores nos jardins geométricos à beira-mar os observavam em silêncio enquanto passavam. Aos comentários ocasionais de sua tia, Shorthouse não respondeu, pois percebia como ela simplesmente se cercava de amortecedores mentais, dizendo coisas banais para evitar pensar em coisas extraordinárias. Poucas janelas exibiam luzes e escassas chaminés soltavam fumaça ou faíscas. Shorthouse já havia começado a notar tudo, até os menores detalhes. Logo eles pararam em uma esquina e olharam para o nome na lateral da casa, completamente visível ao luar e, de comum acordo, mas sem comentários, viraram em direção à praça e cruzaram para o lado que jazia em sombras.

— O número da casa é treze — sussurrou uma voz ao seu lado. Nenhum dos dois fez a referência óbvia, mas atravessaram o largo lençol de luar e avançaram pela calçada em silêncio.

Mais ou menos na metade da praça, Shorthouse sentiu um braço escorregar silenciosamente, mas significativamente, dentro do seu, e soube então que a sua aventura começava para valer e sua companheira já cedia sem perceber às influências contra eles. Ela precisava de apoio.

Poucos minutos depois, pararam à frente de uma casa alta e estreita, erguendo-se diante deles noite adentro. Era feia em seu formato e pintada de um branco sujo. Janelas sem venezianas, sem cortinas, observando-os, brilhando aqui e ali sob a lua. As paredes, manchadas por anos de chuva e sol, tinham rachaduras na pintura e a sacada se projetava do primeiro andar de maneira um pouco anormal, mas, além dessa aparência geralmente abandonada de uma casa sem inquilinos, não se percebia nada à primeira vista que identificasse essa mansão em particular ao caráter maligno que certamente adquirira.

Olhando em volta para ter certeza de que não foram seguidos, subiram os degraus com ousadia e posicionaram-se contra a enorme porta preta, afrontando-os hostilmente, mas a primeira onda de nervosismo os atingiu e Shorthouse se atrapalhou por um longo tempo com a chave, antes de encaixá-la na fechadura. Por um momento, verdade seja dita, esperavam que não abrisse, pois diversas emoções desagradáveis os afligiam enquanto aguardavam ali, no limiar de sua aventura fantasmagórica. Shorthouse, embaralhado com a chave e com o peso constante em seu braço, certamente, sentiu a solenidade do momento. Era como se o mundo inteiro – pois toda a experiência parecia se concentrar em sua consciência naquele instante – ouvisse o ranger daquela chave. Uma lufada de vento dispersa vagou pela rua e despertou um farfalhar momentâneo nas árvores atrás deles, mas fora isso, o ruído da chave era o único som audível; e por fim, a fechadura girou e a pesada porta se abriu e revelou um enorme abismo de escuridão.

Com um último olhar para a praça iluminada, passaram rapidamente para dentro e a porta bateu atrás deles com um rugido assombroso, ecoando por corredores e passagens vazias. Mas, no mesmo instante, junto aos ecos, outro som se fez audível e tia Julia de repente se apoiou com tanta força nele, que Shorthouse deu um passo para trás para não cair.

Um homem tossiu bem ao seu lado, tão perto que parecia estar bem junto deles na escuridão.

Com a possibilidade de alguma brincadeira em mente, Shorthouse balançou sua pesada bengala em direção ao som, mas não encontrou nada mais sólido do que o ar. Ele ouviu sua tia soltar uma pequena arfada.

— Tem alguém aqui — ela sussurrou. — Eu o ouvi.

— Fique quieta! — disse ele, com firmeza. — Não era nada, apenas o barulho da porta.

— Ah! Acenda uma luz... rápido! — acrescentou ela, enquanto o sobrinho, atrapalhando-se com a caixa de fósforos, abriu-a de cabeça para baixo e fez com que todos os fósforos caíssem em um estardalhaço sobre o chão de pedra.

O som, entretanto, não se repetiu, não havia evidência de passos em retirada. No minuto seguinte, tinham uma vela acesa, usando a extremidade livre de uma charuteira como suporte; e quando a instabilidade da chama cessou, ele ergueu a lâmpada improvisada e examinou a cena. Era sombrio com toda certeza, pois não há nada mais desolador em todas as moradas dos homens do que uma casa sem mobília, mal iluminada, silenciosa e abandonada, mas ainda ocupada por rumores das memórias de histórias malignas e violentas.

Eles estavam de pé em um amplo saguão; à esquerda, havia a porta aberta de uma espaçosa sala de jantar e à sua frente, o corredor se desenrolava, cada vez mais estreito, até uma longa passagem escura, levando, ao que parecia, ao topo da escada da cozinha. A larga escadaria sem tapete subia em curva diante deles completamente vestida em sombras, exceto por um único ponto no meio do caminho, onde o luar penetrava pela janela e caía sobre uma extensão brilhante nas tábuas. Este feixe de luz emitia uma fraca resplandecência acima e abaixo dele e cedia aos objetos ao seu alcance um contorno nebuloso, infinitamente mais sugestivo e fantasmagórico se comparado com a escuridão completa. O luar filtrado parece sempre pintar rostos na escuridão ao redor e enquanto Shorthouse espreitava o poço de sombras e pensava nos incontáveis quartos e corredores vazios na parte superior da velha casa, ele se pegou novamente ansiando pela segurança da praça prateada pela lua, ou a aconchegante e luminosa sala de estar, abandonada uma hora antes. Então, percebendo o perigo desses pensamentos, afastou-os e invocou toda sua energia para concentrar-se no presente.

— Tia Julia — disse ele em voz alta e severa —, devemos agora percorrer a casa de cima abaixo e fazer uma busca completa.

Os ecos de sua voz morreram aos poucos, ressoando por todo o prédio, e no intenso silêncio que se seguiu, ele se virou para encará-la. À luz da vela, ele percebeu seu rosto já assustadoramente pálido; mas ela soltou seu braço por um momento e disse em um sussurro, dando um passo à frente dele:

— Eu concordo. Devemos ter certeza de que não há ninguém escondido. Essa é a primeira coisa.

Ela falava com evidente esforço e ele a observava com admiração.

— A senhora tem certeza que quer continuar? Não é tarde demais...

— Acho que sim — disse ela, seus olhos se moviam nervosamente em direção às sombras atrás. — Certeza, apenas uma coisa...

— O quê?

— Nunca me deixe sozinha, nem por um instante.

— Contanto que a senhora entenda que qualquer som ou aparição deve ser investigado imediatamente, pois hesitar significa admitir medo. Isso é fatal.

— Concordo — respondeu ela, um pouco trêmula, após um momento de hesitação. — Vou tentar...

De braços dados, Shorthouse com a vela gotejante e a bengala nas mãos, enquanto sua tia segurava a capa sobre os ombros, figuras dignas de humor para todos, exceto para eles mesmos, começaram uma busca minuciosa.

Sorrateiramente, andando na ponta dos pés e protegendo a vela para não mostrar sua presença através das janelas descobertas, eles foram primeiro para a grande sala de jantar. Não havia nenhuma mobília à vista. Paredes nuas, molduras feias e lareiras vazias os encaravam. Tudo, eles suspeitavam, ressentia sua intrusão, observando-os, por assim dizer, com olhos velados; sussurros os seguiam; sombras tremulavam da direita para a esquerda sem nenhum som; algo parecia estar sempre atrás deles, vigiando, esperando uma oportunidade para feri-los. E a inevitável sensação de que as atividades transcorridas, quando o cômodo estava vazio, haviam sido temporariamente suspensas, até eles estarem bem fora do caminho mais uma vez. Todo o interior escuro do antigo edifício parecia tornar-se uma presença maligna que emergia, alertando-os para desistir e cuidar de suas vidas; a cada momento, a tensão nos nervos aumentava.

Ao sair da sombria sala de jantar, eles passaram por grandes portas dobráveis para uma espécie de biblioteca, ou *fumoir*², envolto no mesmo silêncio, escuridão e poeira. Dali, retornaram para o corredor, agora próximos do topo da escada dos fundos.

Aqui, um túnel completamente tomado pelo breu alongava-se diante deles levando aos cômodos inferiores, e, deve-se confessar, eles hesitaram, mas só por um minuto. Com o pior da noite ainda por vir, era essencial não se deixar intimidar por nada. Tia Julia tropeçou no primeiro degrau da descida escura, mal iluminada pela vela bruxuleante, e até mesmo Shorthouse sentiu pelo menos metade da determinação desaparecer de suas pernas.

— Vamos! — o sobrinho disse com confiança e sua voz correu adiante, perdendo-se no escuro e vazio abaixo.

— Estou indo — ela balbuciou, agarrando seu braço com uma violência desnecessária.

Com passos instáveis, eles desceram os degraus de pedra. Um ar frio e úmido encontrou seu rosto, pesado e malcheiroso. A cozinha, para a qual as escadas conduziam por um corredor estreito, era grande, com um teto elevado. Diversas portas abriam-se das paredes — algumas davam em armários com potes vazios nas prateleiras e outras em gabinetes horivelmente pequenos e fantasmagóricos, cada um mais gelado e menos convidativo do que o anterior. Baratas corriam pelo chão e em um momento, quando esbarraram em uma mesa de pinho em um canto, algo do tamanho de um gato pulou de repente e fugiu em disparada pelo chão até desaparecer na escuridão. Em todos os lugares, havia uma sensação de ocupação recente, uma impressão de tristeza e melancolia.

Saindo da cozinha, eles foram em direção à copa. A porta estava entreaberta e, quando a abriram por completo, tia Julia soltou um grito cortante que, no mesmo instante, tentou abafar, colocando a mão sobre a boca. Por um segundo, Shorthouse permaneceu imóvel, recuperando o fôlego. Ele sentiu como se sua coluna vertebral de repente tivesse ficado oca e alguém a preenchesse com partículas de gelo.

Diante deles, diretamente em seu caminho, entre os batentes da porta, estava a figura de uma mulher. Ela tinha cabelos desgrenhados e olhos fixos de maneira selvagem, seu rosto aterrorizado e branco como a morte.

A aparição durou pelo espaço de um único segundo. Então, a vela tremulou e a mulher se foi – desapareceu completamente – e a porta emoldurava nada além do vão escuro.

— Foi só a maldita luz da vela que saltou — disse ele rapidamente, com uma voz parecendo ser de outra pessoa, e apenas parcialmente sob controle. — Vamos, tia. Não tem nada aqui.

Ele a arrastou para frente. Com uma agitação de pés e uma inflada aparência de ousadia, eles seguiram, mas sobre o corpo de Shorthouse, a pele movia-se como se coberta por formigas rastejantes e ele sabia pelo peso em seu braço que fornecia força de locomoção para dois. A copa estava fria, nua e vazia, mais como uma grande cela de prisão do que qualquer outra coisa. Eles deram a volta, tentaram abrir a porta do quintal e as janelas, mas estavam todas trancadas. Tia Julia movia-se ao lado dele como uma pessoa em um sonho. Seus olhos estavam bem fechados e ela parecia meramente seguir a pressão de seu braço. Sua coragem o encheu de espanto. Ao mesmo tempo, ele percebeu que uma certa mudança estranha havia ocorrido em seu rosto, uma mudança que, de alguma forma, escapou de seu poder de análise.

— Não tem nada aqui, tia — repetiu ele com pressa. — Vamos subir e ver o resto da casa. Depois podemos escolher um quarto para esperarmos acordados.

Ela o seguiu obediente, mantendo-se bem ao lado dele, e eles trancaram a porta da cozinha. Foi um alívio voltar ao andar térreo. Agora o corredor tinha mais luz, pois a lua havia descido um pouco mais nas escadas. Com cuidado, começaram a subir em direção ao teto abobadado do nível superior. As tábuas rangiam sob seu peso.

No primeiro andar, encontraram grandes salas de estar duplas, cuja busca nada revelou. Aqui também não se via sinal de mobília ou ocupação recente; nada além de poeira, abandono e sombras. Abriram as grandes portas dobradiças entre as salas da frente e dos fundos, saíram novamente para o patamar e foram para o andar de cima.

Eles não tinham subido mais do que uma dúzia de degraus quando, ambos ao mesmo tempo, pararam para ouvir, encarando um ao outro através da chama tremeluzente com uma nova apreensão. Da sala deixada por eles quase dez segundos antes, veio o som de portas se fechando devagar. Não havia

dúvidas; eles ouviram o ruído crescente que acompanha o aproximar de portas pesadas, seguido pelo som agudo do trinco.

— Precisamos voltar e ver — disse Shorthouse brevemente, em um tom baixo, e virou-se para descer mais uma vez.

De alguma forma, ela conseguiu segui-lo, os pés tropeçando no vestido, seu rosto lívido.

Quando entraram na sala da frente, ficou claro que as portas dobráveis tinham sido fechadas meio minuto antes. Sem hesitar, Shorthouse as abriu. Ele quase esperava encontrar alguém encarando-o na sala de trás; mas apenas se deparou com a escuridão e a atmosfera fria. Eles passaram pelas duas salas, e não encontraram nada incomum. Tentaram de todas as maneiras investigar o motivo que faria as portas se fecharem sozinhas, mas o vento não era suficiente nem para tremular a chama da vela. As portas não se moveriam sem uma forte pressão. Tudo estava quieto como um túmulo. As salas estavam vazias, não havia dúvidas, e a casa absolutamente silenciosa.

— Está começando — sussurrou uma voz em seu cotovelo que ele mal reconheceu ser de sua tia.

Shorthouse concordou com a cabeça e tirou o relógio para anotar a hora. Faltavam quinze minutos para a meia-noite. Ele fez o registro do ocorrido em seu caderno, colocando a vela em sua caixa improvisada no chão. Demorou um ou dois minutos para equilibrá-la com segurança contra a parede.

Tia Júlia sempre declarou que, naquele momento, não estava olhando para ele, mas havia virado a cabeça para a sala de trás, onde imaginou ter ouvido algo se movendo; mas, de qualquer forma, ambos concordaram que houve um som de pés correndo, pesados e muito ágeis – e no instante seguinte, a vela se apagou!

Mas, para Shorthouse, aconteceu mais do que isso, e ele sempre agradeceu às suas estrelas afortunadas ter aparecido apenas para ele, e não para sua tia também. Pois, quando se levantou da posição inclinada de equilibrar a vela, antes dela se apagar, um rosto se projetou em sua direção, tão perto que quase poderia tocá-lo com os lábios. Era um rosto agitado por paixão; o rosto de um homem, moreno, com traços grossos e olhos raivosos e selvagens. Pertencia a um homem comum, e era mau em sua expressão normal, sem dúvida, mas quando Shorthouse o viu, vivo com emoção intensa e agressiva, era um semblante humano maligno e terrível.

Não houve nenhum movimento no ar; nada além do som de pés correndo – pés com meias ou abafados, a aparição do rosto e o extinguir quase simultâneo da vela.

Apesar de tentar controlar-se, Shorthouse soltou um pequeno grito e quase perdeu o equilíbrio quando sua tia se agarrou nele com todo o seu peso, em um momento de terror real e incontrolável. Ela se manteve em silêncio, somente o agarrou pelo corpo. Por sorte, tia Julia não tinha visto nada, apenas ouvido os pés correndo, e seu controle voltou quase de imediato. Shorthouse, então, foi capaz de se desvencilhar e riscar um fósforo.

Sombras fugiram para todos os lados diante do clarão e sua tia abaixou-se e bateu à procura da cigarreira com a preciosa vela. Naquele momento, descobriram que a vela não tinha sido *apagada*; tinha sido *esmagada*. O pavio havia sido pressionado contra a cera, amassado como se por algum instrumento pesado e liso.

Como sua companheira superou o terror com tanta rapidez, Shorthouse nunca entendeu ao certo; mas a admiração por seu autocontrole aumentou dez vezes e, ao mesmo tempo, serviu para alimentar sua própria chama desfalecida – apoio pelo qual ele era inegavelmente grato. De mesma maneira inexplicável para ele, era a evidência da força física que acabavam de testemunhar, e suprimiu da memória naquele mesmo instante as histórias que tinha ouvido falar sobre “médiuns físicos” e seus fenômenos perigosos; pois se fossem verdadeiros, e um dos dois fosse um médium físico involuntário, isso significava que eles ajudavam a concentrar as forças de uma casa mal-assombrada já carregada até as bordas. Era como andar com uma lamparina desprotegida entre estoques descobertos de pólvora.

Assim, com o mínimo de reflexão possível, ele apenas reacendeu a vela e subiram para o próximo andar. O braço junto ao dele tremia, é verdade, e seus próprios passos eram incertos, mas eles prosseguiram em uma busca meticulosa e, sem encontrar nada, subiram mais um lance de escadas para o último andar.

Aqui eles se depararam com um ninho perfeito de pequenos quartos de empregados, com móveis quebrados, cadeiras de palhinha sujas, cômodas, espelhos rachados, e estrados de cama danificados. Os quartos tinham tetos baixos e inclinados, com teias de aranha pendendo aqui e ali, janelas

pequenas, e paredes mal rebocadas; uma região deprimente e sombria que ficaram aliviados em deixar para trás.

Era quase meia-noite quando entraram em um quartinho no terceiro andar, perto do topo da escada, e se acomodaram, a fim de permanecer ali pelo resto de sua aventura. Estava absolutamente vazio e dizia-se ser o quarto – então usado como armário de roupas – em que o furioso cavaleiro perseguiu sua vítima e finalmente a pegou. Do lado de fora, através do estreito patamar, começavam as escadas para o andar de cima, e para os recém-examinados quartos dos empregados.

Apesar do frio da noite, havia algo na sala que suplicava por uma janela aberta. Mas ia além disso. Shorthouse só conseguiu descrever dizendo que se sentia menos dono de si aqui, em comparação a qualquer outra parte da casa. Algo agia diretamente sobre os nervos, cansando a resolução, enfraquecendo a vontade. Esse efeito ficou evidente antes que estivesse no quarto por cinco minutos, e no pouco tempo passado lá, sofreu o esgotamento total de suas forças vitais, e para ele, este foi o principal horror de toda a experiência.

Eles colocaram a vela no chão do armário e deixaram a porta alguns centímetros entreaberta, para que nenhum brilho confundisse os olhos e nenhuma sombra deslocasse nas paredes e no teto. Em seguida, espalharam a capa no chão e sentaram-se para esperar, com as costas contra a parede.

Shorthouse estava a menos de meio metro da porta que dava para o corredor; sua posição permitia uma boa visão da escada principal, que descia para a escuridão, e também do início da escada dos criados, levando ao andar de cima. A bengala descansava ao seu lado, a seu fácil alcance.

A lua agora cintilava bem alto acima da casa. Pela janela aberta, eles podiam ver as estrelas reconfortantes, como olhos amigáveis observando do céu. Um a um, os relógios da cidade bateram meia-noite e, quando os sons se dissiparam, o silêncio profundo de uma noite sem vento caiu novamente sobre tudo. Apenas o estrondo do mar, distante e lúgubre, enchia o ar de murmúrios ocultos.

Dentro da casa, o silêncio tornou-se horrível; horrível, pensou Shorthouse, porque a qualquer minuto poderia ser quebrado pelos sons que pressagiam o terror. A tensão da espera afetava cada vez mais os nervos; eles falavam em sussurros quando ousavam dizer algo, pois suas vozes soavam estranhas e artificiais. Um frio, não apenas devido ao ar noturno, invadiu o quarto e os

fez gelar. As influências opondo-se a eles, quaisquer que fossem, lentamente roubavam sua autoconfiança e poder de ação decisiva; suas forças diminuía e a possibilidade do medo verdadeiro assumiu um significado novo e pavoroso. Ele começou a temer pela mulher idosa ao seu lado, cuja coragem dificilmente poderia salvá-la além de certo ponto.

Ele ouvia o sangue cantar em suas veias. Às vezes, parecia tão alto que não conseguia distinguir com clareza alguns outros sons se tornando audíveis nas profundezas da casa. Quando fixava sua atenção nesses sons, eles imediatamente cessavam. Com certeza, não chegavam mais perto. No entanto, não conseguia se livrar da ideia de que um movimento acontecia em algum lugar, nas regiões mais baixas da casa. O andar inferior, onde as portas se fecharam de um jeito tão estranho, era próximo demais; os sons estavam mais distantes. Ele pensou na grande cozinha, com as baratas apressadas, e na desoladora copa; mas, de uma forma ou de outra, também não pareciam vir de lá. Certamente, não vinham de *fora* da casa!

Então, em um relâmpago, a verdade surgiu em sua mente e durante o espaço de um minuto, ele sentiu como se seu sangue tivesse parado de correr e se transformado em gelo.

Os sons não estavam de forma alguma lá embaixo; estavam no andar de cima – no andar de cima, em algum lugar entre aqueles horríveis e sombrios quartos de criados com seus pedaços de móveis quebrados, tetos baixos e janelas apertadas – no andar de cima, onde a vítima foi perturbada e perseguida até a morte.

E no momento em que descobriu de onde vinham os sons, começou a ouvi-los com mais clareza. Era o som de pés movendo-se sorrateiramente ao longo do corredor acima, entrando e saindo dos cômodos e passando pela mobília.

Ele se virou depressa para olhar a figura imóvel sentada ao lado dele, para notar se ela partilhava de sua descoberta. A tênue luz da vela entrava pela fresta da porta do armário e projetava seu semblante marcado em um vívido relevo contra o branco da parede, mas foi outra coisa que o fez recuperar o fôlego e olhar de novo. Algo extraordinário se manifestava em seu rosto e parecia se espalhar por suas feições como uma máscara; suavizou as linhas profundas e apertou um pouco mais a pele em todos os lugares, fazendo as rugas desaparecerem. Trouxe ao rosto – com a única exceção dos olhos velhos – uma aparência de juventude e quase de infância.

Ele a encarou em um espanto mudo – um espanto perigosamente próximo ao horror. Na verdade, era o rosto de sua tia, mas seu rosto de quarenta anos atrás, o rosto vago e inocente de uma garota. Ele tinha ouvido histórias daquele estranho efeito de terror que podia limpar o semblante humano de outras emoções, obliterando todas as expressões anteriores; mas ele nunca pensou na possibilidade de ser literalmente verdade, ou significar algo tão assustador como o que via agora. Pois a espantosa assinatura do medo estava escrita claramente naquele vazio absoluto do rosto de menina ao lado dele; e quando, sentindo seu olhar intenso, ela se virou para ele, Shorthouse instintivamente fechou os olhos com força para bloquear a visão.

No entanto, quando ele se virou um minuto depois, com seus sentimentos sob controle, viu, para seu grande alívio, outra expressão; sua tia sorria e, embora seu rosto estivesse branco como a morte, o véu horrendo havia se erguido e a aparência normal retornou.³

— Algo de errado? — Foi tudo o que ele conseguiu pensar em dizer no momento. E a resposta foi eloquente, vinda de tal mulher.

— Estou com frio... e um pouco assustada.

Ele se ofereceu para fechar a janela, mas ela o agarrou e implorou para que não saísse de seu lado nem por um instante.

— É lá em cima, eu sei — murmurou ela, com uma meia-risada estranha. — Mas eu não posso subir.

Mas Shorthouse pensava o contrário, na ação, estava sua melhor esperança de autocontrole.

Ele pegou o frasco de conhaque e serviu um copo do destilado puro, forte o suficiente para ajudar qualquer pessoa em qualquer coisa. Ela engoliu com um pequeno arrepio. A única ideia de Shorthouse agora era sair da casa antes do colapso de sua tia se tornar inevitável; mas isso não poderia ser feito com segurança se virassem as costas e fugissem do inimigo. A inação não era mais possível; a cada minuto, ele se tornava menos senhor de si, medidas desesperadas e agressivas eram cruciais sem mais demora. E mais, a ação deveria ser *dirigida* ao inimigo, não para longe dele; o clímax, se necessário e indispensável, teria de ser enfrentado com ousadia. Ele poderia fazê-lo naquele momento; mas, em dez minutos, talvez lhe faltasse forças para agir por si, muito menos por ambos!

No andar de cima, os sons chegavam mais perto, tornando-se mais altos,

acompanhados por rangidos ocasionais das tábuas. Alguém se movia furtivamente, tropeçando de vez em quando contra a mobília.

Esperando alguns instantes até que a tremenda dose do destilado produzisse seu efeito, sabendo de sua pouca duração nas circunstâncias, Shorthouse se levantou, dizendo com uma voz determinada:

— Agora, tia Júlia, vamos lá em cima descobrir de onde vem o ruído. A senhora deve vir também. É o que combinamos.

Ele pegou sua bengala e foi até o armário buscar a vela. Uma forma flácida e trêmula ergueu-se ao seu lado, respirando com dificuldade, e ele ouviu a voz dizer algo muito baixinho sobre “estar pronta para ir”. A coragem da mulher o surpreendeu, era muito superior à sua. E, à medida que avançavam, segurando no alto a vela gotejante, alguma força sutil exalou desta velha trêmula, de rosto branco ao seu lado, que era sua verdadeira fonte de inspiração. Continha algo verdadeiramente grandioso que o envergonhou e deu-lhe o apoio sem o qual ele dificilmente provaria estar à altura da ocasião.

Eles cruzaram o patamar escuro, evitando olhar o profundo espaço negro sobre o corrimão. Então, começaram a subir a escada estreita para encontrar os sons que, minuto a minuto, ficavam mais altos e próximos. Mais ou menos no meio da escada, tia Julia tropeçou e Shorthouse se virou para pegá-la pelo braço e, naquele exato momento, houve um terrível estrondo vindo do corredor dos empregados acima. Foi imediatamente seguido por um berro agudo e agonizante, ambos um grito de terror e de socorro fundido em um.

Antes que pudessem se mover para o lado ou descer um único degrau, alguém se apressou ao longo da passagem, vacilando horivelmente, em uma corrida alucinada, a toda velocidade, três degraus de cada vez, descendo a mesma escada onde eles estavam. Os passos eram leves e incertos; mas logo atrás soavam passos mais pesados de outra pessoa, a escada pareceu tremer.

Shorthouse e sua companheira mal tiveram tempo de se encolher contra a parede, quando a confusão de passos ressoantes estava diante deles, e duas pessoas, com o menor intervalo possível entre elas, desceram em disparada. Foi um perfeito turbilhão de sons quebrando o silêncio da meia-noite do prédio vazio.

Os dois correndo, perseguidor e perseguido, passaram diretamente por eles, e já com um baque, as tábuas abaixo recebiam primeiro um, depois o outro.

No entanto, Shorthouse e tia Júlia não viram absolutamente nada; nem uma mão, ou braço, ou rosto, ou mesmo um pedaço de roupa esvoaçante.

Em seguida, houve uma pausa de um segundo. Então, o primeiro, o mais leve dos dois, obviamente o perseguido, correu cambaleando para o quartinho deixado momentos antes por Shorthouse e sua tia. O mais pesado seguiu. Ouviu-se um som de luta, respiração ofegante, e gritos abafados; e então os passos – de uma única pessoa *caminhando pesadamente* – vieram até o patamar.

Um silêncio mortal seguiu pelo espaço de meio minuto e então um zunido soou no ar. Foi seguido por um baque surdo abaixo, nas profundezas da casa, no chão de pedra do saguão.

O silêncio reinou depois. Nada se movia. A chama da vela era estável. Permaneceu estável o tempo todo e a atmosfera não foi perturbada por qualquer movimento. Paralisada de medo, tia Julia, sem esperar por seu companheiro, começou a tatear seu caminho escada abaixo; ela chorava baixinho para si e, quando Shorthouse colocou o braço em volta dela e conduziu-a, sentiu-a tremer como uma folha. Ele entrou no quartinho e pegou a capa do chão e, de braços dados, caminhando muito devagar, sem dizer uma palavra ou olhar para trás, eles marcharam pelos três lances de escada até o saguão.

No saguão, não viram nada, mas durante toda a descida tinham consciência de que alguém os seguia; passo a passo. Quando se moviam rápido, AQUILO ficava para trás e, quando iam mais devagar, AQUILO os alcançava, mas, em nenhum momento, olharam para trás para ter certeza; e a cada curva da escada, baixavam os olhos com medo do horror seguinte que poderiam ver nas escadas acima.

Com as mãos trêmulas, Shorthouse abriu a porta da frente e eles foram em direção a rua iluminada pela lua, inspirando profundamente o ar fresco da noite, que soprava do mar.

1 Populares do século XVIII até o início do século XX, máquinas de banho eram dispositivos utilizados para as damas trocarem de roupas na praia. As máquinas tinham rodas e poderiam ser movidas até dentro do mar com ajuda de cavalos, para a banhista não ser vista pelos homens.

2 Sala designada a fumantes em algumas casas antigas.

3 Como já mencionado em *Sobre o autor*, Blackwood viveu um episódio muito parecido com este ao investigar uma casa mal-assombrada quando era jovem. Antes de ir para o Canadá, Algernon estava em contato com o SPR, e chegou a investigar alguns casos para a associação. A casa que inspirou *A casa vazia* ficava em uma praça em Brighton, uma cidade à beira-mar próxima de Londres. Quem deveria ter acompanhado o jovem Blackwood era uma de suas irmãs, mas ela cancelou no último momento e uma outra garota foi com ele. Uma jovem animada e faladeira que o autor, em uma carta a um amigo, confessou, anos depois: “*Não, não era uma tia, era uma jovem confusa, porém adorável que tinha se convencido que eu seria um bom marido, apesar de tal pensamento nunca ter passado pela minha cabeça*”. Eles exploraram a casa toda sem ver nenhum fantasma, e então decidiram esperar em um quatinho, assim como Shorthouse e sua tia, quando Blackwood percebeu a expressão de completo horror no rosto da garota, seu sangue desapareceu do rosto, dando a ela a aparência de uma menininha. Eles logo deixaram o local e ele a levou para casa. Fonte: *Starlight Man, The Extraordinary Life of Algernon Blackwood*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 59.

PARA CUMPRIR SUA PROMESSA

Título original: “Keeping His Promise”.

Publicado em 1906 no livro “The Empty House and Other Ghost Stories”.

Eram onze da noite, o jovem Marriott estava trancado em seu quarto, estudando o máximo que podia. Ele era um “veterano do quarto ano” na Universidade de Edimburgo e falhara tão miseravelmente nesse exame em específico, e tantas vezes, que seus pais declararam que não poderiam mais proporcionar os fundos para mantê-lo lá.

Suas acomodações eram baratas e simples, mas os encargos das aulas é que levavam o dinheiro. Então, afinal, Marriott tomou uma atitude e decidiu: ele seria aprovado neste exame ou morreria tentando. E já há algumas semanas, lia tanto quanto um mortal poderia ler. Tentava compensar o tempo e o dinheiro perdidos demonstrando como não entendia o valor de nenhum dos dois, pois nenhum homem comum – e Marriott era, em todos os sentidos, um homem comum – pode se dar ao luxo de conduzir a mente como o estudante conduzia a dele naqueles últimos tempos, sem, mais cedo ou mais tarde, pagar o preço.

Entre os alunos, ele tinha poucos amigos ou conhecidos, e esses poucos prometeram não perturbá-lo à noite, pois sabiam que ele finalmente estudava pra valer. Foi, portanto, com sentimentos muito mais fortes do que mera surpresa, que ouviu sua campainha nessa noite e percebeu que teria um visitante. Alguns homens teriam simplesmente abafado a campainha e continuado calmamente com seu trabalho, mas Marriott não era desse tipo. Ele era ansioso. Não saber quem era o visitante e o que queria, teria incomodado e angustiado sua mente a noite toda. A única coisa a fazer, portanto, era deixá-lo entrar – e sair – o mais rápido possível.

A senhoria da pensão ia para cama às dez horas em ponto e após esse horário, nada a faria fingir ter ouvido a campainha, então Marriott pulou de cima de seus livros com uma exclamação que pressagiava infortúnio para a recepção de seu visitante e preparou-se para deixá-lo entrar pessoalmente.

As ruas da cidade de Edimburgo estavam muito quietas àquela hora da noite – era tarde para Edimburgo – e no bairro tranquilo da rua F—, onde Marriott

morava no terceiro andar, quase nenhum som quebrava o silêncio. Ao atravessar a sala, a campainha tocou pela segunda vez, com um clamor desnecessário, ele destrancou a porta e passou para o pequeno corredor com considerável ira e indignação em seu peito pela insolência da dupla interrupção.

— Todos os meus colegas sabem que estou estudando para este exame. Por que me incomodariam uma hora dessas?

Os habitantes do prédio, incluindo ele, eram estudantes de medicina, de estudos gerais, pobres advogados do Signet⁴ e alguns outros cujas vocações talvez não fossem tão óbvias. A escada de pedra, pouco iluminada em cada andar por lamparinas a gás que não passavam de certa altura, descia até o nível da rua sem a justificativa de tapetes ou corrimãos. Em alguns andares, era mais limpa do que em outros. Dependia da senhoria de cada andar.

As propriedades acústicas de uma escada curva são capazes de causar espanto. Marriott, parado junto à porta aberta, livro na mão, pensou que a qualquer momento o dono dos passos apareceria. O som das botas era tão próximo e tão alto que parecia viajar desproporcionalmente à frente daquele que o originava. Imaginando quem poderia ser, ele ficou pronto com todos os tipos de saudações afiadas para o homem que ousava perturbar seu trabalho, mas este não apareceu. Os passos soavam como se estivessem quase debaixo do seu nariz, mas ele não via ninguém.

Uma súbita sensação estranha de medo passou por ele – uma fraqueza e um arrepio nas costas. Desapareceu, no entanto, quase assim que veio, e ele estava decidindo se chamaria seu visitante invisível em voz alta, ou se bateria a porta e voltaria a seus livros, quando a causa da perturbação dobrou a esquina lentamente, mostrou-se a ele.

Era um desconhecido. Ele viu um homem jovem, baixo e com os ombros largos. Seu rosto era da cor de um pedaço de giz e os olhos, muito brilhantes, tinham linhas pesadas embaixo deles. Embora as bochechas e o queixo não estivessem barbeados e a aparência geral desgrenhada, o homem era obviamente um cavalheiro, pois estava bem-vestido e exibia uma certa postura de tal. O mais estranho de tudo, porém, era o fato dele não usar ou carregar em suas mãos um chapéu; e embora a chuva tivesse caído sem parar durante toda a noite, ele não trazia um casaco, nem um guarda-chuva.

Uma centena de perguntas saltaram na mente de Marriott e correram para seus lábios, as principais dentre elas eram algo como: “Quem diabos é você?” e “Por que, em nome dos céus, veio até mim?”, mas nenhuma dessas perguntas teve tempo de se expressar em palavras, pois quase imediatamente o visitante virou um pouco a cabeça e a luz a gás do corredor caiu sobre seu rosto em um novo ângulo. Então, num piscar de olhos, Marriott o reconheceu.

— Field! Meu Deus! É você? — Ele arfou.

Ao veterano do quarto ano não faltava intuição, e ele percebeu se tratar de um caso cuja intervenção deveria ser delicada. Ele adivinhou, sem nenhum processo concreto de pensamento, que a catástrofe muitas vezes antecipada havia finalmente chegado, que o pai desse rapaz o expulsara de casa. Eles estudaram juntos em uma escola privada anos antes e, embora mal tivessem se encontrado desde então, notícias não deixavam de chegar a Marriott vez ou outra, e vinham com detalhes consideráveis, pois sua família morava perto da dele e algumas das irmãs tinham muita intimidade. O jovem Field tinha se rebelado mais tarde, Marriott se recordava de ter ouvido sobre tudo; bebida, uma mulher, ópio ou algo do tipo... ele não conseguia se lembrar ao certo.

— Entre — disse ele prontamente, sua raiva desapareceu. — Aconteceu algo de errado, posso ver. Entre e me conte tudo e talvez eu possa ajudar...

Ele mal sabia o que dizer, além do mais, gaguejou muito. O lado sombrio da vida e sua feiura pertenciam a um mundo distante de seu pequeno universo seletivo de livros e sonhos, mas ele tinha um coração sensível a tudo isso.

Marriott liderou o caminho pelo corredor, fechando a porta da frente com cuidado atrás de si, e notou enquanto o fazia que o outro, embora certamente sóbrio, cambaleava e estava evidentemente exausto. Marriott talvez não tivesse conhecimento teórico o suficiente para passar em seus exames, mas, pelo menos, conhecia os sintomas da desnutrição – desnutrição aguda, a não ser que estivesse muito enganado – quando estes indícios se mostravam bem diante dele.

— Venha — disse alegremente, com uma simpatia genuína em sua voz. — Estou feliz em vê-lo. Eu ia comer alguma coisa e você chegou bem a tempo de se juntar a mim.

O outro não deu uma resposta audível e caminhou com passos tão oscilantes que Marriott segurou seu braço como meio de apoio. Ele percebeu naquele

momento como suas roupas pendiam em seu corpo com uma frouxidão lamentável. Sua ampla estrutura era literalmente, pouco além de uma estrutura. Ele estava magro como um esqueleto, mas, ao tocá-lo, a sensação de fraqueza e pavor voltou. Durou apenas um momento e depois passou, e ele atribuiu isso, naturalmente, à angústia e ao choque de ver um velho amigo em uma situação tão infeliz.

— Melhor me deixar guiá-lo. É vergonhoso como esse corredor é escuro, estou sempre reclamando — disse ele com leveza, reconhecendo pelo peso em seu braço que a orientação era extremamente necessária. — Mas a velhota não faz nada, só promete.

Marriott o conduziu até o sofá, perguntando-se de onde ele tinha vindo e como descobriu seu endereço. Deviam ter passado pelo menos sete anos desde aqueles dias na escola, quando eram amigos tão próximos.

— Agora, se me der licença por um minuto — disse ele —, vou preparar o jantar... não é grande coisa. E não se preocupe em falar. Apenas relaxe no sofá. Posso ver como está morto de cansaço. Pode me contar sobre isso depois e faremos planos.

O outro se sentou na beirada do sofá e encarou em silêncio, enquanto Marriott pegava o pão preto, os bolinhos e o enorme pote de marmelada que os alunos de Edimburgo sempre guardavam em seus armários. Seus olhos brilhavam com uma cintilância sugerindo drogas, Marriott pensou, ao lançar um olhar furtivo para o visitante por trás da porta do armário. Ele não queria ficar encarando. O sujeito estava muito mal e seria como um exame se fixasse os olhos nele e aguardasse por explicações. Além disso, era evidente que estava quase exausto demais para falar. Assim, por motivos de delicadeza – e também por outro motivo que não podia exatamente formular para si – deixou seu visitante descansar sem dar muita atenção, enquanto se ocupava do jantar. Acendeu o queimador de álcool para fazer chocolate quente e, quando a água ferveu, puxou a mesa com a refeição para o sofá, para que Field não precisasse nem mesmo se dar ao trabalho de se mover para uma cadeira.

— Agora, vamos comer — disse ele — e depois vamos fumar um cachimbo e conversar um pouco. Estou estudando para uma prova, sabe, e sempre como alguma coisa por volta dessa hora. É bom ter companhia.

Ele ergueu o rosto e captou os olhos de seu convidado diretamente sobre os seus. Um estremecimento involuntário percorreu seu corpo da cabeça aos pés. A face diante da sua estava branca como a morte e exibia uma expressão terrível de dor e sofrimento mental.

— Por Deus! — exclamou Marriott dando um salto. — Eu esqueci completamente. Tenho um pouco de uísque em algum lugar. Que idiota eu sou. Eu nunca tomo quando estou estudando assim.

Ele foi até o armário e serviu um copo. O outro engoliu em uma só tragada e sem água. Marriott o observou enquanto bebia e, ao mesmo tempo, notou outra coisa – o casaco de Field estava coberto de poeira e em um ombro, tinha alguns restos de teia de aranha. Estava perfeitamente seco. Field chegou em uma noite inundada de chuva, sem chapéu, guarda-chuva ou sobretudo, e ainda assim perfeitamente seco, até empoeirado. Portanto, ele se protegeu da chuva em algum lugar. O que isso significava? Ele estava se escondendo no prédio...?

Era muito estranho. No entanto, seu amigo não dizia nada; e Marriott já havia decidido, a essa altura, que não faria perguntas antes dele ter comido e dormido. Alimento e sono eram obviamente do que o pobre-diabo precisava mais e primeiro – ele estava satisfeito com seus poderes de diagnóstico rápido – e não seria justo pressioná-lo até se recuperar um pouco.

Eles jantaram enquanto o anfitrião mantinha uma conversa unilateral, principalmente sobre seus exames e sobre a “velhota” que era a senhoria, e deste modo o convidado não precisava dizer uma única palavra, a menos que realmente desejasse; o que ele não fez! Mas, enquanto Marriott brincava com a comida, sem vontade de comer, o outro comia vorazmente. Ver um homem faminto devorar bolinhos velhos, bolo de aveia quase estragado e pão preto com marmelada foi uma revelação para esse estudante inexperiente que nunca soube o que era viver sem pelo menos três refeições ao dia. Ele assistiu apesar de tentar ser discreto, perguntando-se como o sujeito não engasgava no processo.

Field, no entanto, parecia estar tão sonolento quanto faminto. Mais de uma vez, sua cabeça caiu e ele parou de mastigar com a comida ainda na boca. Marriott teve de sacudi-lo para ele continuar sua refeição. Uma necessidade mais forte geralmente supera uma mais fraca, mas essa luta entre o tormento da fome verdadeira e o ópio mágico do sono opressor era uma visão curiosa

para o estudante. Ele observava com uma mistura de espanto e inquietação. Ouvira falar do prazer de alimentar homens famintos e vê-los comer, mas nunca tinha testemunhado e não fazia ideia de que era assim. Field comeu como um animal; devorou, fartou, empanzinou. Marriott esqueceu de seus estudos e começou a sentir algo muito parecido com um nó na garganta.

— Receio que tive pouco a lhe oferecer, meu velho. — Marriott conseguiu deixar escapar quando o último bolinho desapareceu e a refeição rápida, partilhada de um só lado, terminou.

Field continuou sem responder, pois quase dormia em sua cadeira. Ele simplesmente ergueu os olhos com ar cansado e agradecido.

— Agora você deve dormir um pouco, sabe — continuou ele — ou vai desmoronar. Vou ficar acordado a noite toda lendo para esse bendito exame. Fique à vontade para usar minha cama. Amanhã podemos tomar um café da manhã um pouco mais tarde e... e ver o que pode ser feito... e fazer planos... sou muito bom em fazer planos, sabe — acrescentou, com uma tentativa de leveza.

Field manteve seu silêncio de “sono mortal”, mas pareceu concordar e o outro abriu caminho para o quarto, desculpando-se a este filho de um baronete em estado de quase desnutrição – cuja casa se aproximava a um palácio – pelo tamanho do quarto. O convidado exausto, entretanto, não fingiu agradecimento ou educação. Ele apenas se firmou no braço do amigo enquanto cambaleava pelo quarto, e então, ainda de roupas, deixou o corpo exaurido cair na cama. Em menos de um minuto, ele dormia profundamente.

Por algum tempo, Marriott ficou de pé junto da porta aberta, observando-o; orando com devoção para nunca se encontrar em uma situação parecida, e então começou a se perguntar o que faria com seu visitante na manhã seguinte, mas ele não parou muito para pensar, pois a chamada de seus livros era imperativa, e não importava o que acontecesse, ele deveria se preparar para o exame.

Ele trancou novamente a porta da sala, sentou-se com seus livros e retomou suas anotações sobre a *materia medica*⁵ onde havia parado quando a campainha tocou, mas, durante algum tempo, foi difícil concentrar sua mente no assunto. Seus pensamentos continuavam vagando para a imagem daquele sujeito de rosto branco e olhos estranhos, faminto e sujo, deitado de roupas e botas na cama. Ele se lembrou de seus dias de escola antes de se separarem e

de como haviam jurado amizade eterna, e tudo o mais. E agora! Que estado horrível ele estava. Como um homem poderia permitir que o amor à libertinagem o deteriorasse de tal maneira?

Mas um dos votos que juraram um ao outro, Marriott, pelo visto, se esqueceu completamente. Agora mesmo estava muito longe, bem no fundo de sua memória para ser lembrado.

Pela porta entreaberta – o quarto dava para a sala de estar e não tinha outra porta – vinha o som de uma respiração profunda e demorada, a respiração regular e constante de um homem cansado, tão cansado que, apenas de ouvi-lo, Marriott quase quis dormir.

— Ele precisava disso — refletiu o estudante — e talvez tenha chegado na hora certa!

Talvez de fato; pois lá fora, o vento cortante vindo do outro lado do rio Forth uivava cruelmente e empurrava a chuva em torrentes frias contra as vidraças e pelas ruas desertas. Muito antes de Marriott se acalmar para continuar a leitura, ele ouviu à distância, por assim dizer, em meio as frases do livro, a respiração pesada e profunda da pessoa dormindo no quarto ao lado.

Algumas horas depois, quando bocejou e trocou de livro, ele ainda ouvia a respiração e foi com cuidado até a porta para dar uma olhada.

A princípio, a escuridão da sala deve tê-lo enganado, ou seus olhos estavam confusos, ofuscados pelo brilho recente da lâmpada de leitura. Por um ou dois minutos, ele não conseguiu distinguir nada além dos pedaços escuros dos móveis, a massa da cômoda perto da parede e a mancha branca onde sua banheira ficava no centro do chão.

Então, a cama apareceu lentamente. E nela, ele viu o contorno do corpo adormecido tomar forma aos poucos diante de seus olhos, crescendo na escuridão, até se destacar em um relevo marcante; a longa forma negra contra a colcha branca.

Ele mal pôde deixar de sorrir. Field não se moveu um centímetro. Ele o observou por alguns momentos e então, voltou aos seus livros. A noite estava cheia de vozes cantantes do vento e da chuva. Não havia som de tráfego; nenhuma carruagem batia nas pedras do calçamento e ainda era muito cedo para as carroças de leite. Ele trabalhava de forma constante e consciente, parando apenas de vez em quando para trocar um livro ou tomar um gole

daquele tóxico que o mantinha acordado e tornava seu cérebro tão ativo, e nessas ocasiões, a respiração de Field era nitidamente audível na sala. Lá fora, a tempestade continuava a uivar, mas dentro do apartamento tudo estava quieto. A sombra da lâmpada de leitura lançava toda a luz sobre a mesa desarrumada, deixando a outra extremidade da sala em relativa escuridão. A porta do quarto ficava exatamente do lado oposto a onde ele estava sentado. Não havia nada para perturbar seu trabalho, nada além de uma ocasional rajada de vento contra as janelas e uma leve dor no braço.

Essa dor, porém, ele não conseguia explicar, e tornou-se, uma ou duas vezes durante a noite, muito aguda. Era incômoda; e Marriott tentou se lembrar de como, e quando, poderia ter se machucado com tanta gravidade, mas sem sucesso.

Por fim, a página diante dele mudou de amarelo para cinza e da rua abaixo vieram sons de rodas. Eram quatro horas. Ele recostou-se e soltou um prodigioso bocejo. Então abriu as cortinas. A tempestade havia diminuído e a *Castle Rock*⁶ estava envolta em névoa. Com outro bocejo, ele se afastou da visão sombria e preparou-se para dormir no sofá as quatro horas restantes até o café da manhã. Do quarto ao lado, ainda vinha o som da respiração pesada de Field, e Marriott andou na ponta dos pés pela sala para dar uma outra olhada nele.

Espiando pela porta entreaberta, seu olhar caiu sobre a cama agora claramente perceptível na luz cinzenta da manhã. Ele encarou fixamente e esfregou os olhos. Então, esfregou os olhos outra vez e enfiou a cabeça mais para dentro do quarto, distanciando-se do batente da porta. Com as órbitas imóveis, ele observou com mais atenção ainda, e mais.

Porém, não fez diferença alguma. Ele encarava um quarto vazio.

A sensação de medo, a mesma de quando Field apareceu pela primeira vez, voltou de repente, mas com muito mais força. Marriott se deu conta também que seu braço esquerdo latejava, causando uma dor violenta. Ele ficou ali, questionando-se, olhando e tentando organizar seus pensamentos.

Tremia da cabeça aos pés.

Com um grande esforço, deixou o suporte da porta e caminhou com ousadia para dentro do quarto.

Lá, sobre a cama, estava a marcação de um corpo, onde Field tinha deitado e dormido. Havia a concavidade da cabeça no travesseiro e a ligeira reentrância

ao pé da cama, onde as botas se apoiaram na colcha. E lá, mais claro do que nunca – pois ele estava mais perto agora – estava *a respiração!*

Marriott tentou se recompor. Esforçando-se, ele encontrou sua voz e chamou seu amigo pelo nome!

— Field! É você? Onde você está?

Não houve resposta; mas a respiração continuou ininterrupta, vindo diretamente da cama. Sua própria voz soava tão estranha que Marriott não se importou em repetir as perguntas, mas se ajoelhou e examinou a cama de cima abaixo, puxando o colchão e retirando as cobertas, uma a uma. Mas embora os sons continuassem, não havia nenhum sinal visível de Field e nenhum espaço no qual um ser humano, por menor que fosse, pudesse se esconder. Ele puxou a cama da parede, mas o som *permaneceu onde estava*. Não se moveu com a cama.

Marriott, achando autocontrole um pouco difícil em seu estado de cansaço, começou imediatamente a vasculhar o quarto. Ele examinou o armário, as gavetas da cômoda, a pequena alcova onde as roupas estavam penduradas – tudo, mas não havia sinal de ninguém. A janelinha próxima ao teto estava fechada; e, de qualquer forma, não era grande o suficiente nem para passar um gato. A porta da sala estava trancada por dentro; ele não poderia ter saído por ali. Pensamentos curiosos começaram a perturbar sua mente, trazendo em seu encalço sensações indesejáveis. Ele ficou cada vez mais exaltado; revirou a cama até o quarto se assemelhar à cena de uma luta de travesseiros; virou os dois cômodos de ponta cabeça, sabendo o tempo todo que era inútil – e então procurou novamente. Uma transpiração fria irrompeu por seu corpo; e o som pesado do inspirar e expirar, durante todo esse tempo, não parou por nenhum momento, vindo do canto onde Field tinha se deitado para dormir.

Ele decidiu, então, tentar outra coisa. Empurrou a cama de volta, em sua posição original – e deitou-se, exatamente no mesmo lugar onde seu convidado havia deitado. Mas, no mesmo instante, voltou a ficar de pé em um salto. A respiração estava bem ao seu lado, quase em sua bochecha, entre ele e a parede! Nem mesmo uma criança poderia ter se espremido naquele espaço.

Marriott foi até a sala, abriu as janelas, dando boas-vindas a toda a luz e ar possíveis e tentou pensar no assunto com calma e clareza. Homens que liam muito e dormiam muito pouco, ele sabia, às vezes, eram perturbados por

alucinações vívidas. Mais uma vez, revisou passo a passo cada incidente da noite; suas sensações precisas; os nítidos detalhes; as emoções agitadas dentro dele; o banquete terrível – nenhuma alucinação poderia combinar tudo isso e cobrir um período de tempo tão longo. Com menos satisfação, pensou nas fraquezas recorrentes, na curiosa sensação de pavor que o dominou uma ou duas vezes e depois nas violentas dores em seu braço. Essas eram totalmente inexplicáveis.

Além disso, agora que começou a analisar, uma outra coisa se revelou de repente: *Durante todo o tempo, Field não disse uma única palavra!* No entanto, como uma zombaria de suas reflexões, vinha do quarto o som da respiração longa, profunda e regular. A coisa toda era incrível. Um absurdo.

Assombrado por visões de febre cerebral e insanidade, Marriott vestiu o boné e a capa de chuva e saiu de casa. O ar da manhã no *Arthur's Seat*² sopraria as teias de aranha de seu cérebro; o cheiro dos ramos de urze e, sobretudo, a vista do mar. Ele vagou pelas encostas úmidas acima de Holyrood por algumas horas e não voltou até que o exercício tivesse sacudido um pouco do horror de seus ossos e, ainda por cima, lhe dado um apetite voraz.

Ao entrar, viu um outro homem na sala, encostado na janela, de costas para a luz. Ele reconheceu seu colega Greene, que estudava para o mesmo exame.

— Li bastante a noite toda, Marriott — disse ele — e pensei em passar aqui para comparar anotações e tomar café da manhã. Você saiu cedo?

Marriott disse que estava com dor de cabeça e que uma caminhada o ajudou a aliviá-la. Greene assentiu e disse apenas “Ah!”. Mas quando a garota serviu o mingau fumegante e saiu de novo, ele continuou o assunto com um tom um tanto forçado:

— Não sabia que você tinha amigos que bebiam, Marriott?

O comentário era obviamente exploratório e Marriott respondeu seco que também não sabia.

— Parece que tem um cara “curando a bebedeira” ali dentro, não é? — persistiu o outro, com um aceno de cabeça na direção do quarto e olhando curiosamente para o amigo.

Os dois homens encararam um ao outro por vários segundos, então Marriott disse sinceramente:

— Então você ouve também, graças a Deus!

— Claro que ouço. A porta está aberta. Desculpe se não era para ouvir.

— Ah, eu não quis dizer isso — respondeu Marriott baixando a voz. — Mas estou terrivelmente aliviado. Deixe-me explicar. Claro, se você ouve também, então está tudo bem; mas realmente, me assustou além da conta. Eu achei que estava à beira de uma febre cerebral ou algo assim, e você sabe como tenho me despendido muito para esse exame. A febre sempre começa com sons, ou visões, ou algum tipo de alucinação bestial, e eu...

— Diabos! — soltou o outro com impaciência. — Do que está falando?

— Agora, me escute, Greene — disse Marriott, com tanta calma quanto pôde, pois a respiração ainda era claramente audível. — Vou lhe dizer do que estou falando, só não interrompa.

E então ele relatou exatamente o que havia acontecido durante a noite, contando tudo, até a dor no braço. Quando acabou, levantou-se da mesa e cruzou a sala.

— Você ouve a respiração agora nitidamente, não é? — perguntou ele. Greene disse que sim. — Bem, venha comigo, e nós procuraremos no quarto juntos.

O outro, porém, não se mexeu da cadeira.

— Eu já entrei — respondeu ele, tímido —, eu ouvi os sons e pensei que fosse você. A porta estava entreaberta... então eu entrei.

Marriott não fez nenhum comentário, mas abriu a porta o máximo que pôde. Ao abrir, o som da respiração tornou-se mais distinto.

— *Alguém* deve estar lá — disse Greene, baixinho.

— *Alguém* está lá, mas *onde*? — respondeu Marriott.

Mais uma vez, ele pediu ao amigo que o acompanhasse, mas Greene se recusou categoricamente; disse que tinha entrado uma vez e não havia nada lá. Ele não voltaria nem se lhe pagassem.

Eles fecharam a porta e retiraram-se para conversar sobre o assunto entre muitos cachimbos. Greene questionou seu amigo sob diversas perspectivas, mas sem resultado esclarecedor, uma vez que perguntas não podem alterar fatos.

— A única coisa que deveria ter uma explicação adequada e lógica é a dor no meu braço — disse Marriott, esfregando o membro com uma tentativa de

sorriso. — Dói como o inferno, e até o ombro. Mas não me lembro de ter machucado.

— Deixe-me examinar — disse Greene. — Eu sou muito bom com ossos, apesar da opinião contrária dos professores.

Foi um alívio se fingir de inocente por alguns momentos e Marriott tirou o casaco e arregaçou a manga.

— Por Deus, estou sangrando! — ele exclamou. — Olhe aqui! O que diabos é isso?

No antebraço, bem próximo ao pulso, havia uma fina linha vermelha. Uma pequena gota de sangue aparentemente fresco. Greene se aproximou e olhou com atenção para a ferida. Então se recostou na cadeira, encarando o rosto do amigo com curiosidade.

— Você se arranhou sem saber.

— Não há sinal de hematoma. Deve ser outra coisa que fez meu braço doer.

Marriott não se movia, olhando para seu braço em silêncio, como se a solução de todo o mistério estivesse ali, realmente escrita na pele.

— Qual é o problema? Não vejo nada de estranho em um arranhão — disse Greene, com uma voz pouco convincente. — Provavelmente, foram suas abotoaduras. Ontem à noite em sua agitação...

Mas Marriott, pálido até os lábios, tentava falar. O suor formava grandes gotas em sua testa. Por fim, ele se inclinou para frente, perto do rosto do amigo.

— Olhe aqui — disse ele, com uma voz baixa e um pouco trêmula. — Você está vendo aquela marca vermelha? Quero dizer, *por baixo* do que chama de arranhão?

Greene admitiu ver uma coisa ou outra, Marriott limpou o lugar com o lenço e pediu que olhasse mais de perto.

— Sim, eu vejo — respondeu o outro, levantando a cabeça após um momento de inspeção cuidadosa. — Parece uma cicatriz antiga.

— É uma cicatriz antiga — sussurrou Marriott, com os lábios tremendo. — Agora me lembro de tudo.

— Tudo o quê? — Greene remexeu-se na cadeira. Ele tentou rir, mas sem sucesso. Seu amigo parecia à beira do colapso.

— Silêncio! Fique quieto e... eu vou lhe contar — disse ele. — *Field fez essa cicatriz.*

Por um minuto inteiro, os dois homens se encararam em silêncio.

— Field fez essa cicatriz! — repetiu Marriott então em voz mais alta.

— Field! Você quer dizer... a noite passada?

— Não, não ontem à noite. Anos atrás; na escola, com sua faca. E eu fiz uma cicatriz no braço dele com a minha — Marriott falava depressa agora. — Trocamos gotas de sangue nos cortes um do outro. Ele colocou uma gota no meu braço e eu coloquei no seu...

— Em nome do céu, pra quê?

— Era uma promessa de garotos. Fizemos um pacto secreto, uma permuta. Lembro-me de tudo perfeitamente agora. Estávamos lendo algum livro pavoroso e juramos aparecer um ao outro... quero dizer, quem morresse primeiro jurou se mostrar para o outro. E selamos o pacto com sangue. Lembro-me de tudo muito bem; a tarde quente de verão no recreio, sete anos atrás; e um dos mestres nos pegou e confiscou as facas. Eu nunca pensei sobre isso novamente até hoje...

— E você quer dizer... — gaguejou Greene.

Mas Marriott não respondeu. Ele se levantou, atravessou a sala e deitou-se no sofá, exausto, escondendo o rosto nas mãos.

Até Greene estava um pouco perplexo. Ele não incomodou seu amigo por um tempo, pensando sobre tudo mais uma vez. De repente, teve uma ideia. Foi até onde Marriott ainda estava, imóvel no sofá, e chamou-o. Em todo caso, era melhor enfrentar a questão, houvesse uma explicação ou não. Desistir sempre foi uma saída tola.

— Eu lhe digo uma coisa, Marriott — começou, enquanto o outro virava seu rosto pálido para ele. — Não adianta ficar tão chateado com isso. Quero dizer, se for tudo uma alucinação, sabemos o que fazer. E se não for... bem, sabemos o que pensar, não é?

— Acho que sim. Mas me assusta demais por algum motivo — respondeu seu amigo em voz baixa. — E aquele pobre-diabo...

— Mas, afinal, se o pior for verdade e... e aquele sujeito cumpriu sua promessa... bem, ele cumpriu, isso é tudo, não é?

Marriott concordou.

— Só me ocorre uma coisa — continuou Greene — e isso é, você tem certeza de que... que ele comeu daquele jeito, quero dizer, que ele realmente comeu? — terminou, desabafando tudo em sua mente.

Marriott o encarou por um momento e então, disse que facilmente poderiam ter certeza. Ele falava com tranquilidade. Após o choque principal, nenhuma surpresa menor poderia afetá-lo.

— Eu mesmo guardei as coisas quando terminamos — disse ele. — Estão na terceira prateleira daquele armário. Ninguém tocou nelas desde então.

Ele apontou sem se levantar, Greene entendeu a dica e foi olhar.

— Exatamente — disse ele, após uma breve inspeção. — Exatamente como eu pensava. Foi em parte alucinação, pelo menos. A comida está intocada. Venha e veja por si mesmo.

Juntos, eles examinaram a prateleira. Lá estava o pão preto, o prato de bolinhos velhos, o bolo de aveia, tudo intocado. Até o copo de uísque que Marriott serviu permanecia lá, com o líquido ainda dentro.

— Você alimentava... ninguém — disse Greene. — Field não comeu nem bebeu nada. Ele simplesmente não esteve aqui!

— Mas a respiração? — perguntou o outro em um sussurro, com uma expressão atordoada no rosto.

Greene não respondeu. Ele caminhou até o quarto enquanto Marriott o seguia com os olhos. Abriu a porta e ouviu. Não havia necessidade de palavras. O som de uma respiração profunda e regular veio flutuando no ar. Isso não era alucinação. Marriott podia ouvir de onde estava, do outro lado da sala.

Greene fechou a porta e voltou.

— Só há uma coisa a fazer — declarou o amigo, decidido. — Escreva para casa e descubra notícias sobre Field, e enquanto isso, venha terminar seus estudos em meus cômodos. Eu tenho uma cama extra.

— Concordo — respondeu o veterano do quarto ano —, aquele exame não é nenhuma alucinação; devo passar, aconteça o que acontecer.

E foi o que eles fizeram.

Cerca de uma semana depois, Marriott recebeu a resposta de sua irmã. Parte da carta, ele leu para Greene:

— “É curioso” escreveu ela “que em sua carta pergunte por Field. Foi uma coisa terrível, mas sabe que pouco tempo atrás, a paciência de Sir John se esgotou, e ele o expulsou de casa, dizem, sem um centavo. Bem, o que você acha? Ele se matou. Pelo menos, parece suicídio. Em vez de sair da casa, ele desceu para o porão e simplesmente morreu de fome... Eles tentaram abafar, é claro, mas ouvi tudo da minha criada, que soube pelo lacaio deles. Encontraram o corpo no dia quatorze e o médico disse que ele morreu cerca de doze horas antes. Estava horrível de tão magro...”

— Então ele morreu no dia 13 — disse Greene.

Marriott concordou.

— Essa é a noite em que veio vê-lo.

Marriott acenou com a cabeça novamente⁸.

⁴ A Sociedade de Escritores do Signet de Sua Majestade é uma sociedade privada de advogados escoceses, fundada em 1594.

⁵ Termo em latim para a história da farmácia e usos terapêuticos de remédios.

⁶ *Castle Rock* é uma enorme pedra vulcânica no centro da cidade de Edimburgo, sobre a qual fica o Castelo de Edimburgo, construído no século XI. O apartamento da história parece ser localizado bem no coração da cidade velha, uma região povoada por diversos prédios centenários, ruelas de pedra, igrejas, museus e alguns centros comerciais.

⁷ *Arthur's Seat*, ou trono de Artur, é a mais alta das colinas na região de Edimburgo.

⁸ A história por trás de *Para cumprir sua promessa* não foi vivida por Blackwood, mas não deixa de ser interessante. O SPR lançou em 1886 um livro dos casos investigados por seus membros. Um dos mais bem conhecidos, foi de um estudante da Universidade de Edimburgo que havia feito um pacto com um amigo que, quem morresse primeiro, visitaria o outro. O estudante estava em sua banheira um dia quando viu tal amigo sentado em uma cadeira próxima. A visão logo desapareceu, mas quando ele chegou em Edimburgo, recebeu uma carta dizendo que o amigo havia falecido na Índia. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019).

SMITH: UM INCIDENTE EM UMA PENSÃO

Título original: “Smith: An Episode in a Lodging House”.

Publicado em 1906 no livro “The empty house and other ghost stories”.

Quando eu era um estudante de medicina — começou o médico, virando meio rosto para o círculo de ouvintes à luz da lareira —, deparei-me com um ou dois seres humanos muito curiosos; mas havia um sujeito de quem me lembro em particular, pois ele me causou as mais vívidas e, a meu ver, as mais incômodas emoções que já tive.

“Por muitos meses, eu conheci Smith apenas pelo nome, como ocupante do apartamento no andar de cima do meu. Obviamente, seu nome não significava nada para mim. Além disso, eu estava ocupado com palestras, estudos, clínicas e coisas do tipo, e não tinha muitas oportunidades para direcionar as poucas migalhas de meu tempo em conhecer os outros hóspedes da pensão. O acaso então nos aproximou de um jeito curioso, e esse tal de Smith deixou uma profunda impressão em mim como resultado de nosso primeiro encontro. Na época, a força dessa primeira impressão me parecia inexplicável, mas olhando para o incidente agora, de um ponto de vista de maior compreensão, atribuo ao fato dele ter provocado minha curiosidade a um grau incomum e, ao mesmo tempo, despertado meu senso de horror – seja lá o que for isso em um estudante de medicina – tão profundo e permanentemente quanto essas duas emoções podem ser agitadas no sistema específico e conjunto de nervos chamado *Eu*.

“Como ele soube sobre meu interesse no estudo de línguas nunca poderei explicar, mas uma noite, sem aviso, ele entrou tranquilamente em meu quarto e me perguntou logo de cara se eu conhecia hebraico o suficiente para ajudá-lo a pronunciar certas palavras.

“Ele me pegou em um momento de pouca resistência e fiquei muito lisonjeado por poder lhe dar a informação. Mas foi só quando ele me agradeceu e foi embora, que me dei conta que estive na presença de um ser humano inigualável. Por mais que tentasse, não conseguia compreender e nomear as peculiaridades do que eu sentia ser uma personalidade marcante, mas percebi que era um homem à parte dos seus companheiros, uma mente

seguindo uma linha distante dos interesses e relações humanas comuns, e indo em direção à regiões que deixavam em sua atmosfera algo de remoto, rarefeito, assustador.

“No momento em que ele se foi, me dei conta de duas coisas: uma intensa curiosidade em saber mais sobre esse homem e quais eram seus verdadeiros interesses e, em segundo lugar, o fato de que minha pele estava arrepiada e meu cabelo quase de pé.”.

O médico parou por um momento para tragar seu cachimbo, o fumo, entretanto, tinha se apagado e não poderia ser reaceso nem com a ajuda de um fósforo; e no silêncio profundo, um aliado no interesse de seus ouvintes, alguém mexeu nas brasas da lareira até virarem uma pequena chama e um ou dois olharam por cima de seus ombros, nos espaços escuros que se estendiam pelo grande salão.

— Buscando na memória — continuou ele, ao observar as chamas momentâneas. — Vejo um homem baixo e atarracado de talvez quarenta e cinco anos, com ombros imensos e mãos pequenas e finas. O contraste era perceptível, pois lembro-me de pensar que uma estrutura tão gigante e ossos de dedos tão delicados pouco se encaixavam. Sua cabeça também era grande e muito longa, a cabeça de um idealista, sem dúvidas, mas com um desenvolvimento forte da mandíbula e do queixo. Aqui estava outra contradição singular, embora agora eu seja capaz de apreciar seu verdadeiro significado com uma maior experiência e entendimento nos valores da fisionomia. Pois isso significava, é claro, um idealismo entusiástico, mas equilibrado e controlado pela determinação e julgamento; elementos às vezes deficientes em sonhadores e visionários.

“De qualquer forma, aqui estava um ser com uma gama muito ampla de possibilidades, uma máquina cujos pêndulos tinham provavelmente um comprimento e balanço irregulares.

“O cabelo do homem era extremamente fino e as rugas em torno de seu nariz e boca eram esculpidas como se por um delicado instrumento de aço contra uma pele de cera. Seus olhos, eu deixei por último. Eram grandes e variavam muito, não apenas na cor, mas em caráter, tamanho e forma; eles me pareciam às vezes os olhos de outra pessoa, se entendem o que quero dizer. Ao mesmo tempo, em seus variados tons de azul, verde e uma nuance inigualável de cinza escuro, havia uma luz sinistra dando ao rosto um aspecto

quase de alarme. Além do mais, eram as ópticas mais luminosas que já vi em um ser humano⁹.

“Aqui está, então, com o risco de uma descrição cansativa, Smith, como eu o vi pela primeira vez naquela noite de inverno, em meus modestos quartos de estudante em Edimburgo. E ainda, a real face de Smith, é claro, eu deixei intocada, pois é ambos indescritível e in-com-pre-en-sí-vel. Já falei da atmosfera de advertência e afastamento carregada consigo. É impossível analisar a série de pequenos choques que sua presença comunicava ao meu ser; mas tinha algo também sobre ele que me deixava instantaneamente alerta, cada nervo atento, cada sentido tenso e vigilante. Não quero dizer que era seu propósito sugerir perigo, mas seu rastro trazia forças que colocavam meus centros nervosos em guarda e alerta.

“Desde os tempos que conheci esse homem, vivi outras experiências e vi muitas coisas que não finjo explicar ou compreender; mas, até agora na minha vida, só encontrei um ser humano que sugeriu uma desagradável familiaridade com o profano, me fez sentir estranho e ‘sinistro’ em sua presença, e esse indivíduo nada invejável foi o sr. Smith.

“Qual era a sua ocupação durante o dia, eu nunca soube. Talvez dormisse até o pôr do sol. Ninguém nunca o via nas escadas, ou ouvia movimentos em seu quarto durante o dia. Ele era uma criatura das sombras, aparentemente preferindo as trevas à luz. A senhoria não sabia de nada ou não dizia nada. De qualquer forma, para ela, não havia nada de errado, e desde então me pergunto com que magia esse sujeito foi capaz de converter uma senhoria comum, de uma pensão comum, em uma pessoa discreta e pouco comunicativa, um feito que por si só já era um sinal de gênio de algum tipo.

““Ele tá aqui tem muitos anos, muito antes do senhor vir, e eu não me meto. Não pergunto o que não é da minha conta... desde que as pessoas paguem o aluguel’, foi a única observação sobre o assunto que tive naquele trimestre, certamente, não me disse nada e pouco me encorajou a pedir mais informações.

“Os exames, no entanto, e a excitação geral da vida de um estudante de medicina tiraram o sr. Smith da minha cabeça por algum tempo. Por um longo período, ele não me chamou novamente e, de minha parte, não tive coragem de relembrar sua visita repentina.

“Foi quando houve uma mudança na sorte daqueles que controlavam minha muito limitada renda e fui obrigado a deixar meu alojamento no andar térreo e me mudar para quartos mais modestos no topo da casa. Ali, eu estava diretamente sobre Smith e era necessário que eu passasse por sua porta para alcançar a minha.

“Naquela época, acontecia o tempo todo de eu ser chamado, a qualquer hora da noite, para os casos de maternidade que um aluno do quarto ano cumpre em um determinado período de seus estudos e ao retornar de uma dessas visitas, por volta das duas horas da manhã, fiquei surpreso ao ouvir o som de vozes quando passei pela porta de Smith. Um odor doce e peculiar também, não muito diferente do cheiro de incenso, permeava o corredor.

“Subi as escadas em silêncio, perguntando-me o que acontecia lá a esta hora. Pelo que sabia, Smith nunca recebia visitantes. Por um momento, hesitei diante da porta com um pé na escada. Todo meu interesse nesse homem estranho reviveu, minha curiosidade cresceu a um ponto não muito longe da ação. Por fim, eu poderia aprender algo sobre os hábitos deste amante da noite e das trevas.

“O som de vozes era nítido. A de Smith predominava e eu não conseguia captar nada além de pontos de som vindos do outro locutor, transpondo-se aqui e ali no fluxo constante de sua voz. Nem uma única palavra alcançou os meus ouvidos, pelo menos, nenhuma palavra que pude entender, embora a voz fosse alta e distinta, e percebi só depois que deveria falar em uma língua estrangeira.

“O som de passos era igualmente distinto. Duas pessoas se moviam pela sala, passando e repassando pela porta, uma delas era uma pessoa leve e ágil, e a outra pesada e um tanto desajeitada. A voz de Smith continuava com seu zumbido estranho e monótono, ora alto, ora suave, enquanto ele cruzava e recruzava a sala. A outra pessoa também se movimentava, mas de uma forma diferente e menos regular, pois ouvi passos rápidos que, às vezes, terminavam em tropeços e deslocamentos súbitos e velozes provocando uma violenta sacudida contra a parede ou mobília.

“E mais, enquanto ouvia a voz de Smith, comecei a sentir medo. Havia algo no som me fazendo perceber intuitivamente que ele estava em uma situação difícil, e despertou em mim um impulso sutil – muito sutil, admito – de bater à porta e perguntar se ele precisava de ajuda.

“Mas muito antes do impulso ser transformado em um ato, ou mesmo antes de considerar devidamente, eu ouvi uma voz no ar, perto de mim, uma espécie de sussurro abafado, e tenho certeza de que era Smith falando, embora o som não chegasse aos meus ouvidos através da porta. Estava bem próximo da minha orelha, como se viesse do meu lado, e me assustou tanto, que eu agarrei o corrimão para não dar um passo para trás e fazer barulho nas escadas.

“‘Não há nada que você possa fazer para me ajudar’, disse nitidamente, ‘estará muito mais seguro em seu quarto’.

“Tenho vergonha até hoje do ritmo com que subi o lance de escadas na escuridão até o último andar e da mão trêmula com que acendi minhas velas e tranquei a porta. Mas, aí está, admito, foi o que aconteceu.

“Esse episódio à meia-noite, tão estranho e ao mesmo tempo, tão trivial por si só, despertou em mim ainda mais curiosidade sobre meu colega de hospedagem. Também me fez conectá-lo com uma sensação de medo e desconfiança. Eu nunca o via, e ainda, estava sempre ciente de sua presença nas regiões superiores daquela pensão sombria. Smith e seu modo de vida secreto e seus objetivos misteriosos despertaram em mim uma linha de reflexão que perturbava minha confortável condição de ignorância. Eu nunca o via, como eu disse, e não trocava nenhum tipo de comunicação com ele, mas tinha a sensação de sua mente estar em contato com a minha, que algumas das forças estranhas de sua atmosfera se infiltravam em meu ser e perturbavam meu equilíbrio. Aqueles andares superiores, ao cair da noite, eram agora assombrados para mim, e embora do lado de fora nossas vidas nunca se encontrassem, eu me envolvi sem querer em certas atividades nas quais sua mente estava centrada. Smith, de alguma forma, fazia uso de mim contra minha vontade por métodos que ultrapassavam minha compreensão.

“Eu estava naquela época, aliás, no pesado e inquestionável, estado de materialismo comum aos estudantes de medicina quando começam a compreender algo da anatomia humana e do sistema nervoso e chegam a imediata conclusão de controlarem o universo e segurarem em seu fórceps a última palavra de vida e morte. Eu ‘sabia tudo’ e considerava a crença em qualquer coisa além da matéria como a peregrinação de mentes fracas, ou na melhor das hipóteses, destreinadas. E esta condição mental, é claro,

acrescentou força ao medo perturbador emanando do andar de baixo e lentamente, começou a se apossar de mim.

“Embora eu não tenha feito anotações sobre os eventos subsequentes, eles me deixaram uma impressão tão profunda, que eu jamais esqueci os detalhes do que ocorreu. Lembro-me facilmente do próximo passo na aventura com Smith, pois logo tornou-se uma aventura”.

O médico parou por um momento e colocou o cachimbo na mesa atrás de si antes de continuar. O fogo agora estava baixo e ninguém se levantou para agita-lo. O silêncio era tão profundo que, quando o cachimbo do locutor tocou a mesa, o som despertou ecos audíveis na outra extremidade do grande salão, em meio às sombras.

— Uma noite, enquanto eu estudava, a porta do meu quarto se abriu e Smith entrou. Ele não fez nenhuma tentativa de cerimônia. Já passavam das dez horas e eu estava cansado, mas com a presença do homem, imediatamente, entrei em atividade. Minhas tentativas de polidez comum, ele dispensou e me pediu para vocalizar, e depois pronunciar, certas palavras hebraicas. Quando isso foi feito, ele perguntou se eu não era o feliz possuidor de um muito raro Tratado Rabínico¹⁰, que ele então nomeou.

“Como ele sabia que eu tinha este livro muito me intrigou; mas fiquei ainda mais surpreso ao vê-lo cruzar o quarto e tirá-lo da minha estante, quase antes que eu tivesse tempo de responder em uma afirmativa. Era óbvio que ele sabia o exato local onde eu guardava. Isso instigou minha curiosidade ao extremo e logo comecei a fazer perguntas; embora, por puro respeito ao homem, eu as colocasse com muita delicadeza e quase por meio de uma mera conversa. Ele tinha apenas uma resposta para todas elas. Observava-me por trás das páginas do livro com uma expressão de total compreensão em suas feições extraordinárias, baixava um pouco a cabeça e dizia com seriedade:

“‘Essa, é claro, é uma pergunta perfeitamente pertinente’, foi tudo que eu consegui arrancar dele.

“Nesta ocasião em particular, ele ficou comigo talvez dez ou quinze minutos. Depois desceu para o seu quarto com o meu Tratado Hebraico nas mãos e eu o ouvi fechar e trancar a porta.

“Mas alguns momentos depois, antes que eu voltasse para o meu livro ou me recuperasse da surpresa de sua visita, ouvi a porta se abrir, e lá estava Smith mais uma vez ao lado da minha cadeira. Ele não fez desculpa para sua

segunda interrupção, mas abaixou a cabeça até o nível da minha lâmpada de leitura e olhou através da chama diretamente nos meus olhos.

“‘Espero’ sussurrou ele ‘que não seja incomodado à noite’.

“‘Oi?’ eu gaguejei ‘incomodado à noite? Ah, não, obrigado, pelo menos, não que eu saiba...’.

“‘Que bom’, respondeu de forma grave, parecendo não notar minha confusão e surpresa com a pergunta. ‘Mas, lembre-se, se for o caso, por favor, me avise de uma vez’.

“E ele desceu as escadas e entrou no quarto de novo.

“Por alguns minutos, refleti sobre seu comportamento estranho. Ele não era louco, pensei, mas havia sido vítima de alguma ilusão inofensiva, que, aos poucos, cresceu em sua mente devido a sua vida solitária; e aos livros que ele usava. Tinha algo a ver com magia medieval ou algum sistema do antigo misticismo hebraico, imaginei. As palavras que me pediu para pronunciar eram provavelmente ‘Palavras de poder’ e quando ditas com a veemência de uma forte vontade por trás delas, são capazes de produzir resultados físicos, ou criar vibrações no eu interior daquele que as utiliza, fornecendo um efeito de levantamento parcial do véu¹¹.

“Continuei sentado em minha escrivaninha, pensando no homem, em seu modo de vida e nos prováveis efeitos a longo prazo de seus experimentos perigosos, e lembro-me perfeitamente da sensação de decepção quando percebi que havia rotulado seu desvio de caráter, e minha curiosidade, portanto, não seria mais estimulada.

“Permaneci por algum tempo nessas reflexões; talvez dez minutos ou talvez meia hora; quando despertei do meu devaneio me dando conta que tinha alguém no quarto outra vez, ao lado da minha cadeira. Meu primeiro pensamento foi em Smith, ele havia voltado com seu jeito ágil e inexplicável, mas quase no mesmo momento percebi que não poderia ser, pois a porta da frente ficava posicionada diante de mim e, com certeza, não tinha sido aberta.

“No entanto, alguém estava no cômodo, movendo-se com cuidado para lá e para cá, observando-me, quase me tocando. Eu tinha tanta certeza quanto de minha própria presença e, embora no momento não acho que realmente tive medo, sou obrigado a admitir que uma certa fraqueza se apoderou de mim e senti aquela estranha letargia, provavelmente, o início da terrível paralisia do terror verdadeiro. Se fosse possível, eu teria me escondido, me encolhido

num canto, ou atrás de uma porta, ou em qualquer lugar, para não ser vigiado e observado.

“Mas, ao me esforçar para vencer o nervosismo, me levantei da cadeira e segurei a lâmpada de leitura no alto, iluminando todos os cantos como um holofote.

“O espaço estava totalmente vazio! Totalmente vazio para os olhos, pelo menos, mas para os nervos e, especialmente, para aquela combinação de consciência composta por todos os sentidos agindo juntos, e por nenhum em particular, havia uma pessoa parada ali, bem ao lado do meu cotovelo.

“Digo ‘pessoa’ porque não consigo pensar em uma palavra adequada. Pois, se *fosse* um ser humano, só posso afirmar que tive a convicção avassaladora de não ser, mas, sim, alguma forma de vida completamente desconhecida para mim, tanto em essência quanto em natureza. Uma sensação de força e poder gigantescos vieram com tal presença e eu me lembro vividamente até hoje do meu pavor, ao perceber minha aproximação de um ser invisível que poderia me esmagar com a mesma facilidade com que eu esmagaria uma mosca, e observava todos os meus movimentos enquanto permanecia invisível.

“A este pavor foi adicionado o conhecimento de que o ‘ser’ estava perto de mim com um propósito definido. E eu me convenci que esse propósito tinha uma relação direta com o meu bem-estar, na verdade, com a minha vida; pois logo senti uma crescente sensação de exaustão, como se a vitalidade fosse drenada do meu corpo. A batida do meu coração era irregular no começo, depois ficou mais fraca. Eu percebi, mesmo em poucos minutos, uma queda geral dos poderes vitais em meu sistema, um declínio do autocontrole e a nítida aproximação da sonolência e torpor.

“A capacidade de me mover, ou de pensar em qualquer resistência, me deixou. Foi quando surgiu, ao longe, uma perturbação espantosa. Uma porta se abriu com um estrondo e eu ouvi as vibrações categóricas de comando, vindos de um timbre humano, chamando em um idioma incompreensível. Era Smith, meu colega de hospedagem, conjurando escada acima; e sua voz não soou por mais de alguns segundos, quando senti algo retirado de minha presença, da minha pessoa, na verdade da minha *pele*. Pareceu-me que houve uma movimentação no ar e alguma grande criatura passou por mim mais ou

menos na altura dos meus ombros. Instantaneamente, a pressão em meu coração foi aliviada e a atmosfera adquiriu sua condição normal.

“A porta de Smith fechou-se no andar de baixo, enquanto eu colocava a lamparina na mesa com as mãos trêmulas. O que aconteceu, eu não sabia; apenas que estava sozinho novamente e minhas forças retornavam tão rápido quanto haviam me deixado.

“Fui até o outro lado do quarto e me examinei no espelho. Minha pele estava muito pálida e os olhos opacos. Minha temperatura, descobri, estava um pouco abaixo do normal e meu pulso fraco e irregular. Mas esses sinais menores de perturbação eram nada comparado com a sensação ainda correndo em mim – embora sem nenhum sinal externo – de que eu havia escapado por pouco de uma catástrofe real e medonha. Senti-me abalado, de alguma forma, abalado até as raízes do meu ser”.

O médico levantou-se de sua cadeira e foi até o fogo quase extinguido, ninguém podia ver a expressão em seu rosto enquanto ficava de costas para a lareira, e ele prosseguiu com sua história estranha:

— Seria cansativo — continuou em voz baixa, olhando por cima de nossas cabeças como se ainda visse o último andar escuro daquela pensão assombrada em Edimburgo. — Seria tedioso para mim, neste período de tempo, analisar meus sentimentos, ou tentar reproduzir para vocês o exame completo ao qual me submeti na ocasião; intelectual, emocional e físico. Preciso apenas mencionar a emoção dominante com a qual este curioso episódio me deixou; a raiva indignada contra mim mesmo por ter perdido o autocontrole e caído sob o domínio de uma ilusão tão grosseira e absurda. Esse protesto, no entanto, lembro-me de ter feito com toda a ênfase possível. Também me lembro que trouxe muito pouca satisfação, pois era o protesto da minha razão, quando todo o resto do meu ser erguia-se contra suas conclusões.

“Minhas relações com a ‘ilusão’, no entanto, ainda não haviam acabado durante a noite; pois na madrugada, por volta das três horas, fui despertado por um ruído curioso e furtivo no quarto e no minuto seguinte, seguiu-se um estrondo, como se todos os meus livros tivessem sido varridos da estante para o chão.

“Mas, desta vez, não tive medo. Amaldiçoando a perturbação com todas as palavras sonoras e inofensivas que consegui acumular, pulei da cama e

acendi a vela em um segundo. No primeiro clarão do fósforo aceso – mas antes do pavio ter tempo para pegar – eu tive certeza de que vi uma sombra cinza escura, de forma desajeitada, com algo mais ou menos parecido com uma cabeça humana, passar rapidamente pelo outro lado da parede, e desaparecer na escuridão pelo ângulo da porta.

“Esperei um único segundo para ter certeza de que a vela estava acesa e depois corri atrás do que vi, mas antes de dar dois passos, meu pé tropeçou em algo duro, empilhado no tapete, e eu pude apenas evitar cair de cabeça. Levantei-me e descobri todos os livros da minha chamada ‘estante de idiomas’ espalhados pelo chão. Enquanto isso, o quarto, conforme revelou uma busca de um minuto, estava vazio. Olhei em cada canto e atrás de cada móvel; e o quarto de um estudante no último andar, que custa doze xelins por semana, não tinha muitos esconderijos disponíveis, como podem imaginar.

“A queda, no entanto, foi explicada. Alguma força muito hábil e física havia arremessado os livros de seu lugar. A isso, pelo menos, não restava qualquer dúvida. E quando eu os coloquei na prateleira e notei que não faltava nenhum, ocupei-me mentalmente com o problema doloroso, de como o responsável por essa brincadeira ganhou acesso ao meu quarto e depois fugiu. *Pois minha porta estava fechada e trancada.*

“A estranha pergunta de Smith sobre se eu era perturbado durante a noite e sua advertência para informá-lo imediatamente se fosse o caso, agora, é claro, voltou a me afetar enquanto estava naquela situação; com frio e tremendo no tapete no meio da madrugada. Mas, no mesmo instante, percebi como era impossível admitir que um pesadelo mais vívido do que o normal, pudesse ter qualquer ligação com ele. Preferiria suportar uma centena dessas visitas misteriosas do que consultar tal homem para sua possível causa.

“Uma batida na porta interrompeu minhas reflexões e eu levei um susto que fez voar a parafina da vela em minha mão.

“‘Deixe-me entrar’, veio a voz de Smith.

“Eu destranquei a porta. Ele entrou, estava vestido para sair. Seu rosto tinha uma palidez singular. Parecia-me vir de baixo da pele e brilhar através dela, quase tornando-a luminosa. Seus olhos cintilavam muito.

“Eu me perguntava o que diabos dizer a ele, ou como ele explicaria sua visita àquela hora, quando ele fechou a porta atrás de si e chegou bem perto de mim; desconfortavelmente perto.

“‘Você devia ter me chamado’, disse em um sussurro, fixando seus grandes olhos em meu rosto.

“Eu gaguejei algo sobre ter tido um sonho ruim, mas ele ignorou minha observação, e eu peguei seu olhar vagando – se algum movimento dessa ótica pode ser descrito como ‘vagando’ – para a estante de livros. Eu o observei, incapaz de desviar os olhos. O homem me fascinava horivelmente por algum motivo. Por que diabos ele estava acordado e vestido às três da manhã? Como ele sabia que algo excepcional havia acontecido em meu quarto? Então, ele começou a sussurrar outra vez.

“‘É a sua incrível vitalidade que lhe causa essa perturbação’, disse ele voltando os olhos para os meus.

“Eu engasguei. Algo em sua voz ou maneiras transformou meu sangue em gelo.

“‘Essa é a verdadeira atração’, prosseguiu ele. ‘Mas se isso continuar, um de nós dois terá que se mudar, sabe’.

“Eu não consegui encontrar uma palavra para dizer em resposta. Os canais da fala secaram dentro de mim. Apenas o encarei e me perguntei o que ele diria em seguida. Eu o observava em uma espécie de sonho, e pelo que me lembro, ele me fez prometer que o chamaria mais cedo em outra ocasião, e então começou a andar pelo cômodo, proferindo sons estranhos e fazendo sinais com os braços e as mãos até chegar à porta. Ele se foi em um segundo e eu fechei e tranquei a porta atrás dele.

“Depois disso, a aventura de Smith chegou rapidamente ao clímax. Passaram-se uma ou duas semanas, e eu voltava para casa entre duas e três da manhã de um caso de maternidade, cujas características naquele momento tomavam conta de minha mente, tanto, na verdade, que passei pela porta de Smith sem dar a ele um único pensamento.

“O jato de gás no corredor ainda queimava, mas tão baixo que causava pouca impressão no mar de sombras profundas espalhando-se pela escadaria. Acima, o menor brilho possível de cinza mostrava que a manhã não demoraria. Algumas estrelas cintilavam através da claraboia. A pensão estava quieta como um túmulo e o único som para quebrar o silêncio era o sopro do vento nas paredes e no telhado. Mas era um som irregular, subia de repente e caía da mesma forma, só servia para intensificar o silêncio.

“Eu já tinha alcançado meu andar quando dei um salto violento. Foi

automático, quase um reflexo na verdade, pois foi apenas quando me peguei tateando a maçaneta da porta e pensando onde poderia me esconder o mais rápido possível, que percebi uma voz soando no ar, bem perto de mim. Era a mesma voz que tinha ouvido antes, parecia pedir ajuda. E, naquele mesmo instante, eu fui para dentro do quarto, determinado a ignorá-la, e persuadindo-me de que era o ranger das tábuas sob meu peso, ou o barulho impetuoso do vento enganando-me.

“Mas mal cheguei à mesa onde as velas estavam quando o som se repetiu, nítido: ‘Socorro! Socorro!’. E desta vez foi acompanhado pelo que só posso descrever como uma vívida alucinação tátil. Fui tocado: a *pele* do meu braço foi agarrada por dedos.

“Um impulso me mandou escada abaixo como se todas as forças assombrosas do mundo estivessem em meus calcanhares. Na porta de Smith, fiz uma pausa. O vigor de seu aviso anterior para buscar sua ajuda agiu de repente e inclinei todo o meu peso contra a porta, jamais imaginando que eu seria chamado para dar ajuda, em vez de recebê-la.

“A porta cedeu de uma vez e eu irrompi em um cômodo tão repleto de vapor sufocante, movendo-se em nuvens lentas, que a princípio não distingui nada além de um conjunto do que pareciam ser enormes sombras passando para dentro e para fora da bruma. Então, aos poucos, identifiquei uma luminária vermelha sobre a lareira como a única fonte de luz e vi que o cômodo onde entrava agora quase não tinha mobília.

“O tapete havia sido enrolado e empilhado no canto e sobre as tábuas brancas do chão, notei um grande círculo desenhado em preto de algum material que emitia uma fraca iluminação e fumegava. Dentro deste círculo, bem como em intervalos regulares fora dele, havia desenhos curiosos, também traçados na mesma substância negra e esfumaçada. Estes também emitiam uma tênue luminescência.

“Minha primeira impressão ao entrar na sala foi de estar cheia de... *pessoas*, eu ia dizer; mas isso pouco expressa o que eram. *Seres*, certamente, mas me foi transmitido, além de qualquer dúvida, que não eram seres humanos. Que tive um vislumbre momentâneo de entidades vivas e inteligentes, nunca poderei duvidar. Mas estou convencido, embora não possa provar, que essas entidades eram de algum outro esquema de evolução, e não tinham nada a ver com a vida humana comum, seja encarnada ou desencarnada.

“Mas, o que quer que fossem, sua aparência visível era excessivamente fugaz. Eu não via mais nada, embora ainda me convencesse de sua presença. Eles eram, inclusive, da mesma ordem de vida que o visitante em meu quarto algumas noites antes, e sua proximidade de mim em números, em vez de isoladas, transmitiu à minha mente algo assombroso e opressor. Caí em um violento tremor e o suor escorria de meu rosto em torrentes.

“Eles estavam em constante movimento ao meu redor. Ficaram ao meu lado, moveram-se atrás de mim, passaram pelo meu ombro, mexeram nos fios de cabelo da minha testa e circularam em volta de meu corpo sem nunca realmente me tocar, mas sempre aproximando-se cada vez mais. No ar, logo acima da minha cabeça, em especial, moviam-se incessantemente e seu movimento era acompanhado por um ruído confuso de sussurros e suspiros, ameaçando a cada momento se tornar articulado em palavras. Para meu grande alívio, no entanto, não ouvi palavras distintas, e o barulho continuou como o aumento e diminuição do vento, mais do que qualquer outra coisa que eu possa imaginar.

“Mas a característica desses ‘Seres’ que mais me impressionou na época, e a qual guardei a mais permanente lembrança, era que cada um deles possuía um *centro vibrante*, impulsionando-os com uma força tremenda e causando um rápido movimento rotatório da atmosfera ao passar por mim. O ar estava cheio desses pequenos vórtices de força giratória e sibilante, e sempre quando um deles ficava próximo demais, eu sentia como se os nervos naquela parte específica do meu corpo tinham sido literalmente retirados, tamanha era sua ausência de vitalidade, e então substituídos; mas substituídos por células mortas, flácidas, inúteis.

“E então, pela primeira vez, meus olhos caíram sobre Smith. Ele se agachava contra a parede à minha direita, em uma óbvia atitude de defesa, e era claro que estava em perigo. O pânico em seu rosto era lamentável, mas, ao mesmo tempo, havia outra expressão, algo em relação aos dentes e boca cerrados, mostrando que ele não havia perdido todo o controle. Ele tinha a expressão mais decidida que já vi em um semblante humano e, embora, pelo momento, em uma terrível desvantagem, parecia um homem confiante de si mesmo e, apesar da ação do medo, esperava por sua oportunidade.

“De minha parte, eu estava diante de uma situação além do meu conhecimento e compreensão, me sentia como uma criança desamparada e

tão inútil quanto.

“‘Ajude-me a voltar... rápido... para aquele círculo’, eu o ouvi meio gritar, meio sussurrar para mim através dos vapores em movimento.

“Meu único valor foi que não tive medo de agir. Sem saber nada sobre as forças com as quais lidava, não tinha ideia dos perigos mortais que corria, e saltei para frente e o peguei pelos braços. Ele jogou todo seu peso em minha direção, e por nossos esforços combinados, seu corpo deixou a parede e cambaleou pela sala em direção ao círculo.

“Materializando-se do ar inerte daquele cômodo carregado de fumaça, fomos então atingidos por uma força que só posso comparar a poderosa força motriz de um grande vento reprimido no interior de um espaço estreito. Foi quase explosivo em seu efeito e parecia operar em todas as partes do meu corpo. Caiu sobre nós com um ruído tempestuoso, enchendo meus ouvidos e fazendo-me pensar por um momento que o telhado tinha sido arrancado de cima das paredes do prédio. Diante do seu primeiro golpe, cambaleamos contra a parede e entendi que seu propósito era evitar nossa volta ao círculo no chão.

“Transpirando e sem fôlego, com todos os músculos tensos, finalmente conseguimos chegar à borda do círculo e, neste momento, tão grande era a força oposta, que me senti rasgado dos braços de Smith, meus pés levantados do chão e meu corpo girando na direção das janelas como se a roda de alguma enorme máquina tivesse agarrado minhas roupas e me destruísse em sua revolução.

“Mas, mesmo enquanto eu caía contra a parede, machucado e sem fôlego, eu vi Smith se equilibrar no círculo e erguer-se lentamente outra vez. Meus olhos não deixaram sua figura nos minutos seguintes.

“Ele se levantou em toda a sua altura. Seus grandes ombros se endireitaram. Sua cabeça estava um pouco jogada para trás e quando eu o encarei, vi a expressão de seu rosto mudar de medo para comando absoluto. Ele olhou ao redor da sala e então sua voz começou a *vibrar*, a princípio em um tom baixo, gradualmente subindo até assumir o mesmo volume e intensidade que eu tinha ouvido naquela noite quando ele visitou meu quarto.

“Era um som gradual, mais parecido com a crescente de um instrumento do que com uma voz humana; e conforme se dilatava em poder e preenchia a sala, percebi uma grande mudança acontecer aos poucos. A confusão de

barulho e rajadas de ar caíram em uma esfera de vibrações longas e constantes, não muito diferentes daquelas causadas pelos pedais mais graves de um órgão. Os movimentos no ar tornaram-se menos violentos, e então mais fracos e finalmente cessaram. Os sussurros e suspiros ficaram mais e mais sutis, até que não pude ouvi-los; e, o mais estranho de tudo, a luz emitida pelo círculo, e também pelos desenhos ao redor dele, aumentou para um brilho contínuo, lançando sua cintilância para cima com o efeito mais estranho possível nas feições de Smith. Lentamente, pelo poder de sua voz, atrás da qual estava sem dúvida um conhecimento verdadeiro da manipulação oculta do som, este homem dominou as forças que haviam escapado de sua esfera devida, até, afinal, a sala ser reduzida ao silêncio e ordem perfeitos novamente.

“A julgar pelo imenso alívio transmitido aos meus nervos, senti que a crise havia acabado e Smith estava no completo controle da situação.

“Mas eu mal tinha começado a me parabenizar por este resultado e reunir meus sentidos dispersos, quando, proferindo um grito, eu o vi pular para fora do círculo e jogar-se no ar – como me pareceu, no ar vazio. Então, mesmo enquanto prendia a respiração temendo a queda que ele estava fadado a cair, eu o vi golpear com um baque surdo contra um corpo sólido, e no instante seguinte, ele lutava contra algo pesado, absolutamente invisível para mim, e a sala estremeceu com o conflito.

“*Eles* balançavam para frente e para trás, às vezes, arremessando-se em uma direção, às vezes, em outra, e sempre em horrível proximidade de mim, enquanto eu me encostava tremendo na parede e observava o encontro.

“Durou no máximo um ou dois minutos e terminou com tanta rapidez quanto começou. Smith, com um movimento inesperado, ergueu os braços com um grito de alívio. No mesmo instante, houve um berro selvagem e dilacerante ao meu lado e algo se apressou por nós com um ruído, como a passagem de um bando de pássaros grandes. Ambas as janelas sacudiram como se prestes a romper de suas molduras. Então, uma sensação de vazio e paz tomou conta da sala, e eu soube que tudo havia acabado¹².

“Smith, seu rosto branco ao extremo, mas fora isso estranhamente composto, virou-se para mim.

“‘Deus! Se você não tivesse vindo... você desviou a corrente... a quebrou...’, disse ele. ‘Você me salvou.’”.

O médico fez uma longa pausa. Em seguida, buscou o cachimbo na escuridão, tateando a mesa com as duas mãos. Ninguém falou por um tempo, mas todos temeram o clarão repentino que viria quando ele acendesse o fósforo. A lareira havia quase se apagado e o grande salão estava escuro como breu.

Mas o narrador da história não acendeu o fósforo. Ele meramente ganhava tempo por alguma razão oculta a nós. E logo prosseguiu seu conto, usando um tom de voz mais suave:

— Eu me esqueci completamente — disse ele — de como voltei para o meu quarto. Só sei que fiquei deitado o resto da noite com duas velas acesas, e a primeira coisa que fiz pela manhã foi avisar a senhoria que desocuparia o quarto até o final da semana.

“Smith ainda tem meu Tratado Rabínico. Pelo menos, ele não o devolveu na época e nunca mais o vi desde então para pedir de volta”.

9 Segundo Mike Ashley, o personagem de Smith pode ter sido inspirado em um dos membros da Ordem Hermética da Aurora Dourada com quem Blackwood se relacionou. Seu nome era Aleister Crowley e, fora a idade, sua descrição tem muito a ver com a de Smith: “*Se tinha algo que todos se lembravam sobre Crowley era de seus olhos sinistros e arrebatadores, sua cabeça grande e ombros poderosos*” *Starlight Man*, (Stark House Press, 2019) p. 157.

10 São chamados de Tratados Rabínicos diversos livros sagrados da religião judaica. Mais especificamente aqui, eles se relacionam com a cabala. Durante seu tempo como um dos membros da Ordem Hermética da Aurora Dourada, a cabala era um dos assuntos estudados por Blackwood.

11 O assunto de vibrações era um dos estudos favoritos de Blackwood na Ordem Hermética da Aurora Dourada, e esta passagem está especialmente conectada ao trecho de um livro cerimonial da sociedade secreta: “*Alguns nomes ou ‘Palavras de Poder’ quando vibram, ou são entoadas de maneira adequada, atraem certas energias que estão associadas a elas*”. A passagem também fala sobre uma técnica de Fórmula Vibratória, onde nomes divinos são pronunciados com autoridade em um tipo correto de vibração. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019). Citação: *Self Initiation to the Golden Dawn Tradition*, Chic and Sandra Tabatha Cicero, *apud Starlight Man*, Mike Ashley, (Stark House Press, 2019), p. 156.

12 Aleister Crowley não apenas inspirou o personagem de Smith, mas um incidente vivido por ele deu a Blackwood o combustível para a batalha final desta história; em uma ocasião, Crowley havia saído de seu flat em Londres logo após fazer um experimento no qual ele tinha conjurado forças. Ao voltar, encontrou o lugar de cabeça para baixo, em completa

bagunça, e seres semimaterializados por todo o cômodo. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019).

O OUVINTE

Título original: “The Listener”.

Publicado em 1907 no livro: “The Listener and Other Stories”.

4 de setembro. Procurei por toda parte em Londres alojamentos adequados à minha renda – 120 libras por ano – e finalmente os encontrei. Dois cômodos, sem conveniências modernas, é verdade, e em um prédio antigo e decrépito, mas a poucos passos de P- Place, em uma rua altamente respeitável. O aluguel é apenas 25 libras ao ano. Eu tinha começado a me desesperar quando, por fim, os encontrei por acaso. O acaso foi apenas acaso, nem digno de registro. Tive que assinar um contrato de aluguel por um ano e o fiz de boa vontade. A mobília da nossa antiga casa em Hampshire, que está guardada há tanto tempo, vai servir muito bem para o lugar.

1º de outubro. Aqui estou em meus dois cômodos, quarto e sala, no centro de Londres, e não muito longe dos escritórios dos periódicos, onde ocasionalmente escrevo um artigo ou outro. O prédio fica no final de uma rua sem saída. O beco é bem pavimentado e limpo, ladeado pela parte de trás de prédios sóbrios e provavelmente comerciais. Há um estábulo também. A casa é dignificada com o título de “Câmaras”. Sinto como se um dia a honra se tornou grande demais para ela e ficou cheia de orgulho, e despençou. É muito velha. No chão da minha sala, as tábuas têm o relevo de vales e pequenas colinas e o topo da porta se inclina para longe do teto, com uma desconsideração gloriosa pelo que é normal. Eles devem ter brigado – cinquenta anos atrás – e tem se separado desde então.

2 de outubro. Minha senhoria é velha e magra, com o rosto desbotado e empoeirado. É pouco comunicativa. As escassas palavras pronunciadas por seus lábios parecem lhe causar dor. Provavelmente, seus pulmões devem estar meio sufocados de poeira. Ela mantém meus cômodos o mais livre possível deste item e tem a ajuda de uma garota forte que traz o café da manhã e acende o fogo. Como já disse, ela não é comunicativa. Em resposta aos agradáveis esforços de minha parte, ela me disse brevemente que eu era o único inquilino da casa no momento. Meus cômodos não eram ocupados há alguns anos. Havia outros cavalheiros nos andares de cima, mas eles se foram.

Ela nunca olha diretamente para mim quando fala, mas fixa os olhos turvos no botão do meio do meu colete, até me deixar preocupado, e começo a pensar que não está alinhado, ou é um botão diferente dos demais.

8 de outubro. As minhas contas da semana são bem organizadas, e até agora razoáveis. Leite e açúcar 7d¹³., pão 6d., manteiga 8d., marmelada 6d., ovos 1s¹⁴. 8d., lavanderia 2s. 9d., óleo 6d., serviço 5s.; total de 12s. 2d.

A senhoria tem um filho que, ela me disse, “faz *qualqué* coisa num ônibus”. Ele vem vê-la às vezes. Acho que ele bebe, pois fala muito alto, sem se importar com hora do dia ou da noite, e tropeça nos móveis do andar de baixo.

Passo todas as manhãs em meus cômodos, escrevendo – artigos, versos para revistas ilustradas – um romance que tenho trabalhado por três anos e sobre o qual tenho alguns sonhos; um livro infantil, em que a imaginação tem rédea solta; e outro livro que vai durar tanto quanto eu, visto que é um registro honesto do avanço ou recuo de minha alma na luta pela vida. Além desses, tenho um livro de poemas que uso como válvula de escape e sobre o qual não tenho nenhuma pretensão¹⁵. Entre tais projetos, estou sempre ocupado. À tarde, tento caminhar, pelo bem da minha saúde, no Regent’s Park, em Kensington Gardens, ou mais longe, em Hampstead Heath.

10 de outubro. Deu tudo errado hoje. Eu geralmente como dois ovos no café da manhã. Esta manhã, um deles estava estragado. Toquei a campainha para chamar Emily. Quando ela entrou, eu lia o jornal e, sem erguer os olhos, disse:

— O ovo está estragado.

— Ah, tá, senhor? — ela disse. — Vou buscar outro. — E saiu, levando o ovo consigo.

Esperei seu retorno para retomar meu café da manhã, que foi de cinco minutos. Ela colocou o novo ovo na mesa e foi embora. Mas, quando olhei para baixo, vi que ela havia tirado o ovo bom e deixado o ruim – todo verde e amarelo – na bacia de despejo. Eu chamei de novo.

— Você pegou o ovo errado — eu disse.

— Ah! — exclamou ela. — Achei mesmo que o ovo que eu tirei não cheirava *tão* mal.

Afinal, ela voltou com o ovo bom e retomei meu café da manhã com dois ovos, mas com menos apetite. Foi tudo muito banal, com certeza, mas tão estúpido que me irritei. A aparência daquele ovo influenciou tudo o que fiz. Escrevi um artigo ruim e o rasguei. Tive uma forte dor de cabeça. Usei palavrões para mim mesmo. Tudo estava ruim, então larguei o trabalho e saí para uma longa caminhada.

Jantei em um restaurante barato no caminho de volta e cheguei em casa por volta das nove horas.

A chuva começou a cair quando eu entrei e o vento aumentava. Prometia ser uma noite feia. O beco tinha aparência nefasta e sombria e o corredor da casa, quando passei por ele, estava gelado como uma tumba. Foi a primeira noite de tempestade em meus novos quartos. As correntes de ar eram horríveis. Elas se cruzavam, encontrando-se no meio do cômodo e formavam redemoinhos, vórtices, correntes frias e silenciosas que quase levantavam os cabelos da minha cabeça. Enchi os caixilhos das janelas com gravatas e meias sem par e sentei-me junto ao fogo que esfumaçava, para me manter aquecido. Primeiro tentei escrever, mas fazia muito frio. Minha mão se transformou em gelo contra o papel.

Que truques o vento realizou naquele velho lugar! Apressou-se pelo beco deserto com um som semelhante aos pés de uma multidão desenfreada e parou de repente na porta. Senti como se um bando de pessoas curiosas se acomodasse do lado de fora e encarasse minhas janelas. Em seguida, eles começavam a correr outra vez e fugiam, sussurrando e rindo pelo beco, apenas, porém, para voltar com a próxima rajada de vento e repetir sua impertinência. Do outro lado do meu quarto, uma única janela quadrada se abre em uma espécie de queda, ou poço, que mede cerca de dois metros até a parede dos fundos de outra casa. Por esse funil, o vento mergulhava, soprava e gritava. Tais ruídos eu nunca ouvi antes. Entre estes passatempos, sentei-me junto a lareira com um sobretudo, ouvindo o estrondo profundo na chaminé. Era como estar em um navio em alto-mar, quase imaginei que o chão subiria e balançaria para lá e pra cá.

12 de outubro. Eu gostaria de não estar tão sozinho e tão pobre. E, no entanto, amo minha solidão e minha pobreza. O primeiro me faz apreciar a companhia do vento e da chuva, enquanto o último preserva meu fígado e

impede-me de perder tempo dançando com mulheres. Homens pobres e malvestidos não são “pares” aceitáveis.

Meus pais estão mortos e minha única irmã está – não, não exatamente morta, mas casada com um homem muito rico. Eles viajam a maior parte do tempo, ele para encontrar saúde, ela para perder-se. Há muito ela se foi da minha vida, e por pura negligência de sua parte. A porta se fechou quando, após um silêncio absoluto de cinco anos, ela me enviou um cheque de 50 libras no Natal. Assinado por seu marido! Devolvi a ela em mil pedaços e em um envelope sem selo. Portanto, pelo menos tive a satisfação de saber que lhe custou alguma coisa! Ela escreveu de volta com uma caligrafia de pena larga que cobria uma página inteira com três linhas: “Você está evidentemente tão maluco como sempre, e rude e ingrato ainda por cima”. Sempre temi que a insanidade na família do meu pai saltasse pelas gerações e aparecesse em mim. Esse pensamento me assombrava e ela sabia muito bem. Então, depois dessa pequena troca de civilidades, a porta bateu para nunca mais se abrir. Ouvi o estrondo que fez e, com ele, vieram a baixo as paredes do meu coração, compostas de muitos pedacinhos de porcelana, cada um com seu valor particular – porcelana rara, algumas delas, que apenas precisavam ser livradas do pó. As mesmas paredes também carregavam espelhos nos quais eu costumava ver refletidos os gramados enevoados da infância, as coroas de margaridas, as flores dilaceradas pelo vento e espalhadas no pomar em dias de chuvas de verão, a caverna onde se escondiam os ladrões em nossos longos passeios e o estoque de maçãs guardado secretamente no palheiro. Ela era minha companheira inseparável na época... mas, quando a porta bateu, os espelhos partiram em todo o seu comprimento e as visões guardadas por eles desapareceram para sempre. Agora estou sozinho. Aos quarenta anos, ninguém pode começar tudo de novo e construir amizades cuidadosas como essa, todas as outras são comparativamente inúteis.

14 de outubro. Meu quarto tem três por três. Fica abaixo do nível do cômodo da frente, da minha sala, e um degrau faz a transição para baixo. Ambos os quartos são muito tranquilos em noites calmas, pois não há tráfego nesta ruela abandonada. Apesar de brincadeiras ocasionais do vento, é uma área mais protegida. No final da rua, abaixo de minhas janelas, todos os gatos da vizinhança se reúnem assim que escurece. Eles geralmente se deitam imperturbados na longa saliência de uma janela falsa do prédio oposto, pois

depois que o carteiro veio e se foi às 9h30, nenhum passo ousa interromper seu sinistro conclave, nenhum passo além do meu, ou, às vezes, o andar instável do filho que “faz *qualqué* coisa num ônibus”.

15 de outubro. Jantei em um restaurante A. B. C.¹⁶, comi ovos pochê e café, depois caminhei ao redor do Regent’s Park. Eram dez horas quando cheguei em casa. contei nada menos que treze gatos, todos de cor escura, agachados e protegidos do vento naquele lado das paredes do beco. Era uma noite fria e as estrelas cintilavam como cristais de gelo em um céu azul-escuro. Os gatos viraram suas cabeças e observaram-me em silêncio enquanto eu passava. Uma estranha sensação de timidez tomou conta de mim sob o brilho de tantos pares de olhos vidrados. Enquanto eu me atrapalhava com a chave, eles pularam sem fazer barulho e pressionaram-se contra minhas pernas, como se ansiosos para entrar, mas fechei a porta na cara deles e corri escada acima. A sala da frente, quando entrei para procurar os fósforos, parecia tão fria quanto uma câmara de pedra e o ar tinha uma umidade incomum.

17 de outubro. Por vários dias, venho trabalhando em um artigo pesado que não permite divagações fantasiosas. Minha imaginação requer rédeas sensatas; tenho medo de soltá-la, pois, às vezes, me leva a lugares terríveis, além das estrelas, nos confins do mundo. Ninguém percebe o perigo mais do que eu. Mas que coisa tola de se escrever aqui; pois não há ninguém para saber, ninguém para perceber! Minha mente, nesses últimos dias, tem tido pensamentos incomuns, pensamentos que nunca tive antes, sobre remédios e drogas e o tratamento de doenças estranhas. Não consigo imaginar de onde vem. Em nenhum momento da minha vida, pensei em coisas como essas e agora meu cérebro está o tempo todo ocupado com elas. Não tenho feito exercícios ultimamente, porque o frio é gritante; e passo todas as minhas tardes na sala de leitura do Museu Britânico, onde tenho um bilhete de leitor.

Fiz uma descoberta desagradável: há ratos em casa. À noite, da minha cama, eu os ouço correndo pelas colinas e vales no chão do cômodo da frente, e por isso meu sono tem sido muito inquieto.

19 de outubro. A senhoria, eu acho, tem uma criança com ela, provavelmente filho de seu filho. Quando o tempo está bom, ele brinca no beco e puxa um carrinho de madeira sobre as pedras. Uma das rodas está desalinhada e faz um barulho perturbador. Depois de aguentar o máximo

possível, deu-me nos nervos, eu não conseguia escrever. Então, toquei a campainha. Emily veio até mim.

— Emily, você pode pedir ao garotinho para fazer menos barulho? É impossível trabalhar.

A menina desceu as escadas, logo em seguida a criança foi chamada pela porta da cozinha. Eu me senti um bruto por estragar sua brincadeira. Em alguns minutos, porém, o barulho recomeçou e senti que ele era o bruto. Ele arrastou o brinquedo quebrado com um barbante sobre as pedras até que o barulho penetrante abalou todos os nervos do meu corpo. Tornou-se insuportável e toquei a campainha uma segunda vez.

— Esse barulho precisa parar! — eu disse a garota, com decisão.

— Sim, senhor — ela deu um sorriso forçado —, eu sei... mas uma das rodas tá desalinhada. Os homens no estábulo se ofereceram para consertar, mas ele não quis. Diz que gosta assim.

— Não me importa o que ele gosta. O barulho precisa parar. Eu não consigo escrever.

— Sim, senhor. Vou dizer à sra. Monson.

O barulho, então, parou durante o dia.

23 de outubro. Todos os dias da semana passada aquele carrinho sacudi sobre as pedras, até que comecei a pensar nele como uma enorme carroça de transporte com quatro rodas e dois cavalos; e todas as manhãs fui obrigado a tocar a campainha e pedir para que parasse. A última vez, a própria sra. Monson apareceu e disse que sentia muito por eu ter me aborrecido; o barulho não ocorreria novamente. Com rara discursividade, ela perguntou se eu me sentia confortável e se gostava dos quartos. Eu respondi com cautela. Mencionei os ratos. Ela disse que eram camundongos. Falei das correntes de ar. Ela disse: “Sim, a casa é bem ventilada”. Eu me referi aos gatos e ela disse que estavam ali desde que ela conseguia se lembrar. Para concluir, ela me informou que a casa tinha mais de duzentos anos e que o último cavalheiro que ocupou meus aposentos era um pintor como “um verdadeiro Jimmy Bueys e Raffles pintando *as paredes*”. Levei alguns momentos para perceber que ela fazia referência a Cimabue¹⁷ e Raphael.¹⁸

24 de outubro. Ontem à noite, o filho que “faz *qualqué* coisa num ônibus” entrou. Ele evidentemente havia bebido, pois ouvi vozes altas e nervosas lá

embaixo, na cozinha, muito depois que fui para a cama. Em um momento, também percebi as palavras estranhas que subiam até mim pelo assoalho: “Queimar de cima a baixo, isso sim, é a única coisa que vai consertar essa casa”. Bati no chão e as vozes cessaram de repente, embora mais tarde eu ouvi seu clamor em meus sonhos.

Estes quartos são muito quietos, às vezes, quase quietos demais. Em noites sem vento, eles ficam silenciosos como tumbas e dá pra pensar que a casa está a quilômetros no campo. O rugido do tráfego de Londres chega até mim apenas em vibrações pesadas e distantes. Vem com uma nota sinistra às vezes, como a de um exército se aproximando, ou uma imensa onda de maremoto, trovejando na noite ao longe.

27 de outubro. A sra. Monson, embora muito quieta, é uma mulher tola e cheia de manias. Ela faz coisas tão estúpidas. Ao tirar o pó da sala, coloca todos os meus pertences nos lugares errados. Os cinzeiros, que deveriam ficar em cima da escrivaninha, ela deixa em uma ridícula fileira sobre o consolo da lareira. A bandeja de canetas, que deveria ficar ao lado do tinteiro, ela esconde astuciosamente entre os livros da minha mesa de leitura. Minhas luvas, ela arruma todos os dias em uma formação idiota em cima de uma estante com alguns livros, e eu sempre tenho que reorganizá-las na mesa de canto, ao lado da porta. Ela deixa minha poltrona em ângulos impossíveis entre a lareira e a lamparina. A toalha de mesa – aquela com manchas do Trinity Hall¹⁹ – ela coloca sobre a mesa de tal forma que, quando olho, sinto como se tivesse vestido minha gravata e roupas ao contrário. Ela me enfurece. Mesmo seu silêncio e mansidão são irritantes. Às vezes, quero jogar o tinteiro nela, só para trazer alguma expressão em seus olhos lacrimejantes e um guincho naqueles lábios incolores. Céus! Que expressões violentas estou usando! Que tolice minha! E, no entanto, é quase como se as palavras não fossem minhas, mas ditas em meu ouvido... quer dizer, nunca uso esses termos.

30 de outubro. Estou aqui há um mês. Acho que o lugar não combina comigo. Minhas dores de cabeça são mais frequentes e violentas e meus nervos são uma fonte perpétua de desconforto e aborrecimento.

Eu peguei uma grande antipatia pela sra. Monson, um sentimento, tenho certeza, que ela retribui.

De alguma forma, tenho sempre a impressão de acontecerem coisas nesta casa das quais nada sei, que ela tem o cuidado de esconder de mim.

Ontem à noite, o filho dela dormiu na casa e esta manhã, quando eu estava à janela, o vi sair. Ele olhou para cima e chamou minha atenção. Foi uma figura grosseira e um rosto singularmente repulsivo que vi, e ele me deu o benefício de um olhar malicioso muito desagradável. Pelo menos, foi o que imaginei.

Estou sensível demais às ninharias, eu sei, e suponho que se deva aos meus nervos transtornados. No Museu Britânico, esta tarde, notei várias pessoas na mesa dos leitores olhando para mim e observando cada movimento meu. Sempre que erguia os olhos dos livros, encontrava o olhar deles em mim. Pareceu-me desnecessário e desagradável, e saí mais cedo do que de costume. Quando cheguei à porta, dei uma última olhada na sala e vi todas as cabeças da mesa viradas em minha direção. Isso me incomodou muito, mas sei que é tolice prestar atenção nessas coisas. Quando estou bem, não as noto. Devo me exercitar. Ultimamente, não tenho feito quase nenhum exercício.

2 de novembro. A quietude absoluta desta casa está começando a me deprimir. Gostaria que tivesse outros companheiros morando no andar de cima. Nenhum passo jamais soa acima e nenhum andar passa pela minha porta para subir o próximo lance de escadas. Estou começando a sentir um pouco de curiosidade para me aventurar, para ver como são os quartos superiores. Sinto-me sozinho e isolado aqui, varrido para um canto deserto do mundo e esquecido... Uma vez, eu até me peguei olhando para aqueles longos espelhos rachados, na tentativa de ver a luz do sol dançando sob as árvores no pomar, mas apenas sombras profundas se reúnem lá agora, rapidamente desisti.

O dia foi muito escuro e sem nenhum vento. As névoas começaram. Tive de usar uma lâmpada de leitura durante toda a manhã. Não ouvi o carrinho de brinquedo hoje. Senti falta do ruído. Esta manhã, em meio a escuridão e silêncio, acho que quase poderia tê-lo saudado. Afinal, é um som muito humano, e essa casa vazia no final do beco guarda outros ruídos não tão humanos.

Nunca vi um policial na rua e os carteiros sempre saem correndo, não querem ficar muito tempo por aqui.

22h00. Enquanto escrevo isso, não ouço nenhum som além do murmúrio profundo do tráfego distante e o suspiro baixo do vento. Os dois sons se fundem. De vez em quando, um gato solta seu grito estridente e arrepiante na escuridão. Os gatos estão sempre abaixo das minhas janelas quando escurece. O vento mergulha no funil com um ruído semelhante ao súbito bater de asas imensas e distantes. É uma noite triste. Eu me sinto perdido e esquecido.

3 de novembro. Das minhas janelas, posso ver as pessoas chegando. Quando alguém bate à porta, consigo ver o chapéu, os ombros e a mão na campainha. Apenas dois colegas vieram me visitar desde que cheguei aqui, há dois meses. Os dois eu vi da janela antes de subirem e ouvi suas vozes perguntando se eu estava em casa. Nenhum deles voltou.

Terminei aquele artigo difícil. Ao lê-lo inteiro, no entanto, fiquei insatisfeito e risquei meu lápis em quase todas as páginas. Havia expressões e ideias estranhas que eu não conseguia explicar, encarei-as com espanto, para não dizer com medo. Não pareciam *minhas palavras* e não me lembrava de tê-las escrito. Será que começo a sofrer da memória?

Nunca consigo encontrar minhas canetas. Aquela velha estúpida as coloca em um lugar diferente a cada dia. Devo lhe dar o devido crédito por encontrar tantos novos esconderijos; tal engenhosidade é uma maravilha. Eu disse a ela várias vezes, mas ela sempre diz: “Vou *falá* com a Emily, senhor”. Emily sempre diz: “Vou dizer à sra. Monson, senhor”. Sua tolice me irrita e dispersa meus pensamentos. Eu queria furar as duas com as canetas perdidas e colocá-las para fora, com os olhos vendados, para serem arranhadas e atacadas por aqueles milhares de gatos famintos. Uau! Que pensamento horrível! De onde veio isso? Essa ideia não é mais minha do que de um policial. Mesmo assim, senti que *precisava* escrever. Era como se uma voz cantasse em minha cabeça, e minha caneta não parou até que a última palavra terminasse. Que coisa mais absurda e ridícula! Devo e irei me controlar. Devo fazer exercícios mais regulares; meus nervos e fígado estão me atormentando muito.

4 de novembro. Assisti a uma curiosa palestra no French Quarter sobre “Morte”, mas a sala estava tão quente e eu tão cansado que adormeci. A única parte que ouvi, no entanto, tocou minha imaginação vividamente. Ao falar sobre suicídios, o palestrante disse que o suicídio não era uma fuga das misérias do presente, mas apenas uma preparação para um sofrimento maior no futuro. Os suicidas, declarou ele, não podem se esquivar de suas

responsabilidades com tanta facilidade. Eles devem voltar para retomar a vida exatamente onde colocaram um fim tão violento, mas com o acréscimo de dor e punição de sua fraqueza. Muitos deles vagam pela terra em uma miséria indescritível até que possam *se revestir* do corpo de outra pessoa... geralmente, um lunático ou uma pessoa de mente fraca, que não consegue resistir à sua horrível obsessão. Este é o seu único meio de fuga. Certamente, uma ideia estranha e pavorosa! Eu gostaria de ter dormido durante a palestra toda e não ter ouvido nada. Minha mente é mórbida o suficiente sem essas fantasias medonhas. Essa doutrina maliciosa deve ser interrompida pela polícia. Vou escrever para o Times e sugerir. Boa ideia!

Voltei para casa pela rua Greek, Soho, e imaginei que o calendário havia voltado cem anos, e De Quincey²⁰ ainda estava lá, assombrando a noite com invocações para sua droga “justa, sutil e poderosa”.²¹ Seus grandes sonhos pareciam pairar não muito longe dali. Uma vez que começaram a borbulhar em meu cérebro, as imagens se recusaram a ir embora; e eu o vi dormindo naquela mansão fria e vazia com a estranha criancinha abandonada, que tinha medo dos fantasmas que habitavam aquele lugar, ambos juntos nas sombras sob uma única manta de cavaleiro; ou vagando na companhia da espectral Anne; ou, ainda depois, a caminho do eterno encontro na Great Titchfield, o encontro que ela nunca conseguiu manter. Que melancolia indescritível, que horror incalculável de dor e sofrimento tomou conta de mim enquanto tentava me colocar no lugar daquele homem – menino que ele era – e compreender o que carregava em seu coração solitário.²²

Quando subi o beco, vi uma luz na janela do último andar e uma cabeça e ombros projetados em uma sombra exagerada sobre a cortina. Eu me perguntei o que o filho da senhoria poderia fazer ali em tal hora.

5 de novembro. Esta manhã, enquanto escrevia, ouvi o rangido de alguém subindo as escadas e a pessoa bateu com cuidado à minha porta. Pensando que fosse a senhoria, eu disse: “Entre!”. A batida se repetiu e eu falei mais alto: “Entre, entre!”. Mas ninguém girou a maçaneta e continuei a escrever com um vexado murmúrio: “Bem, fique do lado de fora, então!”. Continuei escrevendo. Tentei, mas meus pensamentos de repente secaram na fonte. Não consegui escrever uma única palavra. Era uma manhã escura, de nevoeiro amarelo, e o ar por si só rendia pouca inspiração, mas o pensamento daquela mulher ridícula parada do lado de fora da porta esperando ser dita novamente

para entrar encheu minha mente de uma irritação que excluiu todo resto. Por fim, levantei-me e abri a porta.

— O que a senhora quer e por que diabos não entra? — eu exclamei, mas as palavras morreram no ar vazio.

Não tinha ninguém ali. A névoa erguia-se em densos espirais amarelos pela escadaria, mas não se via sinal de um ser humano em lugar nenhum.

Bati a porta, amaldiçoando a casa e seus ruídos, e voltei ao meu trabalho. Poucos minutos depois, Emily entrou com uma carta.

— Você ou a sra. Monson estavam do lado de fora alguns minutos atrás, batendo na minha porta?

— Não, senhor.

— Tem certeza?

— A sra. Monson foi no mercado e além do senhor, só eu e o menino *tamos* em casa. Faz uma hora que eu tava lavando a louça.

Pareceu-me que o rosto da garota empalideceu um tom. Ela se moveu inquieta em direção à porta e deu um olhar por cima do ombro.

— Espere, Emily — disse eu, então contei a ela o que tinha ouvido. Ela me encarou de maneira tola, embora seus olhos passem de vez em quando para itens na sala. — Quem era? — perguntei quando cheguei ao final.

— A sra. Monson diz que são camundongos — disse ela, como se repetindo uma lição que lhe foi ensinada.

— Camundongos! — exclamei. — Não é nada do tipo. Alguém tateava do lado de fora da minha porta. Quem foi? O filho da senhoria está em casa?

Toda sua atitude mudou em um instante; ela ficou séria em vez de evasiva. Como se ansiosa para contar a verdade.

— Ah, não. Não tem ninguém em casa além do senhor, eu e a criança, e não podia ter ninguém na sua porta. Mas as batidas... — Ela parou abruptamente, como se tivesse dito muito.

— Bem, o que pode me dizer sobre as batidas? — perguntei, um pouco mais gentil.

— Claro — gaguejou ela —, as batidas não podem ser os camundongos, nem os passos, né, mas daí... — Novamente, ela parou.

— Há algo de errado com a casa?

— Jesus, não senhor; os encanamentos são esplêndidos.

— Não quero dizer os encanamentos, garota. O que quero dizer é: algo de ruim já aconteceu aqui?

Ela enrubesceu até as raízes dos cabelos, então empalideceu de novo. Estava obviamente angustiada, havia algo deixando-a ansiosa, mas parecia ter medo de contar, alguma coisa proibida sobre a qual ela não tinha permissão de mencionar.

— Eu não me importo com o que é, só gostaria de saber — disse eu encorajando-a.

Levantando seus olhos assustados para o meu rosto, ela começou a deixar escapar algo sobre “o que aconteceu uma vez com o cavalheiro que morava no andar de cima”, quando uma voz estridente chamando seu nome soou abaixo.

— Emily, Emily!

Era a senhoria que retornava e a garota titubeou escada abaixo como se puxada para trás por uma corda, deixando-me cheio de perguntas sobre o que poderia ter acontecido a um cavalheiro no *andar de cima*, que afetaria meus ouvidos no *andar de baixo*.

10 de novembro. Tive ótimo progresso; terminei aquele artigo difícil e enviei-o para o Review, e eles encomendaram outro. Sinto-me bem e alegre, tenho praticado exercícios regularmente e dormido bem; sem sofrer de dores de cabeça, nervos, fígado! Essas pílulas que o farmacêutico recomendou são maravilhosas. Observo o menino brincando com seu carrinho e não fico nervoso; quase tenho vontade de me juntar a ele. Até a senhoria de rosto cinza desperta pena em mim; sinto muito por ela: tão desgastada, tão cansada, arranjada de um jeito tão estranho, assim como o prédio. Ela parece ter sofrido algum choque de terror e temer outro a qualquer momento. Quando falei com ela hoje, com muita delicadeza, sobre não colocar as canetas no cinzeiro e as luvas na estante, ela ergueu os olhos fracos para mim pela primeira vez e disse com a sombra de um sorriso: “vou tentar lembrar, senhor”. Senti-me inclinado a lhe dar um tapinha nas costas e dizer: “Vamos! Anime-se e fique feliz. A vida não é tão ruim, afinal”. Ah! Eu estou muito melhor. Nada se compara ao ar livre, ao sucesso e ao bom sono. Eles remendam as porções do coração consumidas pelo desespero e insatisfação como se por mágica. Até aos gatos me sinto amigável. Quando entrei às onze

horas essa noite, eles me seguiram até a porta em uma torrente e abaixei-me para acariciar o que estava mais próximo de mim. Bah! O bruto sibilou, lançou-se para frente e golpeou-me com as patas. A garra pegou minha mão e tirou sangue em uma linha fina. Os outros dançaram em direção à escuridão, berrando, como se eu os tivesse machucado. Eu acredito que esses gatos realmente me odeiam. Talvez apenas estejam esperando reforços, então me atacam. Ha, ha! Apesar do aborrecimento momentâneo, essa fantasia me fez rir escada acima para meu quarto.

O fogo estava apagado e a sala parecia estranhamente fria. Enquanto apalpava meu caminho até a lareira para encontrar os fósforos, percebi de repente que havia outra pessoa parada ao meu lado na escuridão. É claro que eu não conseguia ver nada, mas meus dedos, tateando ao longo da borda, entraram em contato com algo que foi retirado no mesmo instante. Era frio e úmido. Eu poderia jurar que era a mão de alguém. Minha pele se arrepiou.

— Quem está aí? — exclamei em voz alta.

Minha voz despencou no silêncio como uma pedra em um fosso. Não houve resposta, mas então ouvi alguém se afastar de mim para o outro lado da sala, em direção à porta. Era uma espécie de passo confuso e o som de roupas roçando nos móveis pelo caminho. No mesmo segundo, minha mão achou a caixa de fósforos e acendi uma luminária. Esperava ver a sra. Monson ou Emily, ou talvez o filho que faz qualquer coisa em um ônibus. Mas o clarão do jato de gás iluminou uma sala vazia; não havia sinal de pessoa em lugar nenhum. Senti os fios de cabelo se levantarem na minha cabeça e instintivamente me apoiei na parede, temendo que algo se aproximasse de mim por trás. Eu estava muito alarmado, mas, no minuto seguinte, me recuperei. A porta estava aberta para o corredor, atravessei o cômodo com certa apreensão e saí. A iluminação do quarto incidia sobre as escadas, mas não havia ninguém à vista, nem pude perceber qualquer som na escada de madeira que sempre rangia, ou algo que indicasse a partida de alguém.

Eu estava prestes a me virar para entrar em meu quarto outra vez, quando um som acima de minha cabeça chamou minha atenção. Era um ruído muito fraco, não muito diferente de um leve sussurro do vento; no entanto, não poderia ser o vento, pois a noite estava inerte como um túmulo. Apesar de não ter se repetido, resolvi subir as escadas e ver o que poderia ser. Dois dos meus sentidos haviam sido afetados; tato e audição, e eu não poderia estar

enganado. Então, com uma vela acesa, saí em silêncio para minha desagradável jornada para as regiões superiores desta estranha casa velha.

No primeiro andar acima do meu, havia apenas uma porta e estava trancada. No segundo, também apenas uma porta, mas quando girei a maçaneta, ela se abriu. O ar frio e bolorento que é característico de uma sala há muito desocupada veio ao meu encontro. Acompanhado deste, um odor indescritível. Eu uso o adjetivo deliberadamente. Embora muito tênue, por assim dizer, diluído, fez algo subir pela minha garganta. Nunca senti um cheiro parecido com aquele antes, não consigo descrevê-lo.

O cômodo era pequeno e quadrado, bem próximo do telhado, com um teto inclinado e duas janelas minúsculas. Estava frio como uma sepultura, sem um retalho de tapete ou um pedaço de mobília. O ambiente gelado e o odor sem nome se misturaram, tornando o quarto abominável para mim e, depois de analisar o espaço por um momento, para ter certeza que não tinha armários ou cantos nos quais uma pessoa poderia ter se encolhido para se esconder, fechei a porta depressa e desci para a cama.

No final das contas, eu havia me enganado quanto ao barulho.

À noite, tive um sonho tolo, mas muito vívido. Sonhei que a senhoria e uma outra pessoa, que pareceu para mim em um borrão, pouco visível, entraram em meu quarto caminhando de quatro, seguidas por uma horda de gatos imensos. Eles me atacaram quando eu estava deitado na cama e assassinaram-me, e então arrastaram meu corpo para cima e depositaram-no no chão daquele quartinho frio sob o telhado.

11 de novembro. Desde minha conversa com Emily – a conversa inacabada – quase não a vejo. A sra. Monson agora atende todos aos meus chamados. Como sempre, ela faz tudo exatamente como eu não gosto. É bobagem mencionar, mas me irrita demais. Como pequenas doses de morfina repetidas com frequência, ela finalmente tem um efeito cumulativo.

12 de novembro. Esta manhã acordei cedo e vim até a sala da frente para pegar um livro, para ler na cama até a hora de me levantar. Emily estava acendendo o fogo.

— Bom dia! — eu disse alegremente. — Faça uma boa fogueira. Está muito frio.

A garota se virou e mostrou-me um rosto surpreso. Não era Emily de jeito nenhum!

— Onde está Emily? — exclamei.

— O senhor diz a garota que trabalhava aqui antes de mim?

— Emily foi embora?

— Eu cheguei no dia 6 — respondeu ela, mal-humorada — e ela não estava mais aqui.

Peguei meu livro e voltei para a cama. Emily deve ter sido mandada embora logo após nossa conversa. Essa reflexão se interpôs com frequência entre mim e a página impressa. Fiquei feliz quando chegou a hora de me levantar, pois pude pensar em outros assuntos.

Tal ação enérgica e rápida, tal decisão impiedosa, parecia querer dizer algo de importante — para alguém.

13 de novembro. O ferimento infligido pela garra do gato está inchado, aborrece-me e doí um pouco. Lateja e coça. Temo que meu sangue está em más condições, ou já teria sarado. Abri a lesão com um canivete embebido em solução antisséptica e limpei bem. Já ouvi histórias desagradáveis sobre feridas causadas por gatos.

14 de novembro. Apesar do curioso efeito que esta casa sem dúvidas exerce em meus nervos, gosto dela. É solitária e deserta, bem no coração de Londres, mas também por isso é tranquila para trabalhar. Pergunto-me por que é tão barata. Algumas pessoas suspeitariam de alguma coisa errada, mas eu nem perguntei o motivo. Não ter uma resposta é melhor do que uma mentira. Se apenas eu pudesse tirar os gatos de fora e os ratos de dentro. Sinto que vou me acostumar cada vez mais com suas peculiaridades e morrerei aqui. Ah, essa expressão é estranha e dá uma impressão errada: eu quis dizer *viver e morrer* aqui. Vou renovar o contrato de ano em ano até que um de nós se desintegre. Pelo que parece até agora, o prédio vai ser o primeiro.

16 de novembro. É terrível como a agitação em meus nervos aumenta e diminui o tempo todo; é um tanto desanimador. Esta manhã acordei com minhas roupas espalhadas pelo quarto e uma das cadeiras, a de vime, tombada ao lado da cama. Meu casaco e colete pareciam ter sido experimentados por alguém durante a noite. Tive sonhos muito vívidos também, nos quais alguém cobrindo o rosto com as mãos se aproximava de mim, lamentando como se estivesse com dor: “Onde poderei encontrar

abrigo? Oh, quem vai me vestir?”. Que tolice! Mas, ainda assim, assustou-me um pouco. Era real demais. Já faz mais de um ano desde a última vez que sofri de sonambulismo, andei dormindo e acordei com um grande choque na calçada fria da Earl’s Court Road, onde eu morava na época. Achei que estivesse curado, mas é óbvio que não. Tal descoberta me deixa inquieto. Esta noite vou recorrer ao velho truque de amarrar o dedo do pé à cabeceira da cama.

17 de novembro. Ontem à noite, fui assombrado outra vez por sonhos muito perturbadores. Durante a madrugada, alguém parecia estar se movendo para cima e para baixo em meu quarto, às vezes, passando para a sala da frente e depois voltando para ficar ao lado da cama e olhar fixamente para mim. Essa pessoa me vigiou a madrugada toda. Na verdade, não acordei, embora diversas vezes estivesse muito próximo de fazê-lo. Suponho que tenha sido um pesadelo devido a indigestão, pois esta manhã estou com uma das minhas velhas e horríveis dores de cabeça. No entanto, todas as minhas roupas estavam caídas no chão quando acordei, onde haviam sido atiradas – eu as havia jogado? – durante as horas de escuridão, e minhas calças alastravam-se pelo degrau da sala da frente. Mas pior do que isso; pensei ter notado no quarto pela manhã aquele odor estranho e fétido. Embora muito fraco, sua mera lembrança é asquerosa e nauseante. O que pode ser, eu me pergunto? Vou deixar minha porta trancada de agora em diante.

26 de novembro. Fiz um ótimo trabalho durante a semana passada e também consegui me exercitar regularmente. Sinto-me bem e com a mente equilibrada. Apenas duas coisas perturbam meu equilíbrio. A primeira é trivial em si e, sem dúvidas, pode ser facilmente explicada. A janela superior onde vi a luz na noite de 4 de novembro, com a sombra de uma grande cabeça e ombro sobre a cortina, é uma das janelas da salinha quadrada sob o telhado. Na realidade, não tem *cortina nenhuma!*

A outra coisa é: eu voltava para casa ontem à noite enquanto a neve caía, por volta das onze horas, com meu guarda-chuva baixo sobre minha cabeça. No meio do beco, onde a neve não tinha sido pisada, vi as pernas de um homem à minha frente. O guarda-chuva escondia o resto de sua pessoa, mas ao erguê-lo, vi que ele era alto e largo, e caminhava, como eu, em direção à porta da minha casa. Ele não podia estar mais de um metro à minha frente. Achei que o beco estava vazio quando entrei, mas é claro que me enganei.

Uma súbita rajada de vento obrigou-me a baixar o guarda-chuva e, quando o ergui de novo, nem meio minuto depois, já não tinha homem nenhum. Com mais alguns passos, alcancei a porta. Estava trancada como de costume. Então, percebi, com uma repentina sensação preocupante, que a superfície da neve recém-caída estava *intacta*. Minhas pegadas eram as únicas que podiam ser vistas em qualquer lugar, e embora eu tenha feito meu caminho até o ponto, onde vi o homem pela primeira vez, não pude encontrar a menor impressão de qualquer outra bota. Sentindo-me esquisito e desconfortável, subi as escadas e fiquei aliviado em ir para a cama.

28 de novembro. Desde que tenho dormido com a porta do meu quarto fechada, os distúrbios cessaram. Estou convencido de que sofri de sonambulismo. Provavelmente, desamarrei meu dedão do pé e o amarrei novamente. A segurança imaginária da porta trancada por si só teria sido suficiente para restaurar o sono do meu espírito perturbado e deixar-me descansar em silêncio.

Na noite passada, porém, o aborrecimento se renovou de outra forma, mais agressiva. Acordei na escuridão com a impressão de que alguém estava do lado de fora da porta do meu quarto *ouvindo*. À medida que minha mente despertava, a impressão cresceu e tornou-se uma certeza. Embora não houvesse nenhum som distinto de movimento ou respiração, eu estava tão convencido da proximidade de um ouvinte que me arrastei para fora da cama e aproximei-me da porta. Ao fazê-lo, veio vagamente da sala ao lado o som inconfundível de alguém se retirando furtivamente pelo chão. Ainda assim, pelo que ouvi, não era o caminhar de um homem, nem um passo regular, mas, sim, me parecia, uma espécie de rastejar confuso, quase como o de alguém que se movia de joelhos e com as palmas das mãos.

Destranquei a porta em menos de um segundo e passei para a sala da frente e pude sentir, como se pelas vibrações mais sutis imagináveis em meus nervos, que o lugar em que eu estava de pé acabava de ser vago! O Ouvinte havia se movido; ele agora estava atrás da outra porta, parado no corredor. No entanto, essa porta também estava trancada. Eu me movi rapidamente, sem fazer nenhum som, e girei a maçaneta. Uma rajada de ar frio me encontrou no corredor e enviou calafrios após calafrios pelas minhas costas. Não havia ninguém na porta; não havia ninguém no pequeno corredor; não havia ninguém descendo a escada. Mesmo assim, fui tão veloz que esse

Ouvinte da meia-noite não poderia estar muito longe e senti que, se eu insistisse, ficaria cara a cara com ele. A coragem que veio tão oportunamente para superar meu nervosismo e horror, parecia nascida da convicção relutante de que era de alguma forma necessário para minha segurança, bem como minha sanidade, que eu encontrasse esse intruso e arrancasse o segredo dele. Pois não foi a ação premeditada de sua mente sobre a minha, em sua escuta concentrada, que me despertou com a percepção tão vívida de sua presença?

Avancei pelo estreito corredor e espiei no poço que descia a escadaria e dava para o térreo. Não tinha nada para ser visto; ninguém se movia na escuridão. Como o piso oleado era frio para meus pés descalços!

Não posso dizer ao certo o que, de repente, atraiu meu olhar para cima. Só sei que, sem motivo aparente, olhei para o alto e vi uma pessoa a meio caminho da próxima curva da escada, inclinando-se sobre a balaustrada olhando diretamente para o meu rosto. Era um homem. Ele parecia estar agarrado ao corrimão em vez de ficar de pé na escada. A escuridão tornava impossível ver muito além do contorno geral, mas a cabeça e os ombros eram enormes e destacavam-se nitidamente contra a claraboia no telhado bem acima. A compreensão iluminou meu cérebro em um instante; eu encarava o rosto de algo monstruoso. O enorme crânio, o cabelo como uma juba, os ombros largos e curvos sugeriam, de uma forma que não parei para analisar, que aquilo mal era humano; e por alguns segundos, fascinado pelo horror, devolvi o olhar e examinei o semblante escuro e impenetrável acima de mim, sem saber exatamente onde eu estava ou o que fazia.

Então, percebi de uma maneira totalmente nova que me encontrava cara a cara com o secreto Ouvinte da meia-noite, e me preparei o melhor que pude para o que viria.

A fonte da audaciosa coragem que veio a mim neste momento terrível, será para sempre um mistério inexplicável. Embora tremendo de medo, e com minha testa molhada de um orvalho profano, decidi avançar. Vinte perguntas saltaram aos meus lábios: “O que é você? O que quer? Por que escuta e observa? Por que entra em meu quarto?”, mas nenhuma delas encontrou expressão articulada.

Comecei imediatamente a subir as escadas e, aos primeiros sinais do meu avanço, *ele* regrediu para as sombras e começou a mover-se também. Afastou-se tão rápido quanto eu avancei. Ouvi o som de seu movimento

engatinhando alguns passos à minha frente, sempre mantendo a mesma distância. Quando cheguei ao patamar, ele estava na metade do lance seguinte, e quando eu atingi a metade do lance seguinte, ele já havia alcançado o patamar superior. E então, o ouvi abrir a porta do quartinho sob o telhado e entrar. Imediatamente, embora a porta não tivesse se fechado atrás dele, o som de seus movimentos cessou.

Naquele momento, eu ansiava por uma chama, ou um bastão, ou qualquer outra arma; mas eu não tinha nenhuma dessas coisas e era impossível voltar. Então, marchei pelo resto da escada e, em menos de um minuto, vi-me de pé na escuridão, cara a cara com a porta pela qual essa criatura acabara de entrar.

Por um instante, hesitei. A porta estava meio aberta e o Ouvinte desempenhava sua atitude evidentemente favorita logo atrás dela: ele ouvia. Procurá-lo naquele quarto escuro me parecia impossível; dividir com ele aquele mesmo pequeno espaço me parecia horrível. A ideia me encheu de repugnância e quase decidi voltar para trás.

É estranho como nessas horas, as coisas triviais se chocam com a consciência e transformam-se em algo importante e imenso. Algo – pode ter sido um besouro ou um rato – correu pelas tábuas atrás de mim. A porta se moveu meio centímetro e fechou-se. Minha resolução voltou com uma urgência repentina e esticando um pé, chutei a porta de modo que abriu bruscamente em toda a sua extensão e permitiu-me caminhar com passos lentos para a entrada, até a escuridão profunda além. Que som estranho e suave meus pés descalços faziam nas tábuas! Como o sangue cantou e zumbiu na minha cabeça!

Eu estava dentro. As sombras se fecharam sobre mim, escondendo até as janelas. Tateei meu caminho ao redor das paredes em uma busca completa; mas para evitar qualquer possibilidade de fuga do outro, antes de tudo, *fechei a porta*.

Lá estávamos, nós dois, fechados entre quatro paredes, a poucos metros um do outro.

Mas com o que, com quem, fui assim momentaneamente aprisionado? Uma nova luz brilhou sobre o caso, dessa vez, com uma cintilância rápida e esclarecedora – e eu me dei conta de que era um idiota, um idiota absoluto! Eu estava bem acordado agora, e o horror havia evaporado. Meus malditos nervos de novo; um sonho, um pesadelo e o velho resultado: andar dormindo.

A figura era a figura de um sonho. Muitas vezes antes, os atores dos meus sonhos continuaram diante de mim por alguns momentos depois de acordar...

Havia um fósforo esquecido no bolso do meu pijama e eu o acendi contra a parede. A sala estava totalmente vazia. Não tinha nem mesmo uma sombra. Desci rapidamente para a cama, amaldiçoando minha agitação miserável e meus sonhos tolos e vívidos. Mas assim que adormeci outra vez, a mesma figura rude de um homem voltou para a minha cabeceira e, curvando-se sobre mim com sua cabeça imensa perto do meu ouvido, sussurrou em meus sonhos: “Eu quero seu corpo; quero sua cobertura. Espero por ele, e estou ouvindo sempre”. Palavras pouco menos tolas do que o sonho.

Mas me pergunto o que era aquele odor estranho no quartinho. Percebi de novo, e mais forte do que nunca na noite passada, parecia estar também no meu quarto quando acordei esta manhã.

29 de novembro. Lentamente, como os raios da lua exercem sua influência sobre um mar enevoadado de junho, dou-me conta que meus nervos e sonhos sonâmbulos não explicam adequadamente a influência que esta casa exerce sobre mim. Segura-me como se por uma rede fina e invisível. Não posso escapar, se quiser. Atrai-me e tem a intenção de me manter aqui.

30 de novembro. O correio da manhã trouxe uma carta de Aden, redirecionada de meus antigos quartos em Earl’s Court. Era do Chapter, meu ex-colega da Trinity, que está voltando do leste para casa e pedia meu endereço. Mandeí no hotel que ele mencionou, “para aguardar sua chegada”.

Como já disse, minhas janelas dão para o beco e vejo quem chega sem dificuldade. Esta manhã, enquanto eu escrevia, o som de passos subindo pelo beco me encheu de uma vaga sensação de inquietação que não pude explicar. Fui até a janela e vi um homem parado na rua, esperando a porta ser aberta. Seus ombros eram largos, sua cartola lustrosa e seu sobretudo se ajustava perfeitamente à gola. Tudo isso eu pude ver, mas nada mais. Logo a porta se abriu e o choque para meus nervos foi inconfundível quando ouvi uma voz de homem perguntar: “O sr – ainda está aqui?”, mencionando meu nome. Não consegui entender a resposta, mas só poderia ter sido afirmativa, pois o homem entrou no corredor e a porta se fechou atrás dele, mas esperei em vão pelo som de seus passos na escada. Não houve nenhum tipo de som. Pareceu-me tão estranho que abri a porta e olhei para fora. Ninguém estava à vista. Atravessei o estreito corredor e olhei pela janela que comanda toda a

extensão do beco. Não havia uma viva alma entrando ou saindo. A rua estava deserta. Então, desci as escadas até a cozinha e perguntei à senhoria de rosto cinzento se um cavalheiro tinha acabado de me chamar.

A resposta, dada com um sorriso estranho e cansado, foi:

— Não!

1º de dezembro. Sinto-me muito apreensivo e inquieto com o estado dos meus nervos. Sonhos são sonhos, mas nunca tive sonhos em plena luz do dia.

Estou muito ansioso pela chegada de Chapter. Ele é um ótimo sujeito, vigoroso, saudável, sem ansiedades e ainda menos imaginação; e ele tem 2.000 libras por ano a seu favor. De tempos em tempos, ele me faz ofertas; a última foi viajar ao redor do mundo com ele como secretário, o que era uma maneira delicada de pagar por minhas despesas e dar-me alguma mesada; ofertas, porém, que sempre recuso. Prefiro manter sua amizade. As mulheres jamais arruinaram nosso companheirismo; mas o dinheiro pode. Sendo assim, não dou oportunidade. Chapter sempre ria do que ele chamava de minhas “fantasias”, pois ele tinha somente aquele tipo de imaginação contida, que sempre é associada ao homem de mente prosaica. Sim, no entanto, se provocado por essa falta óbvia, sua ira será profundamente agitada. Sua personalidade é a do materialista completo; sempre uma característica muito engraçada. Será um alívio genuíno, no entanto, ouvir o julgamento frio que sua mente terá para transmitir sobre a história desta casa quando eu contar.

2 de dezembro. A parte mais estranha de tudo isso não mencionei neste breve diário. Para dizer a verdade, tive medo de colocá-la em preto e branco. Eu a deixei em segundo plano em meus pensamentos, evitando, tanto quanto possível, que tomasse forma. Apesar de meus esforços, no entanto, ela continuou a crescer cada vez mais.

Agora que encaro a questão de frente, é mais difícil de expressar do que eu imaginava. Como uma melodia meio esquecida que surge na cabeça, mas desaparece no momento em que se tenta cantá-la, esses pensamentos se agrupam no fundo da minha mente, *atrás* da minha mente, por assim dizer e se recusam a aparecer. Eles estão agachados, prontos para pular, mas o salto nunca acontece.

Nesses cômodos, exceto quando minha mente está concentrada em meu trabalho, vejo-me de repente perdido em pensamentos e ideias que não são meus! Conceitos novos e estranhos, totalmente forasteiros ao meu caráter,

brotam sem parar na minha cabeça. O que exatamente são, não tem importância nenhuma. A questão é que eles estão completamente separados do canal pelo qual meus pensamentos costumam fluir. Vêm em especial quando minha mente está em repouso, desocupada; quando me perco diante do fogo, ou sentado com um livro que não consegue prender minha atenção. Então, esses pensamentos alheios criam vida e me fazem sentir extremamente desconfortável. Às vezes, são tão fortes que quase sinto como se alguém estivesse ao meu lado, pensando em voz alta.

É evidente que meus nervos e meu fígado estão muito danificados. Devo trabalhar mais e fazer exercícios mais vigorosos. Os pensamentos horríveis nunca vêm quando minha mente está ocupada, mas eles estão sempre lá, esperando, como se estivessem vivos.

O que tentei descrever acima aconteceu aos poucos, depois de passar alguns dias na casa, e então cresceu continuamente em força. A outra coisa estranha me ocorreu apenas duas vezes em todas essas semanas, e *me apavora*. É a percepção da proximidade de alguma doença mortal e repulsiva. Atinge meus pensamentos como uma onda de calor febril e depois passa, deixando-me com frio e tremendo. O ar parece ficar contaminado por alguns segundos. Tão penetrante e convincente é o pensamento desta doença, que, em ambas as ocasiões, meu cérebro ficou tonto por alguns momentos, e em minha mente, como chamas de calor intenso, lampejaram os nomes agourentos de todas as doenças perigosas que conheço. Não posso explicar essas visitas mais do que posso voar, mas sei que não há como atribuir a um sonho a pele úmida, e o coração palpitante que tais pensamentos sempre deixam como testemunhas de sua breve visita.

Percebi a proximidade de uma doença mortal com mais força quando, na noite do dia 28, subi as escadas em busca da figura que ouvia. Quando estávamos trancados juntos naquele quartinho sob o telhado, senti que estava cara a cara com a verdadeira essência dessa doença invisível e maligna. Tal sentimento nunca entrou no meu coração antes, e oro a Deus que nunca mais volte a fazê-lo.

Pronto! Agora confessei. Eu dei alguma expressão, pelo menos, aos sentimentos que temo ver em minha escrita profissional. Pois – já que não posso mais me enganar – as experiências daquela noite – 28 – não foram mais um sonho do que meu café da manhã diário, é um sonho; e o registro

trivial neste diário, onde procurei explicar uma ocorrência de um horror indescritível, se deve apenas ao meu desejo de não reconhecer em palavras o que realmente sentia e acreditava ser verdade. Teria aumentado meu medo se o tivesse feito, e talvez em um nível maior do que poderia suportar.

3 de dezembro. Gostaria que Chapter chegasse. Meus fatos estão todos organizados e posso ver seus olhos frios e cinzentos, incrédulos, fixos em meu rosto enquanto conto-os: a batida na minha porta, o visitante bem-vestido que perguntou por mim, a luz na janela superior e a sombra sobre a cortina, o homem que caminhava na neve, minhas roupas espalhadas à noite, a confissão apreendida de Emily, o silêncio suspeito da senhoria, o ouvinte da meia-noite na escada e aquelas terríveis palavras subsequentes em meu sono; e, acima de tudo e o mais difícil de dizer, a presença da doença abominável e o fluxo de pensamentos e ideias que não são meus.

Posso ver o rosto de Chapter e quase ouvir suas palavras deliberadas: “Você esteve tomando aquele chá de novo, e está subnutrido, imagino, como de costume. É melhor consultar meu médico dos nervos e depois vir comigo para o sul da França”. Pois esse sujeito, que nada sabe sobre distúrbios hepáticos ou nervos tensos, vai regularmente a um grande especialista de nervos com a crença periódica de que seu sistema nervoso está começando a se deteriorar.

5 de dezembro. Desde o incidente do Ouvinte, mantenho uma luz noturna acesa em meu quarto e meu sono não é perturbado. Na noite passada, porém, houve um aborrecimento muito pior. Acordei de repente e vi um homem na frente da penteadeira olhando-se no espelho. A porta estava trancada, como sempre. Eu soube no mesmo momento que era o Ouvinte e o sangue gelou em minhas veias. Uma medonha onda de pavor tomou conta de mim e deixou-me rígido na cama, e eu não consegui me mover, nem falar. Notei, entretanto, que o odor tão abominado por mim estava forte no cômodo.

O homem parecia ser alto e ter ombros largos. Ele se inclinava para a frente sobre o espelho, de costas para mim, mas vi no reflexo uma enorme cabeça e rosto, iluminados em intervalos pela luz bruxuleante da vela. O cinza espectral do início da manhã se infiltrava pelas bordas das cortinas, e rendia um horror adicional à imagem, pois caía sobre o cabelo marrom claro, parecido com uma juba, emoldurando um rosto cujas feições rugosas e inchadas, uma vez vistas, jamais poderiam ser esquecidas, por carregarem a

expressão leonina de um – não me atrevo a escrever essa palavra horrível. Mas, a título de prova corroborativa, vi na tênue mistura das duas luzes, que havia várias manchas cor de bronze em suas bochechas, e que o homem evidentemente as examinava com muito cuidado no espelho. Os lábios eram pálidos, grossos e grandes. Uma das mãos eu não conseguia ver, mas a outra repousava no marfim da minha escova de cabelo. Seus músculos estavam estranhamente contraídos, os dedos finos e magros demais, as costas da mão muito enrugadas. Era como uma grande aranha cinza agachada para saltar, ou a garra de um grande pássaro.

Quando me dei conta de que estava sozinho no quarto com esta criatura sem nome, quase ao alcance de seu braço, a percepção me dominou a tal ponto que, quando ele, de repente, se virou e olhou-me com pequenos olhos redondos, totalmente desproporcionais à grandeza de seu rosto, sentei-me ereto na cama, soltei um grito e então caí para trás em um desmaio de terror.

5 de dezembro. ...Quando voltei a mim esta manhã, a primeira coisa que notei foi que minhas roupas estavam espalhadas pelo chão... Estou com dificuldade em organizar meus pensamentos e tenho acessos repentinos de tremores violentos. Decidi que iria hoje ao hotel de Chapter descobrir quando sua chegada era esperada. Não posso me referir ao que aconteceu durante a noite; é horrível demais e preciso manter meus pensamentos longe de tal coisa. Sinto-me tonto e estranho, não consegui tomar café da manhã e já vomitei com sangue duas vezes. Enquanto me vestia para sair, uma carruagem agitou as pedras do calçamento e, um minuto depois, a porta se abriu e, para minha grande alegria, entrou o assunto de meus pensamentos.

A visão de seu rosto vigoroso e olhos tranquilos teve um efeito imediato em mim, fiquei mais calmo. Até mesmo seu aperto de mão era uma espécie de tônico. Mas, enquanto ouvia ansiosamente os tons profundos de sua voz calmante e as visões noturnas empalideciam um pouco em minha mente, percebi como seria difícil contar a ele minha história insana e intangível. Alguns homens irradiam um vigor animal que destrói a delicada trama de uma concepção e bloqueiam sua reconstrução. Chapter era um desses homens.

Conversamos sobre incidentes que preencheram o intervalo desde nosso último encontro e ele me contou sobre suas viagens. Ele falava e eu ouvia, mas minha mente estava tão cheia da coisa medonha que eu tinha para contar,

que me tornei um mau ouvinte. Eu aguardava o tempo todo a minha oportunidade de avançar e romper de meus lábios a história toda.

Em pouco tempo, porém, percebi que ele também apenas falava para ganhar tempo. Tinha, assim como eu, algo importante no fundo de sua mente, algo muito pesado para deixar cair até o momento certo se apresentar. De maneira que, durante toda a primeira meia hora, ambos esperamos o momento psicológico em que devíamos lançar nossas respectivas bombas; e a intensidade da ação de nossas mentes criou forças opostas que meramente bastaram para manter uma à outra sob controle; e nada mais. Assim que percebi isso, portanto, resolvi ceder. Por algum tempo, renunciei a intenção de contar minha história e tive a satisfação de ver que sua mente, liberta da minha restrição, começou a fazer os preparativos para se livrar de seu importante fardo. A conversa ficou cada vez menos magnética; o interesse diminuiu; as descrições de suas viagens tornaram-se menos vivas. Houve pausas entre suas frases. Logo ele se repetiu. Suas palavras não refletiam pensamentos reais. As pausas ficaram mais longas. O interesse, então, sumiu, apagando-se como uma vela ao vento. Sua voz cessou e ele me encarou com olhos sérios e ansiosos.

O momento psicológico finalmente havia chegado!

— Meu amigo — ele começou, e então parou bruscamente.

Fiz um gesto de encorajamento, mas não disse uma palavra. Eu temia a revelação que estava prestes a acontecer. Uma sombra escura parecia precedê-la.

— Meu amigo — ele deixou escapar por fim. — O que no mundo o fez vir a este lugar... a esta pensão, quero dizer?

— É barata, para começar — falei — e central, e...

— É barata demais — interrompeu ele. — Você não perguntou por que é tão barata?

— Não me ocorreu na época.

Houve uma pausa em que ele evitou meus olhos.

— Pelo amor de Deus, vá em frente, cara, e diga! — eu pedi, pois o suspense se tornava maior do que eu conseguia suportar em meu estado de nervosismo.

— Este foi o lugar onde Blount viveu por tanto tempo — disse ele calmamente — e onde ele... morreu. Sabe, nos velhos tempos, eu costumava vir aqui para visitá-lo. Fazer o que podia para aliviar seu... — ele travou mais uma vez.

— Bem — disse eu, com grande esforço —, por favor, continue... mais rápido.

— Mas — Chapter continuou, virando seu rosto para a janela com um calafrio perceptível —, no final, ele ficou tão horrível que eu não pude mais suportar, embora sempre pensei que poderia suportar qualquer coisa. Deu-me nos nervos, eu comecei a sonhar, me assombrou dia e noite.

Eu o encarei e não disse nada. Nunca tinha ouvido o nome Blount na minha vida e não sabia do que ele estava falando. Ainda assim, eu tremia e minha boca estava seca.

— Esta é a primeira vez que volto aqui desde então — disse ele quase em um sussurro — e, lhe dou minha palavra, me dá arrepios. Juro que não é digno para um homem viver. Nunca vi você tão mal, meu velho.

— Comprometi-me por um ano — saltou de meus lábios, com uma risada forçada. — Assinei o contrato e tudo. Achei que era uma pechincha.

Chapter estremeceu e abotoou o sobretudo até o pescoço. Então ele falou em voz baixa, olhando às vezes para trás, como se alguém estivesse ouvindo. Eu também poderia jurar que outra pessoa estava na sala conosco.

— Foi ele quem fez, sabe, e ninguém o culpou nem um pouco; ele sofria muito. Nos últimos dois anos, ele costumava usar um véu quando saía e mesmo assim, estava sempre em uma carruagem fechada. Até o ajudante que cuidou dele por tanto tempo foi obrigado a ir embora. As extremidades de ambos os membros inferiores sumiram, caíram e ele se movia de quatro no chão com uma espécie de rastejo. O odor também era...

Fui obrigado a interrompê-lo. Não pude ouvir mais detalhes desse tipo. Minha pele estava úmida, minha temperatura alternava entre calor e frio, porque, afinal, eu estava começando a entender.

— Pobre diabo — continuou Chapter. — Eu costumava deixar os olhos fechados o máximo possível. Ele sempre implorava para tirar o véu e perguntava se eu me importava muito. Eu ficava perto da janela aberta. Mas

ele nunca me tocou. Ele alugou a casa inteira. Nada o convenceria a abandoná-la.

— Ele ocupou... estes mesmos quartos?

— Não. Ele tinha o quartinho no último andar, o quadrado logo abaixo do telhado. Preferia porque era escuro. Esses cômodos ficavam perto demais da rua e ele temia que as pessoas o vissem pelas janelas. Uma multidão costumava segui-lo até a porta e depois ficar embaixo das janelas, na esperança de ter um vislumbre de seu rosto.

— Mas existem hospitais.

— Ele não chegava perto de um, e eles não queriam forçá-lo. Sabe, dizem que *não* é contagioso, então não havia nada o impedindo de ficar aqui se quisesse. Ele passava o tempo todo lendo livros de medicina, sobre drogas e coisas do tipo. Sua cabeça e rosto se transformaram em algo terrível, como os de um leão.

Eu levantei minha mão para evitar uma descrição mais detalhada.

— Ele era um fardo para o mundo, e sabia disso. Uma noite, suponho que a percepção deste fato se tornou demais para que desejasse viver. Ele tinha o uso livre de drogas... e pela manhã, foi encontrado morto no chão. Dois anos atrás, isso foi, e eles disseram, na época, que ele ainda tinha vários anos de vida.

— Então, em nome dos céus! — supliquei, incapaz de suportar o suspense por mais tempo. — Diga-me o que ele tinha, e seja rápido.

— Pensei que você soubesse! — exclamou ele, com verdadeira surpresa. — Pensei que você soubesse!

Ele se inclinou para frente e nossos olhos se encontraram. Em um sussurro quase inaudível, peguei as palavras que seus lábios pareciam ter medo de pronunciar:

— Ele era um leproso!

¹³ Abreviação do valor monetário: pennie ou pence.

¹⁴ Abreviação do valor monetário: shilling.

¹⁵ Apesar de ter sido publicado em 1907, *O ouvinte* foi escrito em 1899, no período em que Blackwood ainda morava em Nova Iorque. Tanto as anotações de gastos quanto os projetos com que o personagem trabalha podem ser associados com os hábitos e atividades do autor. Blackwood já escrevia livros infantis naquela época e também mantinha um

diário que posteriormente seria a base de sua biografia, *Episodes Before Thirty*. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019).

16 A. B. C.: *Aerated Bread Company*. Restaurantes A. B. C. eram uma grande rede de salões de chá que se espalharam pelo Reino Unido durante o século XIX e XX. Foi originalmente estabelecida em 1862 como uma padaria que usava um método de fermentação sem levedura. Depois de se tornar pública em 1955, a empresa permaneceu por mais algumas décadas em operação, quando fechou no ano de 1982.

17 Pintor florentino da tradição bizantina (1240-1302).

18 Pintor renascentista (1483-1520).

19 Trinity Hall: Salão de refeições da Trinity College, Universidade de Cambridge.

20 Thomas De Quincey (1785-1859), escritor inglês conhecido por sua obra “Confissões de um comedor de ópio” (1821).

21 “Justa, sutil e poderosa” refere-se a uma passagem no livro de De Quincey: “*Oh! Justo, sutil e poderoso ópio!*”, a frase é uma citação por si só, pois corresponde a apóstrofe do poema de Sir Walter Raleigh (1552-1618), “*History of the World*”: “*Oh, eloquente, justa e poderosa Morte!*”.

22 O livro de Thomas De Quincey (Confissões de um comedor de ópio) é a primeira autobiografia de um viciado em drogas. A história tem uma intensa aura de decadência e desespero. Blackwood menciona aqui passagens da triste vida que levou o autor, entre a juventude vivendo na rua, amizades com prostitutas e seus constantes pesadelos devido ao uso de ópio.

OS SALGUEIROS

Título original: “The Willows”.

Publicado em 1907 no livro: “The Listener and Other Stories”.

Após deixar Viena, e muito antes de se chegar a Budapeste, o Danúbio entra em uma região de inigualável solidão e desolação, onde suas águas se espalham por todos os lados, independente de um canal central, e a área se torna um pantanal por quilômetros e quilômetros, coberto por um vasto oceano de arbustos de salgueiro. Nos grandes mapas, essa área deserta é colorida em um azul bebê, tornando-se mais fraco conforme deixa as margens, e na transversal, pode-se ler em letras grandes e esparsas a palavra *Sümpfe*, cujo significado é pântanos.

Em épocas de cheias, essa notável extensão de areia, bancos de cascalho e ilhas de salgueiros fica quase toda coberta por água, mas em estações normais, os arbustos se curvam e sussurram no vento constante, exibindo suas folhas prateadas sob sol em uma planície de incessante movimento e desconcertante beleza. Esses salgueiros nunca alcançam a dignidade das árvores; não têm troncos rígidos; permanecem humildes arbustos, com copas arredondadas e silhuetas delicadas, oscilando seus caules delgados que respondem à menor pressão do vento; flexíveis como capim, e sempre tão móveis que de alguma forma, dão a impressão de toda a planície estar viva e em movimento. Pois o vento envia ondas subindo e descendo por toda a superfície, ondas de folhas em vez de ondas de água, inundações verdes, também como o mar, até os galhos se virarem para cima, então de um branco prateado, quando a parte inferior das folhas se volta para o sol.

Feliz por escapar do controle de margens rigorosas, aqui o Danúbio passeia à vontade pela intrincada rede de canais que atravessam as ilhas por toda parte, com largas avenidas pelas quais as águas fluem com um som clamoroso; fazendo redemoinhos, turbilhões, e corredeiras espumantes; rompendo bancos arenosos; levando consigo massas de costa e pedaços de salgueiros; e gerando inúmeras novas ilhas que mudam todos os dias de tamanho e forma, e possuem, na melhor das hipóteses, uma vida efêmera, já que a época da cheia elimina sua existência.

Mais especificamente, esta fascinante parte da vida do rio começa logo após Pressburg, e nós, em nossa canoa canadense, com tenda cigana e frigideira a bordo, chegamos no pico de uma crescente inundação, em meados de julho²³. Naquela mesma manhã, quando o céu aos poucos enrubescia antes do nascer do sol, havíamos deslizado por uma Viena ainda adormecida, deixando-a algumas horas depois como uma mera mancha de fumaça contra as montanhas azuis de Wienerwald no horizonte. Tínhamos tomado o café da manhã abaixo de Fischeramend, sob um bosque de bétulas rugindo ao vento; e então continuamos navegando pela corrente tempestuosa, passando por Orth, Hainburg, Petronell – o antigo Carnuntum romano de Marco Aurélio – e assim sob o olhar severo das altitudes de Thelsen, na encosta das montanhas dos Cárpatos, onde o rio Morava invade silenciosamente da esquerda, e se cruza a fronteira entre a Áustria e a Hungria.

Em uma corrida de doze quilômetros por hora, o rio logo nos levou bem para o interior da Hungria, e as águas lamacentas – sinal claro de inundação – nos fez encalhar em diversos bancos de cascalho, e nos retorceu como rolhas em muitos esguichantes redemoinhos antes das torres de Pressburg – em húngaro, Poszóny – se mostrarem contra o céu; e então a canoa, saltando como um cavalo vigoroso, disparou a toda velocidade abaixo dos muros de pedra, seguiu com segurança a corrente da balsa Fliegende Brücke, deu uma virada brusca para a esquerda e mergulhou na espuma amarela em direção a uma selva de ilhas, bancos de areia e pântanos – a terra dos salgueiros²⁴.

A mudança veio de repente, como quando o filme de uma rua urbanizada muda sem aviso para um cenário de lago e floresta. Entramos voando na terra da desolação, e em menos de meia hora não havia barcos, nem cabanas de pesca, nem tetos vermelhos, nem qualquer sinal de habitação humana e civilização. A sensação de afastamento do mundo dos homens, o isolamento absoluto, o fascínio deste universo extraordinário de salgueiros, ventos, e águas, lançou seu feitiço sobre nós em um instante, e dissemos rindo um para o outro que seria nosso direito ter algum passaporte especial para nos admitir, e que tínhamos, com um tanto de audácia, entrado sem pedir licença em um pequeno reino isolado de maravilhas e magia – um reino reservado para o uso dos que tinham direito a ele, com avisos não escritos aos invasores por toda parte, para aqueles com a imaginação para vê-los.

Embora ainda fosse o início da tarde, os golpes incessantes de um vento turbulento nos deixou exaustos, e logo começamos a procurar por um lugar adequado para acampar e passarmos a noite. Mas a instabilidade da região dificultava a aterrissagem; a inundação rodopiante nos carregou até a margem, e depois nos varreu para longe novamente; os galhos de salgueiros cortaram nossas mãos quanto os agarramos para parar a canoa, e puxamos muitos metros de areia da costa para a água, antes de finalmente sermos atirados com um grande golpe lateral do vento em um remanso, e conseguimos atracar a proa, erguendo uma nuvem de gotas no ar. E então, nos deitamos rindo, esbaforidos, na areia quente e amarela, protegidos do vento, e sob um sol escaldante, um céu azul acima, cercados por um sonoro exército de salgueiros dançantes, brilhando com as gotas de água e batendo suas milhares de palminhas como se para aplaudir o sucesso de nossos esforços.

— Que rio! — eu disse ao meu companheiro, pensando em todo o caminho que viajamos desde a nascente na Floresta Negra, e como ele muitas vezes foi obrigado a manobrar e empurrar na parte rasa, no início de junho.

— Não atura muita bobagem agora, não é mesmo? — disse ele puxando a canoa um pouco mais para cima, na segurança da areia, e então se ajeitando para um cochilo.

Eu deitei ao seu lado, feliz e em paz no banho dos elementos – água, vento, areia e o grandioso fogo do sol – pensando na extensa jornada que ficou para trás, e no longo trecho ainda por vir até o Mar Negro, e como eu tinha sorte em ter um companheiro de viagem tão simpático e agradável como meu amigo, o sueco²⁵.

Nós tínhamos feito diversas viagens semelhantes juntos, mas o Danúbio, mais do que qualquer outro rio que eu conhecia, nos impressionou desde o início por sua *vivacidade*. Começando por sua pequena introdução borbulhante no mundo, em meio aos jardins de pinheiros de Donaueschingen, até esse momento, quando começou a brincar um maravilhoso jogo de esconde-esconde, perdendo-se entre os solitários pântanos, incógnito, irrefreado, e foi para nós como acompanhar o crescimento de uma criatura viva. Sonolento no início, mas então desenvolvendo desejos violentos ao se dar conta de sua intensa alma. Rolou como uma enorme entidade fluida pelos países por onde havíamos passado, segurando nossa pequena embarcação em

seus ombros poderosos, com brincadeiras brutas às vezes, mas sempre amigável e bem-intencionado, até, afinal, passamos a considerá-lo um Grande Personagem.

Como poderia ser de outro jeito, já que nos contou tanto sobre sua vida secreta? À noite, ao nos deitarmos em nossa barraca, ouvíamos sua serenata para a lua, emitindo aquele silvo cantante, tão particular dele, que dizem ser causado pela veloz ruptura das pedras ao longo de seu leito, tamanha é sua velocidade. Conhecíamos também a voz de seus redemoinhos gargarejantes, borbulhando de repente em uma superfície antes tranquila; o rugido de seus relevos e ágeis corredeiras; seu trovejar constante e ininterrupto sob todos os meros sons da superfície; e aquele incessante rompimento de suas águas geladas nas margens. Como se levantava e gritava quando a chuva caía implacável sobre seu rosto! E como sua risada rugia quando o vento soprava contra a correnteza e tentava parar sua velocidade crescente! Conhecíamos todos os seus sons e vozes, suas acrobacias espumantes, seus esguichos desnecessários contra pontes; aquela conversa atrapalhada quando contemplava as colinas; a dignidade afetada de seu discurso ao passar pelas pequenas cidades, importante demais para rir; e todos seus suaves e doces sussurros quando era pego pelo sol em uma curva lenta, e os raios se derramavam sobre ele até o vapor subir.

Era cheio de truques no começo de sua vida também, antes que esse mundão o conhecesse. Havia lugares nos trechos entre as florestas da Suábia, quando os primeiros rumores de seu destino ainda não o tinham alcançado, onde escolhia desaparecer por buracos no solo, para reaparecer do outro lado das porosas colinas de calcário e começar um novo rio com outro nome; deixando, também, tão pouca água em seu leito que tínhamos que sair, manobrar, e empurrar a canoa por quilômetros de águas rasas.

E um de seus maiores prazeres, nesses primeiros dias de juventude irresponsável, era ficar à espreita, como uma raposa, pouco antes dos pequenos afluentes barulhentos vindos dos Alpes se juntarem a ele, e em vez de admiti-los, correr por quilômetros, lado a lado, a linha divisória bem marcada, mesmo os níveis diferentes, o Danúbio se recusando completamente a reconhecer o novato. Abaixo de Passau, entretanto, ele deixou esse truque de lado, pois ali o rio Inn entra com o poder trovejante, impossível de ignorar, e empurra e incomoda o rio pai, tanto que há pouco espaço para ambos no

longo desfiladeiro tortuoso que segue, e o Danúbio é empurrado de um lado para o outro contra penhascos, e obrigado a acelerar com grandes ondas, correr de lá para cá, para atravessar a tempo. E durante a luta, nossa canoa escorregou de seu ombro até seu peito, e teve o melhor momento de sua vida, em meio às ondas agitadas. Mas o Inn ensinou uma lição ao velho rio e, depois de Passau, ele não mais fingiu ignorar os recém-chegados.

Isso foi muitos dias atrás, é claro, e desde então conhecemos outros aspectos dessa espantosa criatura, e através da planície de trigo bávara de Straubing, ele seguiu tão lento sob o intenso sol de junho, que podíamos bem imaginar que apenas alguns centímetros de sua superfície era água, enquanto abaixo se deslocava, oculto como se por um manto de seda, um exército inteiro de ninfas aquáticas, passando em silêncio e invisíveis para o mar, e em um passo muito lento também, temendo serem descobertas.

Muito de sua lentidão nós perdoamos, aliás, por sua amizade com os pássaros e animais que frequentavam as costas. Corvos-marinheiros tracejavam as margens desertas como curtas estacas pretas; corvos cinzentos aglomeravam-se nos leitos de cascalho; cegonhas pescavam em águas rasas entre as ilhas; e falcões, cisnes, e pássaros do pântano de todos os tipos, enchiam o ar com asas lustrosas e gritos petulantes e musicais. Era impossível se incomodar com os caprichos do rio após testemunhar um cervo saltar na água ao amanhecer e passar nadando pela canoa; e muitas vezes víamos corças nos espiando dos arbustos, ou nos deparávamos com olhos castanhos de um veado quando íamos a toda velocidade em uma curva e entrávamos em outro trecho do rio. As raposas também, estavam por toda parte, movimentando-se com elegância entre troncos de madeira, e desaparecendo tão de repente que era impossível saber como faziam.

Mas agora, depois de sair de Pressburg, tudo mudou um pouco e o Danúbio ficou mais sério. Parou com as distrações. Estava a meio caminho do Mar Negro, com distância semelhante de outros países estranhos, onde nenhuma brincadeira seria permitida ou tolerada. Tornou-se, de uma hora para outra, um adulto, exigiu nosso respeito e até mesmo nossa admiração. Partiu-se em três braços, pra começo de conversa, que só se encontrariam novamente cem quilômetros abaixo, e para nós na canoa, não havia indicações de qual deveríamos seguir.

— Se pegarem um canal lateral — disse o policial húngaro, que conhecemos na loja de Pressburg, enquanto comprávamos mantimentos —, podem estar a sessenta quilômetros de qualquer lugar quando a enchente diminuir, encalharem, e facilmente morrer de fome. Não tem nada nas redondezas, nem pessoas, nem fazendas, nem pescadores. Meu conselho é para não continuarem. Além disso, o rio ainda está subindo e esse vento vai aumentar²⁶.

A cheia do rio não nos preocupava nem um pouco, mas a possibilidade de encalharmos por uma súbita baixa nas águas poderia ser grave, e assim fizemos um estoque extra de provisões. Quanto ao resto, a profecia do policial provou ser verdadeira, e o vento, soprando em um céu perfeitamente claro, continuou a aumentar até atingir a dignidade de um vendaval do oeste.

Acampamos mais cedo do que de costume, o sol estava a uma ou duas horas do horizonte, deixei meu amigo ainda adormecido na areia quente, e fui dar uma volta, para explorar os arredores do nosso hotel. A ilha, descobri, tinha menos de um acre de extensão, um mero banco de areia cerca de um metro acima do nível do rio. A outra extremidade, em direção ao pôr do sol, estava coberta pelas gotículas que o vento feroz expulsava das cristas das ondas quebradas. Tinha uma forma triangular, com a parte mais alta, rio acima.

Fiquei ali por vários minutos, assistindo a irrefreável inundação carmesim vindo rio abaixo com um rugido gritante. Arremessava-se em ondas contra a margem como se fosse varrê-la completamente, e então, descia em círculos, dividida em dois riachos espumantes de cada lado. O solo parecia tremer com o choque e velocidade, enquanto o movimento furioso dos arbustos de salgueiro conforme o vento caía sobre eles, aumentava a curiosa ilusão de que a ilha realmente se movia. Acima, por dois ou três quilômetros, podia ver este extraordinário curso d'água descendo diante de mim; era como olhar para o alto da encosta de uma colina deslizante, branca com espuma, e dando saltos para se mostrar ao sol.

Pelo resto da ilha, os salgueiros eram densos demais para tornar a caminhada agradável, mas, mesmo assim, fiz o passeio. Na extremidade inferior, a luz mudou, é claro, e o rio parecia sombrio e raivoso. Apenas as costas das ondas esvoaçantes eram visíveis, listradas com espuma, e empurradas com força pelas grandes rajadas de vento que caíam sobre elas por trás. Por um curto quilômetro, podia-se vê-las, entrando e saindo entre as

ilhas, e então desapareciam, indo com um enorme impulso em direção aos salgueiros, que se fechavam ao seu redor como uma manada de monstruosas criaturas antediluvianas aglomerando-se para beber. Fizeram-me pensar em massas gigantescas, semelhantes a esponjas, sugando o rio para dentro de si. Eles fizeram com que a água desaparecesse de vista. Reuniam-se ali em números esmagadores.

Em sua totalidade, foi uma cena impressionante, com sua completa solidão, sua bizarra sugestão; e enquanto eu observava, por muito tempo e com extremo interesse, uma emoção peculiar começou a se agitar em algum lugar nas profundezas do meu eu. Em meio ao meu deleite com a beleza selvagem, surgiu ali, involuntário e inexplicado, um curioso sentimento de inquietação, quase de pânico.

Um rio subindo, talvez, sempre insinua algo de sinistro; muitas das ilhazinhas que via provavelmente teriam sido varridas pela manhã. Essa irrefreável enchente trovejante me deixou perplexo, mas eu sabia que minha inquietação estava mais afundo, mais longe do que as emoções de admiração e perplexidade. Não era o que eu sentia. Nem estava diretamente conectado com o poder do vento – este furacão gritante que poderia quase carregar alguns acres de salgueiros pelo ar e espalhá-los como reles palha ao longo da paisagem. O vento apenas se divertia, pois nada surgia do terreno plano para detê-lo, e eu dividia sua grande brincadeira com um tipo de entusiasmo prazeroso, mas essa nova emoção nada tinha a ver com o vento. De fato, tão vago era o sentimento de desconforto, que era impossível rastreá-lo até sua fonte e lidar com ele de acordo, embora eu soubesse de alguma maneira que tinha a ver com minha percepção da nossa completa insignificância diante deste poder desenfreado dos elementos à minha volta. O crescimento do rio tinha algo a ver com isso também – uma ideia vaga e desagradável que havíamos de alguma forma desrespeitado estas extraordinárias forças elementais em cujo poder permanecemos indefesos a cada hora do dia e da noite. Pois aqui, sem dúvidas, estavam em uma gigantesca comunhão um com o outro, e a visão apelou para a imaginação.

Mas minha emoção, tanto quanto eu podia entender, parecia estar conectada mais particularmente aos arbustos de salgueiro, a esses acres de salgueiros, em uma multidão, crescendo tão espessos aqui, inundando tudo que a vista alcançava, comprimindo o rio como se para sufocá-lo, erguendo-se em

densos blocos quilômetro após quilômetro sob o céu, observando, aguardando, ouvindo. E, bem diferente dos elementos, os salgueiros ligavam-se sutilmente com meu mal-estar, atacando a mente devido a sua vasta quantidade, e tramando de uma forma ou de outra representar para a mente um novo e espantoso poder, um poder, além do mais, não completamente amigável a nós.

As grandes revelações da natureza, é claro, nunca deixam de impressionar de uma forma ou de outra, e eu não era estranho a esse tipo de influência. As montanhas intimidam e os oceanos aterrorizam, enquanto o mistério das grandes florestas exerce um feitiço peculiarmente próprio, mas estes estão intimamente ligados à vida e à experiência humana. Eles despertam emoções compreensíveis, mesmo que assustadoras. E, no geral, tendem a ser glorificados.

Com esta multitude de salgueiros, no entanto, eu senti que era algo muito diferente. Alguma essência que invadia o coração emanava deles. Despertaram um sentimento de admiração, é verdade, mas de admiração tocada por um sutil terror. Seus comboios tornavam-se cada vez mais escuros à minha volta conforme as sombras se aprofundavam, seus movimentos no vento eram furiosos, porém sutis, e despertaram em mim a curiosa e indesejável sugestão de que havíamos ultrapassado aqui as fronteiras de um mundo estranho, um mundo onde éramos intrusos, um mundo onde não éramos bem-vindos ou convidados a ficar; onde corríamos graves riscos, talvez!

Mas o sentimento, embora se recusasse a ceder seu significado inteiramente à análise, não me incomodou a ponto de passar a ser uma ameaça. Apesar disso, nunca realmente me deixou, mesmo durante o trabalho muito prático de armar a barraca no meio de um furacão de vento e acender uma fogueira para a panela. Ficou ali, apenas o suficiente para me incomodar e intrigar, e para roubar um acampamento encantador de boa parte de seu charme. Ao meu companheiro, porém, nada disse, pois eu o considerava um homem de pouca imaginação. Para começar, eu nunca poderia explicar o que queria dizer e, depois, ele tiraria sarro de mim se eu fizesse.

Havia uma ligeira depressão no centro da ilha, ali armamos a barraca. Os salgueiros, ao redor, bloqueavam um pouco do vento.

— Um acampamento miserável — observou o imperturbável sueco quando finalmente a barraca ficou de pé. — Sem pedras e quase nada de lenha. Vamos seguir em frente amanhã, hein? Essa areia não vai aguentar nada.

Mas a experiência de uma barraca que havia desabado no meio da noite, ensinou-nos muitos truques, e deixamos a aconchegante casa cigana o mais segura possível, e então, começamos a coletar um estoque de lenha que duraria até a hora de dormir. Os arbustos de salgueiro não deixavam cair galhos e a madeira que vinha flutuando na água era nossa única fonte de suprimento. Inspecionamos as margens meticulosamente. Em todos os lugares, os bancos desmoronavam à medida que a crescente inundação os golpeava e levava consigo grandes porções com um espirro e um gorgolejo.

— A ilha está muito menor do que quando chegamos — disse o preciso sueco. — Não vai durar muito nesse ritmo. É melhor arrastarmos a canoa para perto da barraca e estarmos prontos para deixar a ilha a qualquer momento. *Eu* vou dormir com minhas roupas.

Ele estava um pouco distante, subindo ao longo da margem, e ouvi sua risada alegre enquanto falava.

— Por Deus! — Ouvi-o dizer um momento depois e me virei para ver a causa de sua exclamação, mas ele estava escondido pelos salgueiros, e eu não consegui encontrá-lo.

— O que diabos é isso? — Eu o ouvi exclamar de novo e dessa vez, sua voz havia ficado séria.

Corri rapidamente e juntei-me a ele na margem. Ele olhava para o rio, apontando para algo na água.

— Deus do céu, é o corpo de um homem! — disse ele, agitado. — Olhe!

Algo negro, girando e girando nas ondas espumantes, passou rapidamente. Continuou desaparecendo e vindo à superfície outra vez. Estava a cerca de seis metros da costa e, quando ficou do lado oposto de onde estávamos, deu uma reviravolta e olhou diretamente para nós. Quando o corpo virou, vimos seus olhos refletindo o pôr do sol e cintilando em um amarelo estranho. Em seguida, deu um mergulho ágil e profundo, e sumiu de vista em um piscar de olhos.

— Uma lontra, por Deus! — exclamamos ao mesmo tempo, rindo.

Era uma lontra, viva e saindo para caçar; no entanto, parecia exatamente o corpo de um homem afogado girando desamparado na correnteza. Mais abaixo, veio à tona outra vez, e vimos sua pele negra, molhada e brilhando à luz do sol²⁷.

Então, assim que voltamos, os braços cheios de lenha, mais uma coisa, aconteceu para nos trazer de volta à margem do rio. Dessa vez, era realmente um homem, e mais, um homem em um barco. Agora, um barquinho no Danúbio era uma visão inusitada a qualquer momento, mas aqui, nessa região deserta e na época das cheias, era tão inesperada que foi um verdadeiro acontecimento. Nós ficamos ali parados, olhando.

Se foi devido à luz oblíqua do sol ou à refração da água maravilhosamente iluminada, não posso dizer, mas, seja qual for a causa, foi difícil focar a visão na aparição em movimento. Parecia, no entanto, ser um homem de pé em um tipo de barco de fundo chato, remando com um longo remo e sendo carregado ao longo da margem oposta em um ritmo feroz. Ele, ao que tudo indica, olhava em nossa direção, mas a distância era grande demais e a luz incerta demais, para distinguirmos nitidamente o que fazia. A meu ver, ele estava gesticulando e fazendo sinais para nós. Sua voz vinha através da água em um grito furioso, mas o vento a afogava e nenhuma palavra era audível. Havia algo curioso sobre a aparição toda – homem, barco, sinais, voz – que deixou uma impressão em mim totalmente desproporcional à causa.

— Ele está fazendo o sinal da cruz! — exclamei. — Olhe!

— Acho que você está certo — disse o sueco protegendo os olhos da luz com a mão e observando o homem quase fora de vista. Em um momento, ele desapareceu, derretendo no mar de salgueiros ao fundo, onde o sol os atingia na curva do rio e transformava-os em um grande muro carmesim de beleza. A neblina também havia começado a levantar, então o ar estava enevoadado.

— Mas o que ele está fazendo ao anoitecer nesse rio alagado? — eu disse, meio comigo mesmo. — Para onde vai uma hora dessas, e o que foram esses sinais e gritos? Você acha que ele queria nos avisar sobre alguma coisa?

— Ele viu a fumaça da nossa fogueira e pensou que provavelmente éramos espíritos. — Riu meu companheiro. — Esses húngaros acreditam em todo tipo de bobagem; você se lembra da vendedora em Pressburg nos avisando que ninguém nunca vinha até aqui, porque a região pertencia a algum tipo de seres que não eram deste mundo! Devem acreditar em fadas, elementais, e

talvez em demônios também. Aquele camponês no barco viu pessoas nas ilhas pela primeira vez na vida — acrescentou, após uma ligeira pausa — e deve ter ficado assustado, só isso.

O tom de voz do sueco não era convincente e em seus modos, faltava algo que geralmente estava ali. Notei a mudança no instante em que ele falava, mas não fui capaz de nomeá-la com precisão.

— Se eles tivessem imaginação suficiente — ri alto, lembro-me de tentar fazer o máximo de *barulho* possível —, poderiam muito bem povoar um lugar desses com os velhos deuses da antiguidade. É bem capaz dos romanos terem frequentado toda esta região, com seus templos e bosques sagrados e divindades elementais.

O assunto morreu e voltamos à nossa panela, pois, na maior parte das vezes, meu amigo não era dado a conversas fantasiosas. Além disso, bem naquele momento lembro de me sentir grato por ele não ser inventivo; sua índole impassível e prática de repente me pareceu bem-vinda e reconfortante. Era um temperamento admirável, eu pensei; ele conseguia descer corredeiras como um índio, desviar de pontes perigosas e redemoinhos melhor do que qualquer homem branco que já vi em uma canoa. Era um ótimo sujeito para uma viagem de aventura, uma torre de força quando coisas imprevisíveis aconteciam. Eu olhei para seu rosto destemido e cabelos crespos claros enquanto ele cambaleava com sua pilha de madeira nos braços – duas vezes o tamanho da minha! – e senti alívio. Sim, fiquei contente naquele momento pelo sueco ser – o que ele era e que nunca fazia comentários insinuando mais do que diziam.

— Mas o rio ainda está subindo — acrescentou ele, como se continuasse algum pensamento, e deixou os galhos no chão com um suspiro. — Esta ilha vai ficar debaixo d'água em dois dias se continuar.

— Eu gostaria que o *vento* diminuísse — disse eu. — Não me importo nem um pouco com o rio.

Era verdade que a enchente não nos amedrontava; podíamos sair com dez minutos de antecedência e, quanto mais água, melhor. Significava uma corrente veloz e a eliminação dos traiçoeiros bancos de cascalho que tantas vezes ameaçaram rasgar o fundo de nossa canoa.

Ao contrário das nossas expectativas, o vento não baixou com o sol. Pareceu aumentar com a escuridão, uivando acima e sacudindo os salgueiros ao nosso

redor como palha. Vinha acompanhado de sons curiosos às vezes, semelhantes a explosão de canhões, e caíam sobre a água e a ilha em grandes pancadas de imensa força. Isso me fez pensar nos sons que um planeta deve fazer, se apenas pudéssemos ouvi-los, movendo-se pelo espaço.

Mas o céu ainda estava completamente sem nuvens, e logo após o jantar, a lua cheia ergueu-se no leste e cobriu o rio e a planície de salgueiros gritantes com uma luz como a do dia.

Deitamos no pedaço de areia ao lado do fogo, fumando, ouvindo os ruídos da noite ao nosso redor e falando com alegria sobre a jornada que já havíamos feito e sobre nossos planos seguintes. O mapa estava aberto diante da porta da barraca, mas o vento tornava sua análise impossível, e logo baixamos a cortina e apagamos a lamparina. A luz da fogueira era suficiente para vermos nossos cachimbos e o rosto um do outro, e as faíscas voavam alto como fogos de artifício. Alguns metros adiante, o rio gorgolejava e sibilava, e de vez em quando, uma forte pancada na água anunciava a queda de outras partes da margem.

Conversávamos, eu percebi, sobre cenas longínquas e acontecimentos de nossos primeiros acampamentos na Floresta Negra, ou sobre outros assuntos completamente distantes do cenário atual, pois nenhum de nós falou do momento presente mais do que o necessário – quase como se tivéssemos um acordo subentendido em evitar discussões sobre o acampamento e seus incidentes. Nem a lontra nem o barqueiro, por exemplo, receberam a honra de uma única menção, embora normalmente isso seria uma discussão por boa parte da noite. Eles eram, é claro, eventos de destaque em tal lugar.

A escassez de lenha fez com que fosse um encargo manter o fogo aceso, pois o vento, que mandava a fumaça em nossos rostos não importa onde nos sentássemos, ajudava também na queima da madeira. Revezamos em expedições de busca na escuridão e pela quantidade que o sueco trazia de volta, eu sempre pensava que ele demorava um tempo absurdo para encontrar; pois o fato era que eu não queria ser deixado sozinho, e mesmo assim, sempre parecia ser minha vez de rastejar entre os arbustos ou escalar as margens escorregadias na luz da lua. A longa batalha do dia contra o vento e a água – que vento e que água! – havia nos cansado, e ir dormir cedo era o programa óbvio. E ainda assim, nenhum de nós foi para a barraca. Ficamos deitados ali, colocando mais lenha no fogo, tendo conversas esparsas,

olhando em volta para os densos arbustos de salgueiros, e ouvindo os trovões do vento e do rio. A solidão do lugar havia penetrado em nossos ossos, e o silêncio parecia natural, pois após um tempo o som de nossas vozes se tornou um pouco artificial e forçada; sussurros teriam sido o meio adequado de comunicação, eu senti, e a voz humana, sempre um tanto absurda em meio ao rugido dos elementos, agora carregava consigo algo quase ilegítimo. Era como falar alto na igreja, ou em algum lugar onde não era permitido, ou talvez não muito seguro, ser ouvido.

O mistério desta ilha solitária, fixada entre um milhão de salgueiros, arrastada por um furacão e cercada por profundas águas agitadas, afetou a nós dois, eu acho. Intocada pelo homem, quase desconhecida pelo homem, repousava sob a lua, distante da influência humana, na fronteira de outro mundo, um mundo extraterrestre, um mundo ocupado apenas por salgueiros e as almas dos salgueiros. E nós, em nossa audácia, ousamos invadi-la, até usá-la como abrigo! Algo além do poder de seu mistério agitou-se em mim enquanto eu me deitava na areia, os pés para o fogo, e espiava as estrelas através das folhas. Pela última vez, levantei-me para pegar lenha.

— Quando isso tiver queimado — eu disse, com firmeza —, vou entrar. — E meu companheiro me observou preguiçosamente, enquanto eu me afastava em direção às sombras ao redor.

Para um homem tão prático, achei que ele parecia excepcionalmente receptivo naquela noite, excepcionalmente aberto a sugestões de outras coisas além dos cinco sentidos. Ele também foi tocado pela beleza e solidão do lugar. Eu não fiquei muito satisfeito, me lembro, em reconhecer esta ligeira mudança nele e, em vez de começar imediatamente a recolher madeira, fui até o ponto mais distante da ilha, onde o luar dava uma visão melhor da planície e do rio. O desejo de ficar sozinho me dominou de repente; meu antigo temor voltou com força; havia uma vaga sensação em mim que eu queria enfrentar e investigar até o fundo.

Quando cheguei ao ponto onde a areia se sobressaía entre as ondas, o encanto do lugar me atingiu com um verdadeiro choque. Nenhum mero “cenário” poderia ter produzido tal efeito. Havia algo mais aqui, algo que me deixava apreensivo.

Contemplei a extensão de águas indomáveis; observei os salgueiros sussurrantes; ouvi os constantes golpes do vento incansável; e todos eles,

cada um a seu modo, despertou em mim essa sensação de uma estranha angústia. Mas principalmente os *salgueiros*; pois continuavam a discutir e conversar entre si sem parar, rindo um pouco, soltando gritos estridentes, às vezes suspirando – mas com o que tanto se ocupavam, pertencia à vida secreta da grande planície que habitavam. E sua atividade era completamente estrangeira ao mundo que eu conhecia, ou a dos elementos selvagens, porém gentis. Fizeram-me pensar em seres hospedeiros de um outro plano de vida, completamente de outra evolução, talvez, todos discutindo um mistério apenas conhecido por eles. Eu observei sua atividade conjunta, estranhamente balançando suas grandes cabeças felpudas, girando sua miríade de folhas mesmo quando não havia vento. Moviam-se por vontade própria, como se estivessem vivos, e tocaram, por algum método incalculável, meu senso aguçado do *horrível*.

Lá estavam eles sob o luar, como um vasto exército ao redor de nosso acampamento, mostrando suas inúmeras lanças prateadas, nos desafiando, prontos para atacar.

A psicologia dos lugares, pelo menos para algumas pessoas criativas, é muito vívida; para os viajantes, especialmente, os acampamentos têm seu “tom” de acolhimento ou rejeição²⁸. Não é sempre aparente no início, pois os preparativos da barraca e da próxima refeição o inibem, mas com a primeira pausa – geralmente após o jantar – ele se mostra. E o tom deste acampamento de salgueiros tornou-se, sem dúvidas, nítido para mim agora; éramos intrusos, invasores; não éramos bem-vindos. A sensação do desconhecido cresceu enquanto eu observava. Tocamos a fronteira de uma região onde nossa presença era ressentida. Por uma noite de hospedagem, talvez pudéssemos ser tolerados; mas para uma estada prolongada e investigativa – Não! Por todos os deuses das árvores e das florestas, não! Nós éramos as primeiras influências humanas nesta ilha e não nos queriam aqui. *Os salgueiros estavam contra nós*.

Pensamentos esquisitos como esses, fantasias bizarras, nascidos não sei de onde, se alojaram em minha mente enquanto eu observava. E se, pensei, afinal, esses salgueiros agachados estivessem mesmo vivos; se de repente, se levantassem, como um enxame de criaturas vivas, comandados pelos deuses cujo território havíamos invadido, se arrastassem em nossa direção dos amplos pântanos, em uma troada crescente durante a noite – e então

ocupassem tudo! Conforme eu olhava, era tão fácil imaginar que eles realmente se mexiam, rastejavam para mais perto, recuavam um pouco, amontoavam-se em massas, hostis, aguardando pela gloriosa ventania que finalmente os colocaria para correr. Eu poderia jurar que seu aspecto mudou um pouco, e suas fileiras se estreitaram, juntando-se mais.

O grito agudo e melancólico de um pássaro noturno soou acima e, por um momento, quase perdi meu equilíbrio quando um pedaço da margem onde eu estava, caiu com grande mergulho no rio, afetado pela enchente. Recuei bem a tempo e fui procurar lenha, meio rindo das fantasias extraordinárias enchendo minha mente e lançando seu feitiço em mim. Lembrei-me da observação do sueco sobre ir embora no dia seguinte, e bem quando eu pensava que concordava plenamente com ele, me virei assustado e vi o assunto dos meus pensamentos diante de mim. Ele estava bem perto. O rugido dos elementos cobriu sua aproximação.

— Você demorou — gritou ele, acima do som vento —, achei que tivesse acontecido alguma coisa.

Mas havia algo em seu tom e uma certa expressão em seu rosto também, que me deu a impressão além de suas palavras corriqueiras, e de repente eu entendi o verdadeiro motivo de sua vinda; o feitiço do lugar havia entrado em sua alma também, e ele não queria ficar sozinho.

— O rio ainda está subindo — disse ele, apontando para a enchente visível sob o luar — e o vento está simplesmente terrível.

Ele sempre dizia as mesmas coisas, mas era o pedido por companhia que deu verdadeira importância às suas palavras.

— Por sorte — gritei de volta — nossa barraca está na parte côncava. Acho que vai ficar tudo bem. — Acrescentei algo sobre a dificuldade de encontrar lenha para explicar minha ausência, mas o vento pegou minhas palavras e as atirou para o outro lado do rio, de modo que ele não ouviu, apenas olhou para mim por entre os galhos, balançando a cabeça.

— Sorte mesmo é se escaparmos sem desastre! — bradou, ou palavras nesse sentido; e lembro-me de ter ficado meio zangado por ele ter colocado o pensamento em palavras, pois era exatamente o que eu sentia. Havia um desastre iminente em algum lugar e o pressentimento desagradável pesava sobre mim.

Voltamos para o acampamento e fizemos um uma última labareda,

cutucando as brasas com os pés. Demos mais uma olhada em volta. Não fosse pelo vento, o calor seria terrível. Eu coloquei esse pensamento em palavras e lembro-me de que a resposta do meu amigo me pareceu estranha: que ele preferia o calor, o clima normal de julho, a esse “vento diabólico”.

Deixamos tudo preparado para a noite; a canoa tombada ao lado da barraca, com os dois remos amarelos embaixo dela; o saco de mantimentos pendurado no caule de um salgueiro e os pratos lavados a uma distância segura do fogo, prontos para a refeição na manhã seguinte.

Sufocamos as brasas com areia e entramos. A aba da barraca estava levantada e eu podia ver os galhos, as estrelas e o luar pálido. O balanço dos salgueiros e as fortes pancadas abafadas do vento contra nossa casinha bem esticada, foram as últimas coisas de que ouvi quando o sono veio e cobriu tudo com seu suave e delicioso esquecimento.

II

De repente, vi-me acordado, espiando do meu colchão de areia pela porta da barraca. Olhei para o meu relógio pregado na lona e vi pelo clarão do luar que já passava da meia-noite – o limiar de um novo dia – e, portanto, eu havia dormido por algumas horas. O sueco ainda dormia ao meu lado; o vento uivava como antes; algo agarrou meu coração e me fez sentir medo. Uma sensação de perturbação pairava em meus arredores próximos.

Sentei-me depressa e olhei para fora. As árvores balançavam violentamente de um lado para outro conforme as rajadas as atingiam, mas nosso pedacinho de lona verde permanecia seguro na depressão, pois o vento passava por ele sem encontrar resistência o suficiente para tornar-se feroz. O sentimento de inquietação, entretanto, não passou, e eu engatinhei sem fazer barulho para fora, para ver se nossos pertences estavam seguros. Movi-me com cuidado para não acordar meu companheiro. Uma curiosa agitação tomava conta de mim.

Eu tinha metade do corpo para fora, ajoelhado e com as palmas das mãos na areia, quando meus olhos perceberam que as copas dos arbustos à minha frente, com seu rendilhado de folhas em movimento, projetavam formas no céu. Agachei-me e observei. Era difícil de acreditar, mas, sem dúvidas, ali, diante de mim e um pouco acima, estavam figuras entre os salgueiros de um tipo indeterminado e, conforme os galhos balançavam ao vento, eles pareciam agrupar-se ao redor dessas figuras, criando uma série de silhuetas

monstruosas que mudavam rapidamente sob a lua. Perto, a cerca de quinze metros, vi essas coisas.

Meu primeiro instinto foi acordar meu companheiro, para que ele também as visse, mas algo me fez hesitar – provavelmente a súbita percepção de que eu não deveria buscar por validações. E enquanto isso, me agachei ali, encarando pasmo com olhos ardentes. Eu estava bem acordado. Lembro-me de dizer a mim mesmo que *não* estava sonhando.

Em um primeiro momento se tornaram visíveis, essas enormes silhuetas, bem na copa dos arbustos – imensas, cor de bronze, móveis e completamente independentes do balanço dos galhos. Eu as vi nitidamente e notei, agora examinando-as com mais calma, que eram muito maiores do que seres humanos e, de fato, algo em sua aparência anunciava que eram absolutamente não humanas. Certamente, não eram apenas o rendilhado móvel dos galhos contra o brilho da lua. Deslocavam-se de forma independente. Subiam em um fluxo contínuo da terra ao céu, desaparecendo por completo assim que alcançaram a escuridão do infinito. Entrelaçavam-se uns nos outros, formando uma grande coluna, e eu vi seus braços, pernas, e corpos enormes mesclando-se dentro e fora uns dos outros, formando esta serpentina que se curvava, balançava, e girava em espiral com as contorções das árvores sacudidas pelo vento. Eram formas nuas e fluidas, passando pelos arbustos, quase *dentro* das folhas, erguendo-se em uma coluna viva até os céus. Seus rostos eu não pude ver. Ininterruptos, eles se lançavam para o infinito, movendo-se em grandes curvas sinuosas, com um tom de bronze opaco em suas peles.

Eu assisti, tentando forçar cada átomo de visão dos meus olhos. Por muito tempo pensei que *deveriam* desaparecer a qualquer momento, transformando-se apenas nos movimentos dos galhos e revelando uma ilusão de ótica. Por toda parte procurei por uma prova da realidade, quando o tempo todo eu sabia muito bem que o padrão da realidade havia mudado. Quanto mais eu olhava, mais certeza tinha de que essas figuras eram reais e vivas, embora talvez não de acordo com os padrões que um arquivo fotográfico ou um biólogo.

Longe de sentir medo, fui possuído por um sentimento de fascínio e admiração como nunca havia conhecido. Eu parecia olhar para as forças elementais personificadas dessa região assombrada e primitiva. Nossa

intrusão havia agitado os poderes do lugar e os colocado em atividade. Nós causamos a perturbação e meu cérebro se encheu de histórias e lendas de espíritos e divindades de lugares conhecidos e adorados pelos homens em todas as idades da história do mundo. Mas, antes que eu pudesse chegar a qualquer explicação possível, algo me induziu a ir mais para fora, e eu saí da barraca e fiquei de pé. Senti o chão ainda quente sob meus pés descalços; o vento bateu em meu cabelo e rosto; e o som do rio explodiu em meus ouvidos com um repentino rugido. Essas coisas, eu sabia, eram reais, e também provas que meus sentidos agiam normalmente. No entanto, as silhuetas ainda subiam da terra ao céu, silenciosas, majestosas, em uma grande espiral de graça e força que me dominou com uma emoção genuína de profunda adoração. Eu senti que deveria me ajoelhar e adorar, adorar absolutamente.

Talvez em um minuto eu o tivesse feito, quando uma rajada de vento soprou contra mim com tanta força que me jogou para o lado e quase tropecei e caí. Pareceu sacudir o sonho violentamente de mim. Ou pelo menos, me deu outro ponto de vista. As figuras ainda estavam lá, ainda ascendiam aos céus vindas do coração da noite, mas minha razão finalmente começou a se afirmar. Deve ser uma experiência subjetiva, argumentei comigo mesmo – nem por isso menos real, mas, ainda assim, subjetiva. O luar e os galhos combinaram para elaborar essas imagens no espelho da minha imaginação e, por algum motivo, eu as projetei para o lado de fora e as fiz parecer tangíveis. Eu sabia que esse devia ser o caso, é claro. Tomei coragem e comecei a avançar pelos trechos abertos de areia. Mas, meu Deus, era tudo alucinação? Estava apenas em meu cérebro? Este não era um velho argumento fútil da minha razão, com seu pequeno padrão do conhecido?

Eu só sei que um grande pilar de figuras ascendeu misteriosamente aos céus durante o que pareceu um longo período de tempo, e com uma medida muito completa de realidade, do jeito em que a maioria dos homens está acostumado a avaliar a realidade. Então, de repente, elas se foram!

E, uma vez que elas se foram e a surpresa imediata de sua grandiosa presença passou, o medo caiu sobre mim com uma onda fria. O significado esotérico desta região solitária e assombrada de repente incendiou meu interior, e eu comecei a tremer pavorosamente. Dei uma rápida olhada em volta – uma olhada de horror que quase chegou ao pânico – calculando em vão maneiras de escapar; e então, percebendo minha impotência para

conseguir algo verdadeiramente eficaz, voltei em silêncio para a barraca e me deitei outra vez. Primeiro, baixei a aba da porta para bloquear a visão dos salgueiros ao luar, e então enterrei minha cabeça tão fundo quanto podia sob os cobertores para abafar o som do vento pavoroso.

III

Como se para convencer a mim mesmo de que não estava sonhando, lembro-me de ter demorado muito para cair em um sono turbulento e agitado; e mesmo assim apenas uma parte de mim dormiu, a casca superior, e, por baixo, havia algo que nunca perdeu realmente a consciência, mas estava alerta e vigilante.

Mas, desta segunda vez, despertei com um verdadeiro sobressalto de terror. Não foi nem o vento nem o rio que me acordou, mas a lenta aproximação de algo fazendo com que a parte adormecida do meu eu diminuísse cada vez mais, até finalmente desaparecer por completo, e vi-me sentado em um pulo, ouvindo.

Do lado de fora, ouvi o som de milhares de batidinhas. Elas começaram, eu sabia, havia muito tempo, e tornaram-se audíveis enquanto eu ainda dormia. Sentei-me ali apreensivo, bem acordado, como se não tivesse dormido nada. Minha respiração vinha com dificuldade e tive a impressão de um grande peso acima do meu corpo. Apesar da noite quente, eu suava frio e tremia. Sem dúvidas, algo pressionava os lados da barraca e pesava sobre o teto. Era o vento? Era o tamborilar da chuva, o gotejar das folhas? Os respingos da água do rio soprando pelo vento, acumulando-se em grandes gotas? Pensei depressa em uma dúzia de coisas.

Então, de repente, a explicação saltou em minha mente: um galho de álamo, a única árvore grande da ilha, havia caído com o vento. Ainda meio preso pelos outros galhos, ele cairia com a próxima rajada e nos esmagaria, e enquanto isso suas folhas roçavam e batiam na superfície de lona da barraca. Levantei uma aba solta e corri para fora, chamando o sueco para me seguir.

Mas quando saí e me levantei, vi que a barraca estava livre. Não havia galho pendurado; nem chuva ou respingo; nada próximo dela.

Uma luz fria e cinzenta penetrava pelos arbustos e caía na areia quase cintilante. Estrelas ainda lotavam o céu e o vento uivava com força magnífica, mas o fogo não emitia mais nenhum brilho e eu vi o leste tingido de vermelho por entre as árvores. Várias horas deveriam ter passado desde

que eu assisti as figuras ascendentes, e a memória do evento voltou a mim repleta de terror, como um sonho maligno. Ah, e como me cansava, aquele vento furioso e incessante! Ainda assim, embora com a profunda exaustão de uma noite mal dormida, meus nervos formigavam com uma inquietação igualmente incansável, e voltar a dormir estava fora de questão. O rio, eu percebi, tinha subido ainda mais. Seu trovejar enchia o ar e eu sentia o vapor pela minha camisa fina de dormir.

No entanto, em lugar nenhum, havia a menor evidência de algo que causasse inquietação. Essa perturbação profunda e prolongada em meu coração permanecia totalmente inexplicada.

Meu companheiro não havia se mexido quando o chamei, e não tinha o porquê acordá-lo agora. Olhei em volta com atenção, observando tudo; a canoa virada; os remos amarelos: dois deles, tenho certeza; o saco de mantimentos e a lamparina extra, pendurados juntos na árvore. E, aglomerando-se por toda parte à minha volta, envolvendo tudo, os salgueiros, aqueles infinitos salgueiros vibrantes. Um pássaro soltou seu grito matinal e uma fileira de patos passou com seu voo sibilante no crepúsculo acima. A areia rodopiava, seca e cortante, ao redor dos meus pés descalços no vento.

Contornei a barraca e fui em direção à vegetação, de modo que pudesse ver a paisagem mais distante do outro lado do rio, e a mesma profunda, e inexplicável, sensação de angústia se apoderou de mim quando vi o oceano de arbustos sem fim estendendo-se até o horizonte, parecia fantasmagórico e irreal na luz pálida do amanhecer. Caminhei devagar aqui e ali, ainda intrigado com aquele estranho som de pequenas batidas incessantes, e com a pressão sobre a barraca que me acordou. *Deve* ter sido o vento, refleti; o vento soprando na areia solta e quente, empurrando as partículas secas com força contra a lona esticada; o vento caindo pesadamente sobre nosso frágil telhado.

No entanto, o tempo todo meu nervosismo e mal-estar aumentavam muito.

Atravessei para a outra margem e observei como a linha da costa havia se alterado durante a noite e que massas de areia tinham sido arrancadas. Mergulhei minhas mãos e pés na corrente fria e lavei minha testa. Já percebia o brilho do nascer do sol e o frescor primoroso do dia que se aproximava. No caminho de volta, passei propositalmente por baixo dos mesmos arbustos onde vira a coluna de silhuetas elevando-se no ar e, no meio do caminho,

entre os aglomerados, fui tomado de repente por uma sensação de completo terror. Das sombras, vi uma figura grande se aproximar depressa. Alguém passou por mim, eu tinha certeza...

Foi um espantoso golpe de vento que me ajudou a avançar, e uma vez no espaço mais aberto, a sensação de terror diminuiu. Os ventos andavam por toda parte, caminhando aqui e ali, lembro de dizer a mim mesmo, pois os ventos muitas vezes se movem como grandes presenças sob as árvores. E, o medo que pairava sobre mim era de um tipo tão desconhecido e imenso, tão diferente de tudo que eu já havia sentido antes, que despertou um sentimento de contemplação e admiração, contribuindo muito para neutralizar seus piores efeitos; e quando cheguei a um ponto alto no meio da ilha de onde podia ver o largo trecho do rio, carmim ao nascer do sol, a completa beleza mágica de tudo era tão avassaladora que uma espécie de desejo selvagem despertou em mim e quase trouxe um soluço à minha garganta.

Mas esse pranto não encontrou expressão, pois quando meus olhos vagaram da planície para a ilha ao meu redor, e notaram nossa barraquinha meio escondida entre os salgueiros, uma descoberta terrível veio a mim, que fez meu terror dos ventos andantes parecer nada em comparação.

Pois, de alguma forma, eu achei, tinha ocorrido uma mudança no arranjo da paisagem. Não era que meu ponto de vista me dava uma visão diferente, mas houve uma alteração na relação do espaço entre os salgueiros e a barraca, e a barraca e os salgueiros. Com toda certeza, os arbustos agora se aglomeravam muito mais próximos, desnecessariamente, desagradavelmente próximos. *Eles haviam se movido para mais perto.*

Arrastando-se com pés silenciosos sobre as areias movediças, aproximando-se despercebidos por meio de locomoção suave e lenta, os salgueiros chegaram mais perto durante a noite. Mas foi o vento que os moveu ou eles moveram a si mesmos? Lembrei-me do som incessante de pequenas batidas e da pressão sobre a barraca e sobre meu coração, me fazendo acordar aterrorizado. Por um instante, eu balancei no vento como uma árvore, com dificuldade em manter minha posição ereta na colina de areia. Isso sugeria organismos individuais, de intenção deliberada, de hostilidade agressiva, e me aterrorizou em uma espécie de rigidez.

Então a reação veio depressa. A ideia era tão bizarra, tão absurda, que quase comecei a rir, mas a risada não veio antes de um grito, pois o conhecimento

de que minha mente estava tão receptiva a tais imagens perigosas trouxe o pavor adicional de que era através de nossas mentes, e não através de nossos corpos físicos, que o ataque viria, e estava chegando.

O vento me deu alguns golpes e, muito rápido, me pareceu, o sol surgiu no horizonte, pois já passava das quatro horas, e devo ter ficado naquele pequeno pináculo de areia por mais tempo do que pensei, com medo de descer e ficar próximo dos salgueiros. Voltei com calma, sem fazer barulho, para a barraca, primeiro dando outra longa olhada ao redor e – sim, eu confesso – fazendo algumas medições. Percorri na areia quente as distâncias entre os salgueiros e a barraca, observando com atenção a distância mais curta.

Engatinhei em silêncio até meus cobertores. Meu companheiro, ao que tudo indicava, ainda dormia em sono profundo, e era bom que fosse assim. Desde que minhas experiências não fossem validadas, talvez pudesse encontrar forças para negá-las. Com a luz do dia, poderia me persuadir de que era tudo uma alucinação subjetiva, uma fantasia da noite, uma projeção da imaginação excitada.

Nada mais aconteceu para me perturbar, e adormeci quase imediatamente, completamente exausto, mas ainda com medo de ouvir outra vez aquele som estranho de milhares de batidas, ou de sentir a pressão em meu coração que tornava difícil respirar.

IV

O sol estava alto no céu quando meu companheiro me acordou de um sono pesado e anunciou que o mingau estava pronto e que tinha tempo suficiente para um banho. O cheiro agradável de bacon frito entrava pela porta da barraca.

— O rio ainda tá subindo — disse ele — e várias ilhas no meio da correnteza desapareceram. Até nossa ilha está muito menor.

— Sobrou lenha? — perguntei, sonolento.

— A lenha e a ilha vão acabar amanhã em um empate — ele riu — mas há o suficiente para durar até lá.

Dei um mergulho na margem, que realmente havia mudado muito de tamanho e forma durante a noite, e em um momento fui levado pela correnteza para o local onde desembarcamos, do lado oposto da barraca. A

água estava gelada e os bancos de areia passavam como a paisagem campestre em um trem expresso. Tomar banho nessas condições era revigorante, e o terror da noite parecia purificado de mim por um processo de evaporação no cérebro. O sol estava escaldante; não se via nenhuma nuvem; o vento, entretanto, não havia diminuído nenhum um pouco.

De repente, então, o significado implícito das palavras do sueco ficou claro para mim, e percebi que ele não tinha mais pressa em ir embora e havia mudado de ideia. “O suficiente para durar até amanhã”, ele imaginava que ficaríamos na ilha por mais uma noite. Isso me pareceu estranho. Na noite anterior, estava tão certo do contrário. Como aconteceu a mudança?

Durante o café da manhã, as margens continuaram a desmoronar com fortes pancadas na água e respingos que o vento trazia para a nossa frigideira, e meu companheiro de viagem não parava de falar sobre como deveria ser difícil para os navios do trajeto Vienna-Pesth encontrarem o canal principal na enchente. Mas o estado de sua mente me interessou e impressionou muito mais do que o estado do rio ou as dificuldades dos navios. Ele havia mudado de alguma forma desde a noite anterior. Seu jeito era diferente; um pouco agitado, um pouco tímido, com uma espécie de desconfiança em sua voz e gestos. Mal sei como descrever agora a sangue frio, mas na época, lembro-me de ter certeza de uma coisa – que ele estava assustado!

Ele comeu muito pouco no café da manhã e, pela primeira vez, deixou de fumar seu cachimbo. Tinha o mapa aberto ao seu lado e continuou estudando as marcações.

— É melhor sairmos em uma hora em ponto — eu disse logo, sentindo uma abertura que o levaria a uma confissão, nem que fosse parcial. E sua resposta me surpreendeu muito.

— Concordo! Se eles deixarem.

— Quem deixar? Os elementos? — perguntei depressa, com falsa indiferença.

— Os poderes deste lugar horrível, quem quer que sejam — respondeu ele, mantendo os olhos no mapa. — Se existem deuses em algum lugar no mundo, eles estão aqui.

— Os elementos são sempre os verdadeiros imortais — respondi, rindo com tanta naturalidade quanto pude, mas sabendo muito bem que meu rosto

refletia meus verdadeiros sentimentos quando ele olhou sério para mim e falou através da fumaça:

— Teremos sorte se escaparmos sem mais desastres.

Isso era exatamente o que eu temia e tomei coragem para perguntar de uma vez. Era como dar autorização para o dentista extrair o dente; *tinha* que ser feito de qualquer forma a longo prazo, o resto era fingimento.

— Mais desastre! Por quê, o que aconteceu?

— Para começar, o remo de direção sumiu — disse ele, com calma.

— O remo de direção foi embora! — repeti, muito exaltado, pois aquele era o nosso leme e o Danúbio inundado sem leme era suicídio. — Mas o que...

— E há um rasgo no fundo da canoa — acrescentou ele, com um sutil tremor em sua voz.

Eu continuei encarando-o, apenas capaz de repetir as palavras de volta na sua cara de um jeito muito tolo. E lá, no calor do sol, e nessa areia quente, percebi uma atmosfera gelada descer à nossa volta. Levantei-me para segui-lo, pois ele apenas acenou com a cabeça e liderou o caminho em direção à barraca, alguns metros do outro lado da fogueira. A canoa ainda estava lá como eu a tinha visto pela última vez durante a noite, o casco para cima, os remos, ou melhor, o remo, na areia ao lado dela.

— Tem só um — disse ele abaixando-se para pegá-lo. — E aqui está o rasgo no casco.

Estava prestes a dizer que havia visto claramente *dois* remos algumas horas antes, mas um segundo impulso me fez pensar melhor, e não disse nada. Cheguei mais perto para ver.

Havia um rasgo longo e bem fininho no fundo da canoa, de onde um pequeno pedaço de madeira fora removido com cuidado; parecia que o dente afiado de uma pedra, ou um tronco submerso, tinha roído na horizontal, e uma rápida investigação mostrou que o buraco ia até o outro lado. Se tivéssemos zarpado sem notar, nosso naufrágio seria inevitável. Primeiro, a água faria a madeira inchar, e fecharia o buraco, mas uma vez no meio da correnteza a água entraria, e a canoa, nunca mais do que cinco centímetros acima da superfície, encheria e afundaria muito rápido.

— Aqui está, uma tentativa de preparar uma vítima para o sacrifício — ouvi ele dizer, mais para si do que para mim — duas vítimas, na verdade —

acrescentou, enquanto se inclinava e corria os dedos ao longo da fenda.

Comecei a assobiar – algo que sempre faço inconscientemente quando não sei o que fazer – e fiz questão de não prestar atenção nas palavras dele. Eu estava determinado a considerá-las bobagem.

— Não estava aqui ontem à noite — disse ele então, levantando-se ao terminar seu exame e olhando para qualquer lugar, menos para mim.

— Provavelmente, arranhamos quando aportamos, é claro. — Eu parei de assobiar para dizer. — As pedras são muito afiadas.

Parei no mesmo instante, pois ele se virou e encontrou meus olhos. Eu sabia tão bem quanto ele o quão impossível era minha explicação. Para começar, não havia pedras.

— E também tem isso para explicar — acrescentou ele tranquilamente, entregando-me o remo e apontando para a pá.

Uma nova e curiosa emoção espalhou-se sobre mim como gelo enquanto eu a pegava e examinava. A pá estava toda raspada, belamente raspada, como se alguém a tivesse lixado com cuidado, tornando-a tão fina que o primeiro golpe vigoroso teria rompido na base.

— Um de nós é sonâmbulo e fez isso — disse eu, sem muita convicção — ou... ou foi lixada pelo fluxo constante de partículas de areia que o vento soprou contra ela, talvez.

— Ah — disse o sueco virando-se e rindo um pouco —, você tem explicação pra tudo.

— O mesmo vento que pegou o remo de direção e o jogou tão perto da margem que caiu junto com o próximo monte que desmoronou — continuei, seguindo-o enquanto ele se afastava, absolutamente determinado a encontrar uma explicação para tudo o que havia me mostrado.

— Entendi — ele gritou de volta, virando a cabeça para olhar para mim antes de desaparecer entre os arbustos de salgueiro.

Uma vez que fui deixado sozinho com essas provas impressionantes de ação pessoal, acho que meu primeiro pensamento foi: “Um de nós deve ter feito isso, e certamente não fui eu”. Mas meu segundo pensamento decidiu como era impossível supor, sob qualquer circunstância, que um de nós havia feito uma coisa dessas. Que meu companheiro, o amigo de confiança de uma dúzia de expedições semelhantes, pudesse ter, em sã consciência, participado disso,

era algo que não devia ser considerado nem por um instante. Igualmente absurdo era pensar que sua personalidade imperturbável e muito prática, havia de repente enlouquecido e se ocupava com propósitos malucos.

Ainda assim permanecia o fato que, o que mais me perturbava e mantinha meu medo efetivamente vivo mesmo em meio a esse sol escaldante e beleza selvagem, era a nítida certeza de que alguma alteração curiosa havia ocorrido em sua *mente*; ele estava ansioso, tímido, desconfiado, sabia de coisas sobre os quais não falava, assistindo a uma série de eventos secretos e até então indescritíveis; aguardando, em resumo, por um clímax que ele esperava, e, eu pensei, esperava muito em breve. Tive essa intuição mal sabendo como.

Fiz um exame rápido do acampamento e seus arredores, mas as medidas da noite, entre os salgueiros e a barraca, ainda eram as mesmas. Eu notei pela primeira vez a formação de profundos orifícios na areia. Tinham forma de bacia, com várias profundidades e tamanhos, entre uma xícara de chá e uma tigela grande. O vento, sem dúvida, foi o responsável por essas crateras em miniatura, assim como por levantar o remo e jogá-lo na água. O rasgo da canoa era a única coisa que eu não conseguia explicar; e, afinal, *era* concebível que uma ponta afiada tivesse atingido quando aportamos. O exame que fiz da costa não ajudou essa teoria, mas mesmo assim me agarrei a ela com aquela porção reduzida de minha inteligência que chamava de minha “razão”. Algum tipo de explicação era uma necessidade absoluta, assim como alguma explicação de como o universo funciona é necessária – por mais absurda que seja – para a felicidade de todo indivíduo buscando cumprir seu dever no mundo e enfrentar os problemas da vida. A analogia me pareceu na época um paralelo exato.

Comecei a derreter o piche, e logo o sueco juntou-se a mim, embora nas melhores condições do mundo a canoa não estaria segura para viajar até o dia seguinte. Chamei sua atenção casualmente para os buracos na areia.

— Sim — disse ele — eu sei. Estão por toda a ilha. Mas *você* pode explicá-los, sem dúvida!

— Vento, é claro — respondi, sem hesitar. — Você nunca viu aqueles pequenos redemoinhos na rua, que retorcem e fazem tudo girar em um círculo? A areia está solta o suficiente para ceder, só isso.

Ele não respondeu e continuamos a trabalhar em silêncio. Eu o observei disfarçadamente o tempo todo e tive a impressão de que ele me observava.

Ele também parecia estar sempre ouvindo atentamente algo que eu não conseguia captar, ou talvez algo que ele esperava ouvir, pois se virava e olhava para os arbustos, para o céu e para a água, pelas frestas entre os salgueiros, onde era visível. Às vezes, ele até colocava a mão na orelha e ficava assim por vários minutos. Entretanto, não me disse nada, e eu não fiz perguntas. E enquanto isso, enquanto ele consertava a canoa rasgada com a habilidade e método de um índio, fiquei feliz em notar sua concentração no trabalho, pois havia um vago temor em meu coração de que ele falasse sobre como os salgueiros pareciam ter se aproximado. E, se ele tivesse notado isso, eu não poderia mais imaginar uma explicação razoável.

Após uma longa pausa, ele começou a falar:

— Coisa estranha — disse com uma voz meio apressada, como se quisesse falar algo e acabar logo com isso. — Coisa estranha. Quero dizer, aquela lontra ontem a noite.

Eu esperava algo tão completamente diferente que fui pego de surpresa e ergui os olhos no mesmo instante.

— Uma amostra de como este lugar é solitário. Lontras são muito tímidas...

— Eu não quis dizer isso, é claro — interrompeu ele. — Quero dizer... você acha... você achou que realmente *era* uma lontra?

— O que mais, em nome dos céus, poderia ser?

— Sabe, eu vi antes de você, e no começo, parecia... *muito* maior do que uma lontra.

— O pôr do sol, quando você olhou rio acima, deve tê-la ampliado, ou algo assim — respondi.

Ele me deu um olhar distraído por um momento, como se sua mente estivesse ocupada com outros pensamentos.

— Tinha olhos amarelos tão estranhos — continuou, meio que para si mesmo.

— Aquilo era o sol também. — Eu ri, um pouco alto demais. — Suponho que você vai dizer agora que aquele sujeito no barco...

De repente, decidi não terminar a frase. Ele estava ouvindo novamente, com a cabeça virada para o vento, e algo na expressão de seu rosto me fez parar. Deixamos o assunto e continuamos com a calafetagem. Ao que parecia, ele não havia percebido minha frase inacabada. Cinco minutos depois, porém,

olhou para mim do outro lado da canoa, o piche fumegante na mão, o rosto extremamente sério.

— Eu *realmente* me perguntei, se você quer saber — disse ele devagar — o que era aquela coisa no barco. Lembro-me de pensar no momento que não era um homem. A coisa toda pareceu surgir de repente da água.

Eu ri alto mais uma vez na sua cara, mas, dessa vez, havia impaciência e também uma pontada de raiva.

— Olhe aqui — exclamei — este lugar já é bem esquisito sem imaginarmos coisas! Aquele barco era um barco comum e o homem dentro dele era um homem comum, e os dois desciam o rio o mais rápido possível. E aquela lontra *era* uma lontra, então não vamos bancar os idiotas!

Ele olhava fixamente para mim com a mesma expressão grave. Não estava nem um pouco irritado. Eu tomei coragem com seu silêncio.

— E, pelo amor de Deus — continuei —, não finja que ouve coisas, porque isso só me dá calafrios e não há nada para ouvir, exceto o rio e esse maldito vento trovejante.

— Seu idiota! — respondeu ele, em uma voz baixa e abalada. — Seu completo idiota. É assim que todas as vítimas falam. Como se você não tivesse entendido tão bem quanto eu! — ele zombou com desdém em sua voz e um certo abandono. — A melhor coisa que você pode fazer é ficar quieto e tentar manter sua mente o mais firme possível. Esta tentativa boba de se enganar só deixa a verdade mais difícil quando você for forçado a encará-la.

Minha pequena tentativa acabou e não encontrei mais nada a dizer, pois sabia muito bem que suas palavras eram verdadeiras e que *eu* era o idiota, não *ele*. Até certo ponto da aventura ele sempre esteve à minha frente, e acho que me irritei por ficar para trás, por ser menos intuitivo, menos sensível do que ele a esses acontecimentos extraordinários, e meio ignorante sobre o que se passava bem debaixo do meu nariz. *Ele sabia* desde o início, aparentemente. Mas no momento eu perdi completamente o significado de suas palavras sobre a necessidade de haver uma vítima, e como nós estávamos destinados a satisfazer tal necessidade. Abandonei todas as pretensões a partir de então, mas daí em diante, também, meu medo aumentou em uma linha contínua até o clímax.

— Mas você está certo sobre uma coisa — acrescentou ele, antes que o assunto morresse — e é que é melhor não falar sobre isso, ou mesmo pensar

sobre isso, porque o que se *pensa*, encontra expressão em palavras, e o que se *diz*, acontece.

Passamos aquela tarde, enquanto a canoa secava e endurecia, tentando pescar, testando o remendo, recolhendo lenha e observando a enorme enchente de água subir. Grandes quantidades de madeira varriam perto de nossa costa às vezes, e nós as pescávamos com longos galhos de salgueiro. Percebemos a ilha diminuindo à medida que as margens eram arrancadas com grandes goles e pancadas na água. O tempo manteve-se bom até cerca das quatro horas, e então, pela primeira vez em três dias, o vento deu sinais de diminuir. As nuvens começaram a se juntar no sudoeste, espalhando-se lentamente pelo céu.

Essa diminuição do vento foi um grande alívio, pois os incessantes rugidos, batidas, e trovões eram irritantes. No entanto, o silêncio que seguiu por volta das cinco horas com sua súbita interrupção, foi de certo modo, igualmente opressivo. O estrondo do rio ficou com tudo para si; enchia o ar de murmúrios profundos, mais musicais do que os ruídos do vento, mas infinitamente mais monótonos. O vento erguia muitas notas, aumentava, diminuía, sempre soando algum tipo de grandiosa melodia elemental; enquanto a canção do rio ficava entre três notas no máximo; notas de pedal maçantes, de um aspecto funesto, diferente do vento, e de alguma forma me parecia – em meu presente estado de nervosismo – soar perfeitamente bem como a música da ruína.

Também era extraordinário, como a repentina ausência do brilho do sol tirou da paisagem tudo que criava alegria; e no caso, aquela paisagem em particular já havia conseguido sugerir algo de sinistro e a mudança foi ainda mais indesejável e perceptível. Para mim, eu sei, o horizonte escurecendo tornou-se distintamente mais assustador e me peguei mais de uma vez calculando quanto tempo após o pôr do sol a lua cheia surgiria no leste e se as massas de nuvens interfeririam muito com a iluminação da ilhazinha.

Com esse silêncio do vento – embora ele ainda se permitisse breves rajadas ocasionais – o rio me pareceu ficar mais escuro e os salgueiros mais juntos e densos. Esses últimos, além disso, mantinham uma espécie de movimento próprio, farfalhando entre si quando não havia vento e com um tremor estranho das raízes para cima. Quando objetos comuns como esses se tornam carregados com a sugestão de horror, estimulam a imaginação muito mais do

que coisas de aparência incomum. E esses arbustos, aglomerados um ao lado do outro ao nosso redor, adquiriram para mim na escuridão uma bizarra grotesqueria²⁹ que lhes deu o aspecto de criaturas vivas e com um propósito. Sua normalidade, pensei, mascarava o que era maligno e hostil para nós. As forças da região se aproximavam com a chegada da noite. Elas começavam a se concentrar em nossa ilha e, mais particularmente, em nós. E era assim, em termos de imaginação, que minhas sensações indescritíveis nesse lugar extraordinário se apresentavam.

Eu havia dormido um bocado no início da tarde e me recuperado um pouco do cansaço da noite agitada, mas pelo visto, isso só serviu para me deixar mais suscetível do que antes ao feitiço obsessivo da assombração. Lutei contra ele, rindo de meus sentimentos, e taxando-os como absurdos e infantis, com explicações físicas muito óbvias, mas, apesar de todos os esforços, eles ganharam força sobre mim, de modo que eu temia a noite como uma criança perdida na floresta deve temer a aproximação da escuridão.

A canoa, tínhamos coberto com um lençol impermeável durante o dia e o remo que restava foi bem amarrado pelo sueco à base de uma árvore, para que o vento não o roubasse também. A partir das cinco horas, ocupei-me com a panela e os preparativos para o jantar, pois naquela noite era minha vez de cozinhar. Tínhamos batatas, cebolas, pedaços de gordura de bacon para dar sabor, e um resíduo grosso de ensopados no fundo da panela. Com pão preto partido por cima, o resultado seria excelente, e um ensopado de ameixas com açúcar e uma infusão de chá forte com leite em pó³⁰ seguiria depois. Uma boa pilha de madeira estava à mão, e a ausência de vento facilitou minhas tarefas. Meu companheiro me observava preguiçosamente de onde estava sentado, dividindo suas atenções entre limpar o cachimbo e dar conselhos inúteis – privilégio de quem está de folga. Ele havia ficado muito quieto durante toda a tarde, ocupado em calafetar a canoa, fortalecer as cordas da barraca e pescar por lenha enquanto eu dormia. Não trocamos nenhuma conversa sobre coisas indesejáveis e suas únicas observações tinham a ver com a destruição gradual da ilha, que ele declarou estar quase um terço menor do que quando aportamos.

O pote começava a borbulhar quando ouvi sua voz me chamando da margem, onde ele havia se afastado sem que eu percebesse. Eu corri até ele.

— Venha, ouça — disse ele — e veja o que você acha. — Ele levou a mão em forma de concha ao ouvido, como tantas vezes antes. — *Agora* você ouve alguma coisa? — perguntou, encarando-me com curiosidade.

Ficamos ali, ouvindo juntos com atenção. A princípio, ouvi apenas a nota profunda da água e os assobios vindos de sua superfície turbulenta. Os salgueiros, pela primeira vez, estavam imóveis e silenciosos. Então, um som começou a alcançar meus ouvidos aos poucos, um som peculiar; algo como o zumbido de um gongo distante. Parecia chegar até nós na escuridão, vindo do deserto de pântanos e salgueiros do lado oposto. Repetia-se em intervalos regulares, mas certamente não era o som de um sino nem o apito de um navio distante. Não posso compará-lo a nada além do som de um gongo imenso, suspenso bem alto no céu, ressoando sem parar sua nota metálica abafada, suave e musical, à medida que era golpeada repetidamente. Meu coração acelerou enquanto eu ouvia.

— Eu ouvi o dia todo — disse meu companheiro. — Enquanto você dormia esta tarde, estava por toda a ilha. Eu procurei, mas não consegui chegar perto o suficiente para ver... para localizar com certeza. Às vezes estava no alto, e outras vezes parecia estar debaixo d'água. Uma ou duas vezes, também, eu podia jurar que não vinha do lado de fora, mas de *dentro de mim*... você sabe... a forma como um som na quarta dimensão deve vir.

Eu estava perplexo demais para prestar muita atenção às suas palavras. Escutei com atenção, tentando associá-lo a qualquer som familiar conhecido em que pudesse pensar, mas sem sucesso. Mudou de direção inclusive, chegou mais perto e depois mergulhou para bem longe, em uma distância remota. Não posso dizer que tinha uma característica assustadora, porque para mim parecia nitidamente musical, mas devo admitir que desencadeou uma sensação angustiante que me fez desejar nunca tê-lo ouvido.

— O vento soprando nesses funis de areia — disse eu, determinado a encontrar uma explicação — ou os arbustos esfregando-se uns aos outros depois da tempestade, talvez.

— Vem de todo o pântano — respondeu meu amigo. — De todos os lugares ao mesmo tempo. — Ele ignorou minhas explicações. — Vem dos arbustos de salgueiro de alguma forma...

— Mas agora o vento diminuiu — contestei. — Os salgueiros dificilmente podem fazer barulho por si mesmos, podem?

Sua resposta me assustou, primeiro porque eu a temia e, segundo, porque sabia em minha intuição que era verdade.

— É *porquê* o vento diminuiu que agora ouvimos. Havia sido abafado antes. É o grito, eu acredito, dos...

Corri de volta para o fogo, avisado pelo som de borbulhar que o guisado estava em perigo, mas, ao mesmo tempo, decidido a escapar de nossa conversa. Eu estava determinado, se possível, a evitar a troca de pontos de vista. Eu também temia que ele comesse a falar sobre os deuses, ou as forças elementais, ou qualquer outra coisa esquisita, e eu queria me manter bem sob controle para o que poderia acontecer mais tarde. Deveríamos passar outra noite neste lugar angustiante antes de escaparmos, e não havia como saber o que poderia acontecer.

— Venha até aqui e corte o pão para a panela — gritei para ele, mexendo vigorosamente a apetitosa mistura. Aquele caldeirão trazia sanidade para nós dois e o pensamento me fez rir.

Ele se aproximou devagar e pegou o saco de mantimentos da árvore, procurando em suas misteriosas profundezas e depois esvaziando todo o conteúdo no lençol aos seus pés.

— Vamos! — pedi. — Está fervendo.

O sueco caiu em uma gargalhada que me assustou. Foi uma risada forçada, não exatamente artificial, mas sem alegria.

— Não há nada aqui! — gritou ele, com as mãos na cintura.

— O pão, estou falando.

— Nada. Não tem pão. Eles levaram!

Deixei a longa colher e subi correndo. Tudo o que o saco continha estava no lençol, mas não tinha pão.

Todo o peso morto do meu crescente pavor despencou sobre mim e me sacudiu. Então comecei a gargalhar também. Era a única coisa a fazer; e o som da minha risada me fez entender a dele. A carga da pressão psíquica causou essa explosão de risos artificiais em nós dois; eram nossas forças reprimidas buscando alívio; uma válvula de escape temporária. E com nós dois, de repente cessou.

— Que estupidamente criminoso da minha parte! — exclamei, ainda determinado a ser consistente e encontrar uma explicação. — Eu devo ter

esquecido de comprar pão em Pressburg. Aquela mulher tagarela tirou tudo da minha cabeça, e provavelmente deixei no balcão ou...

— A aveia também, tem muito menos do que hoje de manhã — interrompeu o sueco.

Por que diabos ele precisava chamar atenção para isso? Eu pensei com raiva.

— Temos o suficiente para amanhã — disse eu, de volta na panela e mexendo depressa — e podemos conseguir muito mais em Komorn ou Gran. Em vinte e quatro horas, estaremos a quilômetros daqui.

— Espero que sim... por Deus — murmurou, colocando as coisas de volta no saco — a não ser que antes nos façam vítimas do sacrifício — acrescentou com uma risada tola.

Ele arrastou o saco para dentro da barraca, por segurança, eu suponho, e eu o ouvi resmungar para si mesmo, mas mal consegui distinguir suas palavras, e me pareceu natural ignorá-las.

Nossa refeição, foi sem dúvidas, um pouco desanimada, e comemos quase em silêncio, evitando os olhos um do outro, mantendo o fogo aceso. Então, guardamos tudo e nos preparamos para a noite e, uma vez que acendemos nossos cachimbos, com nossas mentes livres dos deveres, a apreensão que senti o dia todo se tornou cada vez mais aguda. Não era um medo ativo naquele momento, eu acho, mas a própria imprecisão de sua origem me angustiava muito mais do que se eu fosse capaz de enfrentá-lo de frente. O curioso som que comparei à nota de um gongo soava sem parar agora, e preencheu a quietude da noite com um tom fraco e contínuo, em vez de uma série de notas distintas. Em um momento estava atrás, e em outro, na nossa frente. Às vezes eu achava que vinha dos arbustos à nossa esquerda e, de novo, dos aglomerados de salgueiros à nossa direita. Na maioria das vezes, pairava bem acima de nossas cabeças, como o bater de asas. Vinha de todos os lugares ao mesmo tempo, de trás, da frente, do nosso lado, e de cima, nos cercando por completo. O som realmente desafiava qualquer descrição, e nada que eu conhecia era como aquele zumbido abafado e incessante, elevando-se do mundo deserto de pântanos e salgueiros.

Fumamos quase em silêncio, a tensão aumentando a cada minuto. Para mim, o pior de tudo era que não sabíamos o que esperar e, portanto, não podíamos nos preparar para a defesa. Não podíamos antecipar nada. Minhas explicações feitas durante o dia, além disso, agora me assombravam por sua

completa idiotice e mediocridade, e ficava cada vez mais claro para nós que uma conversa honesta era inevitável, gostasse eu ou não. Afinal, tínhamos que passar a noite juntos e dormir lado a lado na mesma barraca. Eu não poderia ficar muito mais tempo sem o apoio da mente de meu companheiro e, para isso, uma conversa franca era imprescindível. Adiei esse pequeno clímax o máximo que consegui, e tentei ignorar, ou rir, das frases soltas que ele lançava no vazio.

Além do mais, algumas dessas frases me desconcertavam, pois validavam muito do que eu sentia; validação de um ponto de vista bem diferente – o que tornava muito mais convincente. Ele compunha frases tão curiosas e as atirava contra mim de um jeito tão inconsequente, como se sua principal linha de pensamento fosse um segredo até para ele, e esses fragmentos meros pedacinhos que ele não conseguia digerir. Livrava-se deles ao colocá-los em voz alta. A fala o aliviava. Era como estar doente.

— Existem coisas ao nosso redor, tenho certeza, que levam à desarmonia, desintegração, destruição, *nossa* destruição — disse ele uma vez, enquanto o fogo ardia entre nós. — Nós nos desviamos da linha de segurança em algum ponto.

E, outra vez, quando os sons do gongo haviam se aproximado, soando muito mais alto do que antes e diretamente sobre nossas cabeças, ele disse como se estivesse falando consigo mesmo:

— Eu acho que um gramofone não conseguiria gravar nada disso. O som não chega até mim pelos ouvidos. As vibrações vem de um jeito completamente diferente, como se estivessem dentro de mim, o que é exatamente como um som quadridimensional talvez possa ser ouvido.

Eu não respondi, mas me sentei um pouco mais perto do fogo e olhei ao meu redor na escuridão. As nuvens cobriam todo o céu, e nenhum traço de luar penetrava. Tudo estava muito parado, além disso, de modo que o rio e os sapos tinham tudo para si.

— Tem aquela coisa — continuou ele — que é totalmente fora da experiência comum. É *desconhecido*. Só posso descrever realmente como: um som não humano; quero dizer, um som fora da humanidade.

Ao se livrar deste pedaço indigesto, ele ficou calado por um tempo, mas expressou com tanta lucidez o que eu também sentia, que foi um alívio ter o

pensamento exposto, e então confinado na limitação de palavras, em vez de sua peregrinação perigosa, para lá e para cá, na mente.

A solidão daquele acampamento no Danúbio, algum dia poderei esquecer? A sensação de estar totalmente sozinho em um planeta vazio! Meus pensamentos corriam sem parar sobre cidades e redutos dos homens. Eu teria dado minha alma, como dizem, pela “sensação” daquelas aldeias bávaras pelas quais passamos aos montes; para os lugares mundanos normais; camponeses bebendo cerveja, mesas sob as árvores, sol quente, e as ruínas de um castelo atrás da igreja de telhado vermelho. Até os turistas seriam bem-vindos.

No entanto, o pavor que eu sentia não era nenhum medo fantasmagórico comum. Era infinitamente maior, mais estranho, e surgia de uma vaga sensação primitiva de terror, mais profundamente perturbadora do que qualquer coisa conhecida ou sonhada por mim. Tínhamos “nos desviado”, como disse o sueco, para alguma região ou algum conjunto de circunstâncias, em que os riscos eram grandes, embora ininteligíveis para nós; onde nos aproximávamos das fronteiras de um mundo desconhecido. Era um local mantido pelos moradores de alguma outra dimensão, uma espécie de olho mágico de onde espiavam a terra sem serem vistos, um ponto onde o véu dividindo os mundos havia se desgastado um pouco. Se ficássemos muito tempo aqui, seríamos transportados para além da divisa, e roubados do que chamamos de “nossas vidas”, ainda que por processos mentais, não físicos. E assim, como ele disse, seríamos vítimas de nossa aventura – sacrifícios.

Dominou a cada um de maneiras diferentes, de acordo com sua sensibilidade e poder de resistência. Para mim, era a personificação de elementos perturbados ao extremo, que eu revesti com o horror de um propósito maligno e deliberado, ressentidos de nossa intrusão audaciosa em seu local de procriação; enquanto meu amigo considerou uma invasão em algum santuário antigo, algum lugar onde os velhos deuses ainda dominavam, onde as energias emocionais dos adoradores ainda se apegavam, e sua parte ancestral cedia ao velho feitiço pagão.

De qualquer forma, aqui estava um local não poluído pelos homens, mantido limpo pelos ventos das grosseiras influências humanas, um local onde os organismos espirituais estavam próximos e eram agressivos. Nunca, antes ou depois, fui tão atacado por ideias inexplicáveis de um “além da região”, de

outro esquema de vida, outra evolução não paralela aos seres humanos. E no final, nossas mentes sucumbiriam sob o peso do terrível feitiço, e nós seríamos arrastados através da fronteira para o mundo *deles*.

Pequenas coisas demonstravam a incrível influência do lugar, e agora, no silêncio ao redor do fogo, elas se permitiam ser notadas pela mente. Até mesmo as circunstâncias provaram ser um meio de ampliação para distorcer todos os indícios: a lontra rolando na corrente, o barqueiro apressado fazendo sinais, os salgueiros mutáveis, todos tinham sido privados de seu caráter natural e revelado algo de seu outro aspecto – como existiam além da fronteira daquela outra região. E esse aspecto alterado não era apenas para mim, mas para a raça. Toda a experiência cujo limite tocamos era absolutamente desconhecida para a humanidade. Era um novo tipo de experiência e, no verdadeiro sentido da palavra, *extraterrestre*.

— É a intenção deliberada e calculista que reduz a coragem de uma pessoa a zero — disse o sueco de repente, como se acompanhasse meus pensamentos.

— Se não, a imaginação fica responsável por muita coisa. Mas o remo, a canoa, a comida que diminuiu...

— Eu não expliquei tudo isso? — interrompi, irritado.

— Você explicou — ele respondeu seco. — Você realmente explicou.

Ele também fez outras observações, como de costume, sobre o que chamou de “nítida intenção de fornecer uma vítima”; mas, agora com meus pensamentos mais bem organizados, reconheci que este era apenas o grito de sua alma assustada ao perceber que estava sendo atacado em uma parte vital, e seria de alguma forma pego ou destruído. A situação exigia coragem e uma tranquilidade de raciocínio que nenhum de nós poderia alcançar, e nunca estive tão consciente antes de duas pessoas dentro mim – aquela que explicava tudo e a outra que ria de tais explicações tolas, mas tinha um medo terrível.

Enquanto isso, na noite escura, o fogo diminuiu e a pilha de lenha reduziu. Nenhum de nós se moveu para reabastecer o estoque e, conseqüentemente, a escuridão veio muito perto de nossos rostos. Alguns metros além do círculo de luz do fogo, estava preto como tinta. Ocasionalmente, uma rajada de vento perdida fazia os salgueiros estremecerem ao nosso redor, mas, além desse som não muito bem-vindo, reinava um silêncio profundo e deprimente, quebrado apenas pelo gorgolejar do rio e o zumbido no ar acima.

Nós dois sentimos falta, eu acho, da companhia gritante dos ventos.

Por fim, no momento em que uma brisa perdida se demorava como se o vento fosse aumentar de novo, cheguei ao meu limite, ao ponto em que era absolutamente necessário me aliviar na fala sincera, ou senão expor alguma extravagância histérica com um efeito muito pior para nós dois. Eu chutei o fogo até se tornar uma labareda e subitamente virei para meu companheiro. Ele ergueu os olhos com um sobressalto.

— Não consigo mais disfarçar — disse eu. — Não gosto deste lugar, da escuridão, dos barulhos e dos sentimentos horríveis que me dão. Tem alguma coisa aqui que me derrota completamente. Estou perturbado, e essa é a pura verdade. Se a outra margem fosse... diferente, juro que não acharia má ideia ir até lá nadando.

O rosto do sueco ficou branco sob o bronzeado intenso do sol e vento. Ele fixou seus olhos nos meus e respondeu sem alarde, mas sua voz traiu sua enorme agitação, por ser calma demais. No momento, de qualquer forma, ele era o mais forte entre nós dois. Ele era mais tranquilo, para começar.

— Não é uma condição física da qual podemos escapar fugindo — respondeu ele, no tom de um médico diagnosticando alguma doença grave. — Devemos sentar e esperar. Existem forças ao nosso redor que podem matar uma manada de elefantes em um segundo com a mesma facilidade com que você ou eu podemos esmagar uma mosca. Nossa única chance é ficar perfeitamente quietos. Nossa insignificância talvez possa nos salvar.

Eu coloquei uma dúzia de perguntas na expressão do meu rosto, mas não encontrei palavras. Era exatamente como ouvir uma descrição precisa de uma doença cujos sintomas me intrigavam.

— Quero dizer que até agora, apesar de perceberem e se incomodarem com nossa presença, eles não nos *encontraram*... não nos “localizaram”, como dizem os americanos — continuou ele. — Estão procurando por toda parte como homens caçando um vazamento de gás. O remo, a canoa e os mantimentos provam isso. Acho que eles nos *sentem*, mas não podem realmente nos ver. Devemos manter nossas mentes quietas... são nossas mentes que eles sentem. Devemos controlar nossos pensamentos, ou está tudo acabado.

— Morte, você quer dizer? — eu gaguejei, gelado com o horror de sua concepção.

— Pior, muito pior — disse ele. — A morte, de acordo com a crença de uma pessoa, significa extinção ou liberação das limitações dos sentidos, mas não envolve mudança de essência. Você não se altera de repente só porque o corpo se foi. Mas isso significa uma alteração radical, uma mudança completa, uma perda horrível de si mesmo por transformação... muito pior do que a morte, e mesmo a extinção. Por um acaso acampamos em um local onde a região deles toca a nossa, onde o véu entre elas se desgastou... — Que horror! Ele usava minha frase, minhas mesmas palavras... — então sabem que estamos em sua vizinhança.

— Mas *quem* sabe? — perguntei.

Esqueci o tremor dos salgueiros na calmaria sem vento, o zumbido lá em cima, tudo, exceto que esperava resposta que temia mais do que poderia explicar.

Ele baixou a voz imediatamente para responder, inclinando-se um pouco sobre o fogo, uma estranha mudança em seu rosto me fez evitar seus olhos e encarar o chão.

— Por toda a minha vida — disse ele —, sempre tive certeza da existência de uma outra região... não muito distante de nosso mundo em um sentido, mas totalmente diferente em espécie... onde coisas incríveis acontecem o tempo todo, onde personalidades imensas e terríveis correm com grandiosos propósitos, comparados aos quais os assuntos terrenos, a ascensão e queda das nações, os destinos dos impérios, o futuro dos exércitos e continentes, são todos como poeira na balança; amplos propósitos, quero dizer, que se conectam diretamente com a alma, e não indiretamente com meras expressões da alma...

— Eu sugiro agora... — comecei, tentando detê-lo, sentindo como se estivesse cara a cara com um maluco, mas ele me refreou no mesmo instante, com sua enxurrada que *tinha* que vir.

— Você acha — disse ele — que é o espírito dos elementos, e eu pensei que talvez fossem os deuses antigos. Mas eu digo a você agora, não é... *nenhum deles*. Essas seriam entidades compreensíveis, pois estão relacionadas aos homens, dependem deles para adoração ou sacrifício, ao passo que esses seres agora ao nosso redor não têm absolutamente nada a ver com a humanidade, e é por mero acaso que sua dimensão toca a nossa exatamente neste local.

Apenas a concepção – que suas palavras tornaram tão convincentes, enquanto eu as ouvia ali na quietude escura daquela ilha solitária – me fez estremecer por todo o corpo. Era impossível controlar meus movimentos.

— E o que você propõe? — eu recomecei.

— Um sacrifício, uma vítima, pode nos salvar, distraindo-os até conseguirmos fugir — continuou ele — assim como os lobos param para devorar os cães e dão ao trenó um momento de vantagem. Mas... eu não vejo nenhuma chance de alguma outra vítima agora.

Eu olhei fixamente para ele. O brilho em seus olhos era aterrorizante. Ele então continuou:

— São os salgueiros, claro. Os salgueiros *mascaram* os outros, mas os outros estão procurando com seus sentidos por nós. Se deixarmos nossas mentes mostrarem nosso medo, estamos perdidos, totalmente perdidos. — Ele me olhou com uma expressão tão calma, tão determinada, tão sincera, que não tive mais dúvidas quanto à sua sanidade. Ele estava tão são quanto qualquer homem já foi. — Se pudermos aguentar a noite — acrescentou ele —, podemos sair à luz do dia despercebidos, ou melhor, sem sermos *descobertos*.

— Mas você realmente acha que um sacrifício poderia...

Aquele zumbido semelhante a um gongo desceu muito perto de nossas cabeças enquanto eu falava, mas foi o rosto assustado do meu amigo que realmente interrompeu minha boca.

— Silêncio! — sussurrou ele erguendo a mão. — Não fale deles mais que o necessário. Não se refira a eles *pelo nome*. Nomear é revelar; é a pista inevitável, e nossa única esperança está em ignorá-los, para que eles possam nos ignorar.

— Mesmo em pensamento? — Ele estava extremamente agitado.

— Especialmente em pensamento. Nossos pensamentos fazem espirais em seu mundo. Devemos mantê-los *fora de nossas mentes* a todo custo, se possível.

Mexi no fogo para evitar que a escuridão tomasse conta. Nunca desejei o sol como no breu terrível daquela noite de verão.

— Você estava acordado a noite toda ontem? — continuou ele, de repente.

— Dormi um pouco depois do amanhecer — respondi evasivo, tentando seguir suas instruções, que eu sabia por intuição serem verdadeiras —, mas o vento, é claro...

— Eu sei. Mas o vento não explica todos os ruídos.

— Então você ouviu também?

— Os incontáveis pequenos passos se multiplicando, eu ouvi — disse ele e acrescentou, após um momento de hesitação: — e aquele outro som...

— Você quer dizer acima da barraca, e aquela coisa gigantesca, tremenda, pressionando sobre nós?

Ele concordou com a cabeça.

— Foi como o início de uma espécie de sufocamento interno? — disse eu.

— Em parte, sim. Pareceu-me que o peso da atmosfera havia sido alterado... havia aumentado muito e teríamos sido esmagados.

— E isso — continuei, determinado a esclarecer tudo, apontando para cima, onde a nota semelhante a um gongo zumbia, subindo e descendo como o vento. — O que você acha disso?

— É o som *deles* — ele sussurrou, sério. — É o som de seu mundo, o ruído de sua região. A divisão aqui é tão tênue que vaza de alguma forma. Mas, se você ouvir com atenção, vai perceber que não está acima, mas ao nosso redor. Está nos salgueiros. São os próprios salgueiros cantarolando, porque aqui os salgueiros são símbolos das forças contra nós.

Não consegui entender exatamente o que ele queria dizer, mas o pensamento e a ideia em minha mente sem dúvidas não questionariam o pensamento e a ideia na mente dele. Eu percebia as mesmas coisas que ele, mas com menos poder de análise. Estava na ponta da língua finalmente dizer sobre minha alucinação com as figuras ascendentes e os arbustos se movendo, quando ele de repente empurrou seu rosto para perto do meu através da luz do fogo, e começou a falar em um sussurro muito sério. Ele me surpreendia por sua calma e coragem, seu aparente controle da situação. Este homem que durante anos considerei um cético, insensível!

— Agora, escute — disse ele. — A única coisa que devemos fazer é continuar como se nada tivesse acontecido, seguir nossos hábitos normais, ir para a cama e assim por diante; fingir que não sentimos nada e não notamos nada. É uma completa questão da mente, e quanto menos pensarmos neles,

maior nossa chance de escapar. Acima de tudo, não *pense*, pois o que você pensa, acontece!

— Tudo bem — consegui responder, completamente sem fôlego com suas palavras e com a estranheza de tudo. — Tudo bem, vou tentar, mas me diga mais uma coisa primeiro. Diga-me o que você acha dessas cavidades no solo à nossa volta, aqueles funis de areia?

— Não! — exclamou, esquecendo-se de sussurrar em sua alteração. — Não ouse, simplesmente não ouse colocar o pensamento em palavras. Se você ainda não adivinhou, fico feliz. Não tente. *Eles* colocaram em minha mente; tente o seu melhor para evitar que eles coloquem na sua.

Ele baixou a voz outra vez para um sussurro antes de terminar e eu não insisti para que explicasse. Já havia tanto horror em mim quanto eu poderia conter. A conversa chegou ao fim e fumamos nossos cachimbos em silêncio.

Então algo aconteceu, algo aparentemente sem importância, como acontece quando os nervos estão em um estado de tensão muito grande, e essa pequena coisa por um breve espaço me deu um ponto de vista totalmente diferente. Por acaso, olhei para o meu sapato de areia – o tipo que usamos na canoa – e algo a ver com o buraco no dedo do pé de repente me lembrou da loja em Londres onde eu os comprei, a dificuldade que o homem teve em ajustá-lo e outros detalhes da operação desinteressante, mas prática. No mesmo instante, nesse trem de pensamento, seguiu-se uma visão saudável do mundo cético moderno que eu estava acostumado a viver em casa. Pensei em rosbife e cerveja, carros motorizados, policiais, bandas de música e uma dúzia de outras coisas que anunciavam o espírito corriqueiro ou útil. O efeito foi imediato e surpreendente até para mim. Psicologicamente, suponho, foi apenas uma reação repentina e violenta após a tensão de viver cercado de coisas que, para a consciência normal, eram impossíveis. Mas, seja qual for o caso, por um momento tirou o feitiço do meu coração e me deixou, por um curto espaço de tempo, livre e completamente sem medo. Eu olhei para o meu amigo à minha frente.

— Seu maldito velho pagão! — eu disse, rindo alto na cara dele. — Seu idiota fantasioso! Seu idólatra supersticioso! Seu...

Parei na metade, tomado mais uma vez pelo antigo horror. Tentei abafar o som da minha voz como se tivesse cometido um sacrilégio. O sueco, é claro,

também ouviu – o estranho grito lá em cima na escuridão – e a queda repentina no ar como se algo tivesse se aproximado.

Ele tinha ficado pálido sob o bronzado. Ficou em pé na frente do fogo, rígido como um bastão, me encarando.

— Depois disso — disse ele, de uma forma meio desamparada e frenética —, temos que ir! Não podemos ficar agora; devemos abandonar o acampamento neste instante e ir... rio abaixo.

Eu percebi que sua fala era descontrolada, suas palavras ditadas por um terror abominável... o terror a que ele resistiu por tanto tempo, mas que finalmente o havia capturado.

— No escuro? — exclamei, tremendo de medo após minha explosão histérica, mas ainda percebendo nossa situação melhor do que ele. — Completa loucura! O rio está inundado e só temos um remo. Além disso, só vamos entrar mais fundo na região deles! Não há nada por oitenta quilômetros adiante, a não ser salgueiros, salgueiros, salgueiros!

Ele se sentou outra vez em um estado de semicolapso. As posições, por uma daquelas mudanças caleidoscópicas que a natureza ama, foram repentinamente invertidas e o controle de nossas forças passou para minhas mãos. Sua mente afinal havia chegado ao ponto em que começava a enfraquecer.

— O que diabos você deu em você para fazer uma coisa dessas? — sussurrou ele, com o terror genuíno em sua voz e rosto.

Eu cruzei para o seu lado da fogueira. Peguei suas mãos nas minhas, ajoelhando-me ao lado dele e olhando diretamente em seus olhos assustados.

— Faremos mais uma fogueira — eu disse com firmeza — e depois vamos dormir. Ao amanhecer, partiremos a toda velocidade para Komorn. Agora, controle-se um pouco e se lembre do seu próprio conselho sobre *não pensar no medo!*

Ele não disse mais nada, assim vi que ele concordaria e obedeceria. De certa maneira, também foi uma espécie de alívio levantar e fazer uma excursão na escuridão em busca de mais madeira. Fomos juntos, quase nos tocando, tateando entre os arbustos e ao longo da margem. O zumbido no acima nunca parava, mas parecia ficar mais alto à medida que aumentávamos nossa distância do fogo. Foi um trabalho arrepiante!

Procurávamos em meio a um denso grupo de salgueiros, onde um pouco de madeira de uma antiga enchente se prendeu entre os galhos mais altos, quando fui agarrado por uma força que fez metade do meu corpo cair na areia. Era o sueco. Ele havia caído contra mim e segurava-me como apoio. Eu ouvi sua respiração indo e vindo em arfadas curtas.

— Olhe! Pela minha alma! — ele sussurrou e pela primeira vez em minha vida, eu soube o que era ouvir lágrimas de terror em uma voz humana. Ele apontava para o fogo, a cerca de quinze metros de distância. Segui a direção de seu dedo e juro que meu coração parou de bater.

Lá, em frente ao brilho fraco, *algo se movia*.

Eu vi através de um véu que pendia diante dos meus olhos como a cortina de gaze usada na parte de trás de um teatro, um pouco turva. Não era uma figura humana nem animal. Para mim, deu a estranha sensação de ser do tamanho de vários animais agrupados, como cavalos, dois ou três, movendo-se lentamente. O sueco também teve uma ideia parecida, embora a expressasse de forma diferente, pois ele pensava que tinha a forma e o tamanho de um aglomerado de arbustos de salgueiro, arredondado no topo e com uma superfície móvel... “enrolados um no outro como fumaça”, ele disse depois.

— Eu os vi baixar por entre os arbustos — ele soluçou para mim. — Olhe, por Deus! Está vindo para cá! Ah, ah! — ele deu uma espécie de grito sibilante. — *Eles nos encontraram*.

Lancei um olhar aterrorizado, que apenas me deu tempo de ver a forma sombria balançando em nossa direção através dos arbustos, e então caí para trás com um estrondo nos galhos. Estes falharam em suportar meu peso, é claro, e com o sueco em cima de mim, caímos em um amontoado na areia. Eu mal sabia o que estava acontecendo. Percebia apenas ser envolvido por uma espécie de medo glacial que arrancou meus nervos de sua cobertura de carne, torceu-os de um lado para o outro, e os colocou de volta, trêmulos. Meus olhos estavam bem fechados; algo na minha garganta me sufocou; a sensação de que minha consciência se expandia, estendia-se no espaço, rapidamente deu lugar a outra sensação, a de que eu a perdia completamente e estava prestes a morrer.

Um espasmo agudo de dor passou por mim e percebi o sueco me segurando de um jeito que me causava uma dor abominável. Foi como ele se apoiou em mim ao cair.

Mas foi a dor, declarou ele depois, que me salvou; pois me fez *esquecê-los* e pensar em outra coisa no exato instante em que estavam prestes a me encontrar. Escondeu minha mente deles no momento da descoberta, mas bem a tempo de evitar a terrível apreensão do meu eu. Ele diz que no mesmo momento desmaiou, e isso o salvou.

Só sei que mais tarde – se muito tempo depois ou não, é impossível dizer – me vi saindo da rede escorregadia de galhos de salgueiro e vi meu companheiro parado na minha frente, com a mão estendida para me ajudar. Eu o encarei atordoado, esfregando o braço que ele torceu. Simplesmente não consegui dizer nada.

— Perdi a consciência por um momento — ouvi-o dizer. — Foi isso que me salvou. Isso me fez parar de pensar neles.

— Você quase partiu meu braço em dois — eu disse, expressando meu único pensamento que fazia sentido no momento. Uma dormência tomou conta de mim.

— Foi isso que salvou *você!* — respondeu ele. — Entre nós, conseguimos colocá-los em falso rumo para algum lugar. O zumbido cessou. Desapareceu... pelo menos por hora!

Uma onda de risos histéricos se apoderou de mim de novo, e desta vez se espalhou para meu amigo também; grandes rajadas curativas de risada vibrante que trouxeram uma tremenda sensação de alívio em sua sequência. Voltamos para o fogo e acendemos a lenha para que queimasse imediatamente. Então vimos que a barraca havia caído e se emaranhava numa pilha no chão.

Nós a levantamos e, durante o processo, tropeçamos mais de uma vez e prendemos nossos pés na areia.

— São aqueles funis de areia — exclamou o sueco, quando erguemos a barraca de novo e a luz do fogo iluminou o solo por vários metros à nossa volta. — E olhe o tamanho deles!

Cercando toda a barraca e ao redor da fogueira onde vimos as sombras em movimento, havia profundas cavidades em forma de funil, exatamente semelhantes às que já tínhamos encontrado na ilha, só que muito maiores e mais profundas, bem formadas e largas o suficiente, algumas delas, para caber todo o meu pé e perna.

Nenhum de nós disse uma palavra. Ambos sabíamos que dormir era a coisa mais segura a fazer e, assim, fomos para a cama sem mais demora, mas primeiro jogamos areia no fogo e levamos o saco de mantimentos e o remo para dentro da barraca. A canoa também, colocamos de um jeito que nossos pés a tocavam na porta da barraca, e perceberíamos o menor movimento e acordaríamos.

Além do mais, em caso de emergência, fomos para a cama vestidos, prontos para fugir se necessário.

V

Era minha firme intenção ficar acordado a noite toda, mas o esgotamento dos nervos e corpo decretou o contrário, e o sono, depois de um tempo, me envolveu com um bem-vindo cobertor de esquecimento. O fato de meu companheiro também ter dormido acelerou sua aproximação. Primeiro, ele estava inquieto e sentava-se o tempo todo, perguntando se eu “ouvi isso” ou “ouvi aquilo”. Virava para cá e para lá no colchão de cortiça e dizia que a barraca estava se movendo e que o rio tinha subido, mas cada vez que eu saía para olhar, voltava com a notícia de que tudo permanecia bem, e finalmente ele se acalmou e ficou parado. Então, por fim, sua respiração tornou-se regular e ouvi sons inconfundíveis de ronco; a primeira e única vez em minha vida em que o ronco foi uma influência bem-vinda e calmante.

Este, eu me lembro, foi o último pensamento em minha mente antes de adormecer.

Uma dificuldade em respirar me acordou e percebi que o cobertor estava cobrindo meu rosto. Mas algo além do cobertor se pressionava sobre mim, e meu primeiro pensamento foi que meu companheiro havia rolado do seu colchão para o meu durante o sono. Chamei-o e me sentei e, no mesmo momento, percebi que a barraca estava *rodeada*. Aquele ruído suave de numerosos tamborilares era novamente audível do lado de fora, preenchendo a noite de horror.

Chamei novamente por ele, mais alto do que antes. Ele não respondeu, mas senti falta de seu ronco, e também notei que a aba da barraca estava solta. Este foi o pecado imperdoável. Arrastei-me na escuridão para prendê-la com segurança e foi então que percebi que o sueco não estava ali. Ele tinha ido embora.

Saí da barraca em uma corrida maluca, tomado por uma agitação terrível e, no momento em que saí, mergulhei em uma espécie de enxurrada de zumbidos que me cercou por completo, vindo de todos os cantos do céu ao mesmo tempo. Era o mesmo zumbido familiar, mas enlouquecido! Um enxame de grandes abelhas invisíveis poderia estar no ar ao meu redor. O som parecia engrossar o próprio ar e senti que meus pulmões respiravam com dificuldade.

Mas meu amigo estava em perigo e eu não podia hesitar.

O amanhecer estava prestes a romper e uma tênue luz pálida se espalhava sobre as nuvens a partir de uma fina faixa de horizonte visível. Não havia vento. Eu podia apenas distinguir os arbustos e o rio além, e as manchas de areia clara. Em minha excitação, corri freneticamente de um lado para o outro pela ilha, chamando seu nome, gritando a plenos pulmões as primeiras palavras que me vinham à cabeça. Mas os salgueiros sufocaram minha voz e o zumbido a abafou, de modo que o som viajou apenas alguns metros ao meu redor. Eu mergulhei entre os arbustos, tropeçando de cabeça, esbarrando em raízes e arranhando meu rosto enquanto abria caminho entre os galhos.

Então, de um jeito bem inesperado, cheguei ao final da ilha e vi uma silhueta escura delineada entre a água e o céu. Era o sueco. E ele já tinha um pé no rio! Mais um momento e ele teria mergulhado.

Eu me lancei sobre ele, jogando meus braços em volta de sua cintura e arrastando-o para a costa com todas as minhas forças. É claro que ele lutou furiosamente, o tempo todo imitando aquele zumbido maldito, e usando as frases mais bizarras em sua raiva sobre “ir para *dentro*, para Eles” e “pegar o caminho da água e do vento” e Deus sabe o que mais, que tentei em vão lembrar depois, mas me deixou nauseado de horror e espanto enquanto ouvia. Mas no final consegui colocá-lo na relativa segurança da barraca e joguei-o sem fôlego e xingando sobre o colchão onde o segurei até o ataque passar.

Acho que a rapidez com que tudo terminou e ele se acalmou, coincidiu com a interrupção igualmente repentina do zumbido e tamborilar lá fora, acho que talvez essa foi a parte mais estranha de todo o evento, pois ele tinha acabado de abrir os olhos e virado seu rosto cansado para mim, de modo que o amanhecer lançava uma luz pálida sobre ele pela porta, e disse, como uma criança assustada:

— Minha vida, meu velho... é minha vida que devo a você. Mas agora está tudo acabado de qualquer maneira. Eles encontraram uma vítima em nosso lugar!

Então ele caiu nos cobertores e foi dormir literalmente diante dos meus olhos. Simplesmente desmaiou e começou a roncar de novo, com tanta tranquilidade como se nada tivesse acontecido e ele nunca tivesse tentado oferecer a própria vida em sacrifício por afogamento. E quando a luz do sol o acordou três horas depois – horas de vigília incessante para mim – ficou claro que ele não se lembrava de absolutamente nada do que havia tentado fazer, e eu achei melhor ficar quieto e não fazer perguntas perigosas.

Ele acordou tranquilamente, como eu disse, quando o sol já estava alto em um céu quente e sem vento, e logo que se levantou, começou a preparar o fogo para o café da manhã. Durante o banho eu o segui, preocupado, mas ele não tentou mergulhar, apenas molhou a cabeça e fez alguma observação sobre como a água estava gelada.

— O rio está finalmente baixando — disse ele — e isso me deixa aliviado.

— O zumbido também parou — eu disse.

Ele olhou para mim com calma, em sua expressão normal. Era evidente que se lembrava de tudo, exceto de sua tentativa de suicídio.

— Tudo parou — remarcou ele — porque...

Meu amigo hesitou, mas eu sabia que alguma referência àquele comentário que havia feito antes de desmaiar estava em sua mente, e eu estava determinado a saber mais.

— Por que “eles encontraram outra vítima”? — eu disse, forçando uma risadinha.

— Exatamente — respondeu ele — exatamente! Tenho tanta certeza disso como se... como se... Eu me sinto seguro de novo, quero dizer — concluiu.

Ele começou a olhar ao redor com curiosidade. A luz do sol formava manchas quentes na areia. Não havia vento. Os salgueiros estavam imóveis. Ele se levantou devagar.

— Venha — disse ele —, acho que se procurarmos, vamos encontrar.

Ele começou a correr e eu o segui. Manteve-se nas margens, cutucando com uma vara entre as baías arenosas e cavidades e pequenos remansos, eu sempre perto de seus calcanhares.

— Ah! — ele exclamou então. — Ah!

O tom de sua voz trouxe de volta a vívida sensação do horror das últimas vinte e quatro horas, e eu corri para me juntar a ele. Ele apontava com a vara para um grande objeto preto que estava metade na água e metade na areia. Parecia ter sido capturado por algumas raízes retorcidas de salgueiro, de modo que o rio não poderia varrê-lo. Poucas horas antes, o local provavelmente estava debaixo d'água.

— Veja — disse ele em voz baixa — a vítima que tornou nossa fuga possível!

E quando olhei por cima de seu ombro, vi que sua vara repousava sobre o corpo de um homem. Ele o virou. Era o cadáver de um camponês e o rosto estava escondido na areia³¹. Evidentemente, o homem havia se afogado apenas poucas horas antes e seu corpo deve ter sido arrastado para a nossa ilha por volta da hora do amanhecer... *no exato momento em que o ataque passou.*

— Devemos dar a ele um enterro decente, sabe.

— Suponho que sim — respondi. Estremeci um pouco, pois havia algo na aparência daquele pobre homem afogado que me deixou gelado.

O sueco ergueu os olhos bruscamente para mim, uma expressão indecifrável no rosto, e começou a descer a margem em direção ao corpo. Eu o segui, um pouco distante. A corrente, notei, havia arrancado grande parte das roupas, de modo que o pescoço e parte do peito estavam nus.

Meu companheiro parou de repente e ergueu a mão em advertência; mas, ou meu pé escorregou, ou eu tinha ganhado muito embalo para parar tão rápido, pois esbarrei nele e o mandei adiante com uma espécie de salto para não cair de mau jeito. Caímos juntos na areia dura de modo que nossos pés entraram na água. E, antes que qualquer coisa pudesse ser feita, esbarramos contra o cadáver.

O sueco deu um grito agudo. E saltei para trás como se tivesse levado um tiro.

No momento em que tocamos o corpo, ergueu-se da superfície um alto som de zumbido – o som de vários zumbidos – que passou com um enorme alvoroço de coisas aladas ao nosso redor e sumiu no céu, ficando cada vez

mais fraco até finalmente desaparecer ao longe. Foi exatamente como se tivéssemos perturbado criaturas vivas, embora invisíveis, em ação.

Meu companheiro me agarrou, e acho que o agarrei, mas antes que qualquer um de nós tivesse tempo de se recuperar adequadamente do choque, vimos que um movimento da corrente girava o cadáver, e ele foi solto das garras das raízes de salgueiro. Após um instante, estava completamente virado, o rosto morto voltado para cima, olhando para o céu. Jazia na fronteira da correnteza principal. Em outro momento, seria varrido.

O sueco se levantou na intenção de salvá-lo, gritando outra vez algo que não entendi sobre um “enterro de verdade”... e então caiu de joelhos na areia e cobriu os olhos com as mãos. Em um segundo, eu estava ao seu lado.

Eu vi o que ele tinha visto.

Pois assim que o corpo girou para a correnteza, o rosto e o peito exposto voltaram-se para nós, e mostraram precisamente como a pele e a carne estavam talhados com pequenos buracos, lindamente formados e exatamente semelhantes em forma e tipo aos funis de areia que tínhamos encontrado por toda a ilha.

— A marca deles! — eu ouvi meu companheiro murmurar baixinho. — Sua marca terrível!

E quando eu tirei meus olhos de seu rosto horrorizado em direção ao rio, a corrente tinha feito seu trabalho e o corpo tinha sido arrastado para o meio e já estava fora do nosso alcance e quase fora de vista, girando e girando nas ondas, como uma lontra.

²³ Em junho de 1900, Algernon Blackwood fez a primeira viagem pelo Danúbio que anos mais tarde inspiraria *Os salgueiros*. Ele e um amigo foram de trem até Donaueschingen, na Floresta Negra, e de lá começaram a aventura que duraria cerca de dois meses. A canoa canadense com tenda cigana em que viajavam tinha quase cinco metros de comprimento, a viga central cerca de oitenta centímetros de largura, e podia flutuar em apenas cinco centímetros de água. Muitos dos moradores locais, ao ver a embarcação, mal podiam acreditar que conseguiriam sair da Alemanha, mas, após diversos eventos e percorrermos cerca de um mil e seiscentos quilômetros, chegamos até Badacsony na Hungria. Blackwood publicou a narrativa desta maravilhosa viagem no artigo “*Down the Danube in a Canadian Canoe*”, na *Macmillan’s Magazine* (Setembro e Outubro de 1901). O relato, apesar de ser muito mais leve e bem-humorado, divide diversas similaridades com as primeiras páginas de *Os salgueiros*, principalmente os detalhes do rio e sua personalidade viva. Para o leitor contemporâneo, o artigo é extremamente interessante, com diversas histórias vividas por

eles, inclusive uma noite passada em uma caverna cheia de morcegos, um acidente onde todos os seus pertences e mantimentos desceram rio abaixo, e a divertida curiosidade de uma manada de vacas ao examinar seu acampamento, onde uma delas chegou a levar o pijama de Blackwood preso nos chifres. A reação dos locais também é registrada, e apesar de na maioria das vezes serem muito receptivos, em outras se aglomeravam na margem do rio para ver se sua canoa seria engolida por círculos de água perigosos – e pareciam quase decepcionados quando Blackwood e seu companheiro passavam sem nenhum arranhão. Fonte: *The Face of The Earth and Other Imaginings*, Algernon Blackwood, (Stark House Press, 2015), *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press 2019).

24 Sobre a “terra dos salgueiros”, Blackwood escreve em “*Down the Danube in a Canadian Canoe*”: “A região é completamente deserta, salvo pelas pequenas estações portuárias dos navios que aparecem a mais ou menos a cada trinta quilômetros... A solidão e desolação destes vastos canais de rio turbulento e ilhas repletas de salgueiros são impressionantes...”. Fonte: *The Face of The Earth and Other Imaginings*, Algernon Blackwood (Stark House Press, 2015), p. 149.

25 Apesar de ser referido apenas como “o sueco” o personagem foi inspirado em Wilfrid Wilson, que acompanhou Blackwood nesta primeira e também em uma segunda viagem pelo Danúbio. Eles provavelmente se conheceram no Canadá, pois uma parte da família Wilson vivia em Ontário, mas a aventura se passou quando Blackwood já havia se mudado de volta para a Inglaterra. Wilfrid Wilson é descrito como um homem alto e forte, alguns anos mais novo que Blackwood, e, diferente do personagem em *Os salgueiros*, nascido em Surrey, na Inglaterra. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley, (Stark House Press, 2019).

26 No artigo “*Down the Danube in a Canadian Canoe*”, Blackwood descreve um aviso similar: “Um policial nos garantiu que ficaríamos perdidos por dias a não ser que nos mantivéssemos cuidadosamente no canal principal...”. Fonte: *The Face of the Earth and Other Imaginings*, Algernon Blackwood (Stark House Press, 2015), p. 149.

27 Mais uma vez, Blackwood menciona detalhes de sua viagem pelo Danúbio com Wilson, como esta passagem tirada do artigo: “*Down the Danube in a Canadian Canoe*”: “E como se para mostrar a solidão do lugar, uma lontra, rolando sem parar em meio a correnteza, passou nadando por nós quando aterrizamos”. Fonte: *The Face of the Earth and Other Imaginings*, Algernon Blackwood (Stark House Press, 2015), p. 149.

28 Blackwood escreveu um ensaio (*The Psychology of Places*) sobre o que ele acreditava ser a “psicologia dos lugares”, e aborda o mesmo aspecto sobre o qual fala brevemente neste parágrafo, como cada local tem seu “tom”, ou sua “nota”. Sobre suas experiências em meio à selva, ele menciona como a escolha do lugar para o acampamento é um processo muito importante, e que os mais experientes dos viajantes sempre tinham um critério “interno” para determiná-lo; indo de um lado para o outro, explorando “meia dúzia de condições vagas que parecia sentir, mas nunca nomear” e relaciona o método ao processo de escolha que um cão faz antes de decidir onde vai deitar. Neste ensaio, Blackwood também menciona como um amigo (um companheiro de diversas viagens, e um homem sem uma sombra de superstições) tinha um conselho específico quanto a escolha do local: “Nunca monte seu acampamento em fronteiras entre dois lugares; coloque sua barraca na

floresta, ou fora dela, mas nunca entre os dois”, e ele elabora; “No limiar de uma floresta, a barraca fica bem na linha onde duas forças se encontram; as forças da Floresta e as forças do Espaço Aberto. Não é lugar para descansar, mas um local de atividade”. E Blackwood conclui: “... acho que ele diz algo verdadeiro aqui. Pois uma fronteira é sempre o limiar crucial que convida à aventura e, desta forma, possível desastre. A fronteira, a entrada, o portal, é claro, coloca um limite entre duas coisas opostas, e pode significar a passagem em direção a um ataque das condições desconhecidas que existem além”. A ideia de um “limiar”, a fronteira entre dois mundos e suas possibilidades desconhecidas é um tema explorado em diversos de seus contos e sem dúvidas, é um dos alicerces por trás de *Os salgueiros*. Fonte: *The Face of the Earth and Other Imaginings*, Algernon Blackwood (Stark House Press, 2015), P. 155.

29 Do texto original, *grotesquerie*. Um estado de ser ou aspecto grotesco.

30 Entre 1904 e 1908 Blackwood foi diretor de uma empresa pioneira de leite em pó na Inglaterra, a Just-Hatmaker Company. Em primeiro momento, foi um produto de difícil introdução no mercado, pois as pessoas não acreditavam em seu valor nutritivo. Era um item prático em acampamentos, e além de ter sido mencionado neste trecho, Blackwood também fala do produto no relato de sua segunda viagem ao Danúbio (1905), publicado pelo jornal *The Boy's Own Paper* (N. 1442, Setembro de 1906) onde escreve: “*Tínhamos uma grande quantidade de bacon e quatro quilos de um bom chá-inglês; sacos de leite em pó (Just-Hatmaker); que apenas precisa ser dissolvido em água quente e está pronto para uso...*”. *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019) p.168.

31 Em agosto de 1905, Blackwood fez a segunda viagem ao Danúbio que, apesar de não ter sido tão cheia de eventos quanto a anterior, nem contar com uma embarcação tão ambiciosa, inspirou o final dramático de *Os salgueiros*. Ao passar exatamente onde anos antes ele e Wilson haviam acampado, seu grupo (que agora totalizava quatro pessoas e incluía Wilfred Wilson) viu três corpos afogados no rio e um deles “*com sua massa decomposta balançando na margem de areia*”. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019). Citação extraída do Prefácio do autor: *The insanity of Jones and Other Tales* (Penguin books, 1966) p. 10.

O WENDIGO

Título original: “The Wendigo”.

Publicado em 1910 no livro: “The Lost Valley and Other Stories”.

Um considerável número de grupos de caça saiu naquele ano sem achar nem ao menos uma trilha fresca; pois os alces estavam incomumente tímidos e os vários Nimrodes³² voltavam ao seio de suas respectivas famílias com as melhores desculpas que os fatos de sua imaginação poderiam sugerir. O dr. Cathcart, entre outros, voltou sem troféu; mas, ao invés disso, trouxe a memória de uma experiência que ele declara valer mais do que todo o alce já abatido. Mas, de qualquer forma, o dr. Cathcart, de Aberdeen, estava interessado em outras coisas além dos alces – entre elas, os caprichos da mente humana. Esta história em específico, entretanto, não foi mencionada em seu livro de Alucinação Coletiva pela simples razão – confidenciada uma vez a um colega – dele ter desempenhado um papel muito íntimo nela para fazer um julgamento competente do caso como um todo.

Além dele e seu guia, Hank Davis, os acompanhava também o jovem Simpson, seu sobrinho, um estudante de teologia destinado à igreja –na ocasião, em sua primeira visita ao sertão canadense – e seu guia, Défago. Joseph Défago era um “*canuck*”³³ francês, que havia se desviado de sua província natal do Quebec anos antes e ido para Rat Portage quando a Ferrovia Canadense do Pacífico estava em construção. Um homem que, além de seu conhecimento inigualável em artesanato de madeira e tradição de sobrevivência na mata, também podia cantar antigas canções de *voyageurs*³⁴ e ainda por cima contar boas histórias de caçador. Além disso, ele era profundamente suscetível ao curioso feitiço lançado pela floresta naqueles de personalidade solitária e adorava a imensidão das selvas desabitadas com um tipo de paixão romântica que era quase uma obsessão. A vida no sertão o fascinava e, sem dúvidas, vinha dali sua eficiência insuperável em lidar com seus mistérios.

Nessa expedição em particular, ele tinha sido a escolha de Hank, que o conhecia e jurava por suas habilidades. Ele também o xingava, “igual amigo *di* verdade” e como tinha um vocabulário de ofensas pitorescas, embora ditas sem nenhuma má intenção, a conversa entre os dois homens vigorosos e

robustos tinha muitas vezes descrições bem coloridas. Esse rio de palavrões, no entanto, Hank concordou em represar um pouco por respeito a seu velho “chefe de caça”, dr. Cathcart, a quem, é claro, ele se referia à moda do país como “*doutô*” e também porque sabia que o jovem Simpson já era “quase um pastor”. Ele tinha, no entanto, uma objeção a Défago, e apenas uma; que o franco-canadense às vezes exibia o que Hank descreveu como “os *jeito* de uma mente *amardiçoada* e sinistra”. Significava aparentemente que ele era fiel ao tipo, o tipo latino, e sofria crises de uma espécie de rabugice silenciosa, quando nada poderia fazê-lo dizer uma palavra. Défago, isso é, era fantasioso e melancólico. E, via de regra, eram os longos períodos de “civilização” que induziam a estas crises, pois alguns dias na floresta, sem dúvidas, o curavam.

Este, então, era o grupo de quatro que acampava na mata de Rat Portage na última semana de outubro daquele “ano de poucos alces”; uma região abandonada e desolada³⁵. Havia também Punk, um índio, que tinha acompanhado o dr. Cathcart e Hank em suas viagens de caça em anos anteriores e atuava como cozinheiro. Sua função, em resumo, era ficar no acampamento, pescar peixes e preparar bifes de veado e café com poucos minutos de antecedência. Ele vestia roupas velhas dadas por ex-patrões e, exceto por seu cabelo preto grosso e pele escura, ele se parecia com um nativo nesses trajes da cidade, tanto quanto um artista negro em um *smoking* se parece com um africano de verdade.³⁶ Apesar disso, Punk ainda tinha os instintos de sua raça quase extinta; seu silêncio taciturno e sua resistência sobreviveram; também sua superstição.

O grupo ao redor da fogueira estava desanimado naquela noite, pois há uma semana não tinham um único sinal recente de alces. Défago cantou sua música e agora mergulhava em uma história, mas Hank, de mau humor, disse tantas vezes que ele fazia “uma bagunça tão grande com os *causo*, que no fim *das conta*, era um monte de mentira deslavada” e fez o francês finalmente cair em um silêncio amuado, de onde provavelmente não sairia por nada. O dr. Cathcart e seu sobrinho estavam muito cansados após um dia exaustivo. Punk lavava a louça, grunhindo para si mesmo sob o alpendre de galhos, onde dormiria mais tarde. Ninguém se preocupou em alimentar o fogo que morria devagar. Acima, as estrelas brilhavam em um céu invernal e o vento era tão escasso que o gelo aos poucos se formava pelas margens do lago

imóvel atrás deles. O silêncio da vasta floresta ouvinte avançou e envolveu-os.

Hank interrompeu de repente com sua voz nasalada:

— Sou a favor de segui pra outro rumo amanhã, *doutô* — observou ele com energia, olhando para seu patrão. — *Temo* a chance *dum* cachorro morto por aqui.

— Concordo — disse Cathcart, sempre um homem de poucas palavras. — Acho que a ideia é boa.

— Claro, chefe, é boa — Hank retomou com confiança. — *Vamo* supor que agora, *nois* rumamo pro oeste, pros lado do Lago Jardim, pra *variá*! Ninguém foi *praquele* fim de mundo ainda...

— Estou contigo.

— E *ocê*, Défago, pode *levá* o sr. Simpson na canoinha, cruzar o lago, rumar para o Lago das Cinquenta Ilhas, e dar uma boa olhada naquela costa sul. Os alces empacaram lá que nem o inferno no ano passado, e, pelo que *sabemo*, podem tá fazendo a mesma coisa esse ano, só pra *irritá* a gente.

Défago, com os olhos fixos no fogo, não deu resposta. Ele ainda estava ofendido, possivelmente, pela interrupção de sua história.

— Ninguém subiu *praqueles* lado esse ano, e posso *apostá* meu último dólar *nisso*! — Hank acrescentou com ênfase, como se tivesse uma razão para saber. Ele olhou para seu parceiro, resoluto. — Melhor *levá* a barraquinha de seda e *ficá* lá *umas noite* — concluiu, como se o assunto estivesse resolvido, pois Hank era reconhecido como o organizador da caçada e o responsável pelo grupo.

Era óbvio para qualquer um que Défago não aderiu ao plano, mas seu silêncio parecia transmitir algo mais do que mera desaprovação e em seu rosto moreno e sensível, passou como um clarão repentino, uma expressão curiosa – não tão veloz, porém, que passasse despercebida para os outros três.

— Ele se assustou com alguma coisa, *eu* achei — Simpson disse depois, na barraca que dividia com seu tio. O dr. Cathcart não respondeu de imediato, embora a expressão de Défago o tivesse interessado o suficiente para fazer uma anotação mental dela. Causou-lhe uma inquietação passageira que não conseguiu explicar no momento.

Mas Hank, é claro, foi o primeiro a notar e o estranho é que, em vez de explodir ou se zangar com a relutância do outro, imediatamente começou a agradá-lo.

— *Mais num* tem nenhuma razão *ispiciá* pra ninguém não tê ido lá esse ano — disse ele com uma calma perceptível em seu tom. — Não é o motivo que *cê* tá pensando, com certeza! No ano passado, foi os *incêndio* que afastou o pessoal, e esse ano eu acho... acho que é só zombaria, só isso! — Seus modos claramente tinham a intenção de serem encorajadores.

Joseph Défago ergueu os olhos por um momento, depois os baixou outra vez. Um sopro de vento saiu da floresta e transformou as brasas em chamas passageiras. O dr. Cathcart novamente notou a expressão no rosto do guia e, novamente, não gostou, mas, dessa vez, a natureza do olhar ficou clara. Naqueles olhos, por um instante, ele captou o brilho de um homem assustado até a alma. A expressão o inquietou mais do que gostaria de admitir.

— Tribos perigosas por lá? — perguntou ele, com uma risada para amenizar um pouco as coisas, enquanto Simpson, sonolento demais para perceber essa brincadeira sutil, foi para a cama com um bocejo prodigioso. — Ou... ou algo errado com o lugar? — acrescentou, quando seu sobrinho estava fora de alcance.

Hank encontrou seus olhos com pouco de sua franqueza usual.

— Ele só tá *cum* medo — respondeu ele, bem-humorado. — *Cum* medo demais de um antigo conto de fada! É só isso, não é, *cumpadi*? — E deu um chute amigável no pé de Défago, que estava coberto por um mocassim próximo à fogueira.

Défago ergueu o rosto rapidamente, como se interrompido de um devaneio, devaneio, porém, que não o impedia de perceber tudo o que se passava ao seu redor.

— *Cum* medo nada! — ele respondeu, com uma onda de resistência. — Não tem nada no mato que pode meter medo em Joseph Défago, e não esquece disso! — E a energia natural com que falava tornava impossível saber se ele dizia toda a verdade ou apenas parte dela.

Hank se voltou em direção ao médico. Ele ia acrescentar algo quando parou abruptamente e olhou em volta. Um som atrás deles na escuridão fez os três se sobressaltarem. Era o velho Punk, que havia saído de seu alpendre

improvisado enquanto conversavam e agora parava logo além do círculo de luz do fogo; ouvindo.

— *Notra* hora, *doutô* — Hank sussurrou, com uma piscadela —, quando não tiver plateia.

E, pondo-se de pé, deu um tapa nas costas do índio e gritou ruidosamente:

— Chega ali mais perto do fogo pra *isquentá* essa sua pele encardida um pouco. — Ele o arrastou em direção a fogueira e jogou mais lenha. — Foi um jantar muito bom que *ocê* fez uma ou duas hora atrás — continuou ele cordialmente, como se para divergir os pensamentos do homem em outra direção — e não é lá muito cristão deixar *ocê* aí *congelano* sua alma *véia* até o inferno, enquanto *nois* tudo fica bem torrado!

Punk se aproximou e aqueceu seus pés, sorrindo de maneira sombria da instabilidade do outro, que ele só entendeu pela metade, mas não disse nada. E logo o dr. Cathcart, percebendo que não seria possível retomar a conversa anterior, seguiu o exemplo de seu sobrinho e foi para a barraca, deixando os três homens fumando diante do fogo, cujas chamas agora ardiam.

Não é tarefa fácil trocar de roupas em uma pequena barraca sem acordar seu companheiro e Cathcart, calejado e de sangue quente apesar de seus cinquenta e poucos anos, fez o que Hank teria descrito como “impressionante para sua idade” ao ar livre. Ele percebeu, durante o processo, que Punk já havia voltado ao seu barraco e que Hank e Défago discutiam como martelo e tenaz, ou melhor, como martelo e bigorna, e o pequeno franco-canadense fazia o papel da bigorna. Era bem parecido com a cena de um filme de faroeste: o fogo iluminava seus rostos com manchas alternadas de vermelho e preto; Défago, com seu chapéu desleixado e mocassins, tinha o papel do vilão das terras baldias³⁷; Hank, de rosto franco e sem chapéu, com aquele movimento desatento dos ombros, o herói honesto e enganado; e o velho Punk, bisbilhotando ao fundo, dava uma atmosfera de mistério. O médico sorriu ao notar os detalhes; mas, ao mesmo tempo, algo em seu interior – ele mal sabia o quê – levemente se contraiu, como se um quase imperceptível sopro de advertência tivesse tocado a superfície de sua alma e o deixado antes que ele pudesse compreendê-lo. Provavelmente, vinha daquela “expressão de medo” que viu nos olhos de Défago; “provavelmente” – pois aquela sugestão de emoção havia sido tão passageira que escapou de sua análise em geral muito apurada. Défago, ele tinha uma vaga intuição, poderia causar algum

tipo de problema... Não era um guia tão firme quanto Hank, por exemplo... Além disso, ele não conseguia...

Ele observou os homens por mais alguns momentos, antes de mergulhar na barraca abafada, onde Simpson já dormia um sono pesado. Hank, ele viu, xingava como um africano maluco em um salão para negros de Nova Iorque; mas eram palavrões de “afeto”. As ofensas ridículas voavam livremente agora que a causa de sua obstrução estava dormindo. Em seguida, Hank passou o braço sobre o ombro do camarada quase que com ternura e eles foram juntos em direção às sombras, onde sua barraca erguia-se em um brilho sutil. Punk também, um momento depois, seguiu o exemplo deles e desapareceu na escuridão de seu telhado de folhas na direção oposta.

O dr. Cathcart, então, fez como eles, o cansaço e o sono ainda lutando com a leve curiosidade em saber o que havia assustado Défago sobre a região acima do Lago das Cinquenta Ilhas; perguntando-se, também, por que a presença de Punk impediu Hank de concluir o que tinha a dizer. Então o sono o alcançou. Ele saberia amanhã. Hank contaria a história na trilha, enquanto procurariam pelos alces tímidos.

Um profundo silêncio cobriu o pequeno acampamento, fixado ali nas mandíbulas da selva com tanta audácia. O lago cintilava como uma lâmina de vidro negro sob as estrelas. O ar frio ficou mais afiado. Nas correntes noturnas que despejavam sua maré silenciosa das profundezas da floresta, com mensagens de cumes distantes e de lagos quase congelados, espalhavam-se os tênues e sombrios odores do inverno que se aproximava³⁸. Os homens brancos, com seu olfato pouco aguçado, talvez nunca as tivessem percebido; a fragrância da lenha recém-queimada teria camuflado esses sinais quase elétricos de musgo, casca de árvore e pântano endurecido a cem quilômetros de distância. Mesmo Hank e Défago, sutilmente ligados à alma da floresta como eram, provavelmente teriam aberto suas sensíveis narinas em vão...

Mas uma hora mais tarde, quando todos dormiam como defuntos, o velho Punk saiu de seus cobertores e desceu para a margem do lago como uma sombra; em silêncio, como só aqueles de sangue indígena podem se mover. Ele ergueu a cabeça e olhou em volta. A escuridão densa tornava a visão pouco útil, mas, como os animais, ele possuía outros sentidos que a escuridão não conseguia silenciar. Ele ouviu; então cheirou o ar. Permaneceu imóvel como um caule de cicuta. Depois de cinco minutos, novamente ergueu a

cabeça e cheirou, e então mais uma vez. Um formigamento percorreu seu corpo enquanto provava o ar gelado. Uma vibração daquelas sensações extraordinárias que se mostram sem nenhum sinal externo. Então, unindo sua figura com a escuridão de um jeito que apenas homens e animais selvagens conseguem, ele se virou, ainda movendo-se como uma sombra, e voltou sem nenhum barulho para seu alpendre e sua cama.

E logo depois que dormiu, a mudança de vento adivinhada por ele agitou suavemente o reflexo das estrelas na superfície do lago. Veio da direção para a qual ele havia encarado, erguendo-se entre os cumes distantes na região além do Lago das Cinquenta Ilhas e percorreu o acampamento adormecido com um murmúrio fraco e suspirante que era quase delicado demais para ser audível através do topo das grandes árvores. Com ele, atravessando os caminhos da noite deserta, embora muito fraco, vindo de muito alto até para a sensibilidade do índio, passou um odor curioso, suave, peculiarmente inquietante. Um odor de algo que parecia incomum... desconhecido.

Por volta desta hora, o franco-canadense e o homem de sangue indígena se agitaram em um sono perturbado, embora nenhum dos dois tenha acordado. Então o fantasma daquele memorável e estranho odor passou e perdeu-se entre as léguas da floresta desabitada adiante.

II

Na manhã seguinte, o acampamento estava em atividade antes do nascer do sol. Durante a noite, houve uma leve queda de neve e o ar era cortante. Punk cumpriu seu dever com eficiência, pois os odores de café e bacon frito alcançaram ambas as barracas. Todos despertaram de bom humor.

— O vento mudou! — gritou Hank vigorosamente, observando Simpson e seu guia já carregando a pequena canoa. — Tá do outro lado do lago... uma beleza *procês*, camaradas. E com a neve *os bicho* vão *dexá* umas trilhas boas! Se tiver algum alce mugindo por aí, eles não vão senti nem o cheiro do rabo *docês* com o vento desse jeito. Boa sorte, *Monsieur Défago*! — acrescentou, jocosamente dando ao nome sua pronúncia francesa pela primeira vez. — *Bonne chance*!

Défago retribuiu os votos de boa sorte, aparentemente agora de bom humor. O silêncio carrancudo havia passado. Antes das oito horas, o velho Punk tinha o acampamento para si, Cathcart e Hank estavam bem longe na trilha que levava para o oeste, enquanto a canoa que levava Défago e Simpson, com

barraca e mantimentos para dois dias, já era uma mancha escura oscilando no colo do lago, indo para o leste.

O ar invernal cortante era temperado agora por um sol que cobria os topos arborizados e brilhava com um calor luxuoso sobre o universo de lagos e floresta abaixo; mobilhas voavam deslizando através das gotículas cintilantes que o vento levantava; pássaros mergulhadores sacudiram suas cabeças gotejantes para o sol e voltavam rapidamente para fora de vista outra vez; e, até onde se podia ver, erguiam-se as léguas da densa floresta interminável, desolada em sua extensão e grandiosidade solitária, intocada por pés humanos, e estendendo seu tapete poderoso e imaculado até as margens congeladas da baía de Hudson.

Simpson, que via tudo pela primeira vez enquanto remava vigorosamente na proa da canoa dançante, ficou encantado com a beleza austera. Seu coração embebedou-se da sensação de liberdade e grandes espaços, assim como seus pulmões tragaram o vento fresco e perfumado. Atrás dele, no assento de popa, cantando fragmentos de suas canções nativas, Défago dirigia a pequena embarcação de bétula como uma coisa viva, respondendo com alegria a todas as perguntas de seu companheiro. Ambos estavam alegres e animados. Em tais ocasiões, os homens perdem distinções superficiais e mundanas; eles se tornam seres humanos trabalhando juntos para um fim comum. Simpson, o patrão, e Défago, o empregado, entre essas forças primitivas, eram apenas dois homens; o “guia” e o “guiado”. Aquele com conhecimento superior, é claro, assumiu o controle e o homem mais jovem caiu, sem pensar duas vezes, na posição de quase subordinado. Simpson nem sonhou em corrigi-lo quando Défago deixou o “senhor” de lado e dirigiu-se a ele como “Ei, Simpson” ou “Simpson, chefe”, o que aconteceu antes de chegarem à outra costa, após uma dura remada de dezenove quilômetros contra o vento. Ele apenas riu e gostou; então, deixou de notar.

Pois este estudante de teologia era um jovem de talento e caráter, embora ainda, é claro, não muito experiente; e nessa viagem – a primeira vez que viu qualquer país além do seu e da pequena Suíça – a enorme escala das coisas o deixaram um tanto confuso. Uma coisa, ele percebeu, era ouvir sobre florestas primitivas, mas outra bem diferente era vê-las. Ao passo que habitá-las e buscar familiaridade com sua vida selvagem era, novamente, uma

iniciação que nenhum homem inteligente poderia passar sem uma certa mudança de valores pessoais até então considerados permanentes e sagrados.

Simpson percebeu a primeira indicação tênue dessa emoção, ao segurar o novo rifle de calibre .303 em suas mãos e observar seu par de canos polidos e impecáveis. A jornada de três dias até o novo acampamento, pelo lago e depois a pé, havia levado esse processo de mudança um estágio adiante. E agora que ele estava prestes a mergulhar além até mesmo das margens da selva, onde antes eles estavam acampados, em direção ao coração virgem de regiões desabitadas tão vastas quanto a própria Europa, a verdadeira realidade da situação o invadiu com um efeito de deleite e assombro que sua mente era capaz de admirar por completo. Eram ele e Défago contra uma multidão... pelo menos, contra um Titã!

A sensação de sua própria pequenez o abalou diante dos esplendores sombrios dessas florestas remotas e solitárias. Aquela severidade da mata fechada que só pode ser descrita como implacável e terrível, emergiu da selva infinita que nadava até o horizonte e revelou-se. Ele entendeu o aviso silencioso. Percebeu seu desamparo total. Apenas Défago, como o símbolo de uma civilização distante onde o homem era senhor, se interpunha entre ele e uma morte impiedosa por exaustão e fome.

Sendo assim, era eletrizante para Simpson ver Défago virar a canoa na margem, embalar os remos com cuidado por baixo e depois “queimar³⁹”, os caules dos abetos ao redor dos dois lados de uma trilha quase invisível e comentar casualmente:

— *Digamo*, Simpson, se acontece alguma coisa comigo, *cê* acha a canoa certinho por *essas marca*; então vai *duma* vez pro oeste, na direção do sol, pra chegar no acampamento *dinovo*, viu?

Foi a coisa mais natural do mundo a se dizer e ele o fez sem nenhuma inflexão perceptível na voz, só aconteceu de expressar as emoções do jovem naquele momento, com uma declaração que simbolizava a situação e o desamparo de Simpson como um fator nela. Ele estava sozinho com Défago em um mundo primitivo: isso era tudo. A canoa, outro símbolo da ascensão do homem, agora deveria ser deixada para trás. Essas pequenas manchas amarelas, feitas nas árvores pelo machado, eram os únicos indícios de seu esconderijo.

Enquanto isso, com as mochilas esbarrando uma na outra e cada homem com seu rifle, seguiram a trilha estreita sobre rochas e troncos caídos e através de pântanos meio congelados; contornando diversos lagos que adornavam a floresta, suas bordas orladas de névoa; e por volta das cinco horas, viram-se de repente na beira do sertão, olhando para um grande lençol de água diante deles, pontilhada com ilhas revestidas de pinheiros de todas as formas e tamanhos descritíveis.

— Lago das Cinquenta Ilhas — anunciou Défago, cansado —, e o sol já vai *mergulhá* sua cabeça careca nele — acrescentou, com poesia inconsciente; e logo começaram a armar o acampamento para a noite.

Em poucos minutos, sob aquelas mãos hábeis que nunca faziam um movimento a mais ou a menos, a barraca de seda esticava-se em um abrigo aconchegante, as camas de ramos de bálsamo prontas e uma fogueira para cozinhar queimava com o mínimo de fumaça. Enquanto o jovem escocês limpava os peixes que haviam pegado por corrico atrás da canoa, Défago “achava” que iria “agorinha” dar uma volta no mato em busca de indícios de alces.

— Pode sê que eu ache um tronco onde eles *andaro* esfregando os *chifre* — disse ele, enquanto se afastava — ou *comeno as última* folha de bordo. — E se foi.

Sua pequena figura dissipou-se como uma sombra no crepúsculo, enquanto Simpson notava com uma espécie de admiração como a floresta o absorvia facilmente. Alguns passos, ao que pareceu, e ele não era mais visível.

No entanto, havia poucos arbustos ao redor; as árvores dispunham-se um tanto afastadas, espaçadas umas das outras; e nas clareiras, cresciam bétulas prateadas e bordos, como lanças, erguendo-se finos contra os imensos caules de abetos e cicutas. Se não fosse pelas ocasionais costelas-de-adão espalhadas pelo chão e as pedras de rocha cinzenta que projetavam ombros rudes aqui e ali, emergindo do solo, poderia muito bem ser um pequeno parque no Velho Continente. Seria quase possível ver a mão do homem. Um pouco à direita, no entanto, começava a grande seção queimada, com quilômetros de extensão, proclamando seu caráter real – *brulé*, como é chamado, onde os incêndios do ano anterior haviam queimado enfurecidos por semanas e os tocos enegrecidos agora se erguiam magros e feios, desprovidos de galhos, como gigantescas cabeças de fósforo cravadas no chão, uma imagem cruel e

desoladora além das palavras. O perfume de carvão e cinzas encharcadas pela chuva ainda pairava suavemente sobre eles.

O crepúsculo logo se aprofundou; as clareiras escureceram; o crepitar do fogo e o movimento de pequenas ondas ao longo da costa rochosa do lago eram os únicos sons audíveis. O vento caiu acompanhado do sol e em todo aquele vasto mundo de galhos, nada se mexia. A qualquer momento, parecia que os deuses da floresta, aqueles que devem ser adorados em silêncio e solidão, esticariam suas silhuetas poderosas e fantásticas entre as árvores. Na frente, através de aberturas emolduradas por enormes caules retos, jazia o trecho do Lago das Cinquenta Ilhas, um lago em forma de meia-lua com cerca de vinte e cinco quilômetros de ponta a ponta, talvez oito quilômetros de largura sobre onde eles acampavam. Um céu rosa e açafrão, mais limpo do que qualquer outro que Simpson já conhecesse, ainda lançava suas suaves chamas fumegantes sobre as ondas, onde as ilhas – cem, certamente, em vez de cinquenta – flutuavam como embarcações do povo das fadas em uma frota encantada. Margeadas de pinheiros, cujas cristas tocavam o firmamento com grande delicadeza, elas quase pareciam se mover para cima à medida que a luz se dissipava; prestes a levantar âncora e navegar pelos caminhos do céu infinito ao invés das correntes de seu lago nativo e desolado.

E faixas de nuvens coloridas, como galhardetes flutuantes, sinalizavam sua partida para as estrelas...

A beleza da cena era estranhamente estimulante. Simpson defumou o peixe e de presente, levou uma queimada nos dedos, em seus esforços para comer alguns pedaços e ao mesmo tempo, cuidar da frigideira e do fogo. No fundo de seus pensamentos, no entanto, estava aquele outro aspecto do sertão: a indiferença pela vida humana, o impiedoso espírito de desolação que nem ao menos notava o homem. Agora que até Defago havia partido, a sensação de sua total solidão aproximou-se enquanto olhava em volta e ouvia o som dos passos de seu companheiro retornando.

Houve prazer na sensação, mas com ela uma inquietação muito compreensível. E instintivamente o pensamento se agitou em seu interior: “O que eu deveria... *poderia* fazer... se algo viesse a acontecer e ele não voltasse?”

Eles desfrutaram de sua merecida ceia, comendo incontáveis quantidades de peixe e bebendo chá puro, forte o suficiente para matar homens que não

havam percorrido cinquenta quilômetros de caminhada difícil, comendo pouco no caminho. E quando terminaram, fumaram e contaram histórias ao redor da fogueira, rindo, esticando os membros cansados e discutindo planos para o dia seguinte. Défago estava de excelente humor, embora decepcionado por não ter encontrado nenhum sinal de alce, mas estava escuro e ele não tinha ido muito longe. O *brulé* também estava ruim. Suas roupas e mãos estavam manchadas de carvão. Simpson, observando-o, percebeu com renovada nitidez sua posição; sozinhos juntos no sertão.

— Défago — disse ele então —, esses bosques, você sabe, são um pouco grandes demais para se sentir em casa... para se sentir confortável, quero dizer! Hein? — Ele apenas expressou o clima do momento; mal estava preparado para a seriedade e até mesmo a solenidade com que o guia recebeu suas palavras.

— *Cê tá certo, Simpson, chefe* — respondeu, fixando os olhos castanhos no rosto de seu companheiro —, e essa é a verdade, *cum* certeza. *Num* tem fim... *num* tem fim mesmo. — Então ele acrescentou em um tom baixo como se para si mesmo: — Tem muita gente que descobriu *isso* e *ficô* bem pirado da cabeça.

Mas a gravidade nos modos do homem não lhe agradou nem um pouco; era sugestivo demais para este cenário e contexto; ele se arrependeu de ter tocado no assunto. Lembrou-se de repente de como seu tio lhe contou que os homens, às vezes, eram acometidos por uma estranha febre do sertão, quando a sedução das florestas desabitadas os capturava com tanta força que partiam, meio fascinados, meio iludidos, para a morte. E teve a intuição de que seu companheiro simpatizava com aquele tipo esquisito. Conduziu a conversa para outros tópicos, como Hank e o seu tio, por exemplo, e a rivalidade natural sobre quem deveria ser o primeiro a ver os alces.

— Se eles *foro* pro oeste — observou Défago, despreocupado — agora tem cem quilômetros entre *nóis*... com o velho Punk no acampamento *comeno* peixe e *bebeno* café até se *fartá*.

Eles riram juntos da imagem, mas a menção casual daqueles cem quilômetros novamente fez Simpson perceber a escala extraordinária deste terreno onde caçavam; cem quilômetros era um mero passo; um pouco mais que um passo em meio a tudo aquilo. Histórias de caçadores perdidos continuavam a surgir em sua memória. A paixão e o mistério dos homens que

vagavam sem abrigo, seduzidos pela beleza das grandes florestas, tocou sua alma de uma forma vívida demais para ser agradável. Ele se perguntou vagamente se era o humor de seu companheiro que persistia a convidar tal sugestão indesejável.

— Cante uma canção, Défago, se não estiver cansado — pediu —, uma daquelas velhas canções de *voyageur* que você cantou na outra noite. — Entregou sua bolsa de fumo ao guia e então encheu seu próprio cachimbo, enquanto o canadense, nada relutante, mandava sua voz suave através do lago em uma daquelas canções lamentosas e quase tristes com que madeireiros e caçadores diminuem o fardo de seu trabalho. Havia um sabor atraente e romântico nas canções, algo que lembrava os velhos tempos dos pioneiros, quando a maioria dos índios ainda vivia no interior da selva, as batalhas eram frequentes e o Velho Continente era mais distante do que é hoje. O som viajou agradável sobre a água, mas a floresta atrás deles, parecia tragar as notas com um único gole que não permitia eco nem ressonância.

Foi no meio do terceiro verso que Simpson percebeu algo incomum; algo que trouxe seus pensamentos de volta das cenas longínquas com um impulso. Uma mudança curiosa se deu na voz de Défago. Antes mesmo de saber o que era, uma inquietação se apossou de Simpson e, erguendo os olhos, viu que o homem, embora ainda cantasse, espreitava o mato em volta, como se ouvisse, ou visse alguma coisa. Sua voz ficou mais fraca... caiu para um sussurro... então cessou. No mesmo instante, com um movimento surpreendentemente alerta, ele se levantou e ficou de pé – *farejando o ar*. Como um cão farejando a caça, ele puxou o ar para as narinas em respirações curtas e aceleradas, virando-se com rapidez em todas as direções e finalmente, “apontando” para a margem do lago, em direção ao leste. Foi uma performance desagradavelmente fascinante e ao mesmo tempo, muito dramática⁴⁰. O coração de Simpson palpitava enquanto ele observava.

— Meu Deus, cara! Como você me fez pular! — ele exclamou, de pé ao lado de Défago no mesmo instante, e olhando por cima do ombro para o mar de escuridão. — O que foi? Você se assustou...?

Antes mesmo que a pergunta escapasse de seus lábios, ele sabia que era uma tolice, pois qualquer homem com um par de olhos na cabeça poderia ver que o canadense tinha ficado branco até o pescoço. Nem mesmo as queimaduras de sol e a luminosidade do fogo puderam esconder.

O aluno sentiu que tremia um pouco, seus joelhos fraquejaram.

— O que foi? — repetiu depressa. — Você sente o cheiro de alce? Ou alguma coisa estranha, alguma coisa... errada? — ele baixou a voz instintivamente.

A floresta se pressionava em volta deles com seus muros circundantes; as hastes das árvores mais próximas brilhavam como bronze à luz do fogo; além delas... escuridão e, até onde ele poderia perceber, um silêncio mortal. Logo atrás de Défago e Simpson, uma rajada de vento que passava levantou uma única folha, examinou-a, depois a colocou suavemente de volta, sem perturbar o resto do bando. Parecia que um milhão de causas invisíveis haviam combinado entre si apenas para produzir aquele único efeito visível. *Outra* vida pulsava diante deles... e se foi.

Défago virou-se de repente, a cor pálida de seu rosto havia se transformado em um cinza sujo.

— Eu *num* falei que escutei... ou que senti o *chero*... de nada não — disse ele, lenta e enfaticamente, em uma voz alterada que transmitia, de alguma forma, um toque de desafio. — Eu tava só.... *dano* uma olhada em volta... por assim *dizê*. É errado *perguntá as coisa* com muita pressa. — Então ele acrescentou de supetão, mas com óbvio esforço para que sua voz soasse natural: — *Cê tá com os fósforos, chefe Simpson?* — E acendeu o cachimbo que havia enchido pela metade pouco antes de começar a cantar.

Sem dizer outra palavra, eles sentaram-se mais uma vez. Défago mudou de lado para ficar de frente para onde vinha o vento. Até mesmo um novato como Simpson notava que Défago mudou de posição para ouvir e cheirar... tudo o que existia para ser ouvido e cheirado. E, agora que encarava o lago com as costas para as árvores, era óbvio que não foi nada na floresta que enviou um aviso tão estranho e repentino aos seus sentidos muito bem treinados.

— Acho que agora não tô com vontade de *cantá* — explicou Défago, sem ter sido questionado por Simpson. — Essa música traz *umas memória* que *são problemática* para mim; eu *num* devia ter começado. *Me faz imaginar as coisa*, entende?

Claramente, o homem ainda lutava com alguma emoção que o havia incomodado. Ele queria se desculpar aos olhos do outro. Mas a explicação, que por ser apenas uma parte da verdade, era mentira, e Défago sabia

perfeitamente bem que Simpson não se deixava enganar por ela. Pois nada poderia explicar o terror lívido que caiu sobre seu rosto enquanto ele farejava o ar. E nada – nenhuma quantidade de fogo ardente ou conversas sobre assuntos triviais – poderia deixar aquele acampamento exatamente como antes. A sombra de um horror desconhecido que havia se mostrado no rosto e gestos do guia, explícito pelo esforço voluntário de contê-lo, também se comunicou, sutilmente e, portanto, com mais força, ao seu companheiro. Os esforços visíveis de Défago para dissimular a verdade só pioravam as coisas. Além disso, para aumentar a inquietação do jovem, existia a dificuldade, ou melhor, a impossibilidade que sentia de fazer perguntas e também sua completa ignorância quanto à causa... tribos indígenas, animais selvagens, incêndios florestais; todos estes, ele sabia, estavam completamente fora de questão. Sua mente buscou por toda parte, mas em vão...

No entanto, de um jeito ou de outro, depois de mais um longo período fumando, conversando, e aquecendo-se diante da grande fogueira, a sombra que havia invadido tão de repente seu pacífico acampamento começou a se retirar. Talvez pelos esforços de Défago, ou o retorno de sua atitude tranquila e normal; talvez Simpson tivesse exagerado o incidente todo além da proporção verdadeira; ou ainda talvez, o ar vigoroso da selva trouxe seus poderes de cura. Qualquer fosse a causa, o sentimento de horror imediato parecia ter passado com tanto mistério quanto surgiu, pois nada aconteceu para alimentá-lo. Simpson começou a sentir que se deixou dominar pelo terror irracional de uma criança. Ele atribuiu em parte a um tipo de excitação subconsciente que esse cenário selvagem e imenso gerou em seu sangue, em parte ao feitiço da solidão e em parte ao excesso de cansaço. Essa palidez no rosto do guia era muito difícil de explicar, é claro, embora *pudesse* ser algum misterioso efeito da luz do fogo, ou talvez viesse de sua imaginação... Ele deu benefício da dúvida; ele era escocês.

Quando uma emoção incomum vai embora, a mente sempre encontra uma dúzia de maneiras para explicar suas causas... Simpson acendeu um último cachimbo e tentou rir de si mesmo. Ao voltar para casa, na Escócia, isso daria uma boa história. Ele não percebeu que essa risada era um sinal do terror ainda à espreita nos esconderijos de sua alma; que, na verdade, era apenas um

dos sinais comuns pelos quais um homem verdadeiramente assustado, tenta se convencer de que *não* está.

Défago, porém, ouviu aquela risada baixa e ergueu o rosto com surpresa. Os dois estavam lado a lado, chutando as brasas aqui e ali antes de ir para a cama. Eram dez horas; tarde para caçadores ainda estarem acordados.

— Tá rindo do quê? — perguntou Défago em seu tom normal, mas sério.

— Eu... eu estava pensando em nossos bosquezinhos em casa, que mais parecem de brinquedo — gaguejou Simpson voltando-se ao que realmente dominava sua mente e incomodado com a pergunta — e os comparava a... a tudo isso. — Ele ergueu os braços e mostrou a mata em volta.

Uma pausa seguiu onde nenhum dos dois disse nada.

— Mesmo assim, não daria risada, se fosse *ocê* — acrescentou Défago olhando por cima do ombro de Simpson em direção às sombras. — Tem *lugá* lá que ninguém nunca vai *vê*... ninguém sabe o que vive lá também.

— Muito grande... muito remoto? — A ideia transparecendo nos modos do guia era gigantesca e horrível.

Défago acenou com a cabeça. A expressão em seu rosto era sombria. Ele também sentia-se inquieto. O homem mais jovem entendeu que em um sertão desse tamanho, poderia haver profundezas nas florestas que nunca, em toda a existência do mundo, seriam conhecidas ou pisadas. O pensamento não era exatamente do tipo acolhedor. Com a voz alta e alegre, ele sugeriu que era hora de dormir, mas o guia demorou, remexendo no fogo, arrumando as pedras sem necessidade, fazendo uma dúzia de coisas que realmente não precisavam ser feitas. Ele queria dizer algo, mas achava difícil chegar lá.

— Diz aí, chefe Simpson — começou ele de repente, quando a última chuva de faíscas subiu no ar — *cê* não... não tá *sentino chero* de nada, não é... nada de estranho, digo? — a pergunta simples, Simpson percebeu, velava um pensamento extremamente sério na mente do guia. Um arrepio percorreu suas costas.

— Nada além de lenha queimando — respondeu Simpson com firmeza, chutando mais uma vez as brasas. O som de seu pé o fez estremecer.

— E durante a noite, toda *cê* não sentiu *cherô* de... nada? — persistiu o guia, olhando para ele através da escuridão. — Nada *extordinário* e diferente de *qualque otra* coisa que *cê* já *cherô* antes?

— Não, não, cara; absolutamente nada! — respondeu agressivo, meio zangado.

O rosto de Défago livrou-se da preocupação.

— Isso é bom! — exclamou com evidente alívio. — É bom *ouvi* isso.

— *Você* sentiu? — perguntou Simpson e no mesmo instante, arrependeu-se da pergunta.

O canadense se aproximou dele na escuridão e balançou a cabeça.

— Acho que não — disse Défago, embora sem muita convicção. — Deve *tê* sido só aquela música minha. É a música que os *home* canta *nos acampamento* de madeireiro, e nos *lugá* esquecido por Deus como esses, quando eles *tão cum* medo que o Wendigo tá por aí, fazendo uma *viagezinha* rápida.

— E o que é o Wendigo, então? — Simpson perguntou depressa, irritado porque mais uma vez não conseguiu evitar aquele súbito arrepio dos nervos. Ele sabia que estava próximo do que causava o terror no guia. No entanto, uma onda de fervorosa curiosidade venceu seu bom senso e seu medo.

Défago se virou e encarou-o, como se estivesse prestes a gritar. Seus olhos brilhavam, mas sua boca estava escancarada. No entanto, tudo o que ele disse, ou melhor, sussurrou, pois sua voz ficou muito baixa, foi:

— *Num* é nada... nada não. É o que *aqueles cara miserávi* acredita quando *tão entortano* o caneco por muito tempo... é um tipo de animal grande que vive lá em cima — ele sacudiu a cabeça para o norte — rápido como um relâmpago na trilha, e *maió* do que qualquer outra coisa no mato, e parece que *num* é muito bonito de se vê... *só* isso!

— Uma superstição sertaneja... — começou Simpson movendo-se com rapidez em direção à barraca para se livrar da mão do guia que segurava seu braço. — Venha, venha, apresse-se, pelo amor de Deus, e acenda a lanterna! É hora de estarmos na cama e dormindo, se vamos acordar com o sol amanhã...

O guia estava bem atrás dele.

— Tô indo — respondeu ele na escuridão —, tô indo. — E depois de um ligeiro atraso, ele apareceu com a lanterna e pendurou-a em um prego no mastro da frente da barraca. As sombras de uma centena de árvores mudaram de lugar em um instante quando ele fez isso e quando ele tropeçou na corda,

mergulhando depressa para dentro, a barraca toda tremeu como se uma rajada de vento a atingisse.

Os dois homens deitaram-se, sem se despir, em suas camas de macios ramos de bálsamo, habilmente arrumadas. Lá dentro, tudo estava quente e aconchegante, mas lá fora o universo de uma multidão de árvores os rodeava bem próximo, organizando suas milhões de sombras e sufocando a barraquinha que estava lá como uma pequena concha branca diante do oceano de uma floresta imensa.

Entre as duas figuras solitárias dentro, no entanto, havia outra sombra que *não* era uma sombra da noite. Era a Sombra lançada pelo estranho Medo, não exorcizado por completo, que saltou inesperadamente em Défago em meio a sua canção. E Simpson, deitado ali, observando a escuridão através da aba aberta, pronto para mergulhar no abismo perfumado do sono, conheceu pela primeira vez a quietude única e profunda de uma floresta primitiva quando nenhum vento sopra... e quando a noite tem peso e substância o suficiente para penetrar na alma e amarrar um véu sobre ela... Então o sono o levou...

III

Assim parecia, ao menos. No entanto, era verdade que o barulho da água, logo além da abertura da barraca, ainda enaltecia os batimentos do tempo com sua pulsação que aos poucos diminuía, quando ele percebeu que estava deitado com os olhos abertos e que um outro som havia surgido há pouco com astuta suavidade, entre a oscilação e murmúrio das pequenas ondas.

E, muito antes de compreender o que era tal ruído, o som despertou nele ambos os centros de pena e medo. Ele ouviu com atenção, embora a princípio em vão, pois o sangue correndo em suas veias batia seus tambores com barulho demais em seus ouvidos. Será que vinha, ele se perguntou, do lago ou da floresta?

Então, de súbito, com um aumento nas palpitações do coração, deu-se conta que estava ao seu lado na barraca; e, quando ele se virou para ouvir melhor, vinha de menos de meio metro de distância. Era um som de choro; Défago, em sua cama de galhos, soluçava na escuridão como se seu coração fosse partir, as mantas evidentemente enfiadas dentro de sua boca para sufocar o ruído.

E seu primeiro sentimento, antes que pudesse pensar ou refletir, foi uma corrente de intensa ternura. Esse som íntimo e humano, ouvido em meio à

solidão em volta, despertou pena. Era tão incoerente, tão lamentavelmente incoerente... e tão inútil! Lágrimas; neste vasto deserto cruel... de que adiantava? Ele pensou em uma criança chorando no meio do Atlântico... Então, é claro, com maior compreensão e a memória do que tinha acontecido antes, o terror despencou sobre ele e seu sangue gelou.

— Défago — sussurrou rapidamente — qual é o problema? — Ele tentou deixar sua voz muito gentil. — Você está com dor... está infeliz...?

Não houve resposta, mas os sons cessaram de repente. Ele estendeu a mão e tocou-o. O corpo não se mexeu.

— Você está acordado? — pois ocorreu-lhe que o homem chorava enquanto dormia. — Está com frio? — Ele percebeu que seus pés, que estavam descobertos, projetavam-se para além da entrada da barraca. Ele estendeu um pedaço extra de seus cobertores sobre eles. O guia havia escorregado para baixo na cama e os galhos pareciam ter sido arrastados com ele. Ele teve receio de puxar o corpo de volta, por medo de acordá-lo.

Simpson aventurou-se em mais uma ou duas perguntas, mas, embora esperasse vários minutos, não houve resposta, nem qualquer sinal de movimento. Em seguida, ele ouviu sua respiração regular e tranquila e, colocando a mão de novo sobre seu peito, sentiu o constante subir e descer.

— Avise-me se houver alguma coisa errada — sussurrou ele — ou se eu puder fazer qualquer coisa. Acorde-me imediatamente se sentir... esquisito.

Ele mal sabia o que dizer. Deitou-se novamente, pensando e imaginando o que tudo aquilo significava. Défago, claro, estava chorando enquanto dormia. Um sonho ou outro o afligiu. No entanto, nunca em sua vida, ele esqueceria aquele lamentável som de soluços e a sensação de que toda a terrível selva em volta ouvia...

Sua mente ocupou-se por um longo tempo com os eventos recentes, o qual *este* tomou seu lugar misterioso como um deles e embora sua razão tivesse sucesso em afastar todas as impressões indesejáveis, uma sensação de mal-estar permaneceu, enraizada muito afundo para ser rejeitada, peculiar além do comum.

IV

Mas o sono, a longo prazo, provou ser maior do que todas as emoções. Seus pensamentos logo divagaram outra vez; ele ficou lá, quente como uma

torrada, extremamente cansado; a noite o acalmou e confortou, apagando as beiradas da memória e do medo. Meia hora depois, ele estava alheio a todo o mundo exterior ao seu redor.

No entanto, neste caso, o sono era seu grande inimigo, pois ocultava todas as abordagens, abafando o alerta de seus sentidos.

Como às vezes acontece em um pesadelo, onde os eventos se empilham um no outro com a certeza de uma realidade medonha, e alguns detalhes inconsistentes revelam toda a ilusão e falhas do sonho, os eventos que seguiram agora, embora tenham realmente acontecido, persuadiram a mente de que, de alguma forma, os detalhes que poderiam explicá-los passaram despercebidos na confusão e, assim eram apenas uma verdade parcial, e o resto um devaneio. No fundo da mente do adormecido, algo permanece desperto, pronto para deixar escapar o pensamento: “Isso tudo não é *realmente* verdade; quando você acordar, vai entender.”

E assim, de certa forma, foi com Simpson. Os eventos, não completamente inexplicáveis ou incríveis em si mesmos, ainda permanecem para o homem que os viu e ouviu uma sequência de fatos separados de frio horror, porque a pequena peça que poderia ter esclarecido o quebra-cabeça estava escondida ou passou despercebida.

Pelo que se lembra, foi um movimento violento passando pela barraca em direção à porta, que primeiro o acordou e o fez perceber que seu companheiro estava sentado, ereto, ao seu lado, tremendo. Deveriam ter passado horas, pois o brilho pálido da madrugada revelou o contorno de Défago contra a tela. Dessa vez, o homem não chorava; ele sacudia como uma folha; a trepidação sentida claramente através dos cobertores ao longo de todo seu corpo. Défago se encolheu contra Simpson buscando proteção, retraindo-se diante de algo que aparentemente se escondia perto das abas da barraquinha.

Simpson, então, perguntou uma coisa ou outra – em sua perplexidade inicial ao acordar, ele não se lembra com certeza o que – e o homem não respondeu. A atmosfera e a sensação de verdadeiro pesadelo pairavam ao seu redor, tornando ambos movimento e fala difíceis. A princípio, de fato, ele não teve certeza onde estava; se em um dos primeiros acampamentos ou em casa, em sua cama, em Aberdeen. A sensação de confusão era desconcertante.

E em seguida – quase junto com de seu despertar, pareceu – a profunda quietude do amanhecer lá fora foi despedaçada por um som extremamente

incomum. Veio sem aviso ou aproximação audível; e era indescritivelmente terrível. Era uma voz, afirma Simpson, possivelmente uma voz humana; rouca, mas queixosa, um bramido suave, próximo do lado de fora da barraca, vindo de cima em vez de do chão, de imenso volume, embora de alguma forma estranha, penetrante e sedutoramente doce. Também soou em três notas separadas e distintas, ou gritos, que tinham, de um jeito estranho, uma semelhança dissonante, mas reconhecível, com o nome do guia:

— Dé-fa-go!

O estudante admite que não é capaz de descrevê-lo com muita precisão, pois era diferente de qualquer som que ele tinha ouvido em sua vida e combinava uma mistura de tais qualidades contrárias. “Uma espécie de voz ventosa e chorosa”, ele caracteriza, “como de algo solitário e indomável, selvagem e de poder abominável...”

E, antes mesmo que cessasse, caindo de volta nos grandes abismos de silêncio, o guia ao lado dele havia se levantado com um grito, que embora ininteligível, era uma resposta. Défago tropeçou contra o mastro da barraca, sacudindo toda a estrutura, abrindo os braços freneticamente por mais espaço e chutando as pernas em afobação para se livrar dos cobertores. Por um segundo ou dois, ele ficou de pé junto à porta, seu contorno escuro contra a palidez do amanhecer; então, com uma velocidade furiosa, antes que seu companheiro pudesse mover uma mão para detê-lo, atirou-se com um mergulho através das abas de lona e foi embora. E enquanto ele ia – com uma velocidade tão surpreendente que sua voz podia ser ouvida morrendo à distância – manifestava tons de terror angustiado ao mesmo tempo contendo algo estranhamente parecido com a exultação frenética de prazer...

— Ah! Ah! Meus pés de fogo! Meus pés de fogo queimando! Ah! Ah! Essa altura e velocidade de fogo!

E então, a distância rapidamente enterrou sua voz e o profundo silêncio da madrugada desceu sobre a floresta como antes.

Tudo aconteceu com tanta velocidade que, se não fosse pela cama vazia ao seu lado, Simpson quase poderia acreditar que era apenas a lembrança de um pesadelo trazido do sono. Ele ainda sentia a pressão quente daquele corpo desaparecido contra o seu lado; ali estavam as mantas torcidas em uma pilha; mesmo a barraca ainda tremia com a veemência da partida impetuosa. As palavras estranhas soaram em seus ouvidos, como se ele ainda as ouvisse à

distância; a linguagem selvagem de uma mente atingida de repente. Além disso, não eram apenas os sentidos da visão e da audição que relatavam coisas incomuns ao seu cérebro, pois mesmo enquanto o homem gritava e corria, ele percebeu que um perfume estranho, fraco mas pungente, impregnava o interior da barraca. E foi nesse ponto, ao que parece, de volta a si mesmo ao perceber suas narinas levando aquele odor desagradável para a garganta, que ele encontrou sua coragem, levantou-se em um pulo e saiu.

A luz cinzenta do amanhecer que caía fria e cintilante entre as árvores revelou a cena razoavelmente bem. Lá, estava a barraca atrás dele, encharcada de orvalho; o carvão queimado do fogo, ainda quente; o lago, branco sob uma camada de névoa; as ilhas erguendo-se escuras como objetos embrulhados em lã; e manchas de neve além, entre os espaços mais abertos do mato; tudo frio, quieto, aguardando pelo sol, mas, em lugar nenhum, havia sinal do guia desaparecido; ainda, sem dúvida, voando em velocidade frenética pela floresta congelada. Simpson não ouvia nem mesmo o som de passos desaparecendo, nem os ecos da voz morrendo. Ele se fora completamente.

Não havia nada; nada além da sensação de sua presença recente, deixada para trás tão nitidamente no acampamento; e... esse odor penetrante e onipresente.

E mesmo isso, desaparecia depressa. Apesar da excessiva confusão mental, Simpson lutou para discernir de onde vinha e para defini-lo, mas averiguar um cheiro indescritível, não reconhecido de imediato pelo subconsciente, é uma operação muito sutil da mente. E ele falhou. Desapareceu antes que pudesse compreendê-lo ou nomeá-lo. Mesmo uma descrição aproximada parece ter sido difícil pois era diferente de qualquer cheiro que ele conhecia. Acre, quase, não muito diferente do odor de um leão, ele acha, embora mais suave e não totalmente desagradável. Com um tom adocicado que o lembrou do cheiro de folhas de jardim em decomposição, terra e a miríade de perfumes sem nome que compõem o odor de uma grande floresta. No entanto, o “odor de leões” é a frase com a qual ele geralmente resume.

Então, foi-se completamente e ele se viu parado junto às cinzas do fogo em um estado de espanto e terror abobado que o deixou como uma presa indefesa a qualquer coisa que viesse a acontecer. Se um rato-almiscarado tivesse apontado seu focinho em cima de uma pedra, ou um esquilo escorregado

naquele instante pela casca de uma árvore, ele provavelmente teria desmaiado. Pois sentia em todo o incidente o toque de um grande Horror Externo... e suas energias dispersas ainda não tinham tido tempo de se recompor em uma atitude completa de resistente autocontrole.

Nada aconteceu, entretanto. Uma grande carícia do vento correu suavemente através da floresta que despertava e algumas folhas de bordo aqui e ali farfalharam trêmulas até o solo. O céu pareceu ficar muito mais claro de um momento para o outro. Simpson sentiu o ar gelado na bochecha e na cabeça descoberta e percebeu que tremia de frio. E, com muito esforço, percebeu em seguida que estava sozinho no sertão e que era necessário tomar medidas imediatas para encontrar e socorrer seu companheiro desaparecido.

Ele fez sim um esforço, embora mal calculado e inútil. Com aquela selva de árvores ao seu redor, o lençol de água cortando-o por trás e o horror daquele grito selvagem em seu sangue, ele fez o que qualquer outro homem inexperiente teria feito em uma situação semelhante: ele correu, sem qualquer senso de direção, como uma criança frenética, e chamou em voz alta sem parar o nome do guia:

— Défago! Défago! Défago! — As árvores devolveram-lhe o nome com a mesma frequência que ele evocava, apenas um pouco suavizado; “Défago! Défago! Défago!”

Ele seguiu a trilha que ficava a uma curta distância através dos trechos de neve, e então a perdeu novamente onde as árvores cresciam muito densas para a neve cair. Gritou até ficar rouco e até que o som de sua própria voz em todo aquele universo mudo e ouvinte começasse a assustá-lo. Sua confusão aumentou em proporção direta à violência de seus esforços. Sua angústia tornou-se terrível, até que, por fim, seu empenhou derrotou seu objetivo e, por pura exaustão, ele voltou ao acampamento. Ainda é inacreditável que ele tenha encontrado o caminho. Foi com grande dificuldade e somente após inúmeras pistas falsas, que finalmente viu a barraca branca entre as árvores, e assim alcançou a segurança.

A exaustão em seguida aplicou seu remédio e ele se acalmou. Fez fogo e café da manhã. Café quente e bacon colocaram um pouco de bom senso e juízo nele novamente e Simpson percebeu que havia se comportado como um garoto. Ele agora fez uma outra e mais bem-sucedida tentativa de enfrentar a situação com equilíbrio e, com uma coragem nata vindo em seu auxílio, ele

decidiu que deveria primeiro fazer uma busca tão completa quanto possível, se não tivesse sucesso, seria preciso tentar encontrar o caminho para o acampamento de origem e trazer ajuda.

E foi isso o que fez. Levando comida, fósforos e o rifle consigo, também um pequeno machado para “queimar” as árvores e achar o caminho de volta, ele partiu. Eram oito horas quando começou, o sol brilhava sobre as copas das árvores em um céu sem nuvens. Preso a uma estaca perto do fogo, deixou um bilhete no caso de Défago voltar durante sua ausência.

Desta vez, de acordo com um plano cuidadoso, tomou uma nova direção, com a intenção de fazer uma ampla varredura que mais cedo ou mais tarde mostraria as indicações da trilha do guia; e, antes de percorrer quinhentos metros, encontrou os rastros de um grande animal na neve e, ao lado, os rastros leves e menores do que eram indiscutivelmente pés humanos, os pés de Défago. O alívio imediato que sentiu foi natural, embora breve; pois à primeira vista, nessas pegadas, ele encontrou uma explicação simples para todo o incidente: essas grandes marcas tinham sido deixadas por um alce macho que, sem farejar o acampamento devido a direção do vento, deve ter tropeçado na barraca e emitido seu grito singular de advertência e perigo quando percebeu seu erro. Défago, em quem o instinto de caça era desenvolvido a ponto de chegar a uma perfeição intuitiva, cheirou o bruto quando o vento bateu horas antes. Sua agitação e desaparecimento foram devidos, é claro, a... a seu...

Então, a explicação impossível na qual ele se prendia desapareceu, pois o bom senso lhe mostrou cruelmente que nada disso era verdade. Nenhum guia, muito menos um guia como Défago, poderia ter agido de forma tão irracional, disparando pela mata sem ao menos o rifle... Todo o caso exigia uma explicação muito mais complicada quando ele se lembrou dos detalhes – o grito de terror, a reação surpreendente, o rosto cinza de pavor quando suas narinas captaram o novo aroma, aquele soluço abafado na escuridão e – pois isso, também, agora voltava vagamente a ele – a aversão inicial do homem por essa região em particular...

Além disso, agora que examinava a trilha mais de perto, não eram rastros de um alce! Hank havia explicado a ele o contorno dos cascos de um alce, também de uma fêmea e um bezerro; ele os havia desenhado claramente em uma tira de casca de árvore. E esses eram muito diferentes. Eram grandes,

redondos, largos e sem contorno pontiagudo como o de cascos afiados. Por um momento, perguntou-se se pegadas de urso eram assim. Não havia nenhum outro animal que lhe viesse à mente, pois renas não vinham tão longe ao sul nesta estação e, mesmo que viessem, deixariam marcas de cascos.

Eram sinais sinistros; esses escritos misteriosos deixados na neve pela criatura desconhecida que havia atraído um ser humano para longe da segurança. E quando ele os conectou em sua memória com aquele som assustador quebrando a quietude do amanhecer, uma tontura momentânea sacudiu sua mente, ultrapassando o limiar de angústia que já se encontrava. Ele sentiu o aspecto *ameaçador* de tudo aquilo. E, abaixando-se para examinar as marcas mais de perto, percebeu um leve bálsamo daquele odor doce, porém pungente, que o fez se endireitar no mesmo segundo, lutando contra uma sensação quase de náusea.

Então sua memória lhe pregou em outro truque maligno. De súbito, ele se lembrou dos pés descobertos de Défago projetando-se para fora da barraca e a aparência do corpo de ter sido arrastado para a abertura; o homem encolhendo-se diante de alguma coisa perto da porta quando Simpson acordou mais tarde. Os detalhes agora golpeavam sua mente trêmula com um ataque planejado. Eles pareciam se reunir naqueles espaços profundos da mata silenciosa ao redor dele, onde as árvores esperavam, escutando, observando, para testemunhar seu próximo passo. A floresta se fechava em torno dele.

Com a persistência da coragem verdadeira, no entanto, Simpson seguiu em frente, acompanhando os rastros da melhor maneira que pôde, sufocando essas emoções feias que buscavam enfraquecer sua determinação. Ele “queimou” inúmeras árvores enquanto avançava, sempre com o temor de não conseguir encontrar o caminho de volta, chamando bem alto o nome do guia em intervalos de alguns segundos. A batida surda do machado nos troncos maciços e a articulação pouco familiar de sua própria voz tornaram-se, por fim, sons que ele até temia fazer, temia ouvir. Pois continuamente chamavam a atenção de sua presença e mostravam seu paradeiro exato, e se fosse realmente o caso de que algo o caçava da mesma forma que ele caçava o outro...

Com um grande esforço, ele esmagou o pensamento no instante em que surgiu. Era o começo, ele percebeu, de uma espécie de desorientação completamente diabólica, do tipo que o consumiria em pouco tempo.

Embora a neve não fosse contínua, caindo apenas em rajadas rasas sobre os espaços mais abertos, ele não encontrou dificuldade em seguir os rastros nos primeiros quilômetros. Eles seguiam em linha reta onde quer que as árvores permitissem. A distância entre um passo e outro logo começou a aumentar em comprimento, até que finalmente assumiu proporções que pareciam absolutamente impossíveis para qualquer animal comum. Tornaram-se como enormes saltos voadores. Um deles ele mediu e, embora soubesse que o “alongamento” de aproximadamente cinco metros devia estar de alguma forma errado, ele não entendeu por que não havia nenhum sinal na neve entre os pontos extremos, mas o que o deixou ainda mais perplexo, fazendo-o sentir que sua visão estava totalmente distorcida, foi que os passos de Dégago aumentaram também, e cobriam as mesmas distâncias incríveis. Parecia que a enorme besta tinha o erguido junto de si e o carregava por esses intervalos surpreendentes. Simpson, que tinha as pernas muito mais compridas que Dégago, viu que não conseguia alcançar nem a metade da distância dando um salto com corrida antes.

E a visão dessas imensas trilhas, correndo lado a lado, a evidência silenciosa de uma tenebrosa jornada na qual o pavor ou a loucura levaram a resultados impossíveis, foi extremamente comovente. Chocou-o nas profundezas secretas de sua alma. Foi a coisa mais horrível que seus olhos já viram. Ele começou a segui-los mecanicamente, quase distraído, pois caminhava olhando por cima do ombro para ver se também não era seguido por algo com um passo gigantesco... E logo aconteceu que ele não sabia mais o que significavam; essas impressões deixadas na neve por algo sem nome e indomado, sempre acompanhadas pelas pegadas do pequeno franco-canadense, seu guia, seu camarada, o homem que havia compartilhado sua barraca algumas horas antes, conversando, rindo, até mesmo cantando ao lado dele...

V

Para um homem de sua idade e inexperiência, apenas um prudente escocês, enraizado no bom senso e estabelecido na lógica, teria preservado aquela

medida de equilíbrio que este jovem de uma forma ou de outra, preservou ao longo de toda a aventura. Caso contrário, duas coisas que ele percebeu então, enquanto avançava determinado, poderiam tê-lo mandado de volta para a relativa segurança de sua barraca, em vez de apenas fazer sua mão se fechar ainda com mais força na coronha do rifle, enquanto seu coração, treinado para a igreja, enviava em direção aos céus uma oração sem palavras. Ambas as pegadas, ele percebeu, haviam sofrido uma mudança, e essa mudança, principalmente em relação aos passos do homem, era, de uma maneira indecifrável, horrenda.

Foi, inicialmente, nas pegadas maiores que constatou a variação, e por muito tempo não conseguiu acreditar no que via. Seriam as folhas em volta, produzindo estranhos efeitos de luz e sombra, ou a neve seca, pulverizada como arroz moído nas bordas, lançando vultos e brilho intenso? Ou era realmente o fato de que as grandes marcas haviam se tornado suavemente coloridas? Pois, em volta das marcas fundas do animal, existia agora uma misteriosa tonalidade avermelhada, mais parecida com um efeito de luz do que qualquer coisa tingindo a neve. Cada marca tinha, e tinha cada vez mais, essa tonalidade indefinida de fogo que pintava um novo tom de medonho no cenário.

Mas quando, totalmente incapaz de explicar ou acreditar no que via, ele voltou sua atenção às outras pegadas, a fim descobrir se elas também mostravam o mesmo efeito, concluiu que haviam sofrido uma mudança infinitamente pior, e carregavam uma sugestão muito mais horrível. Pois, nos últimos cem metros ou mais, ele viu que cresciam gradualmente de tamanho e mudavam de forma, e agora se assemelhavam às pegadas maiores. A alteração ocorreu imperceptivelmente, mas não havia nenhuma dúvida. Era difícil ver onde começou, mas o resultado estava além de qualquer questão. Menores, mais claras, modeladas com mais nitidez, elas formavam uma cópia exata e minuciosa das trilhas maiores ao lado delas. Ele percebeu que os pés que as produziram, também haviam mudado. E algo em sua mente encheu-se de aversão e horror conforme constatava o fato.

Simpson, pela primeira vez, hesitou; então, envergonhado de seu pânico e indecisão, seguiu com mais alguns passos apressados; no instante seguinte parou. Bem à sua frente, todos os sinais da trilha desapareceram; ambas as pegadas terminaram sem deixar mais vestígios. Em todos os lados, por cem

metros ou mais, ele procurou em vão pelo menor indício delas. Não havia nada.

A quantidade de árvores era muito espessa ali, árvores grandes, todas elas, abetos, cedros, cicutas; sem vegetação rasteira. Ele continuou olhando em volta, perturbado; sem qualquer poder de julgamento. Então decidiu começar de novo, e de novo, e de novo, mas sempre com o mesmo resultado: *nada*. Os pés que marcavam a superfície da neve ao que parecia, tinham saído do chão!

E foi naquele momento confuso e perturbado que o flagelo do terror envolveu seu laço mais bem calculado em volta de seu coração. Caiu com um efeito mortal sobre o ponto mais dolorido de todos e o angustiou por completo. O tempo todo, Simpson temia secretamente que isso acontecesse, e aconteceu.

Bem acima, abafado pela grande altura e distância, estranhamente fina e em um pranto lamentoso, ele ouviu a voz de Défago, o guia.

O som despencou sobre ele vindo daquele imóvel céu invernal, com um efeito de desalento e terror insuperável. O rifle caiu aos seus pés. Ele ficou imóvel por um instante, ouvindo, por assim dizer, com todo o seu corpo, então cambaleou para trás contra a árvore mais próxima para se apoiar, com sua mente e espírito perturbados ao extremo. Aquela experiência foi a mais desconcertante e dilacerante que, até aquele momento, conhecera em sua vida, seu coração se esvaziou de todos os sentimentos como por uma súbita corrente de ar.

— Ah! Ah! Essa altura de fogo! Ah, meus pés de fogo! Meus pés de fogo queimando...! — correu ao longe, suplicando ênfases de apelo indescritível, esta voz desconsolada descendo o céu. Chamou uma vez; então, toda a selva de árvores ouviu em silêncio.

E Simpson, com pouca noção do que fazia, logo se viu correndo descontroladamente de um lado para o outro, procurando, chamando, tropeçando em raízes e pedras e lançando-se em um frenesi de perseguição indireta àquele que chamava. Atrás da tela de memória e emoção com a qual a experiência vela acontecimentos, ele mergulhou, distraído e meio enlouquecido, captando luzes falsas como um navio no mar, com terror nos olhos, no coração e na alma. Pois o Pânico do Sertão o havia chamado naquela voz distante; o Poder da Distância irrefreável; o Encanto da Desolação que destrói. Ele conheceu naquele momento todas as dores de

alguém desesperado e irremediavelmente perdido, sofrendo a depravação e o tormento de uma alma na Solidão final. Uma visão de Défago, eternamente caçado, conduzido e perseguido através da vastidão do céu daquelas antigas florestas, atravessou como uma chama pela ruína escura de seus pensamentos...

Pareceu que anos se passaram antes de encontrar qualquer coisa no caos de suas sensações desorganizadas, em que fosse possível se ancorar por um momento e pensar...

O grito não se repetiu; seu chamado rouco não teve resposta; as forças incompreensíveis da Natureza convocaram sua vítima e o seguraram com firmeza, além de qualquer esperança.

No entanto, ele procurou e chamou o que pareciam horas depois, pois era o fim da tarde quando finalmente decidiu abandonar uma perseguição inútil e retornar ao seu acampamento nas margens do Lago das Cinquenta Ilhas. Mesmo assim, foi relutante, aquela voz desesperada ainda ecoando em seus ouvidos. Com dificuldade, ele encontrou seu rifle e a trilha de volta para o acampamento. A concentração necessária para seguir as pistas mal feitas nas árvores e uma fome cortante que o consumia ajudaram a manter sua mente firme. Caso contrário, ele admite, o delírio temporário que sofreu poderia ter se prolongado ao ponto de um desastre. Gradualmente, os pilares de sua mente voltaram à posição anterior, e ele recuperou algo próximo ao seu equilíbrio normal.

E por tudo isso, a jornada pelo crepúsculo que se aproximava foi miseravelmente assombrada. Ele ouviu inúmeros passos que o seguiam, vozes rindo e sussurrando, e viu figuras agachadas atrás de árvores e pedras, fazendo sinais uns para os outros, para um ataque combinado no momento em que ele passava. O murmúrio rasteiro do vento o fez parar a escutar. Ele continuou furtivamente, tentando se esconder onde era possível e fazendo o mínimo de som que podia. As sombras da floresta, até então protetoras ou apenas simples coberturas, agora se tornavam ameaçadoras, desafiadoras; e a dissimulação em sua mente apavorada mascarava uma série de possibilidades que eram ainda mais nefastas por estarem obscuras. O pressentimento de uma catástrofe sem nome espreitava, mal disfarçado, por trás de cada detalhe do que tinha acontecido.

Foi realmente admirável como ele saiu vencedor no final; homens mais maduros e experientes poderiam ter passado pela provação com menos sucesso. Ele estava razoavelmente sob controle, considerando tudo, e seu plano de ação é prova disso. No acampamento, Simpson ficou acordado a noite toda. O sono estava absolutamente fora de questão, e viajar por uma trilha desconhecida na escuridão era igualmente impraticável, sendo assim, ficou com o rifle na mão diante de uma fogueira que nem por um único momento, permitiu se apagar. A gravidade daquela assombrada vigília marcou sua alma pelo resto da vida; mas foi realizada com sucesso; e com os primeiros sinais do amanhecer, ele partiu para a longa jornada de retorno ao acampamento para obter ajuda. Como antes, deixou um bilhete para explicar sua ausência e indicar onde havia um grande estoque de comida e fósforos; embora não esperasse que mãos humanas os encontrassem!

Como Simpson achou seu caminho sozinho à beira do lago e da floresta, pode muito bem dar uma outra história, pois ouvir seu relato é *conhecer* a solidão fervorosa da alma que um homem pode sentir quando a Selva o segura na palma de sua mão infinita – e ri. É também de admirar sua força de vontade indomável.

Ele não afirma nenhuma habilidade e declarou que seguiu mecanicamente, sem pensar, pela trilha quase invisível. E isso, sem dúvida, é a verdade. Ele confiava na orientação da mente inconsciente, o instinto. Talvez algum senso de orientação, conhecido por animais e homens primitivos, possa ter ajudado também, pois, em meio a toda aquela região confusa, ele conseguiu chegar ao local exato onde Défago havia escondido a canoa quase três dias antes com a observação: “vai pro oeste, na direção do sol, pra chegar no acampamento.”

Não havia sobrado muito sol para guiá-lo, mas ele usou sua bússola o melhor que pode, embarcando na frágil canoa pelos últimos vinte quilômetros de sua jornada com uma sensação de imenso alívio pela floresta finalmente ter ficado para trás. E, felizmente, a água estava calma; ele seguiu pelo centro do lago em vez de contornar a costa por mais trinta quilômetros. Felizmente, também, os outros caçadores estavam de volta. A luz de sua fogueira lhe deu um ponto de localização sem o qual ele teria procurado o acampamento a noite toda.

Era quase meia-noite quando sua canoa raspou na enseada de areia e Hank, Punk e seu tio, perturbados em seu sono por seus gritos, desceram

rapidamente e ajudaram um espécime exausto e abalado de ser humano escocês pelas rochas, em direção a uma fogueira quase apagada.

VI

A entrada repentina de alguém tão familiar como seu tio neste mundo de feitiçaria e horror que o havia perseguido sem parar por dois dias e duas noites, deu ao caso um aspecto inteiramente novo. O som daquele nítido “Olá, meu garoto! O que aconteceu *agora*?” e o aperto daquela mão firme e vigorosa introduziu outro padrão de julgamento. Uma sensação de repulsa o inundou. Percebeu que havia se deixado “levar” muito mal, até se sentiu meio envergonhado. O pragmatismo nativo de sua raça o chamou de volta.

E isso, sem dúvida, explica por que foi tão difícil dizer – tudo, àquele grupo de homens em volta da fogueira. Ele disse o suficiente, entretanto, para decidirem que uma busca por Défago deveria começar o mais rápido possível e que Simpson, para melhor orientar o grupo, deveria primeiro se alimentar e, acima de tudo, dormir. O dr. Cathcart, observando a condição do rapaz com mais astúcia do que seu paciente imaginava, aplicou-lhe uma injeção muito leve de morfina. Por seis horas, ele dormiu como um morto.

Pelo relato detalhado posteriormente escrito por este estudante de teologia, a narrativa que ele primeiro deu ao grupo atônito, parece ter omitido vários detalhes vitais e importantes. Com o semblante íntegro e prático de seu tio encarando-o, ele disse que simplesmente não teve coragem de mencioná-los. Sendo assim, tudo o que o grupo de busca soube foi que Défago talvez houvesse sofrido um agudo e inexplicável ataque de mania durante a noite. Imaginou ter sido “chamado” por alguém ou alguma coisa e mergulhou no mato em busca daquele que o chamava, sem comida ou rifle, onde provavelmente sucumbiria a morte horrível e prolongada pelo frio e fome, a menos que pudesse ser encontrado e resgatado a tempo. “A tempo”, aliás, significava *imediatamente*.

No decorrer do dia seguinte, entretanto – eles partiram por volta das sete, deixando Punk no comando com instruções para ter comida e fogo sempre prontos – Simpson percebeu que podia contar ao seu tio muito mais sobre as verdadeiras particularidades da história, sem perceber que contava, por uma forma muito sutil de pós-interrogatório. Quando chegaram ao início da trilha, onde a canoa estava encostada na volta, ele mencionou como Défago falou de “algo que chamou de Wendigo”; como chorou em seu sono; como imaginou

um cheiro estranho no acampamento; e havia mostrado outros sintomas de esgotamento mental. Simpson também admitiu o efeito desconcertante “daquele odor extraordinário” em si “pungente e acre como o odor de leões”. E quando estavam há uma hora do Lago das Cinquenta Ilhas, ele deixou escapar o fato adicional – uma confissão tola de sua condição histérica, como ele sentiu depois – que ouviu o guia desaparecido gritar “por ajuda”. Ele omitiu as estranhas frases usadas, pois apenas não conseguia repetir as palavras absurdas. Além disso, ao descrever como os passos do homem na neve, tinham gradualmente se tornado uma miniatura exata das pegadas do animal, ele deixou de fora o fato de que sua distância era *completamente* incrível. Parecia uma questão de equilíbrio entre o orgulho pessoal e honestidade, o que revelou e o que suprimiu. Ele mencionou o tom de fogo na neve, por exemplo, mas não disse que o corpo e a cama tinham sido parcialmente arrastados para fora da barraca...

O dr. Cathcart, hábil psicólogo que imaginava ser, deu seu parecer final e assegurou o sobrinho claramente onde sua mente, influenciada pela solidão, perplexidade e terror, cedeu à tensão e provocou uma ilusão. Enquanto elogiava sua conduta, ele conseguiu ao mesmo tempo apontar onde, quando, e como sua mente havia se perdido. Ele fez Simpson pensar que era melhor do que era por meio de elogios sensatos, mas ele era ainda mais tolo do que o jovem, pois minimizou o valor das evidências. Isto é, como muitos outros materialistas, ele criou uma mentira astuta com base no conhecimento insuficiente, porque o conhecimento fornecido parecia inadmissível à sua própria inteligência.

— O feitiço dessas terríveis áreas solitárias — disse ele —, não deixa nenhuma mente intocada, quer dizer, qualquer mente suscetível às fantasias. Dominou a sua, exatamente como dominou a minha quando eu tinha sua idade. O animal que assombrava seu acampamento era, sem dúvidas, um alce, pois o ruído desses animais é um gemido que vem da barriga, e às vezes, tem uma qualidade de som muito peculiar. A aparência colorida das grandes pegadas era só um defeito de seus olhos devido a tanto nervosismo. O tamanho e a extensão entre uma pegada e outra serão comprovados quando chegarmos a elas. Mas a alucinação de uma voz audível, é claro, é uma das formas mais comuns de ilusão devido à tensão mental... tensão esta, meu caro rapaz, perfeitamente compreensível e, deixe-me acrescentar,

maravilhosamente controlada nas circunstâncias. Quanto ao resto, devo dizer, você agiu com uma coragem esplêndida, pois o terror de se sentir perdido nessa selva não é nada menos que pavoroso, e, eu em seu lugar, não acredito nem por um momento que teria me comportado com um quarto de sua sabedoria e decisão. A única coisa que acho difícil de explicar é... esse... maldito cheiro.

— Deixou-me enjoado, lhe garanto — declarou o sobrinho — completamente tonto! — A atitude de serena onisciência de seu tio, simplesmente porque conhecia mais códigos psicológicos, tornou Simpson ligeiramente desafiante. É muito fácil ser sábio na explicação de uma experiência que não testemunhamos pessoalmente. — Uma espécie de cheiro agonizante e terrível, é a única maneira como posso descrever — concluiu ele olhando para as feições do homem quieto e austero ao seu lado.

— Fico até surpreso — foi a resposta — que sob tais circunstâncias, não lhe pareceu ainda pior — as palavras secas, Simpson sabia, pairavam entre a verdade e a interpretação que seu tio tinha “da verdade”.

E assim, finalmente, eles chegaram ao pequeno acampamento e encontraram a barraca ainda de pé, os restos do fogo e o pedaço de papel preso a uma estaca ao lado dele; intocado. O esconderijo de comida entretanto, malplanejado por mãos inexperientes, havia sido descoberto e aberto por ratos almiscarados, visons e esquilos. Os fósforos estavam espalhados pela tampa, mas a comida havia sido levada até o último farelo.

— Bom, *cumpanheiros*, ele *num* tá aqui — exclamou Hank em sua voz alta como era seu jeito. — Isso é tão certo quanto o estoque de carvão no quinto dos infernos! Mais onde ele se meteu, é tão incerto quanto *as intenção* do capeta. — A presença de um estudante de teologia não era barreira para seus palavrões em tal momento, embora para o bem do leitor a fala pode ter sido severamente editada. — Eu proponho — acrescentou ele — que a gente saia agora mesmo, e *caçemo* ele igual ao diabo!

No momento em que viram os sinais familiares de ocupação recente, a tristeza do provável destino de Défago dominou o grupo com uma apavorante gravidade. Principalmente, a imagem da barraca, com o leito de ramos de bálsamo ainda alisados e achatados pela pressão de seu corpo, parecia trazer sua presença para perto deles. Simpson, sentindo como se os alicerces do seu

mundo estivessem de alguma forma em jogo, começou a explicar os detalhes apressadamente. Ele estava muito mais calmo agora, embora a tensão de suas diversas viagens pesassem sobre sua mente. A maneira como seu tio explicou – ou melhor, “dispensou” – os detalhes ainda frescos em sua memória atormentada, ajudaram também, a colocar gelo em suas emoções.

— E foi naquela direção que ele fugiu — disse ele aos dois companheiros, apontando o lugar onde o guia havia desaparecido no final daquela madrugada cinzenta. — Correu direto naquela direção como um cervo, entre a bétula e a cicuta...

Hank e o dr. Cathcart trocaram olhares.

— E foi cerca de três quilômetros lá embaixo, em linha reta — continuou o outro, falando com algo do antigo terror em sua voz — que segui sua trilha até o lugar onde... simplesmente... desapareceu!

— E onde *ocê* ouviu ele *chamano* e sentiu o *fedô*, e *todo o resto* desse *tiatro traiçero*? — perguntou Hank, com uma instabilidade que mostrou sua extrema angústia.

— E onde seu nervosismo o dominou a ponto de produzir ilusões — acrescentou o dr. Cathcart em um sussurro, mas não tão baixo que seu sobrinho não ouvisse.

Era início da tarde, pois haviam viajado rápido e ainda tinham duas boas horas de luz do dia. O dr. Cathcart e Hank não perderam tempo em começar a busca, mas Simpson estava exausto demais para acompanhá-los. Eles seguiriam as marcas queimadas nas árvores e, quando possível, seus passos. Enquanto isso, a melhor coisa que ele podia fazer era manter um bom fogo aceso e descansar.

Mas depois de cerca de três horas de busca, com a escuridão já presente, os dois homens voltaram ao acampamento sem nenhuma pista. A neve recente cobriu todas as trilhas e, embora tivessem seguido as árvores “chamuscadas” até o local onde Simpson havia ido, não descobriram o menor indício de um ser humano – ou, nem mesmo, de um animal. Não havia rastros novos de qualquer tipo; a neve estava intacta.

Era difícil saber o que seria o melhor a fazer, embora na realidade não houvesse mais nada que *pudessem* fazer. Se ficassem, talvez buscassem por

semanas sem muita chance de sucesso. A neve fresca destruiu sua única esperança, e eles se reuniram ao redor do fogo para o jantar, um grupo sombrio e desanimado. Os fatos, realmente, eram muito tristes, pois Défago tinha uma esposa em Rat Portage e seus ganhos eram o único meio de sustento da família.

Agora que toda a verdade em sua completa feiura fora revelada, parecia inútil lidar com mais disfarces ou fingimentos. Eles falaram abertamente sobre os fatos e probabilidades. Não era a primeira vez, mesmo na experiência do dr. Cathcart, que um homem cedeu à sedução singular das Solidões e enlouqueceu. Além disso, Défago estava predisposto a algo do tipo, pois já tinha um toque de melancolia no sangue e sua mente estava enfraquecida por períodos de bebedeiras que, muitas vezes, duravam semanas. Algo nesta viagem – nunca se sabe exatamente o que – bastou para empurrá-lo além dos limites, só isso. E ele partiu, foi para o grande sertão de árvores e lagos para morrer de fome e exaustão. As chances de encontrar o acampamento outra vez eram esmagadoramente pequenas; o delírio que ele sofria também teria aumentado, sem dúvida, e era bem provável que pudesse ser violento contra si mesmo, e assim acelerar seu destino cruel. Mesmo naquele momento, enquanto conversavam, o fim provavelmente havia chegado. Por sugestão de Hank, seu velho amigo, no entanto, eles se propuseram a esperar um pouco mais e dedicar todo o dia seguinte, do amanhecer à escuridão, à busca mais sistemática que pudessem arranjar. Eles dividiriam o território entre eles. Discutiram o plano detalhadamente. Tudo o que estivesse ao seu alcance, seria feito.

E, enquanto isso, falavam sobre o modo tão estranho com que o Pânico do Sertão atacou a mente do infeliz guia. Hank, embora familiarizado com a lenda no geral, obviamente não gostou do rumo que a conversa tomou. Ele contribuiu pouco, mas esse pouco foi esclarecedor. Pois admitiu que uma história corria por toda esta região de que vários indígenas tinham “visto o Wendigo” ao longo das margens do Lago das Cinquenta Ilhas no outono passado, e que essa era a verdadeira razão da relutância de Défago em vir caçar aqui. Hank, sem dúvidas, achava que, em certo sentido, ajudou seu velho amigo a ir em direção à morte por tê-lo persuadido.

— Quando um índio fica doido — explicou ele falando mais consigo do que com os outros —, sempre falam que ele “viu o Wendigo”. E o coitado do

meu *véio Défaygo* era supersticioso até os *calcanhá*...!

E então Simpson, sentindo o ambiente mais receptivo, contou outra vez o relato completo de sua história surpreendente; ele não omitiu detalhes agora; mencionou suas sensações e medos arrebatadores. Apenas omitiu as estranhas palavras usadas por Défago.

— Mas Défago com certeza já tinha contado todos esses detalhes da lenda do Wendigo, meu caro amigo — insistiu o médico. — Quero dizer, ele falou sobre isso e, assim, colocou em sua mente as ideias construídas por sua imaginação depois?

Ao que Simpson novamente repetiu os fatos. Défago, declarou ele, mal havia mencionado a fera. Ele, Simpson, nada sabia da história e, pelo que se lembrava, nunca tinha lido sobre ela. Até a palavra era desconhecida.

É claro que Simpson dizia a verdade e o dr. Cathcart teve que admitir as curiosas particularidades de todo o caso, mesmo que relutante. Ele não o confessou usando palavras, mas sim, por suas maneiras. Manteve as costas apoiadas em uma árvore grande e robusta; no momento em que as brasas ameaçavam se extinguir, as remexia até estarem em chamas de novo; ele era mais rápido do que qualquer um em notar o menor som na noite ao redor deles – um peixe pulando no lago, um galho quebrando no arbusto, a queda de fragmentos ocasionais de neve congelada dos galhos acima, onde o calor da fogueira os soltava. Sua voz também mudou um pouco, e se tornou um pouco menos confiante e com um tom mais baixo. O medo, para ser mais claro, pairava bem próximo daquele pequeno acampamento e, embora os três se contentassem em falar sobre outros assuntos, a única coisa que eram capazes de discutir era isso: a fonte de seu medo. Tentaram outros tópicos em vão; não havia nada a dizer sobre eles. Hank era o mais honesto do grupo; não disse quase nada. Ele nunca, entretanto, deu as costas para a escuridão. Seu rosto estava sempre voltado para a floresta, e quando o fogo precisava de madeira, ele não ia além do necessário para buscá-la.

VII

Uma parede de silêncio os envolveu, pois a neve, embora não espessa, era suficiente para amortecer qualquer barulho, e a geada limitava bem as coisas, aliás. Não se ouvia nenhum som além de suas vozes e o rugido suave das chamas. Apenas, de vez em quando, algo delicado como o bater das asas de

uma mariposa passava por eles. Ninguém estava ansioso para ir para a cama. As horas escorregavam em direção à meia-noite.

— A lenda é pitoresca o suficiente — observou o médico após uma das pausas mais longas, falando na intenção de interromper o silêncio e não porque tinha algo a dizer — pois o Wendigo é simplesmente o Chamado da Selva personificado, que algumas pessoas propensas ouvem para sua destruição.

— É assim mesmo — disse Hank imediatamente. — E não tem *malentendido* quando *ocê* ouve. *Te chama* pelo nome, sem dúvida.

Outra pausa seguiu. Então o dr. Cathcart voltou ao assunto proibido com uma pressa que fez os outros pularem.

— A alegoria é significativa — observou ele, olhando ao seu redor na escuridão — pois a Voz, dizem, se assemelha a todos os sons menores do sertão: vento, água caindo, sons dos animais e assim por diante. E, uma vez que a vítima ouve *isso*; enlouquece de vez, é claro! Além do mais, seus pontos mais vulneráveis são considerados os pés e os olhos; os pés, veja bem, pelo anseio de vagar, e os olhos pelo anseio da beleza. O pobre coitado anda a uma velocidade tão terrível que seus olhos sangram e seus pés queimam.

O dr. Cathcart, enquanto falava, continuou a espiar inquieto a escuridão em volta. Sua voz baixou para um sussurro.

— O Wendigo — acrescentou ele — dizem que queima os pés de suas vítimas devido ao atrito, aparentemente causado por sua enorme velocidade; até que seus pés caem e outros se formam no lugar, exatamente como os seus.

Simpson ouviu com espanto horrorizado; mas foi a palidez do rosto de Hank que mais o fascinou. O guia teria tapado os ouvidos e fechado os olhos, se ousasse.

— Nem sempre fica no chão — disse o sotaque lento e pesado de Hank — pois vai tão alto que o coitado pensa que *as estrela incendiario* ele. E dá uns pulo muito grande às vezes, e corre de copa em copa *das árvore*, carregando seu parceiro com ele, e então deixa cair igual um gavião deixa cair um peixe pra matar antes de comer. E o que ele come, de toda *as porcaria* na mata é... musgo! — E ele deu uma risada curta e artificial. — É um *comedô* de musgo, o Wendigo — acrescentou ele olhando eufórico para os rostos de seus companheiros. — *Comedô* de musgo — repetiu, com uma série dos palavrões mais bizarros que poderia inventar.

Mas Simpson agora entendia o verdadeiro propósito de toda essa conversa. O que esses dois homens, cada um forte e “experiente” à sua maneira, temiam mais do que qualquer outra coisa era: o silêncio. Eles falavam contra o tempo. Eles também falavam contra as trevas, contra a tomada do pânico, contra a reflexão que admitiria o fato de estarem no lar do inimigo – contra qualquer coisa, na verdade, em vez de permitir que seus pensamentos mais íntimos assumissem o controle. Ele mesmo, já estabelecido no terror pela horrenda vigília, estava além de ambos nesse aspecto. Ele havia alcançado o estágio em que era imune. Mas esses dois, o médico que analisava e ridicularizava a situação, e o sertanejo honesto e obstinado, cada um deles tremia nas profundezas de seu ser.

Assim as horas passaram; e assim, com vozes baixas e uma espécie tensa de resistência interior, este pequeno grupo de seres humanos sentou-se nas mandíbulas da selva e falou imprudentemente sobre a terrível e assustadora lenda. Foi uma disputa desigual, considerando todas as coisas, pois a selva já tinha a vantagem do primeiro ataque – e de um refém. O destino de seu camarada pairava sobre eles com um peso cada vez maior que finalmente se tornou insuportável.

Foi Hank, depois de uma pausa mais longa do que as anteriores, incapaz de ser interrompida por ninguém, quem primeiro liberou toda essa emoção reprimida de uma forma muito inesperada, levantando-se de repente e soltando o grito mais ensurdecido imaginável noite adentro. Ele não conseguia mais se conter, parecia. Para fazê-lo ir além de um grito comum, ele interrompeu o ritmo sacudindo a palma da mão diante da boca.

— Isso é pro Défago — disse ele olhando para os outros dois com uma risada esquisita e desafiadora —, porque eu sei — os xingamentos anexados foram omitidos — que meu *vêio parceiro* não tá longe da gente nesse exato minuto.

Havia uma veemência e imprudência em sua atuação que fez Simpson também ficar de pé espantado, e levou o médico a deixar o cachimbo escorregar por entre os lábios. O rosto de Hank estava horrível, mas o de Cathcart mostrou uma fraqueza repentina; um afrouxamento de todas as suas forças, por assim dizer. Então uma raiva momentânea brilhou em seus olhos e ele também, embora com a deliberação nascida do autocontrole habitual, pôs-

se de pé e encarou o guia exaltado. Pois isso era inadmissível, tolo, perigoso, e ele impediria.

Pode-se apenas especular o que poderia ter acontecido no próximo minuto ou dois, mas nunca definitivamente saber, pois no instante de profundo silêncio que se seguiu à voz estridente de Hank, como se em resposta, algo passou pela escuridão do céu a uma velocidade absurda. Algo necessariamente muito grande, pois deslocou uma enorme quantidade de ar, e entre as árvores veio um grito fraco e vacilante de uma voz humana, chamando em tons indescritíveis de angústia e súplica:

— Ah, ah! Essa altura de fogo! Ah, ah! Meus pés de fogo! Meus pés de fogo queimando!

Branco até a ponta da camisa, Hank olhou em volta de si, bobo como uma criança. O dr. Cathcart soltou algum tipo de grito ininteligível, virando-se com um movimento instintivo de terror cego em direção à proteção da barraca, e então parou no ato como se tivesse congelado. Simpson, o único dos três, manteve um pouco de equilíbrio. Seu horror era muito profundo para permitir qualquer reação imediata. Ele ouviu aquele grito antes.

Virando-se para seus companheiros boquiabertos, ele disse, quase com calma:

— Foi exatamente esse o grito que ouvi. As mesmas palavras que ele usou!

Então, erguendo o rosto para o céu, gritou:

— Défago, Défago! Desça aqui até nós! Desça!

E antes que houvesse tempo para alguém tomar uma atitude, ouviu-se o som de algo caindo pesadamente entre as árvores, atingindo os galhos no caminho e aterrissando com um baque atroz na terra congelada. O estrondo e o trovão da queda foram realmente medonhos.

— É ele, juro pelo bom Deus! — veio de Hank em um grito sussurrante, meio sufocado, sua mão indo automaticamente para a faca de caça em seu cinto. — E ele tá vindo! Ele tá vindo! — acrescentou, com uma risada irracional de horror, enquanto os sons de passos pesados esmagando a neve se tornavam distintamente audíveis, aproximando-se através da escuridão em direção ao círculo de luz.

E enquanto os passos, com seu movimento cambaleante, se aproximavam cada vez mais, os três homens permaneceram em volta da fogueira, imóveis e

mudos. O dr. Cathcart parecia um homem acometido por um choque; até mesmo seus olhos não se moviam. Hank, em sofrimento excessivo, parecia novamente prestes a uma ação violenta; mas não fez nada. Ele também estava talhado em pedra. Pareciam crianças abatidas. A imagem era horrível. E, enquanto isso, com seu dono ainda invisível, os passos se aproximavam, esmagando a neve congelada. Era interminável – demorada demais para ser real – essa aproximação calculada e impiedosa. Era amaldiçoada.

VIII

Então, por fim, após ter concebido laboriosamente, a escuridão trouxe à tona uma figura. Ela avançou para a zona de luz incerta onde o fogo e as sombras se misturavam, a menos de três metros de distância; então parou, encarando-os fixamente. No mesmo instante, recomeçou a avançar com o movimento espasmódico de uma coisa movida por fios, e chegando mais perto deles, sob o clarão do fogo, perceberam então que era um homem; e aparentemente este homem era Défago.

Podia-se quase ver algo similar a uma capa de horror cobrir o rosto de todos naquele momento, e três pares de olhos brilhavam através dela como se enxergassem além das fronteiras da visão normal em direção ao Desconhecido.

Défago avançava, seus passos vacilantes e incertos; ele caminhou a primeiro momento até o grupo, então se virou bruscamente e olhou de perto o rosto de Simpson. O som de uma voz saiu de seus lábios:

— Tô aqui, chefe Simpson. Escutei alguém me *chamá* — era uma voz fraca e seca, sibilante e sem fôlego devido ao grande esforço. — Tô tendo uma viagem *dos inferno*, isso eu tô. — E ele riu, jogando a cabeça em direção ao outro.

Mas aquela risada deu partida ao maquinário do grupo de figuras de cera em volta, que tinham as peles brancas como cera. Hank imediatamente saltou para a frente com uma torrente de xingamentos tão rebuscados que Simpson não os reconheceu como inglês, mas pensou que ele havia trocado para um idioma indígena ou alguma outra língua. Ele soube apenas que a presença de Hank, assim colocada entre eles, era bem-vinda... estranhamente bem-vinda. O dr. Cathcart, embora mais calmo e vagaroso, avançou atrás dele, vacilando muito.

Simpson parece confuso quanto ao que realmente foi dito e feito naqueles poucos segundos seguintes, pois os olhos daquele rosto detestável e maldito espiando tão perto dos seus, confundiram totalmente seus sentidos a princípio. Ele apenas ficou parado. Não disse nada. Não tinha a resolução treinada dos homens mais velhos que os forçava a agir em desafio a todo estresse emocional. Simpson os observava como se por trás de um vidro que destruía parcialmente sua realidade; foi como um sonho; pervertido. No entanto, em meio a torrente de frases sem sentido de Hank, ele se lembra de ouvir o tom de autoridade de seu tio – rígido e forçado – dizendo várias coisas sobre comida e calor, cobertores, uísque e o resto... e, além disso, aquele cheiro penetrante. Um odor incomum, vil, mas desconcertantemente açucarado, invadiu suas narinas durante tudo o que seguiu.

No entanto, não foi ninguém além dele – mesmo menos experiente e hábil do que os outros – quem pronunciou instintivamente a frase que trouxe um certo alívio à situação medonha ao expressar a dúvida e o pensamento no coração de cada um.

— É... Você, não é, Défago? — perguntou Simpson em um sussurro, o horror interrompendo sua fala.

E imediatamente Cathcart explodiu com a resposta, antes que o outro tivesse tempo de mover os lábios.

— Claro que é! Claro que é! Só... você não vê... ele está quase morto de exaustão, frio e medo! *Isso* não é o suficiente para mudar um homem além de todo reconhecimento? — disse para se convencer tanto quanto para convencer os outros. A ênfase exagerada por si só provava isso. E o tempo todo, enquanto ele falava e agia, levava um lenço ao nariz. O cheiro impregnou todo o acampamento.

Pois o “Défago” que se aninhava junto à fogueira, enrolado em cobertores, bebendo uísque quente e segurando comida em mãos derrotadas, não era mais parecido com o guia que tinham visto vivo pela última vez, do que a imagem de um homem de sessenta anos se parece com um daguerreótipo de sua juventude, usando o traje de outra geração. Nada pode realmente descrever aquela caricatura pavorosa, aquela paródia, mascarada ali à luz do fogo como Défago. Das ruínas das memórias sombrias e aterrorizantes que ele ainda tem, Simpson declara que o rosto era mais animal do que humano, os traços desenhados em proporções erradas, a pele solta e caída, como se

submetido a pressões e tensões extraordinárias. Fê-lo pensar naqueles rostos de bexiga, inflados por vendedores ambulantes em Ludgate Hill, que mudam de expressão à medida que enchem de ar e, ao desabar, emitem uma imitação débil e lamentosa de uma voz. O rosto e a voz tinham a mesma semelhança abominável. Mas Cathcart muito tempo depois, procurando descrever o indescritível, afirma que talvez se parecesse com um rosto e um corpo que estiveram no ar tão rarefeito que, quando o peso da atmosfera foi removido, toda a estrutura ameaçou despedaçar e se tornou... *incoerente*...

Foi Hank, embora perturbado e trêmulo com um volume dilacerante de emoção que não conseguia controlar nem entender, que logo levou as coisas à tona. Ele se afastou um pouco do fogo, aparentemente para a luz não ofuscar muito seus olhos, e protegendo-os por um momento com as duas mãos, gritou em uma voz alta que era uma mistura de raiva e afeto:

— *Cê num é o Défaygo! Cê num é o Défaygo!* Eu não quero nem sabê dessa... droga, mas esse *num é ocê*, meu *vêio* amigo de vinte anos! — Ele olhou para a figura encolhida como se fosse destruí-lo com os olhos. — E se for, eu vô *limpá* o chão do inferno com um chumaço de algodão em um palito de dente, que Deus me ajude! — acrescentou ele, com uma parcela violenta de medo e repulsa.

Era impossível silenciá-lo. Ele ficou lá gritando como alguém possuído, horrível de se ver, horrível de se ouvir – *porque era a verdade*. Ele repetiu de cinquenta maneiras diferentes, cada uma mais bizarra que a anterior. A floresta ressoava com ecos. Em um momento, ele pareceu querer se lançar sobre “o intruso”, pois sua mão sempre sacudia em direção à longa faca de caça em seu cinto.

Mas no final ele não fez nada, e toda a tempestade logo foi completa com lágrimas. A voz de Hank se quebrou de repente, ele desabou no chão e Cathcart, de algum jeito, o convenceu a entrar na barraca e se deitar. O resto do incidente, de fato, foi testemunhado por Hank por trás da tela, seu rosto branco e aterrorizado espiando pela fresta da porta da barraca.

Então o dr. Cathcart, seguido de perto pelo sobrinho, que até então manteve a coragem melhor do que eles, levantou-se com ar determinado e postou-se diante da figura de Défago, encolhido sobre o fogo. Ele olhou diretamente em seu rosto e falou. No início, sua voz era firme.

— Défago, nos conte o que aconteceu... uma parte pelo menos, para que possamos saber a melhor forma de ajudá-lo? — ele pediu em um tom de autoridade, quase de comando. E naquele ponto, *era* comando. Imediatamente depois, porém, mudou, pois a figura voltou-se para ele em um rosto tão estarrecedor, tão sinistro, e tão pouco humano, que o médico se encolheu como se diante de algo espiritualmente impuro. Simpson, observando de perto, diz que teve a impressão de uma máscara prestes a cair e que por baixo, eles descobririam algo tenebroso e diabólico, revelado na nudez completa. — Vamos, cara, nos diga! — Cathcart pediu, o terror correndo em sua voz de igual para igual com a súplica. — Nenhum de nós aguenta mais...! — foi o grito do instinto sobre a razão.

E então “Défago”, com um sorriso *doce*, respondeu com aquela voz fina e esmaecida que já parecia passar para um som de outro tipo:

— Eu vi aquele negócio, o grande Wendigo — ele sussurrou, farejando o ar ao seu redor exatamente como um animal. — Tive com ele *tamém*...

Se o pobre-diabo teria dito mais, ou se o dr. Cathcart teria continuado o interrogatório impossível, não se pode saber, pois naquele momento a voz de Hank foi ouvida gritando a plenos pulmões por trás da tela que o escondia, com exceção dos olhos apavorados. Nunca se ouviu tal uivo.

— *Os pé!* Ai, Senhor, *os pé!* Olhem pra grande mudança dos seus... pés!

Défago, remexendo-se onde estava sentado, se moveu de tal forma que pela primeira vez as suas pernas foram iluminadas, com seus pés à vista. No entanto, Simpson não teve tempo de ver o que Hank tinha visto. E Hank nunca conseguiu dizer. Naquele mesmo instante, com um salto como o de um tigre assustado, Cathcart se adiantou e juntou as dobras do cobertor por cima de suas pernas com tal velocidade que o jovem estudante teve pouco mais do que um vislumbre de algo escuro e estranhamente aglomerado onde pés com mocassins deveriam estar, e viu até isso com visão incerta.

Então, antes que o médico tivesse tempo de fazer algo mais, ou que Simpson tivesse tempo de sequer pensar em uma pergunta, muito menos fazer, Défago se ergueu diante deles, equilibrando-se com dor e dificuldade, e em seu rosto disforme e retorcido uma expressão tão sombria e tão perversa que era, no verdadeiro sentido, monstruosa.

— Agora *cê* viu *tamém* — ele arfou — *cê* viu meus pés em brasa, queimando! E agora...*qué dizê*, a menos que *cê* me salve e *num* deixe que...

já é hora de...

Sua voz comovente e suplicante foi interrompida por um som que era como o rugido do vento vindo do lago. As árvores acima balançaram seus galhos emaranhados. O fogo ardente dobrou o tamanho das chamas como antes de uma explosão. E algo varreu com um barulho assustador de uma ventania sobre o pequeno acampamento e pareceu cercá-lo por completo em um único momento. Défago sacudiu os cobertores que ainda se agarravam ao seu corpo, voltou-se para a mata atrás, e com o mesmo movimento cambaleante que o trouxe – se foi: se foi, antes que alguém pudesse mover os músculos para impedi-lo, se foi com uma rapidez incrível e desajeitada que não deixou oportunidade para agir. A escuridão o engoliu completamente; e menos de uma dúzia de segundos depois, acima do rugido das árvores oscilantes e do clamor repentino do vento, todos os três homens, observando e ouvindo com os corações feridos, escutaram um grito que parecia cair sobre eles de uma grande altura e distância do céu...

— Ah, ah! Essa altura de fogo! Ah, ah! Meus pés de fogo! Meus pés de fogo queimando...! — Então se desfez no espaço incalculável e silencioso.

O dr. Cathcart, repentinamente senhor de si mesmo e, portanto, dos outros, conseguiu agarrar Hank pelo braço enquanto ele tentava entrar de cabeça na mata.

— Mas eu queria sabe... *ocê!* — gritou o guia. — Eu queria vê! Não é ele mesmo, mas algum... diabo que *colocar* no *luga* dele...!

De uma forma ou de outra – ele admite que nunca soube muito bem como – dr. Cathcart conseguiu manter Hank dentro da barraca e acalmá-lo. O médico, ao que parecia, havia alcançado o estágio em que a reação se instalou e permitiu que sua força inata vencesse. Certamente, ele “administrou” Hank muito bem. Foi seu sobrinho, no entanto, até então com tanto autocontrole, que lhe deu mais motivos para ansiedade, pois a tensão acumulado o deixou em um estado de histeria lacrimosa, e diante das circunstâncias, foi preciso isolá-lo em uma cama de ramos e cobertores, o mais longe o possível de Hank.

E lá estava Simpson, gritando frases assustadas e fragmentos de palavras nas dobras de seu cobertor, enquanto os vigias daquela noite assombrada passavam pelo acampamento solitário. Um falatório sem sentido sobre

velocidade, altura e fogo misturava-se estranhamente com as memórias bíblicas da sala de aula.

— Pessoas com rostos desfigurados, todos em chamas, estão vindo a um passo horrendo, horrendo, em direção ao acampamento! — gemia ele um minuto; e no próximo, sentava-se e olhava fixamente para a floresta, ouvindo com atenção, e sussurrava: — Como são terríveis na selva.... Os pés daqueles que... — Até que seu tio aparecia para mudar a direção de seus pensamentos e confortá-lo.

A histeria, felizmente, foi temporária. O sono o curou, assim como curou Hank.

Até surgirem os primeiros sinais da luz do dia, logo depois das cinco horas, o dr. Cathcart fez sua vigília. Seu rosto era da cor de giz e havia estranhos rubores sob os olhos. Um apavorante terror da alma lutou contra seu equilíbrio durante todas aquelas horas de silêncio. Estes foram alguns dos sinais externos....

Ao amanhecer, ele acendeu o fogo sozinho, fez o café da manhã e acordou os outros, e às sete já voltavam para o acampamento; três homens perplexos e aflitos. Mas cada um, à sua maneira, havia reduzido seu tumulto interno a uma condição de ordem mais ou menos coerente.

IX

Eles falavam pouco e quando falavam, era apenas sobre as coisas mais saudáveis e comuns, pois suas mentes estavam carregadas de pensamentos dolorosos clamando por explicação, embora ninguém ousasse referir-se a eles. Hank, como era mais próximo do contexto primitivo, foi o primeiro a encontrar algum tipo de paz satisfatória, pois também era menos complexo. No dr. Cathcart, a “civilização” defendeu sua autoridade contra um ataque curioso o bastante. Até hoje, talvez, ele não tenha *certeza* de algumas coisas. De qualquer forma, demorou mais para voltar ao seu eu habitual.

Simpson, o estudante de teologia, foi quem arranjou suas conclusões provavelmente com a melhor, embora não mais científica, aparência de ordem. Lá fora, no coração de uma selva indomada, eles certamente testemunharam algo cru e essencialmente primitivo. Algo que havia sobrevivido ao avanço da humanidade surgiu em todo seu terror, mostrando uma escala de vida ainda monstruosa e imatura. Ele a interpretou como um vislumbre das eras pré-históricas, quando superstições, gigantescas e

grosseiras, ainda dominavam os corações humanos; quando as forças da natureza ainda eram indomadas, e os Poderes que podem ter assombrado um universo primitivo, ainda não retirados. Até hoje ele pensa no que chamou anos depois em um sermão de “Energias selvagens e extraordinárias espiando atrás das almas dos homens, talvez não más em si mesmas, mas instintivamente hostis à humanidade como ela existe”⁴¹.

Com seu tio, ele nunca discutiu o assunto em detalhes, pois a barreira entre os dois tipos de mente tornava isso difícil. Apenas uma vez, anos depois, algo os levou à beira do assunto; ou melhor, de um único detalhe do assunto:

— Você não pode nem me dizer como... *eles* eram? — perguntou ele; e a resposta, embora concebida com sabedoria, não foi encorajadora:

— É muito melhor que você não tente saber ou descobrir.

— Bem... e aquele odor...? — persistiu o sobrinho. — O que você acha daquilo?

O dr. Cathcart olhou para ele e ergueu as sobrancelhas.

— Odores — respondeu ele — não são tão comuns quanto os sons e as imagens na comunicação telepática. Eu sei tanto, ou tão pouco, provavelmente, quanto você.

Ele não foi tão fluente como de costume em suas explicações. Apenas isso.

Ao cair do dia, com frio, exaustos, famintos, o grupo chegou ao fim da longa viagem e se arrastou para um acampamento que à primeira vista parecia vazio. Não havia fogo nenhum, e nenhum Punk se mostrou para recebê-los. A capacidade emocional de todos os três estava gasta demais para reconhecer surpresa ou aborrecimento; mas o grito de afeição espontânea que irrompeu dos lábios de Hank, enquanto ele corria à frente deles em direção à fogueira, veio provavelmente como um aviso de que o fim deste caso surpreendente ainda não havia chegado. E tanto Cathcart quanto o sobrinho confessaram depois que, quando o viram ajoelhar-se em sua empolgação e abraçar algo que se reclinava, movendo-se suavemente, ao lado das cinzas apagadas, sentiram em seus ossos que esse “algo” viria a ser Défago – o verdadeiro Défago, que havia voltado.

E assim foi.

Logo ficou provado que era realmente ele. Exausto a ponto de emaciação, o franco-canadense – o que restou dele, quero dizer – remexia nas cinzas,

tentando fazer uma fogueira. Seu corpo se agachava ali, os dedos fracos obedecendo debilmente ao hábito instintivo de uma vida inteira com gravetos e fósforos. Mas não havia mais uma mente para dirigir a operação simples. A mente havia fugido além de qualquer esperança. E com ela, também, havia fugido a memória. Não apenas os eventos recentes, mas toda a vida anterior era um branco.

Desta vez era ele mesmo, embora incrivelmente e horivelmente diminuído. Em seu rosto não havia expressão de qualquer tipo; medo, boas-vindas ou reconhecimento. Parecia não saber quem o abraçava, nem quem o alimentava, o aquecia e dizia palavras de conforto e alívio. Desamparado e abatido, além de todo alcance de ajuda humana, o homenzinho obedecia docilmente como lhe era ordenado. O “algo” que o constituía um “indivíduo” havia desaparecido para sempre.

De certa forma, foi mais comovente do que qualquer coisa que eles já tinham visto – aquele sorriso idiota quando ele tirou maços de musgo de suas bochechas inchadas e disse a eles que ele era “um maldito *comedô* de musgo”; o vômito contínuo até mesmo da comida mais simples; e, o pior de tudo, a voz lamentável e infantil de reclamação com que ele lhes disse que seus pés doíam: “queimam como fogo”. Os pés eram bem naturais quando o dr. Cathcart os examinou e descobriu que ambos estavam terrivelmente congelados. Abaixo dos olhos, havia leves indícios de sangramento recente.

Os detalhes de como ele sobreviveu à exposição prolongada, de onde esteve, ou de como cobriu a grande distância de um acampamento ao outro, incluindo um imenso desvio do lago a pé, já que ele não tinha canoa – tudo isso permanece desconhecido. Sua memória havia desaparecido completamente. E antes do final do inverno, cujo início presenciou esse estranho acontecimento, Dêfago, despojado de mente, memória e alma, partiu com ele. Ele resistiu apenas algumas semanas.

E o que Punk foi capaz de contribuir para a história não lança mais luz sobre ela. Ele estava limpando peixes na margem do lago por volta das cinco da tarde – isto é, uma hora antes do grupo retornar – quando viu a sombra do guia abrindo caminho sutilmente em direção ao acampamento. Antes dele, declara Punk, veio o leve sopro de um certo cheiro singular.

Naquele mesmo instante, o velho Punk deixou o acampamento e foi em direção a sua casa. Ele fez toda a jornada de três dias como apenas alguém de

sangue indígena poderia ter feito. O terror de uma raça inteira o levou. Ele sabia o que aquilo significava. Défago tinha “visto o Wendigo”.

32 Nimrodes, do inglês Nimrods, faz referência ao personagem bíblico de Gênesis Nimrode, conhecido por ser o mais valente caçador.

33 Canadense.

34 No Canadá, *voyageurs* eram trabalhadores no negócio de pele de animais durante o século XVII até o final do século XIX. Muitas vezes, ser *voyageur* era uma tradição que passava de pai para filho.

35 A viagem que inspirou *O Wendigo* aconteceu em 1898, enquanto Blackwood ainda morava em Nova Iorque. Um de seus amigos, John Dyneley Prince, era especialista em linguística e tinha grande interesse em estudar tribos nativas. Quando surgia a oportunidade, ele fazia viagens ao Canadá, em parte para conhecer a vida nativa, em parte para caçar alces. Sua esposa, Adeline, era uma ávida caçadora e Blackwood os acompanhou em uma de suas viagens, em um acampamento próximo a Rat Portage. Fizeram parte do grupo Blackwood, Prince, Adeline, dois homens não identificados que poderiam ser locais, mas Mike Ashley especula que talvez um deles fosse Wilfrid Wilson (o amigo que o acompanharia na viagem pelo Danúbio) e seu guia, Hank Davis. Blackwood publicou um artigo sobre a expedição em julho de 1900 na *Blackwood's Magazine* intitulado “*Mid the Haunts of The Moose*”. O artigo não é tão cheio de eventos como sua expedição com Wilson pelo Danúbio, concentra-se mais em descrições de natureza, os diversos pormenores da caça ao alce e o ponto alto é quando, depois de horas de espera, Blackwood consegue atirar em um alce. É surpreendente que chegou a fazê-lo, pois sua mente parecia estar mais conectada na natureza do que preocupada com as trilhas do animal. Em um momento, enquanto ele e seu guia caminhavam pela mata, o homem chama sua atenção e aponta para um monte de folhas onde um alce fêmea havia deitado. Blackwood vê apenas o monte de belas folhas alaranjadas e admira sua beleza, mas se pergunta porque um homem bronco das redondezas chamaria atenção para isso, quando ele se dá conta que a pilha estava marcada pelo corpo do animal. O ensaio divide várias similaridades com o Wendigo, com maior foco na locação e ambientação. Blackwood escreveu *O Wendigo* dez anos depois dessa viagem, sentado em um chalé em Champéry durante uma tempestade de neve. O nome Défago vem de uma conhecida família desta região suíça, e ele o aproveitou em outros contos também. No prefácio do autor, no livro “*The Insanity of Jones em Other Tales*” (Penguin, 1966), Blackwood diz que ouviu muito falar do Wendigo (provavelmente enquanto sentavam em volta da fogueira nessa viagem e também de sua época morando no Canadá), mas não tinha mais pensado no assunto até que um amigo que tinha acabado de voltar de Labrador disse que uma família havia abandonado sua casa em um vale solitário porque o Wendigo tinha aparecido e os botado pra correr. Fontes: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), *The Face of the Earth and Other Imaginings* (Stark House Press, 2015).

36 Nota-se em algumas passagens da obra que o autor cultivava preconceitos em relação à população afrodescendente e indígena. Reiteramos aqui que a Cartola Editora não

compactua com qualquer tipo de preconceito ou discriminação, mas optamos por não alterar o texto, mantendo-o o mais próximo do original.

37 Terras baldias ou no inglês “*badlands*” são regiões áridas moldadas por erosão e vento com pouca vegetação. Possui grandes morros e desfiladeiros com o solo rico em argila e minerais. Podem ocorrer em diversos continentes, mas as mais conhecidas estão nos Estados Unidos ou no Canadá.

38 Não é à toa que Blackwood decidiu por uma aventura no começo do inverno. Quando fez a viagem em questão, ele notou como o inverno nas selvas canadenses tinha algo de sombrio. Em “*Mid the Haunts of the Moose*” ele escreve: “*Há um verdadeiro tom lúgubre nessas florestas no norte do Canadá – quase como se a sombra do inverno cruel pairasse no ar em algum lugar, mesmo no verão, e erguesse um dedo em aviso: ‘Esta época é sagrada para a vida na floresta. Você pode se aventurar nos meses mais quentes, mas nunca esteja aqui quando a geada vier’*”. *The Face of the Earth and Other Imaginings*, Algernon Blackwood (Stark House Press, 2015) p. 118.

39 Queimar: marca feita em uma árvore ao lascar um pedaço da casca.

40 Blackwood menciona em “*Mid the Haunts of the Moose*” como seu guia, quando sentiu uma trilha de alce, “*parou de repente e farejou o ar como um cão*”. *The Face of the Earth and Other Imaginings* (Stark House Press, 2015), p. 123.

41 Segundo Mike Ashley, Blackwood imaginava o Wendigo como o espírito do norte selvagem. Para ele, era uma forma de “*caminhante do vento*”, ou *wind walker*, um estado atingido por um Yogi em intensa meditação. Ashley coloca a questão: “*Se um espírito humano pode formar um ‘caminhante do vento’, ou keshara, o que seria o ‘caminhante do vento’ da Terra? O Wendigo*”, *Starlight Man* (Stark House Press, 2019) p. 131. Helena Blavatsky (fundadora da Sociedade Teosófica) explica o conceito em seu livro “*A voz do silêncio*”, e diz que ao atingir o estado necessário para um caminhante do vento, o corpo do Yogi passaria a ser formado de vento, “*como uma nuvem que cresceu pernas e pés*”, e após isso chegaria a um tipo de iluminação espiritual.

A ESTRANHA MORTE DE MORTON

Título original: “The Singular Death of Morton”.

Publicado em 1910 na revista: “The Tramp”.

O crepúsculo se derretia em escuridão e os dois homens abriam caminho lentamente pela floresta que revestia os flancos da montanha em densos abetos e pinheiros. Estavam cansados da longa caminhada, pois nenhum dos dois era jovem, e aquele dia de julho havia sido muito quente. A pequena pousada onde se hospedavam estava mais adiante no vale, entre os pomares que separavam a floresta dos vinhedos.

Nenhum deles falava muito. O homenzarrão ia na frente, carregando a mochila, e seu companheiro, mais velho, mais baixo, evidentemente o mais cansado dos dois, seguia com pequenos passos.

De vez em quando, ele tropeçava nas pedras soltas. Uma mente excepcionalmente observadora teria talvez adivinhado que seu tropeço não se devia inteiramente ao cansaço, mas a uma absorção de espírito que tornava seu andar descuidado.

— Tudo bem aí atrás? — o homenzarrão chamava de tempos em tempos, olhando por cima do ombro.

— Hein? O quê? — o outro respondia, como se despertasse de um sonho.

— O ritmo está muito rápido?

— Nem um pouco. Estou indo. — E uma vez, ele acrescentou: — Você pode ir na frente e pedir o jantar, se quiser. Não devo demorar muito.

Mas seu grande amigo não aceitou a sugestão. Manteve a mesma distância entre eles, e repetia a pergunta em intervalos. Uma ou duas vezes parou e olhou para trás também.

Assim, eles finalmente chegaram às margens da floresta. Um profundo silêncio cobria todo o vale; as cordilheiras de calcário que haviam subido cintilavam pálidas e fantasmagóricas de cima, contra o céu que escurecia. O vento noturno diminuiu repentinamente para enaltecer a beleza do luar; manteve os galhos imóveis, de modo que a luz deslizou entre eles e teceu uma estampa prateada no musgo abaixo.

E, quando os dois homens pararam por alguns instantes para apreciar a vista, um passo soou atrás deles, como se vindo das agulhas macias dos pinheiros, e o homem mais velho, ainda um pouco atrás, se virou assustado como se de repente tivesse sido chamado pelo nome.

— Ali está a garota... de novo! — disse ele, sua voz expressou uma mistura curiosa de prazer, surpresa e apreensão.

Em um recorte de luz do luar, passou a figura de uma jovem. Ela olhou para eles com a intenção de parar, mas como se pensasse melhor, sorriu levemente e saiu de vista, em direção a escuridão em volta. A lua somente iluminou seus olhos e dentes, de modo que brilharam; o resto de seu corpo permaneceu entre as sombras. O efeito foi impressionante; quase como se apenas a cabeça e os ombros flutuassem sozinhos no ar, observando os homens com aquele sorriso cintilante, depois desaparecendo.

— Vamos, pelo amor de Deus — gritou o homenzarrão. Seu jeito era impaciente, não grosseiro.

O outro demorou um momento, observando com atenção a penumbra onde a garota havia desaparecido. Seu amigo repetiu o chamado e, um momento depois, os dois emergiram na estrada principal com as luzes da aldeia à vista e a floresta foi deixada para trás, como um vasto manto que segurava a noite dentro de suas dobras.

Por alguns minutos, nenhum dos dois falou; então o homenzarrão esperou que seu amigo o alcançasse.

— Por todo esse vale do Jura⁴² — disse ele depressa —, me parece que tem algo... muito estranho. — Ele sacudiu vigorosamente a mochila nas costas. Foi um gesto de protesto inconsciente. — Algo assustador — acrescentou ele, quando entraram em um bom ritmo de caminhada.

— Mas extraordinariamente lindo...

— Isso atrai você mais do que a mim, eu acho — foi a resposta curta.

— Aquelas superstições pitorescas ainda sobrevivem aqui — observou o homem mais velho. — Elas tocam a imaginação, mesmo que resista.

Seguiu-se uma pausa durante a qual o outro tentou aumentar o ritmo. O assunto evidentemente o deixou impaciente por algum motivo.

— Talvez — disse ele então. — Embora eu considere que a causa seja esse curioso isolamento. Quer dizer, estamos no meio da Europa turística aqui,

ainda assim completamente afastados. É um cantinho tão negligenciado do mundo. O contraste é fascinante. Além do mais, por estar tão perto da fronteira, o relógio muda uma hora a um quilômetro e meio da aldeia, faz com que se pense no tempo como irreal e imaginário. — Ele riu.

Apresentou também vários outros argumentos. Seu amigo admitiu seu valor e concordou sem muita convicção. Ele ainda se virava ocasionalmente para olhar para trás. O cume da montanha onde eles haviam subido erguia-se claramente visível ao luar.

— Estranho — disse o mais velho —, mas não vejo em lugar nenhum aquele chalé onde bebemos leite. Deveria ser visível daqui.

— Dificilmente... nessa luz. Eu achei aquele lugar muito esquisito — acrescentou o outro. O homem não negava a atmosfera curiosamente sugestiva da região, apenas queria encontrar explicações satisfatórias. — Como mencionei, eu digo. Não gostei muito... aquele chalé... Não sei muito bem o porquê, mas me deixou desconfortável. Aquela garota apareceu tão de repente, embora tive a impressão antes que o lugar estava deserto. E seu silêncio era tão peculiar. Por que diabos ela não conseguia responder a uma única pergunta? Ainda bem que não tomei o leite. Eu cuspi. Queria saber de onde ela tirou, não tinha sinal de vaca ou cabra em lugar nenhum!

— Eu bebi o meu.... apesar do gosto — disse o outro, meio sorrindo com a repentina instabilidade do companheiro.

Abruptamente, então, o homenzarrão se virou e encarou seu amigo. Era apenas um efeito do luar, ou ele havia realmente ficado pálido mesmo com a pele queimada do sol?

— Sabe, meu velho — disse ele, com o rosto grave e sério. — O que acha que ela era? O que a fez daquele jeito, e por que diabos você acha que ela nos seguiu?

— Eu acho — foi a resposta lenta — que era a mim que ela seguia.

As palavras e principalmente o tom de convicção com que foram ditas, obviamente desagradaram ao grandalhão, que já se arrependia de ter exposto seus pensamentos com tanta franqueza. Com um companheiro tão dado às fantasias, tão impressionável, tão ansioso, foi uma tolice e uma imprudência. Ele liderou o caminho para a pousada em um ritmo que fez o outro chegar cinco minutos depois, ofegante, mancando, e suando como se tivesse corrido.

— Sou a favor de irmos para a Suíça amanhã ou no dia seguinte — aventurou-se o homenzarrão naquela noite, na escuridão do quarto que dividiam. — Acho que já estamos fartos deste lugar. Hein? O que você acha?

Mas não houve resposta vinda da cama do outro lado do quarto, pois seu ocupante dormia profundamente e roncava.

— Morto de cansaço, suponho! — murmurou para si mesmo, então se virou para seguir o exemplo do amigo. Mas, por um longo tempo, o sono o recusou. Pensamentos e sentimentos incomuns e indesejáveis o mantiveram acordado; de um tipo que ele raramente tinha e detestava. Era bobagem, mas o incomodava tanto que seus nervos estremeciam. Ele se revirou na cama. “Estou muito cansado”, convenceu-se “só isso”.

Os sentimentos peculiares que o mantinham desperto talvez não fossem fáceis de analisar, mas sua origem estava além de qualquer dúvida: eles se agrupavam em torno da imagem daquele chalé deserto e caindo aos pedaços no cume da montanha, onde pararam para se refrescar algumas horas antes. Era uma casa de fazenda, deteriorada e suja, e o nome, em grandes letras pretas contra um fundo azul na parede acima da porta: “La Chenille”. No entanto, não se via uma alma viva; as portas estavam trancadas, as janelas fechadas, chaminés sem fumaça; sujeira, negligência, e decadência por toda parte.

Então, de repente, quando eles decidiram ir embora depois de muitos gritos e batidas à porta, um rosto apareceu em uma janela cuja veneziana permanecia entreaberta. Seu amigo viu primeiro e chamou. O rosto acenou com a cabeça em resposta, e logo uma jovem dobrou a esquina da casa, aparentemente por uma porta dos fundos, e ficou ali, observando-os a pouca distância.

E a partir daquele momento, pelo que conseguia se lembrar, esses sentimentos estranhos haviam entrado em seu coração; medo, desconfiança, apreensão. A lembrança do evento agora, enquanto deitava na cama no escuro, fez seu cabelo se eriçar. Havia algo sobre aquela garota que o gelou na alma. No entanto, ela não tinha nada de especial, muito bonita, até mesmo sedutora, exibia um certo fascínio de serpente em seus olhos e movimentos; e embora tenha apenas respondido as perguntas deles sobre um refresco com um sorriso, sem dizer uma única palavra, lhe pareceu que era uma pessoinha controladora, do tipo que poderia se tornar muito desagradável se desejasse.

Apesar de seu charme inegável, havia nela uma atmosfera de algo sinistro. Ele fez a maior parte do questionamento, mas foi seu amigo mais velho quem teve o benefício de seu sorriso. Os olhos dela quase nunca deixavam seu rosto, e em uma ocasião ela se aproximou dele e tocou seu braço.

A parte estranha era que agora ele não conseguia se lembrar como ela estava vestida, ou qual era a cor de seus olhos e cabelos. Era quase como se ele tivesse sentido, em vez de visto, sua presença.

O leite – ela havia pego uma jarra e duas tigelas de madeira depois de desaparecer brevemente ao virar a esquina da casa – estava... bem, tinha um gosto tão engraçado que ele não conseguiu engolir e cuspiu fora. Seu amigo, por outro lado, tomado pela sede, havia bebido sua tigela até a última gota tão rápido que nem ao menos notou o sabor e, enquanto bebia, manteve os olhos fixos nos da garota, que estava diante dele.

E a partir daquele momento, seu amigo parecia ter mudado. No caminho, ele disse coisas incomuns, falando principalmente sobre a “Chenille”, e a garota, o sabor delicioso e delicado do leite, mas tudo formulado de uma maneira que soava singular, desconhecida, até desagradável.

Agora que ele tentava se lembrar das frases, as palavras reais o escapavam; mas a lembrança do sentimento de inquietação e apreensão que veio delas, permaneceu. E a noite sempre destaca essas memórias!

Então, por cima de tudo, a garota os havia seguido. Era completamente tolo e absurdo sentir as coisas que ele sentia; no entanto, os sentimentos estavam lá, e de que adiantava discutir? Essa garota o assustou; a mudança em seu amigo era de uma forma ou outra, um sinal de perigo. Além desses argumentos, ele não sabia dizer com certeza. Uma explicação poderia vir mais tarde, mas por enquanto seu principal desejo era se afastar do lugar e levar seu amigo também.

E, com esse pensamento, o sono o alcançou; pesadamente.

As janelas estavam abertas; do lado de fora havia um jardim com um muro bem alto e, na outra extremidade, um portão que ficava trancado porque dava para campos particulares e, por um caminho nos fundos, para o cemitério e a igreja. Quando estava aberto, os hóspedes da pousada saíam para passeios e perdiam-se na rede de campos e vinhedos, pois não havia caminho adequado para a estrada ou para as montanhas. Geralmente, chegavam sem querer ao cemitério e voltavam para a aldeia passando pela igreja, que estava

sempre aberta; ou batiam à porta da cozinha das casas e pediam instruções de como voltar. Consequentemente, o portão ficava trancado agora para evitar problemas.

Depois de várias horas de sono quente e nada reparador, o homenzarrão se virou na cama e acordou. Ele tentou se esticar, mas não conseguiu; então se sentou ofegante, com uma sensação de asfixia. E pela tênue luz das estrelas da noite de verão, ele viu que seu amigo estava de pé andando pelo quarto.

Lembrando-se que as vezes ele andava dormindo, o chamou gentilmente:

— Morton, meu camarada — disse em voz baixa, com um toque de autoridade —, volte para a cama! Você já caminhou o suficiente por um dia!

E a figura, obedecendo como sonâmbulos costumam fazer, atravessou o quarto e desapareceu entre as sombras sobre sua cama. O outro se ajeitou e afundou em uma posição confortável novamente para dormir, mas o calor do quarto, a cama pequena e essa cansativa interrupção de seu sono tornavam difícil perder a consciência. Ele forçou os olhos a se fecharem e o corpo a parar de se mexer, mas havia algo mordiscando sua mente como o espírito de um rato que nunca lhe permitia cruzar a fronteira para o verdadeiro esquecimento. Ele dormiu com um olho aberto, como diz o ditado. Odores de feno, flores e terra quente penetraram pela janela aberta; com eles, também, vinham de vez em quando sons; pequenos sons que o perturbavam sem nunca serem altos o suficiente para exigir sua atenção definitiva.

Talvez, no final das contas, ele tenha perdido a consciência por um momento... quando, de repente, um pensamento veio com uma incisiva pressa em sua mente e o eletrizou em um estado de total vigília. Ficou surpreso por não ter percebido antes. Era o seguinte: a figura que ele vira não era a figura de seu amigo.

O pânico tomou conta de si antes que pudesse pensar ou discutir, e uma transpiração fria percorreu todo seu corpo. Ele procurou por fósforos, não conseguiu encontrá-los; então, lembrando que havia luz elétrica, vasculhou a parede com os dedos e ligou o pequeno interruptor branco. No clarão repentino que encheu o quarto, ele viu imediatamente que a cama de seu amigo estava vazia. E sua mente, então agindo em instinto, sem processo de raciocínio consciente, voou como um relâmpago para a caminhada do dia; para a casa em ruínas. “Chenille”, o copo de leite, o comportamento pouco usual de seu amigo e... para a garota.

No mesmo segundo, ele percebeu que o odor no quarto, que até então considerava ser o odor composto de campos, flores e noite, era, na verdade, outra coisa: era o odor de terra recém-revolvida. E por cima dessa descoberta, veio outra. Os leves sons que ouvira do lado de fora da janela não eram sons noturnos comuns, o murmúrio do vento e dos insetos: eram passos movendo-se suaves, furtivamente, pelos pequenos caminhos de granito.

Ele se vestiu em um sopro, e ao fazê-lo, notou que as roupas de dormir de seu amigo estavam em cima da cama, e que ele também havia se vestido; além disso; a porta havia sido destrancada e estava um centímetro entreaberta. Já não havia dúvida de que o homenzarrão havia dormido mais uma vez: entre o presente e o momento em que vira a figura houve um intervalo considerável. Alguns minutos depois, ele desceu as escadas com cuidado e parou sob o luar no caminho do jardim. E enquanto estava lá, sua mente se encheu com as histórias que o proprietário da pousada contou alguns dias antes sobre as superstições que ainda viviam na imaginação popular e assombravam este pequeno e remoto vale coberto de pinheiros. A lembrança daquela garota lhe deu um mal-estar. O odor de terra recém-revolvida permaneceu em suas narinas e fez seu estômago revirar. Em sua mente, rejeitou por completo e com vigor as ficções monstruosas que ouvira, mas, apesar de tudo, não pôde evitar que tocassem sua imaginação enquanto permanecia ali, nas primeiras horas da manhã, sozinho com a noite e o silêncio. O feitiço era inegável; apenas uma mente sem sensibilidade poderia ignorá-lo.

Ele vasculhou o pequeno jardim por todos os lados. Vazio! Parou em frente ao portão alto, espiando através das barras de ferro, o orvalho molhado em suas mãos. Do outro lado dos campos intermediários, ele achou que algo se movia. Um segundo depois, teve certeza. Algo lá embaixo, à direita, além das árvores, agitava-se. No cemitério.

E esta descoberta irrefutável, enviou um estremecimento de sua cabeça aos pés em uma mistura de terror e nojo.

Ele desenhou o nome de seu amigo com os lábios, mas o som não saiu. Algum instinto mais profundo o alertou para se conter. Em vez disso, após esforços incríveis, ele escalou o portão de ferro e caiu na grama encharcada do outro lado. Então, aproveitando-se de toda a cobertura que encontrou pelo caminho, correu, rápida e furtivamente, em direção ao cemitério. No

caminho, sem saber muito bem por que o fazia, pegou uma vara pesada; e um momento depois ele estava ao lado do muro baixo que separava os campos do cemitério, lá ele ficou e observou.

Ali, ao lado das lápides, com seus horrendos arranjos de metal e coroas de flores desbotadas, ele distinguiu a figura de seu amigo; o velho curvava-se, agachado no chão. Atrás dele se erguiam duas árvores densas de teixo, o que fazia com que sua forma fosse facilmente visível na escuridão. Ele não estava sozinho; a sua frente, inclinada sobre ele ao que parecia, estava outra figura; uma figura pequena, sombria, e esguia.

Desta vez, o homenzarrão encontrou sua voz e gritou:

— Morton, Morton! — chamou. — O que, em nome dos céus, você está fazendo? Qual é o problema?

E no instante em que sua voz profunda quebrou a quietude da noite com seu clamor, a pequena figura, meio escondendo seu amigo, se virou e o encarou. Ele viu um rosto branco com olhos e dentes brilhantes quando a forma se ergueu; o luar pintou-a com sua palidez bizarra; era insólito, irreal, horrível; e pela boca, descendo dos lábios até o queixo, corria uma profunda mancha carmesim.

No momento seguinte, a figura escorregou em direção às árvores com um movimento deslizante, desapareceu entre os teixos e as lápides em direção a igreja. A vara pesada, que foi lançada, girando atrás da figura, caiu inofensivamente no meio do caminho, e derrubou uma cruz de metal de sua posição sobre uma lápide; o homem que a havia atirado correu a toda velocidade em direção à silhueta encolhida de seu amigo. Ele mal notou o grito fino e agudo que estremeceu o ar noturno, vindo da forma desaparecida. Nem notou, mais especificamente, que várias das sepulturas frescas, mostravam sinais de perturbação recente, e que o odor de terra revolvida que ele havia notado no quarto ficou mais forte. Toda a sua atenção estava concentrada na figura a seus pés.

— Morton, cara, se levante! Acorde, pelo amor de Deus! Você estava andando enquanto dor...

Então as palavras morreram em seus lábios. A atitude artificial dos ombros do amigo e a maneira como a cabeça caiu para trás para mostrar o pescoço o atingiu como um golpe no rosto. Não havia sinal de movimento. De algum

modo que não conseguia se lembrar depois, ele ergueu o corpo e o carregou, todo mole e sem resistência, de volta para a pousada.

Era um pesadelo terrível, um pesadelo que levou seu horror sinistro para a vida desperta. Ele sabia que o proprietário da pousada e sua esposa andavam ocupados de um lado para o outro ao redor da cama e que, no devido tempo, o médico da vila também chegou, e que ele dava uma descrição confusa e febril de tudo o que sabia, dizendo como seu amigo era um sonâmbulo e todo resto.

Mas ele não percebeu a verdade até que viu o rosto do médico ao se endireitar após o longo exame.

— Você vai acordá-lo? — ele se ouviu perguntando. — Ou vai deixá-lo dormir até de manhã?

E a expressão do médico, antes mesmo que viesse a resposta para confirmá-la, dizia a verdade.

— Ah, *monsieur*, temo que seu amigo nunca mais vai acordar! É o coração, veja; a pobre vítima de uma parada repentina no coração!

As cenas finais da pequena tragédia que trouxe assim suas férias a um fim tão abrupto e terrível não precisam de descrição, pois não são de forma alguma essenciais para esta história incomum. Houve um ou dois detalhes curiosos, no entanto, que vieram à tona depois. Um era que, por algumas semanas antes, havia sinais de perturbação entre as sepulturas recém-feitas do cemitério, que as autoridades tentavam conectar – em vão – com as andanças noturnas do louco da vila; e o outro, que na manhã após a morte, um rastro de sangue foi encontrado no chão da igreja, como se alguém tivesse passado pela entrada dos fundos para a frente. Um serviço especial foi realizado naquela mesma semana para limpar o edifício sagrado do mal daquela mancha; pois os moradores, mergulhados em suas superstições, declararam que nada humano havia deixado aquele rastro; nada poderia ter feito essas marcas, apenas um vampiro interrompido à meia-noite em sua ocupação horrível entre os mortos.

À parte desses boatos inúteis, entretanto, aquele que sofreu a perda carrega consigo até hoje outros detalhes notáveis que não poderiam ser facilmente descartados. Pois ele teve uma breve conversa com o médico, ao que parece, que o impressionou profundamente. E o médico, um homem inteligente, prático como um pedaço de granito, o interrogou sobre a vida recente e os

hábitos de seu amigo morto. O relato de sua escalada até a “Chenille” o homem ouviu com um espanto que não conseguiu esconder.

— Mas tal chalé não existe — disse ele. — “Chenille” não existe. Há muito tempo, cinquenta anos ou mais, existia tal lugar, mas foi destruído pelas autoridades devido à má fama das pessoas que viviam ali. Eles o queimaram. Nada resta hoje, a não ser alguns pedaços de parede e alicerces quebrados.

— Má fama...?

O médico encolheu os ombros.

— Viajantes, mesmo camponeses, desapareceram — explicou ele. — Uma velha morava lá com a filha e diziam que usavam leite envenenado. Mas a vizinhança as acusou de algo pior do que assassinato comum.

— Como assim?

— Diziam que a garota era uma vampira — respondeu o médico rapidamente. E, após um momento de hesitação, ele acrescentou, virando o rosto enquanto falava: — É curioso, porém, aquele minúsculo orifício na garganta do seu amigo, pequeno como uma picada de alfinete, mas tão profundo. E o coração; já lhe disse? Estava quase completamente drenado de sangue.

⁴² Blackwood viveu por um tempo na Suíça (entre 1909 e 1912), nesta mesma região, próxima a cordilheira do Jura. Se a história é baseada em superstições locais, não se tem informação, mas *A estranha morte de Morton* é o único conto onde ele aborda vampiros do modo tradicional. Fonte: Nota introdutória de Mike Ashley no livro *The Magic Mirror*, Algernon Blackwood (Thorsons Publishing, 1989).

CÚMPLICE ANTES DO FATO

Título Original: “Accessory Before The Fact”.

Publicado em 1911, na “ Westminster Gazette”.

Na encruzilhada da gândara, Martin examinou o poste de sinalização por vários minutos, um tanto perplexo. Os nomes nas quatro placas não eram os que ele esperava, distâncias não eram dadas, e seu mapa, concluiu com impaciência, devia estar irremediavelmente desatualizado. Espalhando-o contra o poste, se inclinou para estudá-lo mais de perto. O vento soprou nos cantos, batendo o papel contra seu rosto.

As pequenas letras eram quase indecifráveis na luz fraca. Parecia, no entanto – tão bem quanto conseguiu distinguir – que tinha pego a curva errada três quilômetros atrás. Ele se lembrava daquela virada. O caminho parecia convidativo; havia hesitado por um momento, depois seguiu, pego por aquela costumeira possibilidade de que “talvez seja um atalho”, tão atraente aos viajantes. A armadilha do atalho é tão antiga quanto a natureza humana. Por alguns minutos, ele estudou a placa de sinalização e o mapa alternadamente.

O crepúsculo se aproximava, e sua mochila havia ficado pesada. Ele não conseguia encontrar a mesma informação nos dois guias, e um sentimento de incerteza se alastrou por sua mente. Sentiu-se estranhamente perplexo, frustrado. Seus pensamentos escureceram. Tomar uma decisão ficou difícil. “Estou confuso, devo estar cansado”, pensou enquanto finalmente escolhia a direção mais provável. “Mais cedo ou mais tarde, esse caminho vai me levar a uma pousada, embora não a que eu tinha em mente”. Ele aceitou sua sorte de viajante e começou logo na trilha. A placa dizia “por Litacy Hill” em pequenas letras franzinas que dançavam e mudavam toda vez que ele as observava; mas não conseguiu encontrar o mesmo nome no mapa. Era, no entanto, convidativo como atalho. Um impulso semelhante direcionou sua escolha novamente. Só que agora parecia mais insistente, quase urgente.

E ele se deu conta, então, da extrema solidão da região. A estrada seguia por cem metros em linha reta, depois curvava-se como um riacho branco indo em direção ao espaço; o profundo azul-esverdeado das urzes ladeavam os declives, espalhando-se para cima no crepúsculo; e pequenos pinheiros

erguiam-se solitários aqui e ali, inexplicáveis. O adjetivo curioso, assim que surgiu, o assombrou. Tantas coisas naquela tarde foram similarmente inexplicáveis; o atalho, o mapa ilegível, os nomes na placa de sinalização, seus impulsos nômades e a estranha e crescente confusão se apoderando de seu espírito. Toda aquela região precisava ser explicada, embora talvez “interpretada” fosse a palavra certa. Aquelas arvorezinhas solitárias o fizeram perceber. Por que se perdeu com tanta facilidade? Por que se deixou influenciar por pressentimentos vagos? Por que estava aqui, exatamente *aqui*? E por que ele ia agora “por Litacy Hill”?

Então, próximo a um campo verde que brilhava como um pensamento iluminado em meio à escuridão daquela mata seca, ele viu uma figura deitada na grama. Era uma mancha na paisagem, um mero amontoado de trapos sujos, mas com uma certa estranheza horrenda; e sua mente – embora seu alemão fosse dos tempos de escola – imediatamente escolheu os adjetivos equivalentes em alemão, em oposição aos ingleses. *Lump* e *Lumpen* passaram em um relâmpago por seu cérebro de um jeito tão bizarro. Pareciam certos naquele momento, e tão expressivos, quase como palavras onomatopaicas, se tal coisa fosse possível de ser interpretada em algo que se vê. Nem “trapos” nem “vagabundo” caberiam no que ele viu. A descrição adequada era em alemão.

Aqui estava uma pista lançada pela parte de si que não raciocinava. Mas ele a perdeu. E no minuto seguinte, o vagabundo se sentou e perguntou que horas eram. Ele falou em alemão. E Martin, respondendo sem hesitar um segundo, disse, também em alemão, “*halb sieben*”: seis e meia. A suposição intuitiva estava certa. Uma olhada em seu relógio um momento depois, provou. Ele ouviu o homem dizer, com a insolência disfarçada de vagabundos: “obrigada; muito agradecido”. Pois Martin não havia tirado seu relógio, outra intuição obedecida inconscientemente.

Ele acelerou o passo ao longo daquela estrada deserta, e uma curiosa confusão de pensamentos e sentimentos surgiram dentro de si. Ele soube de alguma forma que a pergunta viria, e viria em alemão. Mesmo assim, ficou abalado e consternado. Outra coisa também o havia abalado e consternado, algo que ele esperava da mesma maneira estranha, e estava certo. Pois quando a coisa marrom esfarrapada se levantou para fazer a pergunta, uma parte dela permaneceu deitada na grama – outra coisa marrom e suja. Havia

dois vagabundos. E ele viu os dois rostos claramente. Por trás das barbas desgrenhadas e debaixo dos velhos chapéus desleixados, ele percebeu a expressão de rostos desagradáveis e espertos, que o observavam com atenção enquanto passava. Os olhos o seguiram. Por um segundo, ele encarou aqueles olhos, deste modo, poderia reconhecê-los. E ele entendeu, com um certo horror, que ambos os rostos eram muito elegantes, refinados e sagazes para os de vagabundos comuns. Os homens não eram realmente vagabundos. Eles usavam disfarces.

“Como disfarçam ao me observar!”, pensou, enquanto se apressava ao longo da estrada escura, percebendo agora a gravidade mortal da solidão e desolação da mata ao seu redor.

Inquieto e angustiado, ele acelerou o passo. No momento em que pensava sobre como suas botas de trilha faziam um tilintar desnecessário na dura estrada branca, veio também a companhia dessas coisas que o assombravam como “inexplicáveis”. Trouxeram uma única mensagem definitiva: que estes acontecimentos não eram realmente para ele, e daí sua confusão e perplexidade; que ele havia se intrometido no cenário de outra pessoa e invadia seu mapa da vida. Por alguma direção interna errada, ele interpolou a si mesmo em um grupo de forças estrangeiras operando no pequeno mundo de um outro indivíduo. De maneira inconsciente, em algum lugar, ele havia cruzado o limiar e agora se encontrava praticamente dentro – um invasor, um bisbilhoteiro, um xereta. Ele ouvia, espiava; examinava coisas que não tinha o direito de saber, pois não eram destinadas a si. Como um navio no mar, Martin interceptava mensagens sem fio que não conseguia interpretar com clareza, porque seu Receptor não estava sintonizado com precisão para a recepção. E mais, essas mensagens eram avisos!

O medo, então, despencou sobre ele como a noite. Foi pego em uma rede de forças delicadas e profundas que não conseguia controlar, ignorante sobre sua origem ou propósito. Havia caído em uma enorme armadilha psíquica, elaboradamente planejada e programada, mas calculada para outro que não ele mesmo. Algo o havia atraído, algo na paisagem, a hora do dia, seu humor. Devido a alguma fraqueza desconhecida em si, ele foi facilmente capturado. Seu medo se transformou em terror.

O que aconteceu em seguida aconteceu com tanta velocidade e concentração que tudo pareceu reduzido a um momento. Aconteceu de uma vez e em uma

enxurrada. Era inevitável. Ao final da estrada branca para encontrá-lo, um homem veio cambaleando de um lado para o outro, embriagado, obviamente fingido – um vagabundo; e enquanto Martin abriu espaço para ele passar, seu vai e vem mudou em um segundo para um ataque, e o sujeito se jogou sobre ele. O golpe foi repentino e bestial, mas mesmo enquanto caía, Martin percebeu que um segundo homem avançava atrás de si, e agarrando suas pernas, o derrubou com um baque surdo. Os golpes choveram então; ele viu o reluzir de algo brilhante; uma súbita náusea mortal o fez mergulhar em completa fraqueza, onde a resistência era impossível. Algo de fogo entrou em sua garganta, e de sua boca saiu algo doce e espesso que o sufocou. O mundo afundou na escuridão... Mesmo assim, em meio a todo o horror e confusão, percorria em sua mente o rastro de dois pensamentos claros: percebia que o primeiro vagabundo havia escapulado em um salto rápido através da urze e então descido para encontrá-lo; e que algo pesado foi arrancado de presilhas que estavam bem seguras sob suas roupas, contra seu corpo...

A escuridão se dissipou de repente e sumiu por completo. Ele se viu olhando para o mapa contra a placa de sinalização. O vento levantava com força os cantos do papel, e os batia contra a sua bochecha. Ele estudava os nomes que agora via com muita nitidez. Sobre as diversas placas do poste de sinalização, estavam as localizações que esperava encontrar, e o mapa os registrava fielmente. Tudo estava correto mais uma vez, e como deveria ser. Ele leu o nome do vilarejo que pretendia chegar... era perfeitamente visível ao anoitecer, a três quilômetros da distância indicada. Perplexo, abalado, incapaz de pensar em qualquer coisa, ele enfiou o mapa desdobrado no bolso e avançou apressado, como um homem que acaba de acordar de um sonho horrível que comprimiu em um único segundo todo o sofrimento detalhado de um prolongado e opressor pesadelo.

Ele iniciou um trote constante que logo se tornou uma corrida; o suor caía em torrentes de sua testa; suas pernas estavam fracas e sua respiração difícil de controlar. Tinha consciência apenas do desejo irrefreável de fugir o mais rápido possível do poste de sinalização na encruzilhada, onde a visão apavorante surgiu. Pois Martin, um contador de férias, nunca sonhou com um mundo de possibilidades psíquicas. A coisa toda foi uma tortura. Era pior do que uma conta com livros manipulados descoberta por alguma conspiração de escriturários e diretores em seu escritório inocente. Ele se apressou como

se todo o campo corresse gritando em seus calcanhares. E junto dele corria a incrível convicção de que nada disso era realmente para ele. Martin tinha ouvido os segredos de outro. Tomou o aviso de outro para si, e assim, alterou sua direção. Ele havia, deste modo, impedido sua entrega correta. Não existiam palavras para descrever como aquilo o tinha chocado. Desarticulou o mecanismo de sua alma justa e precisa. O aviso era destinado a outro, que não poderia – não iria – agora recebê-lo.

O esforço físico, entretanto, trouxe uma reação mais adequada e um pouco de compostura. Com as luzes à vista, ele diminuiu o passo e entrou na aldeia em um ritmo razoável. Alcançou a pousada, conseguiu um quarto e encomendou o jantar com o sólido conforto de uma cerveja para saciar uma sede profana e completar a restauração do equilíbrio. As sensações incomuns em sua maioria desapareceram e o estranho sentimento de que qualquer coisa em seu mundo simples e saudável exigia explicação, não estava mais lá. Ainda com uma vaga inquietação, embora o verdadeiro medo tivesse desaparecido, ele foi ao bar para fumar um cachimbo depois do jantar, e conversar com os locais, como gostava de fazer em uma viagem, e então viu dois homens encostados no final do balcão com as costas voltadas para ele. Ele viu seus rostos instantaneamente no espelho, e o cachimbo quase escorregou de seus dentes. Rostos bem barbeados, elegantes e sagazes, e ele ouviu uma ou duas palavras enquanto conversavam e bebiam – palavras alemãs. Eles estavam bem-vestidos, os dois homens, e nada neles chamava atenção especial; podiam ser dois turistas de férias como ele, de *tweed* e botas de caminhada. E eles logo pagaram por suas bebidas e saíram. Ele nunca os viu cara a cara; mas o suor tornou a brotar de sua testa, uma onda febril de calor e gelo percorreu seu corpo; além de qualquer dúvida, ele reconheceu os dois vagabundos, dessa vez, não disfarçados – *ainda não* disfarçados.

Ele ficou no seu canto, sem se mover, tragando violentamente um cachimbo apagado, desamparadamente tomado pelo retorno daquele primeiro terror vil. Ocorreu-lhe mais uma vez com absoluta clareza de que não era com ele seu assunto, e, além disso, que ele não tinha direito nenhum de interferir. Ele não tinha *locus standi*⁴³; seria imoral... mesmo que surgisse a oportunidade. E a oportunidade, ele sentiu, viria. Ele havia sido um bisbilhoteiro e se deparou com informações privadas de um tipo secreto que não tinha o direito de usar, mesmo que algo de bom pudesse surgir, mesmo para salvar vidas. Ele se

sentou em seu canto, quieto e apavorado, esperando o que aconteceria a seguir.

Mas a noite veio sem explicações. Nada aconteceu. Ele dormiu um sono profundo. Não havia nenhum outro hóspede na pousada, exceto um homem idoso, um turista como ele. Ele usava óculos com aros dourados e, pela manhã, Martin o ouviu perguntando ao proprietário que direção tomar para Litacy Hill. Seus dentes começaram a bater e uma fraqueza atingiu seus joelhos.

— Você vira à esquerda na encruzilhada — Martin interrompeu antes que o proprietário pudesse responder. — Verá a placa de sinalização a cerca de três quilômetros daqui e depois disso, são cerca de seis quilômetros a mais — informou, perguntando a si mesmo em um segundo de angústia, como diabos ele sabia. — Eu também estou indo nessa direção — disse a seguir. — Posso lhe acompanhar por um tempo... se não se importar!

As palavras saíram impulsivas e mal pensadas; por conta própria elas vieram, pois a direção onde ele iria era exatamente oposta. *Ele não queria que o homem fosse sozinho.* O estranho, entretanto, dispensou sem demora sua oferta de companhia. Agradeceu com o comentário de que partiria mais tarde... Eles estavam parados, os três, ao lado do coche de cavalos em frente à pousada, quando naquele mesmo momento um vagabundo, vacilando ao longo da estrada, ergueu os olhos e perguntou as horas. E foi o homem dos óculos de armação dourada quem lhe disse.

— Obrigado... muito agradecido — respondeu o vagabundo passando com seu andar lento e desleixado, enquanto o proprietário, um sujeito falante, comentou sobre o número de alemães que viviam na Inglaterra e logo começariam uma invasão germânica, que ele, por sua vez, considerava iminente⁴⁴.

Mas Martin não ouviu. Antes de ter percorrido um quilômetro e meio em seu caminho, ele foi até o bosque para lutar contra sua consciência sozinho. Sua fraqueza e covardia eram certamente criminosas. A verdadeira angústia o torturou. Uma dúzia de vezes, ele decidiu voltar atrás e uma dúzia de vezes, a autoridade singular sussurrando que ele não tinha o direito de interferir o impediu. Como ele poderia agir com base no conhecimento obtido por meio de espionagem? Como interferir nos negócios privados da vida oculta de outra pessoa apenas porque ouviu, como em um telefone, seus perigos

secreto? Uma confusão interna impedia qualquer pensamento lógico. O estranho simplesmente pensaria que ele estava louco. Ele não tinha nenhum “fato” para se basear... Ele sufocou uma centena de impulsos... e, finalmente, seguiu seu caminho com o coração trêmulo e perturbado.

Os últimos dois dias de suas férias foram arruinados por dúvidas, perguntas e medos, todos justificados mais tarde, quando ele leu sobre o assassinato de um turista em Litacy Hill. O homem usava óculos com aros dourados e carregava em um cinto uma grande soma de dinheiro. Sua garganta foi cortada. E a polícia estava atrás de um misterioso par de vagabundos, que acreditavam ser alemães.

43 Direito de ser ouvido em uma corte.

44 O assunto de uma possível invasão alemã inundou a imprensa britânica nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, e *Cúmplice antes do fato* foi o primeiro conto em que Blackwood aborda o tema. É interessante como a história se desenrola, pois quando a guerra realmente começou, seria Blackwood quem estaria disfarçado (não de um vagabundo que, na verdade, é um ladrão assassino) mas de um simples escritor buscando inspiração na Suíça, quando, na realidade, era um agente secreto contratado pela coroa inglesa. Para mais sobre seu papel como agente secreto, ver Sobre o autor. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019).

O ENCANTO DA NEVE

Título original: “The Glamour of the Snow”.

Publicado em 1912 no livro: “Pan’s Garden”.

Hibbert sempre soube da existência de dois mundos, e ao chegar nesse vilarejo nas montanhas, percebeu um terceiro. A aldeia ficava nas encostas dos Alpes Valais, ele alugou um quarto dentro da pequena agência dos correios, onde poderia ter paz para escrever seu livro e, ao mesmo tempo, desfrutar dos esportes de inverno e encontrar companhia nos hotéis quando quisesse.

Os três mundos que se encontravam e mesclavam-se pareciam muito óbvios à sua predisposição criativa, embora outra mente menos intuitiva, talvez não os teria visto tão bem definidos. Havia o mundo dos turistas ingleses, civilizado, semiculto, ao qual ele pertencia, pelo menos, por nascimento; havia o mundo dos camponeses pelo qual ele se sentia atraído por simpatia, pois amava e admirava sua vida de trabalho e simplicidade; e havia esse outro; que ele podia apenas chamar de “o mundo da Natureza”. A este último, no entanto – em virtude a uma ardente criatividade poética e um tumultuoso instinto pagão, alimentado pelo próprio sangue em suas veias – ele sentia que pertencia a maior parte dele. Os outros o pegavam emprestado, por assim dizer, para visitas. Aqui, com a alma da Natureza, escondia-se sua vida primordial⁴⁵.

Entre esses três mundos havia conflito, conflito em potencial. Todos os domingos, no ringue de patinação, os turistas consideravam os nativos intrusos; na igreja, os camponeses nitidamente questionavam: “O que vocês vêm fazer aqui? Nós viemos para rezar; vocês, apenas para observar e sussurrar!”, pois nenhum desses dois mundos aceitava o outro. E a Natureza também não aceitava os turistas, pois aproveitava-se de seus menores erros. De fato, até mesmo aqueles do mundo camponês, a Natureza “aceitava” apenas os fortes e ousados o suficiente para invadir seu domínio selvagem com habilidades para se proteger de várias formas de morte.

Hibbert sabia muito bem desse potencial conflito e falta de harmonia; sentia-se do lado de fora, mas capturado por ele; dividido em três direções porque

ele era parte de cada um dos mundos, mas completo em apenas um. Crescia nele um esforço constante e sutil – ou, pelo menos, um desejo – de unificá-los e decidir de uma vez por todas em qual deles pertencia e deveria viver. A tentativa, é claro, era em grande parte subconsciente. Era o instinto natural de seu caráter criativo que buscava o ponto de equilíbrio para que a mente pudesse se sentir em paz e seu cérebro livre para fazer um bom trabalho.

Entre os turistas, nenhum chamava sua atenção. Os homens eram interessantes, mas nenhum se distinguia; professores atléticos, médicos tirando férias, todos bons sujeitos; as mulheres, igualmente diversas: as espertas, as sedutoras, as que se fingiam de burras, as “que compreendiam” e o bando habitual de alegres dançarinas e “melindrosas”. E Hibbert, com mais ou menos quarenta anos de vasta experiência atrás de si, se dava bem com todos; ele os entendia; pertenciam a tipos definidos e pré-digeridos que são os mesmos em todo o mundo, e conhecidos por ele há muito tempo.

Mas a nenhum deles ele pertencia. Sua natureza era muito “múltipla” para aceitar o conjunto de normas de qualquer classe. E, como todos gostavam dele e sentiam que, de alguma forma, ele não pertencia ao seu meio – como um espectador, observador – queriam sua companhia.

Em certo sentido, portanto, os três mundos lutavam por ele: nativos, turistas, Natureza...

Foi assim que começou o conflito singular pela alma de Hibbert. *Dentro* de sua alma, entretanto, foi que aconteceu. Nem os camponeses nem os turistas sabiam que lutavam por alguma coisa. E a Natureza, dizem, é meramente cega e automática.

A investida dos camponeses pode ser deixada de lado, pois é óbvio que eles não tinham grande chance de sucesso. O mundo dos turistas, no entanto, fez um esforço galante de tê-lo para si. Mas as noites no hotel, quando não tinham bailes, eram inglesas. A imaginação provinciana era posta sobre um trono e adorada ao extremo por meio da bajulação das convenções mais estúpidas possíveis. Hibbert costumava voltar cedo para seu quarto no correio para trabalhar.

“Foi um erro da minha parte ter *pensado* que existia algum conflito”, refletiu, no caminho de casa após um dos bailes. Aproximava-se da meia-noite. “Teria sido melhor não ter ido e feito meu trabalho. Melhor”,

acrescentou ele, olhando para trás, pela rua silenciosa da vila terminando na torre da igreja, “e... mais seguro.”

O adjetivo surgiu em sua mente antes que percebesse. Ele se virou com um sobressalto involuntário e olhou em volta. Sabia perfeitamente bem o que significava esse pensamento vindo da região instintiva. Ele compreendeu, sem poder dizer exatamente, o significado da escolha do adjetivo. Pois se tivesse ignorado a existência deste conflito, ao mesmo tempo, teria permanecido fora da arena. Ao invés disso, agora ele entrava nas listas. Agora, essa batalha por sua alma deveria começar. E ele sabia como o feitiço da Natureza era maior do que todos os outros juntos; maior do que amor, sonho, prazer, maior até do que o estudo. Ele sempre teve medo de se deixar levar. Sua alma pagã temia seus terríveis poderes de feitiçaria, mesmo enquanto ele a adorava.

A pequena vila já dormia. O mundo jazia afogado em neve. Os telhados dos chalés reluziam brancos sob a lua e sombras negras se acumulavam contra as paredes da igreja. Seus olhos repousaram por um momento na torre quadrada de pedra, com a cruz congelada apontando para o céu; então, viajaram com um salto de milhares de metros até as enormes montanhas que roçavam as estrelas brilhantes. Como uma floresta, os enormes picos acima da vila adormecida se erguiam, atravessando a noite e o céu. Eles o atraíam. E algo nascido do deserto nevado, nascido da meia-noite e da grandeza silenciosa, nascido dos enormes vãos ouvintes da escuridão, algo que se escondia entre terror e admiração, caiu dos amplos espaços inverniais em seu coração e o chamou. Muito suave, sem deixar registrado em qualquer palavra ou pensamento que seu cérebro pudesse compreender, lançou seu feitiço sobre ele. Dedos de neve roçaram a superfície de seu coração. O poder e a majestade silenciosa da noite de inverno o aterrorizaram...

Atrapalhando-se por um momento com a grande chave desajeitada, ele entrou e subiu para a cama. Dois pensamentos o acompanharam, pensamentos muito comuns e sensatos:

“Que idiotas esses camponeses são para dormir durante uma noite dessas!”

E o outro:

“Esses bailes são cansativos. Não vou mais. Meu trabalho só sofre pela manhã.” As reivindicações de camponeses e turistas enfraqueceram em um único instante.

O choque da batalha perturbou metade de seus sonhos. A natureza enviou sua Bela da Noite e venceu o primeiro ataque. Os outros, derrotados e consternados, fugiram para longe.

II

— Não volte para aquela velha e pavorosa agência de correios. Vamos jantar no meu quarto... algo quente. Venha, se junte a nós. Depressa!

Era o final de um festival no gelo e o último grupo, subindo a encosta de neve até o hotel, o chamou. As lanternas chinesas fumegavam e estalavam nos fios; a banda tinha ido embora havia muito tempo. O frio estava amargo e a lua surgiu apenas por um momento entre nuvens altas que corriam pelo céu. Do galpão onde as pessoas trocavam os patins por botas de neve, ele gritou que estava “indo”; mas nenhuma resposta veio; as sombras em movimento dos que o tinham chamado já se mesclavam no alto, contra a escuridão da vila. As vozes morreram. Portas bateram. Hibbert se viu sozinho no ringue deserto.

E foi então que lhe veio o impulso repentino de ficar e patinar sozinho. Só de pensar naquele quarto de hotel abafado e aquelas pessoas barulhentas com suas risadas e piadas óbvias, sentiu-se oprimido. Ele queria ficar sozinho com a noite; provar seu encanto sob as estrelas, deslizando sobre o gelo. Ainda não era meia-noite e ele poderia patinar por meia hora. Naquele jantar, se eles ao menos notassem sua ausência, simplesmente pensariam que mudou de ideia e foi para a cama.

Era um impulso, sim, e nada anormal; no entanto, mesmo naquele momento, ocorreu-lhe que algo além de um impulso se escondia por trás. Maior que um convite, mas menor do que uma ordem, ele tinha uma vaga sensação estranha de que ficou porque tinha que ficar, quase como se houvesse esquecido algo, negligenciado, deixado por fazer. Os de personalidade intuitiva costumam ser assim; e um impulso é sempre perigoso. Pois, com uma abertura tão imprudente para esta ação precipitada, pode vir ao mesmo tempo uma invasão de outras forças – forças apenas esperando uma oportunidade, talvez!

Ele percebeu o sutil aviso mesmo quando o dispensava como absurdo e no minuto seguinte, girava sobre o gelo em agradáveis curvas e arcos abaixo da lua. Não tinha medo de colidir com alguém. Poderia pegar a velocidade e o espaço que quisesse. As sombras das altas montanhas em volta caíram sobre o ringue e um vento gelado veio das florestas, onde a neve se alastrava com

três metros de profundidade. As luzes do hotel piscaram e apagaram-se. A pequena vila dormia. A alta rede de arame não conseguia bloquear a maravilha da noite de inverno que crescia ao redor de si como uma presença. Ele patinou sem parar, com um prazer estimulante formigando em seu sangue, e esqueceu-se do cansaço.

E então, em meio ao deleite de um movimento rápido, ele viu uma figura deslizando atrás da rede de arame, observando-o. Com um sobressalto de quase perder o equilíbrio – pois a súbita aparição do recém-chegado era tão inesperada – ele parou e encarou. Embora a luz estivesse fraca, percebeu que era a figura de uma mulher, e ela tateava o caminho ao longo da rede, tentando entrar. Contra o fundo branco do campo de neve, ele observou seus esforços sorrateiros enquanto passava com um passo silencioso sobre a neve acumulada. Ela era alta, esguia e graciosa; ele podia perceber mesmo no escuro. E então, é claro, ele entendeu. Era um outro patinador aventureiro como ele, escapando de um hotel ou chalé, e procurava pela entrada. Imediatamente, fazendo um sinal e apontando com uma das mãos, ele se virou e patinou até a pequena entrada do outro lado.

Mas, antes mesmo de chegar até lá, ele ouviu um som no gelo atrás de si e, sem conseguir reprimir uma exclamação de espanto, virou-se para vê-la vindo em sua direção no ringue. Ela havia encontrado um outro jeito de entrar.

Hibbert era sempre cuidadoso, talvez em especial nesses lugares descontraídos. Ele não procurava fazer avanços, a menos que algum tipo de apresentação abrisse o caminho. Mas, para aqueles dois patinarem juntos na semiescuridão sem trocar uma palavra, encostando no ombro um do outro às vezes por necessidade, era absurdo demais para pensar. E assim, ele ergueu o gorro e falou. Suas palavras exatas, ele não se lembra com certeza, nem do que a garota disse em resposta, exceto que disse em um inglês com sotaque alguma banalidade sobre fazer números à meia-noite em um ringue vazio. Foi muito natural, e correto. Ela usava algum tipo de roupa cinza, embora não as usuais luvas longas ou suéter, pois, na verdade, suas mãos estavam nuas, e quando eles patinaram juntos, Hibbert notou com espanto a frieza seca e gelada de seus dedos.

E era delicioso patinar com ela, pois era flexível, segura e leve, rápida como um homem, mas livre como uma criança, sinuosa e estável ao mesmo tempo.

Sua flexibilidade o maravilhou, e quando ele perguntou onde tinha aprendido, ela murmurou – ele sentiu sua respiração contra seu ouvido e lembrou-se mais tarde como era fria – que dificilmente conseguiria dizer, pois estava acostumada com o gelo desde sempre.

Mas seu rosto, ele nunca viu realmente. Um cachecol de pele branca enterrava seu pescoço até as orelhas e seu gorro cobria os olhos. Ele só viu que ela era jovem. Tampouco conseguiu saber sobre seu hotel ou o chalé, pois ela apontou vagamente encosta acima, quando ele perguntou. “Bem ali...”, ela disse, pegando em sua mão mais uma vez. Ele não insistiu; sem dúvidas, ela queria esconder seu refúgio. E o toque de sua mão o eletrizou mais do que qualquer coisa que pudesse se lembrar; mesmo através de sua luva grossa ele sentia a suavidade daquela maciez fria e delicada.

As nuvens engrossaram sobre as montanhas. Ficou mais escuro. Eles falavam muito pouco e nem sempre patinavam juntos. Frequentemente, separavam-se em curvas pelos cantos, mas se juntavam no centro do ringue uma outra vez; e quando ela o deixou, Hibbert percebeu que... sim, sentia sua falta. Havia uma satisfação especial, quase um fascínio, em patinar ao lado dela. Foi uma aventura e tanto – esses dois estranhos com o gelo, a neve e a noite!

A meia-noite já havia soado da velha torre da igreja antes de se separarem. Ela deu o sinal e ele patinou rapidamente até o galpão, para encontrar um assento e ajudá-la a tirar os patins. No entanto, quando ele se virou, ela já tinha ido. Ele viu seu corpo esguio deslizando pela neve... e apressando-se sozinho pelo ringue, procurou em vão pela abertura que ela usou duas vezes dessa maneira curiosa.

“Que estranho!”, pensou ele, referindo-se à rede de arame. “Ela deve ter levantado e passado por baixo...!”

Imaginando como ela conseguiu tal coisa, o que o havia possuído para se sentir tão livre com ela, e quem ela era, Hibbert subiu a encosta íngreme até a agência de correios e então para a cama, com sua promessa sobre encontrá-la novamente em outra noite, ainda zumbindo deliciosamente em seus ouvidos. E curiosos eram os pensamentos e sensações acompanhando. Acima de tudo, talvez, fosse a sugestão de uma vaga lembrança de ter conhecido essa garota antes, a tinha visto em algum lugar, e mais – que ela o conhecia, pois, em sua voz – uma vozinha baixa, suave e ventosa, terna e calma, apesar de toda a sua

frieza – havia uma leve lembrança de duas outras que ele conheceu, ambas há muito desaparecidas: a voz da mulher que ele amou e... a voz de sua mãe.

Mas, dessa vez, em seus sonhos, não houve confronto de batalha. Ele se lembrava, ao invés disso, de algo frio e grudento que o fez pensar em flocos de neve soltos, um sobre o outro se agarrando com um toque envolvente e pesado ao redor de seus pés. A neve – chegando sem ruído, cada floco tão leve e minúsculo que ninguém pode marcar o local onde cai, mas quando se despeja em massa é capaz de sufocar vilarejos inteiros – se entrelaçou pela teia de sua mente – fria, desconcertante, esmagando qualquer esforço com sua rede pegajosa de dez milhões de toques emplumados.

III

Na manhã seguinte, Hibbert se deu conta de que talvez tivesse feito uma coisa tola. O brilho dos raios solares encharcando o vale o fez perceber e a visão de sua mesa de trabalho com sua máquina de escrever, livros, papéis e o resto trouxe uma convicção adicional. Patinar com uma garota sozinha à meia-noite, não importa o quão inocente fosse, era imprudente... injusto, especialmente com ela. A fofoca nesses pequenos *resorts* de inverno era pior do que em cidades do interior. Ele esperava que ninguém os tivesse visto. Felizmente, a noite estava escura. Provavelmente, ninguém tinha ouvido o som dos patins.

Decidido a ter mais cuidado no futuro, ele mergulhou no trabalho e tentou tirar o assunto da cabeça.

Mas, em seus momentos de lazer, a memória sempre voltava para assombrá-lo. Quando ele esquiava, andava de trenó, ou dançava à noite, e principalmente quando patinava no pequeno rink, percebia os olhos de sua mente sempre procurando por essa estranha companheira da noite. Cem vezes, ele imaginou tê-la visto, mas a visão sempre o enganava. Seu rosto talvez não conhecesse, mas dificilmente deixaria de reconhecer sua silhueta. Apesar disso, não teve um vislumbre sequer daquela jovem criatura esguia com quem havia patinado sozinho sob o céu nublado. Ele procurou em vão. Mesmo quando perguntava sobre os ocupantes dos chalés privados, não tinha resultados. Ele a tinha perdido. Mas o estranho é que sentia como se ela estivesse em algum lugar por perto; ela não tinha ido embora, ele sabia. Apesar das pessoas irem e virem todos os dias, nunca lhe ocorreu que ela

houvesse partido. Pelo contrário, tinha certeza de que se encontrariam outra vez.

Esse pensamento, ele nunca reconheceu por completo. Talvez fosse gerado apenas pelo desejo. E, mesmo quando a encontrasse, como iniciaria uma conversa e alegaria conhecê-la? Ou será que ela o reconheceria? Essas eram as questões em sua mente. Poderia ser embaraçoso. Ele quase passou a temer um encontro, embora “temer” fosse uma palavra forte demais para descrever uma emoção que era metade deleite, metade uma antecipação de sua mente.

Enquanto isso, a temporada continuava a todo vapor. Hibbert se sentia em ótima saúde, trabalhava duro, esquiava, patinava, andava de trenó e ia aos bailes com frequência – apesar de preferir a Natureza. Essa constante ida aos bailes, no entanto, era um ato de rendição subconsciente; significava a esperança de encontrá-la entre os casais dançando. Ele procurava por ela sem reconhecer o fato para si; e o mundo dos turistas, enquanto isso, pensando que o tinha conquistado, gracejava e o provocava. Ele deu desculpas sobre algo do tipo; mas o tempo todo observava, procurava e esperava.

Por vários dias, o céu se manteve claro, brilhante e glacial, amargamente frio, tudo cristalino e cintilante ao sol; mas não havia sinal de neve recente e os esquiadores começaram a reclamar. Nas montanhas, havia uma crosta de gelo que tornava a “corrida” perigosa; eles queriam a neve congelada, seca e polvorosa que aumenta a velocidade, torna a direção mais fácil e as quedas menos severas, mas o intenso vento leste não mostrou sinais de mudança durante dez dias. Então, de repente, veio um toque de ar mais suave e os sábios do tempo começaram a profetizar.

Hibbert, que era sensível à menor mudança na terra ou no céu, foi talvez o primeiro a sentir. Ele apenas não profetizou. Sabia, através de todos os nervos de seu corpo, que a umidade havia se infiltrado no ar, acumulava-se e que, em breve, viria uma queda de neve, pois ele respondia aos humores da Natureza como um ótimo barômetro.

E, dessa vez, o conhecimento trouxe ao seu peito uma pequena e estranha emoção caprichosa que era difícil de explicar... um sentimento de agitação incompreensível e alegria inquietante. Atrás deste sentimento, tecido através dele, na verdade, corria uma remota euforia conectada em algum ponto com aquele toque delicioso de surpresa, aquele minúsculo “pavor” de antecipação, que tanto o intrigava quando pensava em seu próximo encontro com sua

companheira de patinação da noite. Estava além das palavras essa estranha relação entre a garota e a neve; e, de alguma forma, elas corriam em um par através de sua mente.

Talvez, para escritores criativos, mais do que para outros trabalhadores, a menor mudança de humor é perceptível no mesmo instante. De qualquer forma, seu trabalho revelou essa ligeira transformação dos valores emocionais em sua alma. Não que sua escrita tenha sofrido, mas se alterou, sutilmente, como aquelas mudanças do céu, mar, ou paisagens, que acontecem com o passar da tarde para a noite imperceptivelmente. Uma excitação subconsciente queria sair e expressar-se e, sabendo o efeito desigual que tais estados de espírito produziam em seu trabalho, ele colocou a caneta de lado e dedicou-se à leitura.

Enquanto isso, o brilho do sol desapareceu, o céu tornou-se aos poucos nublado; ao anoitecer, os topos das montanhas pareciam especialmente pontiagudos e juntos uns dos outros; o vale distante ergueu-se em uma perspectiva muito próxima. A umidade aumentou, chegando logo ao ponto de saturação, quando deve cair em neve. Hibbert observou e esperou.

E, no dia seguinte, o mundo amanheceu sufocado sob seu fresco tapete branco. Nevou sem parar até o meio-dia, trinta centímetros ou mais de neve densa, incessante, asfixiante; então, o céu clareou, o sol apareceu em seu esplendor, o vento mudou de volta para o leste e a geada desceu sobre as montanhas com seus dentes mais afiados e cortantes. A queda na temperatura foi tremenda, mas os esquiadores estavam eufóricos. No dia seguinte, a “corrida” seria veloz e perfeita. A massa de neve já se acomodava e a superfície congelava em cristais em pó, macios como musgo, que fazem o esqui correr quase por conta própria com o leve ruído do gelo deslizando, como as asas de um pássaro no ar.

IV

A agitação tomou conta do mundo turístico naquela noite. Primeiro, porque tinha um baile à fantasia, mas principalmente pela neve fresca. E Hibbert foi, sentiu-se atraído a ir; ele não foi fantasiado, mas queria conversar sobre as pistas e o esqui com os outros homens, e ao mesmo tempo...

Ah, ali estava a verdade, a necessidade mais profunda que o chamava, pois a conexão singular entre a estranha e a neve se mostrava mais uma vez, completamente além de qualquer explicação como antes, mas vital e

insistente. Algum instinto oculto em sua alma pagã – Deus sabe como ele explicou para si mesmo, se é que o explicou – sussurrou que com a neve, a garota estaria em algum lugar próximo, sairia de seu esconderijo, até mesmo procuraria por ele.

Não tinha justificativa alguma. Ele ria enquanto, diante do pequeno espelho, aparava o bigode, tentava endireitar a gravata preta e ajeitava o paletó para que ficasse sobre os ombros sem amassar. Seus olhos castanhos brilhavam. “Pareço mais jovem do que o normal”, pensou ele. Era incomum e tinha até certo significado, para um homem que não tinha vaidade sobre sua aparência, sem dúvidas, nunca questionou sua idade, ou tentou parecer mais jovem do que era. Assuntos do coração, com uma exceção tumultuada que não deixou combustível para outros incêndios menores, nunca o perturbaram. As forças de sua alma e mente não dedicadas ao trabalho e deveres óbvios, eram todas direcionadas para a Natureza. Os lugares desolados e selvagens da terra eram o que ele amava; a noite e a beleza das estrelas e da neve. E esta noite, ele sentia seus poderes sobre ele muito agitados. Uma crescente selvageria envolveu seu sangue, acelerou seu pulso, despertou desejo e paixão também. Mas principalmente a neve. A neve sussurrava levemente em seus pensamentos como sonhos cândidos e sedutores... Pois a neve havia chegado; e ela, ao que parecia, tinha de alguma forma entrado com o gelo... em sua mente.

Mesmo assim, ele parou diante daquele espelho adulterado, puxou a gravata e o casaco uma dúzia de vezes, como se isso importasse. “O que diabos está acontecendo comigo?”, pensou. Então, rindo um pouco, virou-se antes de sair do quarto para colocar seus papéis particulares em ordem. Tirou-os da prateleira da escrivaninha verde e colocou-os sobre a mesa. Junto à tampa do ficheiro, estava o cartão de visitas com o endereço de seu irmão em Londres “em caso de acidente”. No caminho para o hotel, ele se perguntou porque fizera isso, pois, embora fosse intuitivo, não era o tipo de homem que lidava com pressentimentos. As sensações com ele eram fortes, mas sempre controladas.

“É quase como um aviso”, pensou ele, sorrindo. Ele puxou seu casaco grosso em volta da garganta quando bateu o ar gelado. “Aqueles avisos que às vezes se lê em histórias...!”

Uma deliciosa felicidade pulsava em seu sangue. Acima das colinas do vale, surgiu a lua. Ele viu seu prateado espalhar-se pelo mundo da neve. A neve cobria tudo. Sufocava o som e a distância. Sufocava casas, ruas e seres humanos. Sufocava – a vida.

V

No salão havia luz e agitação; pessoas já chegavam de outros hotéis e chalés, suas fantasias escondidas sob muitas camadas de roupas. Grupos de homens em trajes de gala aqui e ali, discutiam sobre a neve e o esqui. A banda se preparava para tocar. As reivindicações do mundo turístico exerciam seu tênue poder sobre ele como sempre. Nas grandes janelas de vidro da varanda, os camponeses a caminho do *café* paravam para espiar. Hibbert pensou com humor naquele conflito que costumava imaginar. Ele riu porque, de repente, parecia muito irreal. Ele pertencia tão completamente à Natureza e às montanhas, e em especial, àquelas encostas desoladas onde agora a neve caía espessa, fresca e doce, que não havia qualquer dúvida de conflito. O poder da neve recém-caída o envolveu, com uma prova simples e sem esforço. Lá fora, sobre aquelas extensões solitárias de picos iluminados pela lua, a neve dispunha-se pronta – montes e montes – fria, macia e convidativa. Ele ansiava por ela. Ela aguardava por ele, ele pensou no prazer inebriante de esquiar ao luar...

Assim, de alguma forma, em uma visão intensa e reluzente, essa ideia lhe veio à mente enquanto fumava com os outros homens e conversava sobre todos os pormenores do esqui.

E, sempre combinado com esse poder da neve, se derramava também através de seu eu interior, o misterioso poder da garota. Ele não conseguia dissuadir sua mente da presença insinuante dos dois juntos. Lembrou-se daquele estranho impulso de patinar, dez dias atrás, o impulso que a deixou entrar. Que qualquer mente, mesmo uma criativa, pudesse ser dominada por tal fantasia era muito estranho; e Hibbert, embora soubesse do problema, encontrou uma curiosa alegria em se deixar dominar por ele. Esse ponto rebelde dentro de si que o atraía para as velhas crenças pagãs havia assumido o comando. Com uma espécie de prazer sensual, ele se deixou conquistar.

E a neve naquela noite, estava nos pensamentos de todos. Os casais falavam sobre ela em meio a dança; os proprietários do hotel se parabenizavam; significava um bom esporte e a satisfação de seus convidados; todos

planejavam viagens e expedições, falando de encostas e teleféricos, de velocidades extremas e distância, montes de neve, crostas e geada. Vitalidade e entusiasmo agitavam no ar; todos estavam alertas e ativos, positivos, irradiando correntes de vida criativa até mesmo no ambiente abafado daquele salão de baile lotado. E a neve era a causa, a neve a trouxe; toda essa descarga de energia impulsiva e efervescente se devia principalmente à neve.

Mas, na mente de Hibbert, por alguma alquimia rápida de seus anseios pagãos, essa energia foi alterada. Alastrou-se, cintilando em correntes brancas e cristalinas de antecipação apaixonada, que ele transferiu, como por uma espécie de imaginação elétrica, para a personalidade da garota – a Garota da Neve. Ela, em algum lugar, esperava por ele, aguardava por ele, chamando-o suavemente daqueles quilômetros de montanhas iluminadas pela lua. Ele se lembrou do toque de sua mão fria e seca; a respiração suave e gelada contra sua bochecha; o silêncio e a suavidade no modo como ela veio e no modo como ela partiu; como uma lufada de neve que o vento enviou deslizando pelas encostas. Ela, assim como ele, pertencia lá no alto. Ele imaginou ter ouvido sua vozinha ventosa sendo pulverizada até seus ouvidos através dos galhos embranquecidos das árvores, chamando seu nome... aquela vozinha assustadora que mergulhou direto para o centro de sua vida como, há muitos anos, duas outras vozes costumavam fazer...

Mas, em nenhum lugar entre os casais fantasiados, ele viu sua figura esguia. Ele dançava com qualquer acompanhante, distraído e ausente, um parceiro estúpido como cada garota logo ficava sabendo, seus olhos sempre voltados para a porta e as janelas, na esperança de captar o rosto sedutor, a visão que não veio... e por fim, esperando, mesmo contra a esperança. O salão esvaziou. Grupos saíram um a um, voltando para seus hotéis e chalés; a banda obviamente cansada; as pessoas sentavam-se nas mesinhas bebendo coquetéis, os homens enxugavam a testa, todos prontos para dormir.

Era quase meia-noite. Enquanto Hibbert passava pelo saguão para pegar seu casaco e botas de neve, ele viu alguns homens na entrada da “sala de esportes”, já engraxando seu esqui para o dia seguinte, em vez de acordar mais cedo. Almoços para viagem eram pedidos com antecedência nas portas de vaivém da cozinha. Ele suspirou. Acendendo um cigarro que um amigo lhe ofereceu, respondeu confuso a alguma pergunta sobre se iria se juntar ao

grupo pela manhã. Pareceu não ouvir direito. Ele passou pelo saguão externo, entre as portas de vidro duplo e foi para a noite.

O homem que fez a pergunta o observou partir, uma expressão de ansiedade momentânea em seus olhos.

— Acho que ele não ouviu — disse outro, rindo. — Você tem que gritar para Hibbert, sua mente está tão ocupada com seu trabalho.

— Ele trabalha muito — sugeriu o primeiro —, cheio de ideias estranhas e sonhos.

Mas o silêncio de Hibbert não foi grosseria. Ele não tinha recebido o convite, só isso. O chamado do mundo dos turistas havia desaparecido. Ele não ouvia mais. Outro chamado mais selvagem soava em seus ouvidos.

Pois, subindo a rua, ele viu uma pequena figura se movendo. Perto das sombras da confeitaria, ela deslizava... branca, esguia e envolvente.

VI

E, de uma vez, veio o silêncio e a suavidade da neve em sua mente – mas com eles uma necessidade urgente que o fazia buscar pelas alturas. Ele sabia por algum instinto imediato que ela não se juntaria a ele na rua do vilarejo. Não era ali, em meio a casas lotadas, que falaria com ele. Na verdade, ela já havia desaparecido, derretido diante de seus olhos no panorama branco da estrada iluminada pela lua. Lá, ele adivinhou, ela o aguardava, onde a rodovia estreitava abruptamente no caminho da montanha, além dos chalés.

Nem mesmo lhe ocorreu hesitar; embora parecesse loucura e era – esse desejo repentino pelas alturas com ela, pelo menos, por espaços abertos onde a neve caía espessa e fresca – irresistível demais para negar. Ele não se lembra de ter subido para o quarto, vestido o suéter por cima do traje de noite e colocado as luvas de pele e o gorro de lã. Certamente, não se lembra de ter amarrado seu esqui; deve tê-lo feito automaticamente. Algumas de suas faculdades de observação normal estavam suspensas, por assim dizer. Sua mente havia se distanciado do vilarejo... estava lá fora, com as montanhas congeladas e a lua.

Henri Défago, fechando as janelas seu café, o viu passar e perguntou-se suavemente:

— *Un monsieur qui fait du ski à cette heure! Il est Anglais, donc..!*⁴⁶

Ele deu de ombros, como se um homem tivesse o direito de escolher seu próprio caminho para a morte. E Marthe Perotti, a esposa corcunda do sapateiro, olhando por acaso de sua janela, viu sua silhueta movendo-se rapidamente estrada acima. Ela tinha outros pensamentos, pois conhecia e acreditava nas antigas tradições das bruxas e seres da neve que roubam as almas dos homens. Ela até tinha ouvido, como diziam que a temida ‘synagogue’ passava rugindo rua abaixo à noite, e agora, como fez na ocasião em que ouviu, ela escondeu os olhos.

— Elas estão chamando... e ele deve ir — murmurou, fazendo o sinal da cruz.

Mas ninguém tentou impedi-lo. Hibbert se lembra de apenas um único incidente antes de estar além das casas, procurando por ela ao longo das margens da floresta, onde o luar encontrava a neve em uma moldura desconcertante de sombras fantásticas. E o incidente foi simplesmente este: que ele se lembrava de ter passado pela igreja. Captado o contorno de sua torre contra as estrelas. Deu-se conta de uma leve sensação de hesitação. Uma vaga inquietação ia e vinha, embalada desagradavelmente no fluxo de seus sentimentos excitados, sua alegria arrepiante. Ele percebeu a discórdia instantânea, descartou-a e seguiu em frente. A sedução da neve abafou a ideia antes dele perceber que havia roçado nas bordas do aviso.

E então ele a viu. Ela esperava em um pequeno espaço livre, de neve cintilante, vestida em completo branco, parte do luar e do fundo brilhante, perceptível apenas por sua silhueta esguia.

— Eu esperei, pois sabia que viria — a vizinha prateada de suave beleza flutuou até ele. — Você *tinha* que vir.

— Estou pronto — respondeu ele —, eu também sabia.

O mundo da Natureza o envolveu em seu âmago naquelas poucas palavras... a maravilha e a glória da noite e da neve. A vida saltava dentro dele. A paixão de sua alma pagã exultou, ergueu-se em alegria, fluiu em direção a ela. Ele não refletiu nem ponderou, mas deixou-se levar como o mais perfeito garoto na selvageria do primeiro amor.

— Dê-me sua mão — pediu ele. — Estou indo...!

— Um pouco mais adiante, um pouco mais alto — veio sua deliciosa resposta. — Aqui é muito perto da vila... e da igreja.

E as palavras pareciam completamente corretas e naturais; ele não sonhava em questioná-las; compreendeu que, com esse toque de civilização à vista, a intimidade sugerida por ele era impossível. Uma vez nas montanhas abertas, no meio da liberdade de enormes encostas e picos elevados, as estrelas e a lua para testemunhar, a selva de neve para assistir, eles poderiam saborear a inocência de uma troca feliz, livre das convenções mortas que aprisionam mentes limitadas.

Ele apressou o passo, mas não a alcançou. A garota se mantinha sempre um pouco à frente de seus melhores esforços... E logo deixaram as árvores para trás e seguiram para as enormes encostas do oceano de neve, que rolava seu montanhoso terror e beleza em direção às estrelas. A maravilha do mundo branco o arrebatou. Sob o luar constante, era mais do que assustador. Era um poder vivo, alvo e desconcertante que confundiu deliciosamente seus sentidos e lançou um feitiço de feroz perplexidade sobre seu coração. Era uma personalidade que ocultava e, no entanto, revelava por meio de toda essa brancura coberta de neve. Levantou-se, foi com ele, fugiu antes e seguiu depois. Lentamente, deixou cair seus braços ágeis e luminosos em seu pescoço, envolvendo-o...

Certamente, alguma suave persuasão convenceu sua alma, impelindo-o sempre à frente, para cima, em direção às encostas geladas mais altas. Parecia que julgamento e razão deixaram seu trono completamente, como na loucura da embriaguez. A garota, esguia e sedutora, estava sempre à frente, de modo que ele nunca a alcançou. Ele viu o feitiço branco de seu rosto e corpo, algo que fluía em volta de seu pescoço, voando como uma grinalda de neve ao vento, e ouviu o sotaque sedutor de sua voz sussurrante que chamava de vez em quando:

— Um pouco mais adiante, um pouco mais alto... Então vamos correr para casa juntos!

Às vezes, ele via sua mão estendida para encontrar a dele, mas todas as vezes, assim que se aproximava, ela estava longe, com a mão e braço retraídos. Eles seguiam em um suave ângulo de subida. O esforço parecia nada. Nessa atmosfera de cristal embriagante, a fadiga desapareceu. O silvo do esqui na superfície granulada da neve era o único som quebrando a quietude; isso, com sua respiração e o farfalhar das saias dela, era tudo o que Hibbert ouvia. O luar frio, a neve e o silêncio dominavam o mundo. O céu

estava negro e as montanhas distantes cortavam o infinito como cunhas congeladas de ferro e aço. Bem abaixo do vale, dormia a vila há muito escondida e fora de vista. Ele sentia que nunca poderia se cansar... O som do relógio da igreja surgia ao fundo de hora em hora... cada vez mais distante.

— Dê-me sua mão. É hora de voltar.

— Só mais uma subida. — Ela riu. — Aquela colina acima. Então iremos para casa. — E sua voz baixa misturou-se agradavelmente com o ronronar de seu esqui. Hibbert notou como o dele parecia grosseiro e feio em comparação.

— Mas eu nunca cheguei tão alto antes. É glorioso! Este mundo de neve silenciosa e luar... e *you*. Você é uma filha da neve, eu juro. Deixe-me chegar... mais perto... para ver seu rosto... e tocar sua mão.

A risada dela respondeu.

— Vamos! Um pouco mais alto. Aqui estamos muito sozinhos.

— É magnífico — observou ele. — Mas por que você se escondeu durante tanto tempo? Eu procurei por você em vão desde que patinamos... — Ele ia dizer “dez dias atrás”, mas sua memória precisa do tempo havia sumido; ele não tinha certeza se eram dias, anos ou minutos. Seus pensamentos terrestres estavam dispersos e confusos.

— Você me procurou nos lugares errados — ele a ouviu murmurar logo acima dele. — Você procurou em lugares onde eu nunca vou. Hotéis e casas me matam. Eu os evito. — Ela riu... uma risadinha fina, estridente e ventosa.

— Eu também os detesto...

Ele parou. A garota de repente estava bem perto. Um sopro de gelo passou por sua alma. Ela o havia tocado.

— Mas esse frio terrível! — disse ele, bruscamente. — Este frio congelante é demais para mim. O vento está aumentando; é um vento de gelo. Venha, vamos virar...!

Mas quando ele se lançou para frente com a intenção de tocá-la, ou ao menos para olhar, a garota havia avançado de novo. E algo na maneira como ela ficou ali, alguns metros adiante, e o encarou com tanta firmeza em silêncio, o fez estremecer. O luar estava atrás dela, mas, de algum jeito inexplicável, ele não conseguia focalizar a visão em seu rosto, embora

estivesse tão perto. O brilho de seus olhos ele captou, mas todo resto parecia branco e nevado como se ele olhasse através dela para o espaço...

O som do sino da igreja veio enfraquecido do vale abaixo e ele contou as batidas: cinco. Uma fraqueza repentina apoderou-se dele enquanto ouvia. Vinha bem do fundo, mortal, mas de alguma forma convidativa e difícil de resistir. Teve vontade de afundar na neve e deitar ali... Fazia cinco horas que subiam... Era, claro, o aviso de completo esgotamento.

Com muito esforço, ele lutou e venceu. Passou tão rápido quanto veio.

— Nós vamos voltar — disse ele, com uma decisão que mal podia sentir. — Vai amanhecer antes de chegarmos à vila novamente. Venha agora. É hora de voltar para casa.

A sensação de entusiasmo o havia abandonado por completo. Uma emoção semelhante ao medo o envolveu, congelante, Mas a resposta vinda em um sussurro transformou o medo em terror; um terror que o agarrou por completo e tornou-o fraco e sem resistência.

— Nossa casa é... *aqui!* — Uma explosão de risadas altas e selvagens, agudas e estridentes, acompanhou as palavras. Era como um vento assobiando. O vento *havia* aumentado e as nuvens cobriam a lua. — Um pouco mais alto... onde não podemos ouvir os sinos perversos — pediu ela e pela primeira vez, agarrou-o deliberadamente pela mão. Ela se moveu, de repente, estava perto de seu rosto. Ela o tocou mais uma vez.

E quando Hibbert tentou se virar para escapar, descobriu que o poder da neve – aquele outro poder que não estimula, mas amortece a vontade – despencava sobre ele. A fraqueza sufocante que chega aos homens exaustos, atraindo-os para o sono da morte em seu abraço suave e tenaz, embalando a vontade e conquistando todo o desejo pela vida – caia terrivelmente sobre ele. Seus pés estavam pesados e fixos. Ele não conseguia se virar ou mover.

A garota estava à sua frente, muito perto; ele sentiu o hálito frio em suas bochechas; o cabelo dela passou por seus olhos, cegando-o; e aquele vento glacial veio com ela. Ele viu sua brancura de perto; novamente, sua visão atravessava por ela em direção ao espaço, como se não tivesse rosto. Ela tinha os braços em volta de seu pescoço. Puxou-o suavemente para baixo até ficar de joelhos. Ele afundou, cedeu totalmente e obedeceu. Seu peso estava sobre ele, sufocante, delicioso. A neve ia até a cintura... Ela o beijou suavemente nos lábios, nos olhos, em todo o rosto. E então disse seu nome

com aquela voz de amor e admiração, a voz que tinha o timbre de duas outras – ambas levadas há muito tempo pela Morte – a voz de sua mãe e da mulher que ele amou.

Ele fez mais um esforço débil para resistir. Então, percebendo, mesmo enquanto lutava, que esse peso suave sobre seu coração era mais doce do que qualquer coisa que a vida poderia trazer, ele deixou seus músculos relaxarem e afundou-se no encantador esquecimento da neve que o cobria. Seus beijos invernais o fizeram dormir.

VII

Dizem que os homens que conhecem o sono da exaustão na neve, não encontram o despertar no lado de cá da morte... As horas passaram e a lua desceu abaixo da borda do mundo branco. Então, de repente, houve uma pequena queda em seu peito e pescoço e Hibbert acordou.

Ele lentamente virou os olhos perplexos e pesados para as montanhas desoladas, olhou atordoado ao seu redor, tentou se levantar. A princípio, seus músculos não agiram; uma dor entorpecente e latejante o dominou. Ele soltou um grito longo e fino por socorro e ouviu sua fraqueza ser engolida pelo vento. E então, entendeu vagamente por que seu corpo estava no limiar da temperatura, e não morto. Pois esse mesmo vento que levou seu grito havia construído um monte protetor de neve ao seu redor enquanto dormia. Corria ao lado dele como uma onda curva. Foi o rompimento de sua borda que causou a queda e a frieza da massa contra seu pescoço o acordou.

O amanhecer beijava o céu ao leste; raios pálidos de ouro iluminavam cada pico com esplendor; mas o gelo estava no ar e a neve seca e congelada dissipava-se como pó da superfície das encostas. Ele viu as pontas de seu esqui projetando-se logo abaixo dele. Então, lembrou-se. Hibbert teve apenas força o suficiente para perceber que, se conseguisse se levantar e ficar de pé, poderia descer com uma velocidade incrível em direção à floresta e ao vilarejo lá embaixo. O esqui o levaria, mas se ele falhasse e caísse...!

Como ele conseguiu, Hibbert nunca soube; esse medo da morte de alguma forma convocou todas as reservas de suas forças disponíveis. Ele se levantou devagar, equilibrou-se por um momento, então, tomando o ângulo de um imenso zigue-zague, começou a descer as terríveis encostas como a flecha de um arco. E automaticamente, os músculos esplêndidos do esquiador e atleta experiente o salvaram e guiaram, pois ele mal tinha consciência de controlar

velocidade ou direção. Como finas agulhas de aço, a neve ferroou seu rosto; cume após cume voou; os topos correram pelo céu; o vale ergueu-se com saltos para encontrá-lo. Ele mal sentiu o chão sob seus pés enquanto as enormes encostas e a distância derretiam diante da velocidade relampejante daquela descida da morte para a vida.

Ele o percorreu em zigue-zagues de seis quilômetros de extensão, e a curva em cada esquina quase acabou com ele, pois o esforço de se equilibrar sobrecarregou à beira do colapso os resquícios de sua força.

Encostas que levam horas para subir podem ser descendidas em uma rápida meia hora de esqui, mas Hibbert havia perdido a noção do tempo. Muitos outros pensamentos e sentimentos o dominavam naquela queda que se assemelhava ao voo de um pássaro, vertiginoso e selvagem. Pois sempre próximo de seus calcanhares, seguiam formas e vozes rodopiando com a poeira da neve. Ele ouviu aquela vozinha prateada de risos e morte em suas costas. Estridente e perversa, com o assobio do vento passando por seus ouvidos, ele captou seus tons de perseguição; mas ela tinha raiva agora, não era mais suave e persuasiva. E estava acompanhada; não seguia sozinha. Parecia que uma série dessas figuras voadoras da neve seguiam enlouquecidas logo atrás dele. Ele as sentiu açoitar furiosamente seu pescoço e bochechas, agarrar suas mãos e tentar emaranhar seus pés e esquis. Cegaram seus olhos e tiraram seu fôlego.

O pavor das alturas, da neve e da desolação do inverno, o impulsionaram a avançar na corrida mais louca com a morte que um ser humano já conheceu; e tão incrível foi a velocidade que, antes do ouro e o carmesim deixarem os cumes para tocar os lábios cristalizados das geleiras inferiores, ele viu a floresta amigável lá embaixo se elevar e dar-lhe as boas-vindas.

E então, ele captou uma luz, movendo-se lentamente ao longo da margem da floresta. Era carregada por um homem. Uma procissão de figuras humanas passava em uma linha escura pela neve. E ele ouviu o som de cânticos.

Instintivamente, sem hesitar um segundo, Hibbert mudou seu curso. Não mais descendo em um ângulo como antes, ele apontou seu esqui direto para a encosta da montanha. A inclinação pavorosa não o assustou. Ele sabia muito bem que significava uma queda violenta, mas também sabia que resultaria no dobro de sua velocidade; com segurança no final. Pois, embora nenhum pensamento definido passasse por sua mente, ele entendeu que era o padre da

aldeia quem carregava aquela lanterninha reluzente ao amanhecer e que o homem levava a Hóstia para um chalé nas encostas mais baixas, para algum camponês à beira da morte. Ele se lembrou da aversão que ela sentia à igreja e aos sinos. Ela temia os símbolos sagrados.

Houve um último grito selvagem em seus ouvidos quando ele pegou impulso, um guincho do vento diante de seu rosto, e uma ferroadada de neve contra as pálpebras fechadas... e então ele caiu através do espaço vazio. A velocidade tirou sua visão. Ele parecia ter voado da superfície do mundo.

Ele se lembra indistintamente do murmúrio de vozes masculinas, o toque de braços fortes que o ergueram e a dor aguda quando desamarraram o esqui do tornozelo torcido... pois, ao abrir os olhos para a vida normal outra vez, Hibbert se viu deitado em sua cama no quarto da agência de correios, com o médico ao seu lado, mas a história do “louco Hibbert” esquiando à noite foi contada por anos naquela vila nas montanhas. Ele subiu, ao que parece, no topo da encosta, a uma altura que nenhum homem em seus plenos sentidos jamais havia tentado antes. Os turistas ficaram espantados pelo resto da temporada e no mesmo dia, dois dos homens mais ousados foram até o terreno e fotografaram a encosta. Mais tarde, Hibbert viu essas fotos. Ele notou uma coisa curiosa sobre elas, embora não tenha mencionado a ninguém:

Havia uma única trilha.

⁴⁵ Estes primeiros parágrafos de *O encanto da neve* são muito autobiográficos, não particularmente pela ambientação, apesar de Blackwood ter vivido na Suíça por alguns anos e também passado diversos invernos esquiando nos Alpes, mas aqui ele divide com o leitor sua grande preferência pela natureza. Talvez, como Hibbert, Blackwood realmente se sentisse preso em três mundos, o de seus amigos aristocratas, com os quais passava muito de seu tempo, seu mundo particular de escritor, onde não tinha tantos meios, e o mundo que sempre o chamava, e ao qual ele preferia sobre todos os outros, o mundo da Natureza.

⁴⁶ “Um cavalheiro que vai esquiar a essa hora! Deve ser inglês, então!”

LUZES PRIMITIVAS

Título original: “Ancient Lights”.

Publicado em 1912 no periódico “The Eye Witness”.

De Southwater, onde ele saiu do trem, a estrada conduzia para oeste. Isso ele sabia; quanto ao resto, confiou na sorte, pois era um daqueles caminhantes natos que não gostava de perguntar o caminho. Ele tinha aquele instinto e, como regra, servia-lhe bem. “Mais ou menos um quilômetro e meio para oeste, ao longo da estrada de areia, até chegar na escada da cerca, à direita; em seguida, através dos campos. Você verá a casa vermelha bem a sua frente”. Ele olhou para as instruções do cartão-postal mais uma vez e, mais uma vez, tentou decifrar a frase riscada – sem sucesso. Tinha sido tão elaboradamente coberta de tinta que nenhuma palavra era legível. Frases ocultas em uma carta eram sempre atraentes. Ele se perguntou o que tinha que ser excluído com tanto cuidado.

A tarde havia sido turbulenta, com um vento forte e estridente que soprava do mar, através do bosque de Sussex. Enormes nuvens com bordas arredondadas e aveludadas, navegavam pelas frestas de céu azul. Ao longe, a linha de Downs⁴⁷ varria o horizonte, como uma onda chegando. O Chanctonbury Ring⁴⁸ cavalgava no topo; um navio veloz, com o casco abaixado diante do vento. Ele tirou o chapéu e andou rapidamente, puxando grandes lufadas de ar com satisfação e entusiasmo. A estrada estava deserta; sem cavaleiros, bicicletas ou motores; nem mesmo o carrinho de um comerciante; ninguém mais caminhando. Mas de qualquer maneira ele nunca teria perguntado a direção. Mantendo um olho atento para a escada que o levaria para o outro lado da cerca, ele seguiu em frente, enquanto o vento jogava sua capa contra seu rosto, e fazia ondas nas poças azuis em meio à estrada amarela. As árvores mostravam a parte inferior de suas folhas, em tons de branco. As grandes samambaias e a grama alta dobraram-se completamente para um lado só. O dia estava cheio de vida, animação e dança por toda parte. E para o escrivão de um agrimensor de Croydon, recém-saído do escritório, isso era como um feriado na praia.

Era um dia para grandes aventuras, e seu coração se elevou para encontrar o estado de espírito da Natureza. Seu guarda-chuva com acabamento de prata

poderia ser uma espada, e seus sapatos marrons poderiam ser botas de cano alto com esporas nos calcanhares. Onde se escondia o castelo encantado e a princesa com os cabelos dourados como o sol? Seu cavalo...

A escada apareceu de repente, e cortou a aventura pela raiz. As roupas do dia a dia o tornaram prisioneiro mais uma vez. Ele era o escrivão de um agrimensor, de meia-idade, ganhando três libras por semana, vindo de Croydon para avaliar as mudanças que um cliente queria fazer em um bosque; algo para melhorar a vista da janela da sala de jantar. Do outro lado do campo, talvez a um quilômetro e meio de distância, ele viu a casa vermelha reluzindo ao sol; e descansando por um momento na escada para recuperar o fôlego, notou um bosque de carvalho e carpino à direita.

— Aha — disse a si mesmo — então essa deve ser a mata que ele quer derrubar para melhorar a vista? Vou dar uma olhada. — Havia tábuas bloqueando a entrada, claro, mas também um pequeno caminho convidativo. — Não sou um invasor — disse ele — isso faz parte do meu trabalho.

Passou desajeitadamente por cima do portão e entrou no bosque. Uma simples curva o traria ao campo novamente.

Mas no momento em que ele se viu entre as árvores, o vento parou com a gritaria e o silêncio despencou sobre o mundo. Tão densa era a mata, que a luz do sol só penetrava em trechos isolados. O ar se fechava em volta dele. Enxugou a testa com um lenço, e colocou o chapéu de feltro verde, mas um galho baixo o derrubou e, quando se inclinou para pegá-lo, um graveto elástico balançou para trás e acertou seu rosto. Havia flores em ambas as margens do pequeno caminho; clareiras abertas nos dois lados; samambaias curvando-se nos cantos mais úmidos, e o cheiro de terra e folhagem era rico e doce. Era mais fresco aqui. “Que bosquezinho encantador”, pensou ele, virando em uma pequena clareira verde, onde o sol cintilava como asas de prata. Como dançava, tremulava e se movimentava! Ele colocou uma flor azul escura na casa de um dos botões de seu paletó. Mais uma vez, seu chapéu, pego por um galho de carvalho quando ele se levantou, foi arrancado de sua cabeça, caindo bem na sua frente. E desta vez ele não o colocou de novo. Balançando seu guarda-chuva, continuou andando com a cabeça descoberta, assobiando bem alto enquanto caminhava. Mas a espessura das árvores dificilmente encorajava o assobio, e algo de sua alegria e bom humor

pareceu deixá-lo. De um momento para o outro, ele se viu caminhando com prudência e cautela. A quietude no bosque era tão estranha.

Houve um farfalhar entre as samambaias e folhas e algo disparou pelo caminho dez metros à frente, parou de repente por um instante com a cabeça inclinada para o lado para ver, então mergulhou mais uma vez na vegetação rasteira com a velocidade de uma sombra. Ele estremeceu como uma criança assustada, rindo no instante seguinte que um mero faisão o fez pular. À distância, ele ouviu rodas na estrada e se perguntou por que o som era agradável.

— A boa e velha carroça de açougueiro — disse a si mesmo. Então percebeu que, de algum jeito ele havia se desviado, pois ia na direção errada. A estrada deveria estar atrás dele, não na frente.

E apressado, seguiu por outra clareira estreita se perdendo em meio a vegetação, à direita.

— É para esse lado que devo ir, é claro — disse ele. — As árvores devem ter me confundido um pouco.

Então, se viu de repente perto do portão que havia escalado antes. Ele tinha apenas feito um círculo. A surpresa tornou-se quase desconforto. E um homem, vestido como um guarda florestal em verde-musgo, se apoiou no portão, batendo nas pernas com um longo graveto.

— Estou indo para a fazenda do sr. Lumley — explicou o escrivão. — Este é o seu bosque, eu creio... — Então parou no meio da frase, porque não tinha homem nenhum ali, apenas um efeito de luz, sombra, e folhagem.

Ele deu um passo para trás para reconstruir a ilusão curiosa, mas o vento estava muito forte aqui, na entrada do bosque, e a folhagem se recusou a reconstruir a figura. As folhas todas se agitavam de um jeito estranho. E naquele momento o sol se escondeu atrás de uma nuvem, fazendo com que todo o bosque parecesse diferente. Mas como a mente poderia ser duplamente enganada assim, era realmente notável, pois o homem quase pareceu ter respondido, falado – ou foi o farfalhar dos galhos? – e apontado com o graveto para o aviso na árvore mais próxima. As palavras ecoaram em sua cabeça, mas ele as havia imaginado, é claro: “Não, não é o bosque dele. É nosso.” E algum engraçadinho da vila, além disso, havia mudado as letras da placa castigada pelo tempo, pois lia-se nitidamente: “Invasores serão perseguidos”.

E enquanto o escrivão abismado lia as palavras e dava uma pequena risada, ele disse a si mesmo, pensando em que história teria para contar à esposa e aos filhos mais tarde:

— O bosque florido tentou me expulsar. Mas vou entrar novamente. Ora, é apenas questão de um acre quadrado, no máximo. Se continuar em frente, devo logo alcançar o campo do outro lado. — Ele se lembrou de seu cargo no escritório. Tinha uma certa dignidade a manter.

A nuvem que bloqueava o sol passou, e a luz caiu de repente em todo tipo de lugar improvável. O homem seguiu em frente. Ele sentia o toque de uma confusão intrigante em algum lugar; esta maneira com que o bosque mudava da luz do sol para as sombras, sem dúvida, perturbava um pouco a visão. Para seu alívio, finalmente, uma nova clareira abriu por entre as árvores, e revelou o campo, com um vislumbre da casa vermelha ao longe, na extremidade oposta. Mas um pequeno portão de madeira que ficava no meio do caminho teve de ser escalado, e enquanto ele cambaleava por cima – pois não abria – teve a sensação surpreendente de que escorregava para o lado, em direção ao bosque. Como as escadas rolantes da Harrod's⁴⁹ e Earl's Court⁵⁰, a grade começou a deslizar com ele. Foi horrível. Ele fez um esforço violento para descer antes que o carregasse para as árvores, mas seus pés ficaram presos nas barras e no guarda-chuva, de modo que ele caiu com um baque do outro lado, os braços estendidos na grama e urtigas, as botas presas entre a primeira e segunda barras. Ele permaneceu deitado um instante, como um homem crucificado de cabeça para baixo, e enquanto lutava para se soltar – pés, barras, e guarda-chuva formavam uma completa rede – viu o homenzinho de verde musgo passar por ele com a rapidez de um relâmpago. O homem ria. Cruzou a clareira a cerca de cinquenta metros de distância e não estava sozinho desta vez. Estava junto de um companheiro igual a ele. O escrivão, agora de pé novamente, os observou desaparecer na escuridão verde adiante.

— Eles são vagabundos, não guardas florestais— disse para si mesmo, meio envergonhado, meio zangado. Mas seu coração batia em disparada, e ele não ousou colocar em palavras todos os seus pensamentos.

Ele examinou o portão, convencido de que era um portão falso, para pregar peças – depois seguiu com pressa mais uma vez, perturbado além da conta ao ver que a clareira não abria mais para os campos, mas curvava-se para a direita. O que diabos aconteceu com ele? Sua visão estava tão enganada.

Mais uma vez, o sol ardeu de repente e iluminou o chão do bosque com poças de prata, e no mesmo momento, uma violenta rajada de vento passou gritando por cima. Gotas caíram em uma algazarra sobre as folhas, fazendo um ruído agudo como o som de muitos passos. Todo o bosque estremeceu e começou a se mover.

“Chuva, por Deus!”, pensou o escrivão, e procurando por seu guarda-chuva, descobriu que o havia perdido. Ele voltou para o portão e o encontrou caído do outro lado. Para seu espanto, viu o campo no final da clareira, a casa vermelha também, iluminada pelo pôr do sol. Ele riu então, pois, é claro, em sua luta com o portão, ele havia de alguma forma, se virado; caiu para trás em vez de para a frente. Passando por cima, desta vez com bastante facilidade, ele refez seus passos. O acabamento de prata, ele viu, tinha sido arrancado do guarda-chuva. Sem dúvida, seu pé, um prego ou algo assim, havia ficado preso e o arrancou. O escrivão começou a correr; ele se sentia extremamente apreensivo.

Mas, enquanto ele corria, todo o bosque corria com ele, ao redor dele, de um lado para outro, as árvores se moviam como coisas vivas, folhas dobrando e desdobrando, troncos disparando para frente e para trás, galhos revelando enormes espaços vazios, em seguida, fechando-se novamente antes que pudesse olhar para eles. Ele ouvia passos por toda parte, vozes rindo, gritando, e multidões de vultos se reunindo bem nas suas costas, até a clareira, ele soube, ficar lotada de vida em movimento. O vento em seus ouvidos, é claro, produzia as vozes e as risadas, enquanto o sol e as nuvens, mergulhando o bosque alternadamente em sombras e em uma ofuscante luz resplandecente, criavam os vultos. Mas ele não gostou, e continuou correndo o mais rápido que suas pernas robustas conseguiam levá-lo. Ele estava assustado agora. Esta não era uma história para contar a sua esposa e filhos. Ele correu como o vento. Mas seus pés não faziam nenhum som na grama macia e repleta de musgo.

Então, para seu horror, ele viu que a clareira estreitou-se, urtigas e ervas daninhas se espalharam por ela, diminuiu em um caminho minúsculo e, terminava vinte metros à frente e se dissolvia entre as árvores. O que o portão falso não alcançou, esta clareira deturpada conseguiu com facilidade; fisicamente o carregou para entre as árvores densas e apinhadas.

Só havia uma coisa a fazer: virar com tudo e correr de volta, correr de cabeça em direção aos vultos que o seguiam, seguiam tão de perto que agora quase o tocavam, empurrando-o para dentro. E com uma coragem irresponsável, foi o que fez. Parecia algo medonho de se fazer. Ele se virou com uma espécie de salto violento, cabeça baixa e ombros para frente, as mãos esticadas diante do rosto, e deu o mergulho; como uma criatura sendo caçada, ele avançou a toda velocidade na direção oposta, encontrando o vento agora em seu rosto.

Bom Deus! A clareira atrás dele também havia se fechado; não existia mais caminho algum. Girando e girando, como um animal encurralado, ele procurou por uma brecha, uma maneira de escapar, procurou freneticamente, sem fôlego, aterrorizado agora até seus ossos. Mas a folhagem o rodeava, os galhos bloqueavam o caminho; as árvores estavam próximas e quietas, nenhum sopro de vento as movia; e naquele momento, o sol afundou atrás de uma grande nuvem negra. O bosque todo escureceu e se calou. Eles o observavam.

Talvez tenha sido esse toque final de escuridão repentina que o fez agir de forma tão estúpida, como se realmente tivesse perdido a cabeça. De qualquer forma, sem parar para pensar, ele se lançou em meio às árvores outra vez. Teve a sensação sufocante de estar cercado e preso, e que precisava fugir a todo custo – para fora e para longe, para o campo e o ar abençoados. Ele agiu desse jeito imprudente e, ao que parece, deu de cara com um carvalho que tinha se movido em seu caminho para detê-lo. Ele o viu se deslocar por um bom metro e, como era um homem de medição, acostumado com teodolito⁵¹ e corrente⁵², sabia com certeza. Ele caiu, viu estrelas e sentiu mil dedinhos esticando e puxando suas mãos, pescoço e tornozelos. As urtigas, sem dúvida, eram as responsáveis por isso. Ele pensou nessa explicação mais tarde. No momento, parecia diabolicamente calculado.

Mas outra ilusão notável não poderia ser explicada com tanta facilidade. Por um momento, parecia que o bosque inteiro passou deslizando por ele com um denso e profundo farfalhar de folhas e risos, uma miríade de passos, e mínimas figurinhas ativas e enérgicas; dois homens em verde-musgo o carregaram – e ele abriu os olhos e se viu deitado na campina ao lado da escada, onde sua incrível aventura havia começado. O bosque estava em seu lugar de costume e o encarava sob a luz do sol. Lá estava a casa vermelha ao

longe, como antes. Acima dele, sorria a placa castigada pelo tempo: “Invasores serão processados”.

Desgrenhado de mente e corpo, e muito abalado em sua alma burocrata, o escrivão caminhou lentamente pelos campos. Mas, no caminho, olhou mais uma vez para o cartão-postal com as instruções e viu em um espanto abobalhado, que a frase rasurada era, afinal, bem legível por baixo dos riscos feitos: “Há um atalho pelo bosque – no bosque que quero cortar – se você quiser.” Apenas “quiser” estava tão mal escrito que parecia mais com outra palavra; “ousar”.

— Esse é o bosque que estraga minha vista dos Downs, você vê... — seu cliente explicou mais tarde, apontando para o campo e referindo-se a mesma área no mapa ao lado dele. — Eu quero cortar e fazer um caminho aqui e ali. — Seu dedo indicou a direção no mapa. — O Bosque das Fadas... ainda é chamado e é muito mais antigo do que esta casa. Vamos lá agora, se você estiver pronto, sr. Thomas, podemos sair e dar uma olhada nele.

⁴⁷ Downs são uma série de colinas de calcário branco que ficam no sul da Inglaterra. Em junho de 1912, Blackwood visitou a família de Hilaire Belloc em sua casa nos Downs. Os Bellocs eram admiradores do trabalho de Blackwood, e Hilarie havia feito uma crítica de *A casa vazia* que muito ajudou o autor no começo de sua carreira. A propriedade era cercada por bosques, e talvez essa tenha sido a inspiração por trás de *Luzes primitivas*. Em uma carta para a sra. Belloc, Blackwood diz: “*ainda vejo em minha mente sua encantadora casinha e os bosques com a longa curva dos Downs os envolvendo*”. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019), p. 243.

⁴⁸ Forte pré-histórico no topo de Chanctonbury Hill.

⁴⁹ A loja de departamentos Harrod’s foi a primeira a ter escadas rolantes em Londres, em 1898.

⁵⁰ Embora não especificado no texto, muito provavelmente o autor se refere às escadas rolantes da Estação Earl’s Court, inauguradas em 1911.

⁵¹ Instrumento usado para medir ângulos verticais e horizontais.

⁵² Corrente de agrimensur é uma unidade de comprimento utilizada para medir terrenos.

A OUTRA ALA

Título original: “The other Wing”.

Publicado em 1915 na revista “McBride’s”.

Costumava intrigá-lo que, depois do anoitecer, alguém espiava da porta para dentro do quarto e recuava de novo, rápido demais para ele ver o rosto. Acontecia quando a babá tinha ido embora com a vela.

— Boa noite, mestre Tim — ela dizia, cobrindo a chama com uma mão para não machucar seus olhos. — Sonhe comigo e eu sonharei com você.

Ela saía devagar. A sombra da porta corria em um ângulo agudo pelo teto como um trem. Então ouvia-se uma conversa sussurrada no corredor do lado de fora, sobre ele, é claro, e — ele ficava sozinho. O menino ouvia os passos indo cada vez mais fundo no seio da velha mansão; eram audíveis por um momento no piso de pedra do corredor; e às vezes, o baque surdo da porta de baeta⁵³, para a área dos empregados, também o alcançava... depois silêncio. Mas era só quando o último som, assim como o último sinal da babá, havia desaparecido, que o rosto emergia de seu esconderijo e aparecia para ele, no canto da porta. Vinha sempre também, quando ele dizia:

— Agora vou dormir. Eu não vou pensar mais. Boa noite, mestre Tim, e bons sonhos — ele adorava dizer a si mesmo; trazia uma sensação de companhia, como se houvesse duas pessoas falando.

O quarto ficava no topo da velha casa, um grande quarto de pé-direito alto, e sua cama, contra a parede, tinha uma grade de ferro ao redor; ele se sentia muito seguro e protegido nela. As cortinas do outro lado ficavam fechadas. Ele observava a luz da lareira dançando nas pesadas dobras e a estampa, de um *spaniel* perseguindo um pássaro de cauda longa em direção a uma árvore, o interessava e o divertia. Repetia-se inúmeras vezes. Ele contava o número de cães, o número de pássaros e o número de árvores, mas nunca conseguia fazê-los combinar. Havia uma estratégia em algum lugar naquela estampa; se ele pudesse descobri-la, os cães, pássaros e árvores “dariam certo”. Centenas e centenas de vezes ele havia jogado esse jogo, pois a estratégia na estampa tornava possível escolher um lado e os pássaros e os cães estavam contra ele. No entanto, eles sempre venciam; Tim normalmente adormecia quando a

vantagem estava do seu lado. As cortinas permaneciam imóveis na maior parte do tempo, mas ele tinha a impressão de que, uma ou duas vezes, se mexiam, escondendo um cachorro ou pássaro de propósito, para evitar sua vitória. Por exemplo, ele tinha onze pássaros e onze árvores e, fixando-os em sua mente, dizia:

— São onze pássaros e onze árvores, mas apenas dez cachorros...

Seus olhos se voltavam para encontrar o décimo primeiro cachorro, quando; a cortina se movia e confundia todos os seus cálculos novamente. O décimo primeiro cachorro estava escondido. Ele não gostava muito do movimento; dava-lhe sentimentos questionáveis, pois a cortina não se movia sozinha. No entanto, geralmente ele estava muito concentrado em contar os cães para sentir medo de verdade.

Do lado oposto a ele, ficava a lareira, cheia de brasas vermelhas e amarelas; e, deitado com a cabeça de lado no travesseiro, ele podia ver diretamente entre as barras. Quando as brasas assentavam, com um estouro suave e pulverulento, ele desviava os olhos das cortinas para a grelha, tentando descobrir exatamente quais pedaços tinham caído. Enquanto o brilho ainda estava ali, o som parecia muito agradável, mas, às vezes, ele acordava mais tarde na noite, o quarto parecia maior com a escuridão, o fogo quase apagado – e o som não era mais tão agradável. Assustava-o. Os carvões não caíam sozinhos. Parecia que alguém os cutucava com cuidado. As sombras se tornavam muito densas entre as barras. Por outro lado, como com as cortinas, o aspecto matinal do fogo extinto, as cinzas geladas que soltavam um tilintar como lata, não causavam qualquer emoção em sua alma.

E era, na maioria das vezes, enquanto ele esperava pelo sono, cansado tanto dos jogos da cortina quanto do das brasas, a ponto de dizer: “vou dormir agora”, que a coisa intrigante acontecia. Ele encarava com olhos quase fechados o fogo que se apagava, talvez contando as meias e roupas de flanela penduradas ao longo da grade alta da lareira quando, de repente, uma pessoa olhava com a velocidade de um relâmpago pela porta e sumia de novo antes que ele pudesse virar a cabeça para ver. Aparecia e desaparecia sempre com espantosa rapidez.

Era uma cabeça e ombros que olhavam para dentro e o movimento combinava a velocidade, a leveza e o silêncio de uma sombra. Só que não era uma sombra. Uma mão segurava o batente da porta. O rosto se virava, via-o e

retirava-se como um raio. Nada poderia ser mais veloz e esperto. Vinha em disparada. Ele não ouvia nenhum som. E ia embora, mas o tinha visto, o examinado por completo, notado o que ele fazia com aquela olhada de relâmpago. Queria saber se ele ainda estava acordado ou já dormia. E apesar de ir embora, ainda o observava à distância; esperava em algum lugar; sabia tudo sobre ele. *Onde* esperava, ninguém jamais poderia adivinhar. Vinha provavelmente, ele achava, de fora da casa, possivelmente do telhado, mas talvez do jardim ou do céu. No entanto, embora estranho, não era ruim. Era uma figura gentil e protetora, ele sentia. E quando acontecia, ele nunca chamava por ajuda, porque o acontecimento simplesmente tirava sua voz.

— Vem da Passagem do Pesadelo — ele decidiu. — Mas não é um pesadelo. — Isso o intrigava.

Além disso, às vezes, vinha mais de uma vez em uma só noite. Ele tinha certeza – não *tanta* certeza – que entrava em seu quarto assim que ele dormia de verdade. Ocupava o cômodo, talvez sentado diante do fogo que se extinguia, em pé atrás das cortinas pesadas ou mesmo deitado na cama vazia, que seu irmão usava quando estava em casa da escola. Talvez jogasse o jogo da cortina, talvez cutucasse as brasas; a figura sabia, de qualquer modo, onde o décimo primeiro cachorro se escondia. Certamente, entrava e saía; certamente, também, não queria ser vista. Pois, mais de uma vez, ao acordar de repente na escuridão da meia-noite, Tim soube que estava parada ao lado da cama e curvava-se sobre ele. Ele sentia, mais do que ouvia, sua presença. Deslizava silenciosamente para longe. Movia-se com uma suavidade espantosa, mas ele tinha certeza de que se movia. Ele sentia a diferença, por assim dizer. Estava perto dele, agora tinha sumido. Voltava também – bem quando ele estava caindo no sono de novo. Seu ir e vir da meia-noite, no entanto, era nitidamente diferente de sua primeira abordagem tímida e hesitante. Pois à luz do fogo vinha sozinho; ao passo que nas horas escuras e silenciosas, vinha junto de outros.

E foi então que Tim decidiu que seus movimentos rápidos e silenciosos eram devidos ao fato de ter asas. Voava. E os outros que vinham junto na escuridão eram “seus pequeninos”. Ele também decidiu que eram todos amigáveis, reconfortantes, protetores e que, embora certamente não um pesadelo, ainda assim, vinham pela Passagem do Pesadelo para alcançá-lo.

— Veja, é assim — explicou à baba. — O grandão vem me visitar sozinho, mas só traz os pequeninos quando estou *bem* adormecido.

— Então, quanto mais rápido você for dormir, melhor, não é, mestre Tim?

— Com certeza! — respondeu. — Eu sempre vou. Só me pergunto *de onde* eles vêm! — ele falava no entanto, como se tivesse um pressentimento.

Mas as ideias da babá sobre o assunto eram tão desinteressantes, que desistiu e tentou seu pai:

— É claro — respondeu este pai ocupado, mas afetuoso. — Ou não é ninguém, ou então é o Sono vindo para levá-lo à terra dos sonhos — ele fez a declaração de modo gentil, mas com pressa, pois estava preocupado com os impostos extras sobre suas terras, e o esforço para fixar sua mente no mundo fantasioso de Tim estava além do que podia naquele momento. Ele ergueu o menino sobre os joelhos, beijou-o, deu-lhe tapinhas como se fosse seu cachorro favorito e plantou-o no tapete novamente com um rodopio. — Corra e pergunte a sua mãe — acrescentou —, ela sabe sobre essas coisas. Então volte e me conte tudo... outra hora.

Tim encontrou sua mãe em uma poltrona na frente do fogo em outra sala. Ela tricotava e lia ao mesmo tempo, algo incrível que o menino nunca pôde entender. Ela ergueu a cabeça quando ele entrou, empurrou os óculos para a testa e estendeu os braços. Ele contou tudo a ela, terminando com o que seu pai havia dito.

— Veja bem, não são personagens dos livros, ou alguém assim — exclamou ele. — É alguém real.

— Mas alguém bom — assegurou ela. — Alguém que vem para cuidar de você e ter certeza que esteja bem e confortável.

— Ah, sim, eu sei disso. Mas...

— Acho que seu pai está certo — acrescentou ela, rapidamente. — É o Sono, tenho certeza, quem entra pela porta assim. O Sono *tem* asas, eu sempre ouvi dizer.

— Então, e a outra coisa... os pequenos? — perguntou. — Eles são apenas uma espécie de cochilos, você acha?

A mãe não respondeu por um momento. Ela fez uma orelha na página, fechou o livro com cuidado e colocou-o na mesinha ao lado dela. Mais

devagar ainda, guardou o tricô, arrumando a lâ e as agulhas, refletindo um pouco.

— Talvez... — disse ela puxando o menino para mais perto e encarando seus grandes olhos maravilhados — eles sejam sonhos!

Tim sentiu um arrepio percorrer seu corpo quando ela disse isso. Deu um passo para trás e bateu palmas levemente.

— Sonhos! — ele sussurrou com entusiasmo e convicção. — Claro! Eu nunca pensei nisso.

Sua mãe, ao provar sua perspicácia, cometeu um erro. Ela percebeu seu sucesso, mas em vez de deixá-lo como estava, elaborou e explicou. Como Tim disse, ela “continuou falando sobre o assunto”. Portanto, ele não deu ouvidos. Ele seguiu sua linha de pensamento sozinho. E, em seguida, interrompeu as longas frases da mãe com sua própria conclusão:

— Então eu sei onde Ela se esconde — anunciou ele, com um toque de admiração. — Onde Ela mora, quero dizer. — E sem esperar que a mãe lhe perguntasse, ele transmitiu a informação: — Na Outra Ala.

— Ah! — disse a mãe, surpresa. — Que inteligente da sua parte, Tim! — e assim confirmou.

Daí em diante, ficou estabelecido em sua vida que Sono e seus acompanhantes, Sonhos, se escondiam durante o dia naquela parte não utilizada da grande mansão elisabetana onde morava, chamada de Outra Ala. Esta outra ala estava desocupada, seus corredores não percorridos, suas janelas cerradas e seus quartos fechados. Em diversos lugares, portas verdes de baeta levavam até ela, mas ninguém nunca as abria. Por muitos anos, ficou fechada; e para as crianças, propriamente falando, estava fora dos limites. Eles nunca a mencionavam como um lugar possível, de qualquer jeito. No esconde-esconde, não era nem mesmo considerada; existia uma alusão do inacessível na Outra Ala. Sombras, poeira e silêncio a tinham toda para si.

Mas Tim, como tinha suas próprias ideias sobre tudo, possuía informações especiais sobre a Outra Ala. Ele acreditava que *era* habitada. Quem ocupava a imensa série de quartos vazios, quem trilhava os corredores espaçosos, quem passava de um lado para o outro por trás das venezianas, ele não sabia com certeza. Ele havia chamado esses ocupantes de “eles” e o mais importante entre eles era “a Soberana”. A Soberana da Outra Ala era uma espécie de divindade, poderosa, distante, sempre presente, mas nunca vista.

E sobre esta Soberana ele tinha uma concepção maravilhosa para um garotinho; ele a conectou, de alguma forma, com seus pensamentos profundos, os mais profundos de todos. Quando inventava aventuras à lua, às estrelas ou ao fundo do mar, aventuras que vivia dentro de si, por assim dizer – para alcançá-las, ele deveria invariavelmente passar pelas câmaras da Outra Ala. Aqueles corredores e salões, a Passagem do Pesadelo entre eles, ficavam ao longo da rota; eles eram a primeira etapa da jornada. Assim que as portas de baeta verde balançavam atrás dele e a longa passagem escura se estendia à frente, ele ia em direção a aventura do momento; uma vez que atravessasse a Passagem do Pesadelo, não poderia mais ser capturado; mas assim que as venezianas de uma janela fossem abertas, ele estava livre do mundo assombroso que ficava além. Pois então a luz entrava e ele podia ver o caminho.

A ideia, para uma criança, era curiosa. Estabelecia uma conexão entre as misteriosas câmaras da Outra Ala e as câmaras ocupadas, mas não conhecidas, de seu Eu Interior. Por essas câmaras, por esses corredores escuros, ao longo de uma passagem, às vezes, perigosa, ou, pelo menos, de reputação duvidosa, era necessário entrar para encontrar as aventuras de verdade. A luz – quando ele ia longe o suficiente para derrubar as venezianas – era a descoberta. Tim não pensou realmente, muito menos disse, tudo isso. No entanto, ele sabia, ele sentia. A Outra Ala estava dentro de si, assim como através das portas de baeta verde. Seu mapa interior de maravilhas incluía os dois.

Mas agora, pela primeira vez na vida, ele sabia quem morava lá e quem era a Soberana. Uma janela se abriu; a luz entrou; ele teve um palpite e sua mãe confirmou. Sono e seus Pequeninos, a tropa dos sonhos, eram os ocupantes durante o dia. Eles fugiam quando a escuridão caía. Todas as aventuras na vida começavam e terminavam por um sonho; primeiramente, descoberto ao passar pela Outra Ala.

II

E, com isso resolvido, seu único desejo agora era viajar pelo mapa em aventuras de exploração e descoberta. O mapa dentro de si ele já conhecia, mas o mapa da Outra Ala ele não tinha visto. Sua imaginação sabia, ele tinha uma nítida imagem mental dos quartos, salas e corredores, mas seus pés nunca haviam pisado no chão silencioso, onde poeira e sombras escondiam o

rebanho de sonhos durante o dia. Ele ansiava estar nas poderosas câmaras onde Sono governava, para ver a Soberana cara a cara. Ele decidiu entrar na Outra Ala.

Conseguir a façanha seria difícil; mas Tim era um jovem determinado e pretendia tentar; também pretendia ter sucesso. Ele deliberou. À noite, com certeza, não seria possível. Além do mais, a Soberana e seu pequeno exército saíam depois que escurecia, para voar ao redor do mundo; a ala estaria vazia e o vazio o assustaria. Portanto, deveria fazer uma visita durante o dia; e foi por uma visita durante o dia que decidiu. Ele refletiu mais. Havia regras e riscos envolvidos: significava sair dos limites, o perigo de ser visto, a certeza de ser questionado por algum adulto curioso, sem muito o que fazer: “Onde você esteve todo esse tempo?”, e assim por diante. Ele pensava nessas coisas com muito cuidado e, embora não chegasse a nenhuma solução, tinha certeza de que tudo daria certo. Quer dizer, ele reconhecia os riscos. Estar preparado era metade da batalha, pois assim nada o pegaria de surpresa.

A ideia de que poderia entrar pelo jardim foi logo abandonada; não havia meio de passar pelos tijolos vermelhos; não tinha porta. Do pátio, também, a entrada era impraticável; mesmo na ponta dos pés, ele mal conseguia alcançar os largos peitoris de pedra das janelas. Quando brincava sozinho ou passeava com a governanta francesa, ele examinava todas as possibilidades do lado de fora. Não havia nenhuma. As venezianas, supondo que as alcançasse, eram grossas e sólidas.

Enquanto isso, quando tinha oportunidade, encostava-se nas paredes do lado de fora e ouvia, sua orelha pressionada contra os tijolos vermelhos, as torres e arestas da Ala erguendo-se no alto. Ele ouvia o vento sussurrar ao longo dos beirais; imaginava, lá dentro, a movimentação de pequenos pés e o som de asas. Sono e seus Pequeninos estavam ocupados com os preparativos da jornada noturna; eles se escondiam, mas não dormiam. Nesta Ala não utilizada, maior do que qualquer outra mansão que ele já tinha visto, Sono ensinava e treinava seu rebanho plumado de Sonhos. Era maravilhoso. Eles provavelmente abasteciam todo o condado. Mas mais maravilhoso ainda era o pensamento de que a própria Soberana se daria ao trabalho de ir ao seu quarto e cuidar dele pessoalmente durante a noite toda. Isso era incrível. E passou por sua mente criativa e inquisitiva: “Talvez eles me levem junto! Enquanto estou dormindo! É por isso que ela vem me ver!”.

No entanto, sua principal preocupação era como Sono saia. Pelas portas de baeta verde, é claro! Por um processo de eliminação, ele chegou a uma conclusão: ele também deveria entrar por uma porta de baeta verde e arriscar ser pego.

Então, as visitas relâmpago cessaram. A figura silenciosa e veloz não aparecia e desaparecia como costumava fazer. Tim adormecia muito rápido agora, quase antes da babá chegar no corredor e muito antes do fogo começar a se apagar. Além disso, os cachorros e pássaros nas cortinas sempre combinavam exatamente com as árvores e ele vencía o jogo com muita facilidade; nunca tinha um cachorro ou um pássaro a mais; a cortina nunca se mexia. Era assim desde sua conversa com mamãe e papai. E então, ele fez uma segunda descoberta: seus pais não acreditavam de verdade que ela existia. Ela se afastou por causa disso. Eles duvidaram dela; ela se escondeu. Aqui estava outro incentivo para ir até a outra ala e encontrá-la. Ele se preocupava, ela era tão gentil, se dava tanto trabalho, isso apenas para visitá-lo naquele quarto grande e solitário. No entanto, seus pais falavam dela como se não tivesse importância. Ele queria vê-la, cara a cara, e dizer-lhe que *ele* acreditava nela e a amava. Ele tinha certeza de que ela gostaria de ouvir. Ela se importava. Embora ele dormisse rápido demais para vê-la passar pela porta, tinha sonhos mais agradáveis do que nunca, sonhos que o faziam viajar. E foi ela quem os enviou. Ele tinha certeza de que ela o levava para sair.

Uma noite, no crepúsculo de um dia de março, sua oportunidade apareceu; e bem a tempo, pois seu irmão Jack retornaria da escola no dia seguinte, e com Jack na outra cama, a Soberana não se revelaria. Na Páscoa, e depois dela, embora Tim não soubesse disso na época, ele finalmente se despediria das governantas e se tornaria um aluno em uma escola preparatória em Wellington. Além disso, a oportunidade se ofereceu com tanta naturalidade que Tim a aproveitou sem pestanejar. Nunca lhe ocorreu questionar, muito menos recusar. A coisa obviamente era para ser, pois ele se viu inesperadamente diante de uma porta de baeta verde; e a porta de baeta verde... balançava! Alguém, portanto, tinha acabado de passar por ela.

Aconteceu assim. Seu pai tinha ido para a Escócia, em Inglemuir, na casa de caça, e voltaria na manhã seguinte; sua mãe tinha ido à igreja para tratar de um assunto ou outro de Páscoa; e a governanta teve permissão para passar o

feriado em sua casa na França. Tim, portanto, tinha a casa para si e fazia bom uso do tempo entre o chá e a hora de dormir. Completamente apto a enfrentar obstáculos de segunda categoria como babás e mordomos, ele explorou todos os tipos de lugares proibidos com ardente meticulosidade e chegou por fim ao sagrado recinto do escritório de seu pai. Esta sala maravilhosa era o coração e o centro de toda a mansão; erguido em madeira de bétula há muito tempo. Aqui, também, seu pai havia lhe dito em um tom sério, mas com um rosto sorridente:

— Você tem uma nova companheira, Tim, uma irmã mais nova; você deve ser muito gentil com ela.

Além disso, era o lugar onde todo o dinheiro era guardado. E o que ele chamava de “cheiro alegre do papai” era forte ali; papéis, tabaco, livros, aromatizados por chicotes de caça e pólvora.

A princípio, ele se sentiu intimidado, parado ali na entrada do escritório; mas logo, recuperando o controle, moveu-se na ponta dos pés em direção à mesa gigantesca, onde papéis importantes se empilhavam em blocos desordenados. Ele não tocou neles; mas, bem ao lado, seu olhar rápido notou o pedaço irregular do cartucho de ferro que seu pai trouxe de sua campanha na Crimeia⁵⁴, e agora era usado como peso de papel. Era difícil levantá-lo. Ele subiu na cadeira confortável e rodou e rodou. Era uma cadeira giratória e ele afundou entre as almofadas, examinando as coisas estranhas na grande escrivaninha à sua frente, fascinado. Em seguida, virou-se e viu o porta bengalas no canto – isso, ele sabia, tinha permissão para tocar. Já tinha brincado com as bengalas antes. Eram vinte, talvez, ao todo, com curiosas alças entalhadas, trazidas de todos os cantos do mundo; muitas cortadas pelas mãos de seu pai em lugares exóticos e distantes. E, entre elas, Tim fixou os olhos em uma bengala com cabo de marfim. Uma bengala esguia e polida que ele sempre cobiçou muito. Era o tipo que queria usar quando se tornasse um homem. Ela se curvava, estremecia e, quando ele a sacudiu no ar, balançou como um chicote de montaria e fez o barulho de um assobio. Apesar de suas qualidades elásticas, no entanto, era muito forte. Um tesouro da família, também era uma relíquia antiga; tinha sido a bengala de seu bisavô. Ares de outro século ainda se agarravam a ela. Tinha o aspecto digno, gracioso e ousado. E, de repente, lhe ocorreu: “como o bisavô deve ter saudades! Ele adoraria tê-la de volta!”.

Como aconteceu exatamente, Tim não sabia, mas alguns minutos depois, ele se viu andando pelos corredores e passagens desertas da casa com o ar de um senhor idoso de cem anos atrás, orgulhoso como um cortesão, agitando a bengala como um dândi do século dezoito na avenida. O fato do bastão chegar até seu ombro não fez diferença; ele o segurava de acordo, andando com orgulho. Ele estava indo para uma aventura. Mergulhou pelos atalhos da Outra Ala dentro de si, como se o cajado o transportasse aos dias do velho senhor que a usara em outro século.

Pode parecer estranho para quem mora em casas menores, mas nessa mansão elisabetana havia seções inteiras que, mesmo para Tim, eram misteriosas e desconhecidas⁵⁵. Em sua mente, o mapa da Outra Ala era muito mais claro do que a geografia da casa que ele transitava diariamente. Ele entrou em passagens e salões mal iluminados, longos corredores de pedra, depois da galeria de quadros; conexões estreitas com paredes de lambril, com quatro degraus para baixo e um pouco depois, dois degraus acima; câmaras vazias protegidas por entradas em arco – todas pairavam no suave crepúsculo de março, todas surpreendentemente desconhecidas. Com uma sensação de aventura nascida da travessura, ele seguiu em frente sem muito cuidado, cada vez mais fundo no coração deste país inexplorado, balançando a bengala, um polegar enfiado na axila de seu terno de sarja azul, assobiando baixinho para si mesmo, animado, mas em completo estado de alerta – e de repente, viu-se diante de uma porta que impedia o avanço. Era uma porta de baeta verde. E estava balançando.

Ele parou de frente a ela. Encarou, agarrou a bengala com mais força e prendeu a respiração.

— A Outra Ala! — arfou em um sussurro engolido.

Era uma entrada, mas uma entrada que ele nunca viu antes. Ele achava que sabia cada porta de cor; mas esta era nova. Ele ficou parado por vários minutos, observando. A porta tinha duas partes, mas apenas uma se movia, cada balanço mais curto do que o anterior; ele ouviu as pequenas lufadas de ar que fazia; finalmente cessou, os últimos movimentos muito curtos e rápidos; e então parou. E o coração do menino, depois de golpes rápidos semelhantes, também parou por um momento.

— Alguém acabou de passar. — Ele engoliu. E mesmo enquanto pronunciava as palavras, sabia quem era esse “alguém”. Tinha completa

certeza. — É o bisavô; ele sabe que eu tenho sua bengala. Ele a quer de volta! — Logo depois, surgiu outra certeza surpreendente. — Ele dorme lá. Está sonhando. Esse é o significado de estar morto.

Seu primeiro impulso, então, assumiu a forma de: “Tenho que contar para o papai; ele vai explodir de alegria”; mas o segundo foi para si, para terminar sua aventura. E foi esta deliberação, naturalmente, que ganhou. Ele poderia contar ao pai mais tarde. Seu primeiro dever era apenas passar pela porta, para a Outra Ala. Ele deveria levar a bengala de volta ao seu dono. Devolver na sua mão.

O teste de determinação e caráter veio agora. Tim tinha imaginação e, portanto, sabia o significado do medo, mas não era nenhum covarde. Ele podia uivar, gritar e bater o pé como qualquer outra pessoa de sua idade quando a ocasião exigia, mas tal comportamento era devido a indignação de uma vontade contrariada e a teatralidade era meio “fingida” para produzir um efeito calculado. Não havia ninguém para frustrar sua vontade no momento. Ele também sabia como era ter medo de nada em particular, ou seja, ter medo sem causa aparente; o que era apenas “nervos”. E poderia ter “tremedeira” nos mais fortes deles.

Mas, quando uma coisa de verdade o ameaçava, a personalidade de Tim surgia para enfrentá-la. Ele cerrava as mãos, fortalecia os músculos, juntava os dentes e desejava aos céus que fosse maior, mas ele não vacilava. Como tinha uma imaginação fértil, vivia o pior uma dúzia de vezes antes de acontecer, mas, na batalha final, se erguia como um homem. Ele tinha essa coragem mais elevada – a coragem de um temperamento sensível. E neste momento em particular, um tanto delicado para um menino de oito ou nove anos, não falhou. Ele ergueu a bengala e abriu a porta de vaivém. Então atravessou para a Outra Ala.

III

A porta de baeta verde balançava atrás dele; Tim ainda foi senhor de si o suficiente para se virar e fechá-la com uma mão firme, porque não queria ouvir a série de baques abafados que seus golpes cada vez menores causariam. Mas ele percebeu claramente sua posição, sabia que fazia algo de extrema coragem.

Segurando a bengala com força entre os dedos, ele avançou pelo corredor, esticando-se diante dele, com grande bravura. E todo o medo o deixou a

partir de então, substituído, ao que parecia, por uma leve e extraordinária surpresa. Seus passos não faziam barulho, ele caminhava no ar. Em vez de escuridão, ou o crepúsculo que ele esperava, uma luz difusa e gentil – que parecia o tom de prata do gramado, quando a meia-lua navega em um céu sem nuvens – estava por toda parte. Além disso, ele conhecia o caminho, sabia exatamente onde estava e para onde ia. O corredor era tão familiar quanto o chão de seu quarto; ele reconhecia a forma e o comprimento; estava de completo acordo com o mapa construído em sua mente havia muito tempo. Embora nunca tivesse, até onde sabia, entrado antes, conhecia intimamente todos os seus detalhes.

E assim a surpresa que sentiu foi branda e longe de ser desconcertante. “Estou aqui de novo!”, foi o tipo de pensamento que teve. Na verdade, foi *como* ele chegou ali que causou a leve surpresa. Ele não caminhava mais cheio de pompa, mas com cuidado, meio na ponta dos pés, segurando o cabo de marfim da bengala com um tipo de respeito carinhoso. E conforme avançava, a luz se fechou suavemente atrás dele, obliterando o caminho por onde ele tinha vindo, mas disso ele não sabia, porque não olhou para trás. Apenas foi em frente, para onde o corredor se estendia por sua amplitude prateada em direção à grande câmara, onde ele sabia que a bengala deveria ser entregue. A pessoa que o havia precedido por este corredor antigo, passando pela porta de baeta verde pouco antes dele, esta pessoa, o avô de seu pai, agora estava naquela grande câmara, esperando para recebê-la. Tim sabia com tanta certeza quanto sabia que respirava. Na outra extremidade, até mesmo pôde ver uma porção maior de luz prateada, que marcava a porta aberta.

Havia outra coisa que ele também sabia; que esse corredor, em meio aos quartos de portas fechadas, era o Corredor do Pesadelo; muitas e muitas vezes Tim havia passado por ele; e cada quarto estava ocupado.

— Esta é a Passagem do Pesadelo — ele sussurrou para si mesmo —, mas não tem importância porque eu conheço a Soberana. Nenhum deles pode sair ou fazer qualquer coisa.

Ainda assim, podia ouvi-los lá dentro, ouvia-os arranhando para escapar. A sensação de segurança o tornou imprudente; ele correu riscos desnecessários; tocou os painéis com a ponta dos dedos ao passar. E a afeição por fortes

emoções por si só, o desejo de sentir “um medo terrível”, tanto o tentou, que ele ergueu sua bengala e bateu em uma das portas fechadas com ela.

Ele não estava preparado para o resultado, mas ganhou a emoção forte e o medo terrível, pois a porta se abriu um centímetro com instantânea rapidez, uma mão surgiu, agarrou a bengala e tentou puxá-la para dentro. Tim deu um salto para trás como se tivesse sido atingido. Ele puxou a alça de marfim com toda a sua força, mas sua força era menos do que nada. Tentou gritar, mas sua voz havia sumido. Um terror imensurável apoderou-se dele, pois não conseguia soltar o cabo; seus dedos haviam se tornado parte dele. Uma espantosa fraqueza o deixou indefeso. Ele foi arrastado centímetro a centímetro em direção à porta assustadora. A ponta da bengala já havia passado pela fenda estreita. Ele não conseguia ver a mão que puxava, mas sabia que era bestial. Ele entendia agora o porquê o mundo era estranho, porquê os cavalos galopavam com tanta fúria e porquê os trens apitavam enquanto passavam pelas estações. Toda a comédia e terror do pesadelo agarraram seu coração com pinças feitas de gelo. A desproporção era abominável. A destruição final veio quando, de repente, a porta se fechou sem nenhum som e entre o batente e a parede, o bastão foi esmagado como se fosse junco. A força por trás da porta era tão irresistível que a bengala sólida achatou-se como uma haste de junco.

Ele olhou para ela. *Era junco.*

Ele não riu; o contrassenso era tão perturbador e bizarro... O horror de encontrar um junco onde esperava uma bengala polida... esse detalhe hediondo e apavorante tinha o horror sem nome do pesadelo. Deixou-o estupefato. Por que ele não soube o tempo todo que a bengala não era uma bengala, mas uma palheta fina e oca...?

Então, a bengala estava segura em sua mão, intacta. Ele a encarou. O Pesadelo estava a todo vapor. Ele ouviu outra porta abrir atrás de si, uma porta que ele não tinha tocado. Houve apenas tempo para ver uma mão se movendo e acenando apavoradamente, terrivelmente, para ele através da fenda estreita – apenas tempo para perceber que este era outro Pesadelo agindo em um conjunto atroz com o primeiro, quando ele viu, bem ao seu lado, elevando-se até o teto, a figura protetora e gentil que visitava seu quarto. Ao se virar para enfrentar o ataque, ele se deu conta dela. E seu terror

passou. Foi apenas um terror de pesadelo. O horror infinito desapareceu. Ficou apenas a comédia. Ele sorriu.

Ela era tão grande, e mesmo com a visão um pouco turva, ele a viu, a Soberana da Outra Ala, afinal, e soube que estava seguro outra vez. Ele a encarou com enorme amor e admiração, tentando vê-la claramente; mas seu rosto estava escondido no alto e parecia se dissolver no céu, além do telhado. Ele percebeu que ela era maior do que a Noite, apenas muito, muito mais suave, com asas que se dobravam acima dele com mais ternura até do que os braços de sua mãe; que havia pontos de luz como estrelas entre as plumas, e que ela era imensa o suficiente para cobrir milhões e milhões de pessoas de uma vez. Além disso, ela não desapareceu ou foi embora, pelo que podia ver, mas espalhou-se de um jeito que ele a perdeu de vista. Ela se espalhou por toda a Ala⁵⁶...

E Tim se lembrou de que tudo isso era muito natural, na verdade. Ele viera muitas vezes nesse corredor antes; o Corredor do Pesadelo não era uma experiência nova; deveria encará-lo como sempre. Ao saber o que tinha dentro dos quartos, Tim estava fadado a atraí-los para fora. Os pesadelos provocavam, seduziam e atraíam; este era o seu poder. E era seu poder especial sugar Tim, indefeso, em direção a eles, o garoto era obrigado a ir. Ele entendeu exatamente por que ficou tentado a bater com a bengala em suas portas horríveis, mas, tendo feito isso, aceitou o desafio e agora poderia continuar sua jornada em silêncio e com segurança. A Soberana da Outra Ala o havia colocado no comando.

Um delicioso relaxamento se apoderou dele. As coisas sólidas em volta de si tinham a suavidade da água, nada poderia machucar ou ferir. Segurando a bengala com firmeza pelo cabo de marfim, avançou pelo corredor, caminhando como se estivesse no ar.

O fim foi alcançado em segundos: ele estava na soleira da digníssima câmara onde sabia que o dono da bengala aguardava; o longo corredor jazia atrás dele, a sua frente, ele viu as grandiosas dimensões de um salão imponente, que lhe dava a sensação de estar no Palácio de Cristal⁵⁷, na Estação Euston⁵⁸ ou na Catedral de São Paulo⁵⁹, janelas altas e estreitas, em cortes profundos na parede, enfileiravam-se do outro lado; uma enorme lareira aberta queimava à sua direita; grossas tapeçarias pendiam do teto até o chão de pedra; e no centro, havia uma mesa maciça de madeira escura e

brilhante, grandes cadeiras com encostos entalhados posicionadas ao redor. E, na maior dessas cadeiras em formato de trono, sentava-se uma figura olhando para ele solenemente – a figura de um velho, muito velho.

No entanto, não houve surpresa no coração acelerado do menino; havia apenas uma sensação de prazer e excitação, uma sensação de satisfação. Ele sabia muito bem que a figura estaria lá, sabia também que seria exatamente assim. Ele deu um passo à frente, sem um traço de medo ou tremor, segurando a preciosa bengala com as duas mãos agora à sua frente para apresentá-la ao seu dono. Ele se sentiu orgulhoso e satisfeito. Ele havia corrido riscos para chegar até ali.

E a figura se levantou para encontrá-lo, avançando de um jeito imponente sobre o chão de pedra. Os olhos o encaravam graves e ao mesmo tempo com doçura, o nariz aquilino se destacava. Tim o conhecia perfeitamente: as calças de cetim brilhante, as fivelas reluzentes dos sapatos, as meias escuras elegantes, as rendas e babados no pescoço e nos pulsos, o colete de uma cor vibrante aberto... todos os detalhes do quadro sobre a lareira do escritório do pai, onde ficava entre duas baionetas da Crimeia, reproduzido agora em vida diante de seus olhos. Apenas a bengala polida com cabo de marfim não estava lá.

Tim deu três passos em direção a figura que avançava e estendeu as duas mãos com a bengala colocada transversalmente sobre elas.

— Eu trouxe, bisavô — disse ele, em um tom suave, mas claro e firme —, aqui está.

E o outro se abaixou um pouco, estendeu três dedos meio escondidos pela renda que caía e a segurou pelo cabo de marfim. Ele fez uma reverência cortês para Tim e sorriu, mas embora houvesse prazer, era um sorriso sério e triste. Ele falou: a voz era lenta e muito profunda. Havia uma suavidade delicada nela, a polidez agradável de uma época mais antiga.

— Obrigado — disse ele. — Ela tem um grande valor para mim. Quem me deu foi meu avô. Eu esqueci quando eu... — sua voz ficou um pouco indistinta.

— Sim? — disse Tim.

— Quando eu... fui embora — o velho cavalheiro repetiu.

— Ah — disse Tim pensando em como a graciosa figura era linda e gentil.

O velho passou os dedos finos com cuidado pela bengala, sentindo a superfície polida com prazer. Ele se demorou especialmente na maciez do cabo de marfim. Era evidente que estava muito satisfeito.

— Eu não era bem eu mesmo... hum... no momento — continuou ele com calma. — Minha memória falhou, eu acho. — Ele suspirou, como se estivesse muito aliviado.

— Eu também esqueço as coisas... às vezes — Tim mencionou com simpatia. Ele simplesmente amava seu bisavô. Ele esperava, por um momento, ser levantado e beijado. — Estou *muito* feliz por ter trazido. — Ele hesitou. — Que você está com ela de novo.

O outro voltou seus amáveis olhos cinzentos para ele; o sorriso em seu rosto estava cheio de gratidão quando olhou para baixo.

— Obrigado, meu menino. Sou sincero e profundamente grato a você. Você cortejou o perigo por minha causa. Outros já tentaram antes, mas a Passagem do Pesadelo... hum... — Ele se interrompeu. Bateu a bengala com firmeza no piso de pedra, como se para testá-la. Curvando-se um pouco, ele colocou seu peso sobre ela. — Ah! — exclamou com um breve suspiro de alívio — Eu posso agora...

Sua voz tornou-se indistinta. Tim não entendeu as palavras.

— Sim? — perguntou ele outra vez, ciente agora que seu coração era tocado por um leve fascínio.

— Andar por aí novamente — o outro continuou bem baixo. — Sem minha bengala — ele acrescentou, a voz falhando com cada palavra que os velhos lábios proferiam — eu não poderia... possivelmente... me permitir... ser visto. Foi realmente... deplorável... imperdoável da minha parte... esquecê-la dessa forma. Céus...! Eu... eu...

Sua voz se transformou de repente no som do vento. Ele se endireitou, batendo com a ponteira de ferro nas pedras, com uma série de marteladas fortes. Tim sentiu uma sensação estranha rastejar por suas pernas. As palavras esquisitas o assustaram um pouco.

O velho deu um passo em sua direção. Ele ainda sorria, mas havia um novo significado no sorriso. Uma súbita seriedade substituiu os modos corteses e vagarosos. As palavras seguintes pareceram soprar sobre o menino de cima, como se um vento frio as trouxesse do céu lá fora.

No entanto, as palavras, ele sabia, eram bem-intencionadas e muito sensatas. Foi apenas a mudança abrupta que o assustou. Afinal, o bisavô era apenas um homem! O som distante o lembrou do mundo exterior, de onde soprava o vento frio.

— Meu eterno agradecimento a você. — Tim ouviu, enquanto a voz, o rosto e a figura pareciam recuar cada vez mais fundo, no coração da grandiosa câmara. — Não esquecerei sua bondade e sua coragem. É uma dívida que, felizmente, poderei pagar um dia... Mas agora é melhor você ir, e logo. Pois a sua cabeça e braço estão caídos sobre a mesa, os documentos estão espalhados, há uma almofada caída... e o filho do meu filho está em casa... Adeus! É melhor você me deixar logo. Veja! *Ela* está atrás de você, esperando. Vá com ela! Vá agora...!

A cena inteira havia desaparecido antes mesmo que as palavras finais fossem pronunciadas. Tim sentiu o espaço vazio em volta dele. O vulto de uma enorme figura o conduziu como se tivesse asas poderosas. Ele voou depressa, não se lembrava de mais nada... até ouvir outra voz e sentir uma mão pesada em seu ombro.

— Tim, seu malandro! O que está fazendo no meu escritório? E no escuro, desse jeito!

Ele olhou para o rosto de seu pai sem dizer uma palavra. Sentia-se atordoado. No minuto seguinte, seu pai o pegou no colo e beijou-o.

— Menino travesso! Como adivinhou que eu voltaria esta noite? — Ele o sacudiu de brincadeira e beijou seu cabelo bagunçado. — E você também dormiu, que belo negócio. Bem, como está tudo em casa, hein? Jack está voltando da escola amanhã, você sabe, e...

IV

Jack voltou para casa, de fato, no dia seguinte, e quando as férias da Páscoa acabaram, a governanta ficou no exterior e Tim partiu para aventuras de outro tipo, na escola preparatória em Wellington. A vida escorregou rapidamente junto dele; ele cresceu e tornou-se um homem; sua mãe e seu pai morreram; Jack os seguiu um pouco depois; Tim herdou os negócios da família, casou-se, estabeleceu-se em suas grandes posses —e abriu a Outra Ala. Todos os sonhos da infância fantasiosa haviam desaparecido; talvez apenas os tivesse guardado, ou talvez os tivesse esquecido. De qualquer forma, ele nunca falava dessas coisas agora, e quando sua esposa irlandesa mencionou sua

crença de que a velha mansão tinha um fantasma da família, dizendo até que ela havia visto a figura de um homem do século dezoito nos corredores, “um homem velho que se inclina sobre uma bengala”, Tim apenas riu e disse:

— É assim que deve ser! E se esses impostos horríveis nos obrigarem a vender a propriedade algum dia, um fantasma respeitável aumentará o valor de mercado.

Mas uma noite, ele acordou e escutou batidas no chão. Ele se sentou na cama e ouviu. Um arrepio desceu por suas costas. Ele havia deixado de acreditar há muito tempo; sentiu um medo inquietante. O som se aproximava cada vez mais; havia passos leves com ele. A porta se abriu – abriu-se um pouco mais, isto é, porque já estava entreaberta – e ali na soleira estava uma figura familiar. Ele viu o rosto com toda a nitidez da realidade. Havia um sorriso nele, mas um sorriso de advertência e pânico. A figura ergueu o braço. Tim viu a mão esguia, a renda caindo sobre os dedos longos e finos, e neles, firmemente agarrada, uma bengala polida. Sacudindo a bengala duas vezes no ar, o rosto se projetou para a frente, falou certas palavras e desapareceu, mas as palavras eram inaudíveis; pois, embora os lábios se movessem, nenhum som veio deles.

E Tim saltou da cama. O quarto estava escuro. Ele acendeu a luz. A porta, ele viu, estava fechada como de costume. Ele estava sonhando, é claro, mas ele percebeu um odor curioso no ar. Ele cheirou uma ou duas vezes, então entendeu realmente. Era um cheiro de queimado!

Por sorte, ele acordou bem a tempo...

Ele foi chamado de herói por sua prontidão. Depois de muitos dias, quando o dano foi reparado e os nervos se acomodaram outra vez na calma rotina da vida no campo, ele contou a história para sua esposa, a história toda. Narrou a aventura fantasiosa de sua infância também. Ela pediu para ver a velha bengala da família. E foi esse pedido que trouxe de volta à memória um detalhe que Tim havia esquecido durante todos esses anos. Ele se lembrou de repente – a perda da bengala, o alvoroço que seu pai fez sobre o assunto, a busca interminável e fútil. Pois a bengala nunca foi encontrada, e Tim, que foi interrogado com muito rigor a respeito dela, jurou com todas as suas forças que não tinha a menor noção de onde estava. O que era, é claro, a verdade.

53 Era comum que portas revestidas com tecido de baeta separassem diferentes áreas em grandes mansões.

54 O pai de Blackwood, Sir Arthur, foi voluntário em uma campanha da Guerra da Crimeia em 1854. Este conto, aliás, tem muito a ver com a infância do autor, o relacionamento com seu pai (Sir Arthur morreu enquanto Blackwood morava em Nova Iorque e nunca pôde testemunhar o sucesso do filho) e também seu próprio desejo de ser pai, que nunca se realizou. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019).

55 A casa onde Blackwood passou sua infância (dos dois aos onze anos), apesar de não ser uma mansão elizabetana, era uma mansão de três andares, construída na primeira metade do século dezenove em estilo italiano. Ficava em Crayford e foi palco de muitas de suas histórias. Nesse sentido, Blackwood sabia muito bem como era explorar cômodos “misteriosos e desconhecidos” em sua própria casa. Fonte: *Starlight Man*, Mike Ashley (Stark House Press, 2019).

56 Mike Ashley menciona na biografia de Blackwood que o autor tinha uma musa, um espírito guia, ou anjo da guarda, que chamava de Issidy. Veio a ele em meio ao seu delírio da febre tifóide em 1898, em Nova Iorque. “*Issidy fazia com que a imaginação de Blackwood viajasse em seus sonhos no hospital. Ela o levou em grandes asas macias pelo ar, para montanhas, através do oceano...*”, *Starlight Man*, p. 137. Blackwood, entretanto, disse a sua sobrinha Hilda Keith que, quando Issidy o visitou em sua febre, há anos ele não a via, dando a impressão que já a conhecia. Segundo Ashley, este anjo da guarda salvou Blackwood diversas vezes da depressão. O nome também aparece no conto *The Dance of Death*, onde um homem encontra o espírito da Natureza, e ao dançarem juntos, ela o leva às estrelas e eles se tornam um só. Na visão de uma criança, Issidy pode ser comparada a este ser alado que é a “Soberana” de *A Outra Ala*.

57 Estrutura de ferro e vidro erguida em Hyde Park, Londres para a Grande Exibição de 1859. O prédio foi demolido e reconstruído no bairro de Sydenham Hill, onde ficou até 1936.

58 A Estação Euston (hoje conhecida como Antiga Estação Euston), em Londres, foi inaugurada em 1837, com um grande telhado de ferro forjado e vidro.

59 A Catedral de São Paulo, em Londres, cuja redoma é uma das mais altas do mundo (111 metros), também é famosa por seus amplos vitrais, repletos de imagens coloridas.

FINANCIAMENTO COLETIVO

Este livro foi produzido através de um financiamento coletivo. Sem o apoio das pessoas especiais que nos cercam, o trabalho para sua produção seria ainda mais árduo. Registramos aqui nominalmente todos aqueles que contribuíram para a produção desse projeto:

Adeson Henrique M. de Lima
Adilson de Almeida Júnior
Adriana Aparecida dos Santos
Adriano Rodrigues Souza
Alberto Abreu Santana
Alec Silva
Alecson Soares Veloso
Alex André (Xandy Xandy)
Alexander Meireles da Silva
Alexandre Schwartz Manica
Alice Maria Marinho R. Lima
Allan Davy Santos Sena
Alline Rodrigues de Souza
Amauri Silva Lima Filho
Ana Beatriz Braga Pereira
Ana Cláudia Tavares Miranda
Anderson da Silva Lima
André de Albuquerque Brito
André Déo
Andre Luis S Reichel
André Scaranto Cardoso
Andrea Santos de Oliveira
Antônio Bruno Andrade Medeiros
Arantcha Fregnani Trombini
Augusto Baudelaire
Augusto Bello Zorzi
Augusto Nemitz Quenard

Barbara Cabral Parente
Berenice Thais M. R. dos Santos
Bernardo Ururahy
Brunno Marcos de C. Ramírez
Bruno Avila Rauber
Bruno de Oliveira
Bruno F. Oliveira
Bruno Mendonça da Silva
Bruno Moulin
Bruno Novaes Bezerra Cavalcanti
Bruno Rafael
Bruno Rodrigo Arruda Medeiro
Caio Favero
Caio Policarpo
Carlos Cardoso
Carlos Diego da Silva Tavares
Carlos Eduardo Ramos
Carlos Luiz B. de Vasconcelos
Carlos Thomaz do P. L. Albornoz
Cassio Silva
Cesar Lopes Aguiar
Cicero Silveira
Claudia Lima
Claudio Luiz Teixeira Gameiro
Conrado De Biasi
Cristiano Firmo do C. Orlando
Cristiano Macedo Pereira
Daniel Benevides Soares
Daniel Orsini
Daniel Pereira
Daniel Prestes da Silva
Daniel Queiroz Torno
Daniel Rodrigues
Daniel Souza Damasceno
Diego Quadros
Diego Rodrigues M. Galvão

Dino Lucas Castro Galeazzi
Ed Marcos
Edinei Chagas
Editora Clepsidra
Eduardo Cruz
Eduardo da Silva Cardoso
Eduardo Fabro
Elen Roberta da Silva
Eliane Barbosa Delcolle
Eliane da Silva Moraes
Escarletti dos Santos Pinto
Ester Marinho Mendes da Silva
Evelyn Coutinho do Amaral
F. T. Rossi
Fabio Brentegani
Fabio Gardenal Inacio
Fábio Pereira Rosa
Fabíola C. A. C. de Queiroz
Felipe Andrei Gonçalves de Souza
Felipe Augusto
Fernanda Dalmonechi T. de Paula
Fernanda Galletti
Fernanda Miranda
Fernando da Silva Trevisan
Fernando Queiroz
Filipe Pinheiro Mendes
Filipe Travanca Pinheiro
Flávio do Vale Ferreira
Flavio Watson
Florenxia Saravia-Akamine
Gabriel Batista Lins
Gabriel Farias Lima
Gabriel Figueiredo Pagin
Gabriel Guimarães de Freitas
Gabriel Monezi
Gabriel Santos

Gabriel Tavares Florentino
Gabriela Loureiro Barcelos
Geisson oliveira
Gofredo Bonadies
Guilherme Adriani da Silva
Gustavo Willian da Silva Mendes
Gustavo Gindre Monteiro Soares
Gustavo Gualda Pereira Contage
Helder Filho
Helil Neves
Helton Lucinda Ribeiro
Hemeter Heberton D. de Moraes
Henrique Manoel Fagá
Igor Alves Quadros
Igor Aoki
Isabela Gomes Santos
Ismael Garcia Chaves
Janaina Rocha Storfe
Janine Kuriu Anacleto
Jaqueline Borchardt Felix
Jéssica Monteiro da Costa
João Vítor de Lanna Souza
Jorge Raphael Tavares de Siqueira
José Antonio Assis
José Rinaldo Matias da Silva
José Tertuliano Oliveira
Ju Paiva
Juan Sebastian Loitey Ferreira
Julia do Passo ramalho
Júlia Muniz Barboza Vacilotto
Juliana Silveira L. de Souza
JulioFR
Kadu Maximo
Karina Cruz
Karly Cazonato Fernandes
Kevynyn Onesko

Leandro de Barros Alves
Leandro de Campos Fonseca
Leandro Soares da Silva
Leonardo Pereira
Luana Muzy
Lucas Alves da Rocha
Lucas Gabriel Tempest Pastorello
Lucas Palacio
Luciano da Silva Bianchi
Lucilene Canilha Ribeiro
Luis Fernando Pimentel Soares
Luisa Bruno
Luiz Fernando Cardoso
Luiz Guilherme Alves Alberto
Luiz Haiml
Luiz Nazario
Luiza Pimentel de Freitas
Lys Limongelli
Mahatma José Lins Duarte
Maikhon Reinhr
Manoel Dimas Tavares
Marcelo Crasso
Marcelo Novo e Trigueiros
Marcelo Pimentel
Márcio Luiz Quedinho
Marco Antonio Bonamichi Junior
Maria Gabrielle Figueirêdo Xavier
Mariana Lopes Ferreira
Mário Jorge Lailla Vargas
Marsil
Massaiti Ueda
Maurício Martins Lino
Mauricio Simões
Maximiliano Pizzatto Moraes
Meg Mendes
Melissa Barth

Michelle Romanhol
Miguel Mendes
Mih Lestrage
Mucio Alves Nascimento
Mychel Marques Nunes da Silva
Newton José Brito
Norton Cardia Simões
Omar Aparecido Farah Haddad
Omar Geraldo Lopes Diniz
Oracir Alberto Pires Do Prado
Paloma Hoover
Patrick Mattos
Paula Ladeira
Paulo Marcelo Silva Rodrigues
Pedro Lopes
Pierre Garay Costa
Pracownik Claudio
Rafael Carls
Rafael de Carvalho Moura
Rafael Peres
Rafael Wüthrich
Ramon S. de Melo
Raphael Rodrigo
Rasec Ollem
Renato de Medeiros Jota
Renato Teixeira Mendes Vieira
Ricardo de Goes Correia
Ricardo de Mattos
Ricardo Gondim
Rodrigo Braga
Rodrigo do Prado
Rodrigo Galvão Fernandes
Rodrigo Ortiz Vinholo
Rodrigo Silveira Rocha
Rogério Correa Laureano
Rogério Souza Mendes

Ronaldo Barbosa Monteiro
Ruan Matos
Sajunior Lima Maranhão
Sandra Parejo Martin
Sergio Paulo
Simone GAndrade
Soren Francis
Stephania de Azevedo
Tainá Trajano
Tatiana Catecati
Tatiana Charles
Taylam Moura
Thiago Carvalho Bayerlein
Thiago de Souza Emanuel
Thiago de Souza Lepre
Thiago Massimino Suarez
Tulio Grizende
Valéria Padilha De Vargas
Valter costa Filho
Vanessa Ramalho
Victor Antonio Alves de Abreu
Victor Cruzeiro
Vinicius Silveira de Oliveira
Virgílio Moreira
Vitor Boucas
Vitória Rugieri
William Carvalho Rodrigues
William Ribeiro Leite
Wilson José Ramponi
Yúri Koch



John Silence

Blackwood, Algernon

9786589837787

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

"John Silence: casos psíquicos do Doutor Extraordinário" é a tradução completa do livro lançado em 1908, com cartazes em ônibus por toda Londres. O personagem marcou a carreira de Algernon Blackwood e o

colocou no patamar de especialista do sobrenatural. Estes seis contos, ou "casos", refletem seus longos anos de estudos na Sociedade Teosófica e Ordem Hermética da Aurora Dourada (Golden Dawn), onde pesquisou, entre outros assuntos, ocorrências inexplicáveis, magia e cabala. O leitor perceberá que as narrativas têm embasamento espiritual e filosófico e as "soluções" encontradas por este doutor, treinado na mente humana, são muito bem fundamentadas. Entre os casos, são encontrados espíritos que buscam dominar a personalidade de seres humanos, como em "Uma invasão psíquica", incêndios misteriosos envolvendo uma múmia trazida do Egito, como em "Nêmesis do fogo", e até rituais satânicos em uma pacata comunidade de padres, como em "Devoção secreta". O livro conta ainda com os casos "Feitiçarias do passado" e "O acampamento do cão", onde John Silence precisa lidar com rituais de feitiçaria e com um cão espectral, respectivamente, e com um caso extra, que não foi publicado na coletânea original: "Uma vítima da Quarta Dimensão", que conta a história de um homem que consegue atravessar as dimensões do tempo e espaço.

[Compre agora e leia](#)



Contos estranhos

Bierce, Ambrose

9786589837756

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ambrose Bierce foi considerado um mestre do inglês puro por seus contemporâneos, e praticamente tudo o que produziu era notável por sua formulação criteriosa e economia de estilo. O autor escreveu em uma

significante variedade de gêneros literários e seus contos são frequentemente listados entre os melhores do século XIX. Além de suas histórias de fantasmas e de guerra, também publicou vários volumes de poemas. Suas fábulas fantásticas anteciparam o estilo irônico do grotesco, que se tornou um gênero mais comum no século XX. Uma das obras mais famosas de Bierce é o livro O dicionário do Diabo, um léxico com definições satíricas e ácidas lançados ao longo de três décadas em jornais humorísticos e políticos. A obra foi publicada pela primeira vez em forma de livro em 1906, e posteriormente em uma versão mais completa em 1911. O livro foi considerado uma das "100 Maiores Obras-primas da Literatura Americana" pela Administração do Bicentenário da Revolução Americana. Contos estranhos, de Ambrose Bierce, é uma coletânea de trinta e quatro narrativas curtas do autor, algumas inéditas no Brasil, que abrangem todo o período de sua carreira literária. Na obra, o leitor encontrará desde seus contos mais famosos, como "Uma ocorrência na ponte de Owl Creek", "Um habitante de Carcosa" e "A coisa maldita", passando por trabalhos pouco conhecidos ou praticamente desconhecidos pelos brasileiros, como "Chickamauga", "Óleo de cão", "O funeral de John Mortonson", "Um cavaleiro no céu", "A coisa em Nolan", "Os olhos da pantera" e muitos outros. Histórias sobre desaparecimentos inexplicáveis, aparições fantasmagóricas, licantropia, execuções militares, muitas das quais passadas na Guerra da Secessão, e que demonstram todo o poder de concisão de um dos grandes nomes da literatura dos Estados Unidos.

[Compre agora e leia](#)



Os casos ocultos de Sherlock Holmes

Silva, Alec

9786587084640

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Criado em 1887, por Sir Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes logo se tornou um dos personagens mais famosos e adorados da Inglaterra e,

posteriormente, de todo o mundo. Ao lado do Dr. John Watson, seu amigo, companheiro de investigações e biógrafo, o detetive inglês desvendou os mais diversos casos, e muitas vezes o sobrenatural flertou com o natural, desafiando a lógica. Mas, e se nem todo caso inicialmente sobrenatural fosse, no fim, passível de uma explicação mundana? E se nem todo cão fantasmagórico fosse um mero truque de ilusão de mentes diabólicas? Como a dupla de investigadores lidaria com fenômenos além da compreensão humana, com a existência de um mundo habitado por forças ocultas? De 1880 a 1914, Sherlock Holmes se envolveu em inúmeros casos desafiadores por toda a Inglaterra. A seu pedido, Watson nunca os mostrou ao mundo até agora! Os casos ocultos de Sherlock Holmes busca esses surpreendentes relatos sobre uma Londres que não dorme e não teme a racionalidade, sobre seres obscuros e segredos aterrorizantes. Onde termina a picaretagem e onde começa o inexplicável? E para a mente mais sagaz do mundo, afinal, quão inexplicável um fenômeno pode ser?

[Compre agora e leia](#)



Recomenda-se andar acompanhada

Heusi, Tálita

9786589837114

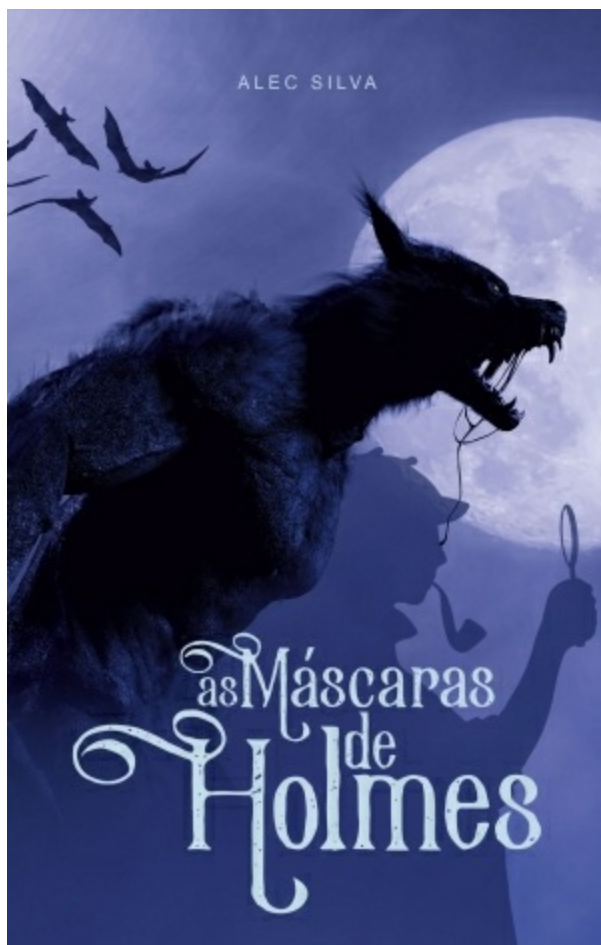
404 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma onda de jovens desaparecidas na cidade tem alarmado seus moradores. O cenário se agrava quando o corpo de uma das vítimas é encontrado. Seria um indicativo de uma cadeia de acontecimentos? Micaela é a única que tem

essa resposta. Ela conhece a verdade, a molda, a explora e a analisa ao máximo. Mas a atração que sente por Anna, uma garota insegura com seu próprio interesse nos casos, ameaça tudo que conhece sobre si mesma. Ao mesmo tempo, antagonista e objeto de desejo, Anna está tão envolvida em questões pessoais, que não enxerga as ligações entre as mortes e os passos da pragmática figura que entrou abrupta em sua vida. Enquanto a relação se desenvolve, mulheres seguem desaparecendo, jogando a população em uma atmosfera de alerta. Onde isso pode levá-las? Recomenda-se andar acompanhada é um romance que se desenrola em um suspense crescente. Lida com descobertas, amadurecimento, relações pessoais e tolerância, e questiona o que estamos dispostos a aceitar por amor.

[Compre agora e leia](#)



As máscaras de Holmes

Silva, Alec

9786587084732

122 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um mundo unido a outro através de uma fenda conhecida como Oceano Abissal, Holmes e seu fiel amigo Watson investigam as ações de um

criminoso peculiar: o Ladrão de Faces Alheias, que se apossa dos rostos de suas vítimas para executar algum plano perverso. Em um jogo de aparências e pistas falsas, a dupla se envolverá em uma trama que poderá desencadear uma guerra civil entre vampiros e lobisomens, além de trazer à tona os segredos mais obscuros guardados por uma estimada sociedade de alquimistas. Mas, conforme avançam no caso, descobrem que nem tudo pode ser como acreditavam. "As Máscaras de Holmes" é uma releitura do personagem clássico Sherlock Holmes, criado por Sir. Arthur Conan Doyle, inserida em uma história de fantasia urbana, em uma realidade alternativa.

[Compre agora e leia](#)